

SOPHIE KINSELLA

o chá-de-bebê de
Becky Bloom

"Desde que Helen Fielding
nos apresentou à adorável
Bridget Jones, *Becky
Bloom* é a primeira
personagem inglesa a ter
a mesma vida solteira."

Autostar



Becky Bloom está de volta... e com o maior barrigão!



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

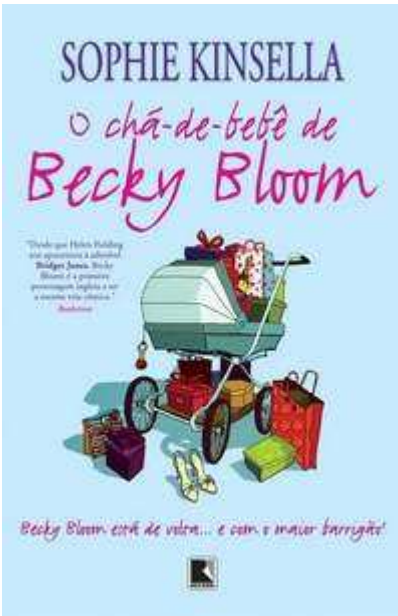
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Capa:

Becky Bloom está de volta... e com o maior barrigão!

“Desde que Helen Fielding nos apresentou à adorável **Bridget Jones**, Becky Bloom é a

primeira personagem inglesa a ter a mesma veia cômica.”

Bookstreet

Contracapa:

A vida de nossa querida Becky Bloom vai muito bem, obrigada! Além de estar

trabalhando numa loja como compradora pessoal, ela e Luke estão à procura de uma

casa nova (um lugar bem espaçoso, com direito a um closet só para guardar os

sapatos!) e... BECKY ESTÁ GRÁVIDA!!!

Nossa amiga gastadora não poderia estar mais feliz – sobretudo porque descobriu que

fazer umas comprinhas é ótimo para enjôos matinais. E tudo tem de estar perfeito

para o bebê: a decoração do quarto, o carrinho de última geração e a obstetra mais

badalada da cidade. Mas surge um pequeno problema. A doutora famosinha nada

mais é que uma ex-namorada de Luke (hummm). Ao que parece, a gravidez de Becky

não vai ser assim tããã tranquila...

Abas:

Ai, ai, ai... comprar o carrinho de bebê ou levar um par de sapatos e uma saia?

A vida da nossa Becky Bloom anda às mil maravilhas! Além do novo emprego como

compradora pessoal (uau!) em uma loja, ela e Luke não vêm a hora de comprar uma casa

nova. Imagine só, um lugar amplo e bem iluminado, onde Becky pode ter um closet só para

guardar os sapatos. Além do mais, a cobertura do casal não parece o espaço mais adequado

para um BEBÊ... Sim... Becky Bloom vai ser mamãe!

A consumista nº 1 não poderia estar mais feliz, principalmente após descobrir que ir às

compras é um santo remédio para enjôo matinal. Ah!, e tudo tem de ser perfeito para o

neném: o quarto precisa ser planejado pelo decorador mais bacana possível; é

imprescindível que o carrinho do bebê seja de última geração; sem falar na obstetra, é claro,

a melhor da cidade... mas, ops, o problema é que ela é ninguém menos que a ex-namorada

de Luke.

O mundo fofo-e-gracinha de Becky então vem abaixo. A médica de todas as estrelas de

cinema é simplesmente perfeita, com direito a "parto holístico na água, com flor de lótus e

massagem tailandesa". Mas Becky, que não é boba, logo percebe que a doutora quer fisgar

Luke de volta, o que a futura mamãe está decidida a não permitir.

Becky Bloom está fazendo compras para dois... mas será que há três em seu casamento?

Sophie Kinsella é escritora e ex-jornalista de economia, com especialização na área

financeira. Dela, a Editora Record já publicou Samantha Sweet: Executiva do lar, O

segredo de Emma Corrigan além de outros livros da irresistível compradora: Os

delírios de consumo de Becky Bloom , Becky Bloom: Delírios de consumo na 5ª

avenida, As listas de casamento de Becky Bloom e A irmã de Becky Bloom. Os

livros da autora já foram traduzidos para mais de trinta idiomas, e sempre entram nas listas

de mais vendidos na Inglaterra, EUA, Canadá, Alemanha, entre outros. O número de

exemplares vendidos já ultrapassou os 8 milhões em todo o mundo.

www.sophiekinsella.com

Para Oscar

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Linda Evans, Laura Sherlock e às incontáveis pessoas maravilhosas

da Transworld – um número grande demais para que todas sejam citadas, mas sinto-me

realmente em dívida com todos vocês.

Gostaria de agradecer à minha agente, Araminta Whitley, sempre fabulosa e dando

apoio, sem a qual eu não conseguiria funcionar. Um gigantesco muito obrigada a Lizzie

Jones, Lucinda Cook, Nicki Kennedy, Sam Edenborough, Valerie Hoskins e Rebecca

Watson.

Como sempre, um grande olá à diretoria e à minha família em expansão: Henry, Freddy,

Hugo e Oscar. E, claro, ao Sr. Patrick Plokington-Smythe; sem ele esses agradecimentos

não estariam completos.

E, finalmente, obrigada ao verdadeiro obstetra “imprescindível”, Nick Wales, que ajudou

no parto do último bebê e do livro – e à “imprescindível” enfermeira da maternidade,

Michelle Vaughan.

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

30 de julho de 2003

Cara Sra. Brandon,

Foi um grande prazer conhecê-la e ao Sr. Brandon, e estou ansioso para assumir o papel de

conselheiro de finanças de sua família.

No momento, estou estabelecendo a situação bancária e uma caderneta de poupança para

seu filho ainda não nascido. No devido tempo, poderemos discutir que investimentos a

senhora e seu marido desejarão fazer em nome do bebê.

Estou ansioso para conhecê-la melhor nos próximos meses; por favor, não hesite em me

contatar para falar de qualquer assunto, por menor que seja.

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

1º de agosto de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigado por sua carta. Em resposta às suas perguntas: sim, haverá um valor de cheque

especial na conta do bebê – ainda que, naturalmente, eu não esperaria que fosse usado!

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

7 de agosto de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigado por sua carta.

Fiquei intrigado ao saber da "mensagem psíquica" que a senhora recebeu recentemente de

seu filho ainda não nascido. Entretanto, creio que seja impossível acessar o cheque especial

neste estágio. Ainda que, como a senhora diz, "o bebê deseje isso".

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

UM

Tudo bem. Não entre em pânico. Vai dar tudo certo. Claro que vai.

Claro que vai!

- Poderia levantar a blusa, Sra. Brandon? – A técnica em ultrasonografia tem uma voz

agradável, profissional, enquanto me olha. – Preciso aplicar um pouco de gel na sua barriga

antes de começarmos o exame.

- Sem dúvida! - respondo sem mover um músculo. – O negócio é que... estou só um

tiquinho... nervosa.

Estou deitada numa cama no hospital Chelsea and Westminster, tensa de ansiedade. A

qualquer minuto, Luke e eu veremos nosso neném na tela pela primeira vez desde que ele

era somente uma bolinha minúscula. Ainda não acredito. Na verdade, ainda não superei

totalmente o fato de que estou grávida. Dentro de dezenove semanas, eu, Becky Brandon,

née Bloom... serei mãe. Mãe!

Luke é meu marido, aliás. Estamos casados há pouco mais de um ano e este é um

genuíno, cem por cento, bebê de lua-de-mel! Viajamos de montão na lua-de-mel, mas

praticamente deduzi que o neném foi concebido quando estávamos num *resort* estupendo

no Sri Lanka, chamado Unawatuna, todo cheio de orquídeas, bambus e paisagens lindas.

Unawatuna Brandon.

Srta. Unawatuna Orquídea-Bambu Brandon.

Hum. Não sei bem o que mamãe diria.

- Minha mulher teve um pequeno acidente nos primeiros estágios da gravidez – explica

Luke em sua cadeira ao lado da cama. – De modo que está um pouco ansiosa.

Ele aperta minha mão, dando apoio, e eu aperto de volta. O meu livro de gravidez, *Nove*

meses da sua vida, diz que a gente deve incluir o parceiro em todos os aspectos da

gravidez, caso contrário ele pode se sentir magoado e isolado. Por isso estou incluindo o

Luke o máximo que posso. Tipo: ontem à noite eu o incluí assistindo ao meu novo DVD,

Braços tonificados durante a gravidez. De repente, ele se lembrou que precisava dar um

telefonema profissional bem no meio e perdeu um pedaço - mas o fato é que ele não se

sente isolado.

- Você teve um acidente? – A técnica parou de digitar no computador.

- Caí de uma montanha quando estava numa tempestade, procurando minha irmã há

muito perdida – explico. – Na época não sabia que estava grávida. E acho que talvez tenha

dado uma pancada no neném.

- Sei. – A técnica me olha com gentileza. Tem cabelos castanhos meio grisalhos, presos

num nó, com uma caneta enfiada. – Bem, os bebês são umas coisinhas resistentes. Vamos

dar uma olhada, certo?

Pronto. O momento com o qual estive obcecada durante semanas. Cautelosamente

levanto a blusa e olho para a barriga estufada.

- Poderia empurrar os colares para o lado? – acrescenta ela. - É uma bela coleção que

you têm aí!

- São pingentes especiais. – Junto todos, chacoalhando-os. – Este é um símbolo asteca da

maternidade e este é um cristal de gestação... e este é um guizo para acalmar o neném... e

esta é uma pedra do parto.

- Uma pedra do parto?

- A gente a aperta num ponto especial da palma da mão e ela afasta as dores do parto -

explico. – Vem sendo usada desde os tempos antigos pelos maoris.

- Humm humm. – A técnica ergue uma sobrancelha e espreme um pouco de gosma

transparente na minha barriga. Franzindo a testa um pouco, ela pressiona o negócio do

ultra-som na minha pele, e instantaneamente uma imagem turva, em preto-e-branco,

aparece na tela.

Não consigo respirar.

É o nosso neném. Dentro de mim. Lanço um olhar para Luke, e ele está grudado na tela,

hipnotizado.

- Ali estão as quatro câmaras do coração... – A técnica está movendo o aparelho. –

Agora estamos olhando os ombros... – Ela aponta para a tela e franzo os olhos

obedientemente, ainda que, para ser honesta, não esteja vendo nenhum ombro, somente

curvas borradas.

- Ali está o braço... a mão... – Sua voz fica no ar, e ela franze a testa.

Há silêncio na sala pequena. Sinto um súbito aperto de medo. Por isso ela está franzindo

a testa. O neném só tem uma das mãos. Eu sabia.

Uma onda de amor e proteção avassaladores sobe por dentro de mim. Lágrimas crescem

nos meus olhos. Não me importa se nosso bebê tem apenas uma das mãos. Vou amá-lo do

mesmo modo. Vou amar *mais* ainda. Luke e eu vamos levá-lo a qualquer lugar do mundo

para os melhores tratamentos e vamos criar um fundo de pesquisas, e se alguém ao menos

ousar a olhar para o meu neném...

- ...e a outra mão. – A voz da técnica interrompe meus pensamentos.

- Outra mão? – Levanto os olhos, engasgada. – Ele tem duas mãos?

- Bom ... tem. – A técnica parece pasma com minha reação. – Olhe, dá para ver aqui. –

Ela aponta para a imagem e, para meu espanto, consigo deslumbrar os dedinhos ossudos.

Dez.

- Desculpe. – Engulo em seco, enxugando os olhos com um lenço de papel que ela me

entrega. – É um tremendo alívio.

- Tudo parece absolutamente ótimo, pelo que dá para ver – diz ela num tom

tranquilizador. – E não se preocupe, é normal ficar emocionada durante a gravidez. São os

hormônios se agitando.

Honestamente. As pessoas vivem falando de hormônios. Tipo Luke ontem à noite,

quando chorei durante aquele anúncio de tevê com o cachorrinho. *Não* estou cheia de

hormônios, estou perfeitamente normal. Só foi um anúncio muito triste.

- Aqui está. – A técnica batuca de novo no teclado. Uma tira de imagens em preto-e-

branco sai da impressora e ela me entrega. Olho a primeira e consigo ver a silhueta nítida

de uma cabeça. Tem um narizinho, uma boca e tudo mais.

- Bom, fiz todas as verificações. – Ela gira na cadeira. – Só preciso saber se vocês

querem conhecer o sexo do neném.

- Não, obrigado - responde Luke com um sorriso. – Já conversamos muito sobre isso,

não foi, Becky? E os dois achamos que, se soubermos, vai estragar um pouco a magia.

- Muito bem. – A técnica sorri de volta. – Se é o que vocês decidiram, não direi nada.

Ela "não dirá nada"? Isso significa que já viu qual é o sexo. Poderia contar agora mesmo!

- Nós não *decidimos* exatamente, não é? – digo. – Não é definitivo.

- Bem... decidimos sim, Becky. – Luke está perplexo. – Não lembra? Falamos disso

durante uma noite inteira e concordamos que queríamos que fosse surpresa.

- Ah, certo, é. – Não consigo afastar os olhos da imagem borrada do bebê. – Mas

poderíamos ter nossa surpresa agora! Também seria mágico!

Certo, talvez isso não seja exatamente verdadeiro. Mas ele não está desesperado para

saber?

- É isso que você realmente quer? – Quando levanto os olhos vejo uma tira de

desapontamento no rosto de Luke. – Ficar sabendo agora?

- Bem... – hesito. – Não, se você não quiser.

A última coisa que quero é chatear Luke. Ele tem sido tão doce e amoroso desde que

fiquei grávida! Recentemente ando com desejo de todo tipo de combinações – tipo outro

dia tive um desejo súbito de abacaxi e um cardigã cor-de-rosa. E Luke me levou às lojas

especialmente para conseguir isso.

Ele está para dizer alguma coisa quando seu celular começa a tocar.
Ele o tira do bolso,

mas a técnica levanta a mão.

- Sinto muito, mas o senhor não pode usar isso aqui.

- Certo. – Luke franze a testa ao ver o identificador de chamadas. -
É o Ian. É melhor

ligar de volta para ele.

Não preciso perguntar que Ian. É Ian Wheeler, o chefe de marketing do Grupo Arcodas.

Luke tem uma empresa de relações-públicas, a Brandon Communications, e o Arcodas é o

novo grande cliente de Luke. Foi um tremendo feito quando ele conseguiu conquistá-lo, e

isso deu um tremendo impulso à empresa – ele já contratou mais um monte de funcionários

e por causa disso está planejando abrir um monte de novos escritórios no resto da Europa.

De modo que tudo está maravilhoso com a Brandon Communications. Mas, como

sempre, Luke se mata de tanto trabalhar. Nunca o vi tendo de dar tanta atenção a alguém

antes. Se Ian Wheeler telefona, ele sempre, *sempre* liga de volta em cinco minutos, ou

mesmo no meio da noite. Diz que o ramo de serviços é assim e que a Arcodas e seu

megacliente, e que é para isso que estão pagando.

Só posso dizer que, se Ian Wheeler telefonar enquanto eu estiver em trabalho de parto, o

telefone vai voar direto pela janela.

- Tem alguma linha fixa que eu possa usar aqui perto? – pergunta Luke à técnica. –

Becky, se você não se importa...

- Tudo bem. – Balanço a mão.

- Vou mostrar – diz a técnica, levantando-se. – Volto num instante, Sra. Brandon.

Os dois desaparecem pela porta, que se fecha com um *clunk* pesado.

Estou sozinha. O computador continua ligado. O negócio do ultra-som está ao lado do

monitor.

Eu poderia esticar a mão e...

Não. Não seja idiota. Nem sei usar um ultra-som. E, além disso, estragaria a surpresa

mágica. Se Luke quer que a gente espere, tudo bem, vamos esperar.

Ajeito-me na cama e examino as unhas. Posso esperar pelas coisas. Claro que posso.

Posso facilmente...

Ah, meu *Deus*. Não posso. Até dezembro, não. E está bem ali na minha frente... e não

tem ninguém perto... só vou dar uma espiadinha de nada. Bem depressa. E não vou contar a

Luke. Ainda teremos a surpresa mágica no nascimento – só que não será *bem* uma surpresa

para mim. Exatamente.

Inclinando-me, consigo pegar o aparelho de ultra-som. Encosto-o no gel na minha

barriga – e imediatamente a imagem turva reaparece na tela.

Consegui! Agora só preciso mexer ligeiramente para chegar ao pedacinho crucial...

Franzindo a testa em concentração, mexo o aparelho sobre o abdômen, inclinando para um

lado e para o outro, esticando a cabeça para enxergar a tela. É muito mais fácil do que eu

havia pensado! Talvez eu devesse virar técnica em ultra-sonografia. Obviamente levo jeito

para isso.

Ali está a cabeça. Uau, é enorme! E aquilo deve ser...

Minha mão congela e prendo o fôlego. Acabo de ver. Vi o sexo do meu neném!

É um menino!

A imagem não é tão boa quanto a da técnica – mas mesmo assim é inconfundível. Luke e

eu vamos ter um filho!

- Olá – digo alto para a tela, a voz embargando ligeiramente. – Olá, garotinho!

E agora não consigo impedir que as lágrimas rolem pelas bochechas. Vamos ter um

menino maravilhoso! Posso vesti-lo com macacões lindinhos, comprar um carrinho de

pedal, e Luke pode jogar críquete com ele, e vamos chamá-lo de...

Ah, meu Deus. Como vamos chamá-lo?

Imagino se Luke gostaria de Birkin. Então eu poderia conseguir uma bolsa Birkin para

carregar as fraldas.

Birkin Brandon. É chique.

- Oi, nenezinho – cantarolo gentilmente para a grande imagem redonda da cabeça, na

tela. – Quer se chamar Birkin?

- O que você está *fazendo*? – A voz da técnica faz com que eu dê um pulo. Ela está

parada junto à porta com Luke, pasma.

- Desculpe – digo, enxugando os olhos. – Mas eu *precisava* dar mais uma olhadinha.

Luke, estou falando com nosso bebê. É simplesmente... incrível.

- Deixe-me ver! – Os olhos de Luke se iluminam, e ele atravessa rapidamente a sala,

seguido da técnica. - Onde?

Não me importo se Luke vir que é um menino e a surpresa ficar arruinada. *Tenho* de

compartilhar esse momento precioso com ele.

- Olhe, ali está a cabeça! – aponto. – Olá, querido!

- Onde está o rosto? – Luke parece meio perturbado.

- Não sei. Do outro lado. – Balanço a mão ligeiramente. – Aqui são a mamãe e o papai! E

nós amamos você muito, muito...

- Sra. Brandon – interrompe a técnica. – A senhora está falando com sua bexiga.

Bom, como é que eu ia saber que era a minha bexiga? Parecia um neném.

Enquanto entramos na sala do obstetra, ainda estou me sentindo com as bochechas

quentes. A técnica me fez um discurso enorme sobre como eu poderia ter causado um dano

a mim mesma ou quebrado a máquina, e só conseguimos nos livrar quando Luke prometeu

uma grande doação para o laboratório.

E ela disse que, como eu nem havia chegado perto do bebê, era muito improvável que

tivesse visto o sexo. Humf!

Mas, quando me sento diante do Sr. Braine, nosso obstetra, começo a me sentir animada.

O Sr. Braine é um homem muito tranquilizador. Tem 60 e poucos anos e um leve aroma de

loção pós-barba antiquada. E deu à luz milhares de bebês, inclusive Luke! Para ser honesta,

não consigo imaginar Elinor, a mãe de Luke dando à luz, mas acho que isso deve ter

acontecido, de algum modo. E assim que descobrimos que eu estava grávida, Luke disse

que precisávamos descobrir se o Sr. Braine ainda exercia a medicina, porque era o melhor

do país.

- Meu garoto. – Ele aperta calorosamente a mão de Luke. – Como vai?

- Muito bem. – Luke senta-se ao meu lado. – E como vai o David?

Luke estudou com o filho do Sr. Braine e sempre pergunta por ele quando nos

encontramos.

Há silêncio enquanto o Sr. Braine pensa na pergunta. É a única coisa que acho meio

irritante nele. O sujeito pensa em tudo que você diz, como se fosse da maior importância,

quando na verdade você só estava fazendo alguma observação aleatória para manter a

conversa. Na nossa última consulta, perguntei onde ele havia comprado sua gravata, e ele

pensou durante uns cinco minutos, depois telefonou para a esposa, para verificar, e foi uma

tremenda novela. E eu nem *gostei* daquela gravata idiota.

- David vai muito bem – diz finalmente, assentindo. – Mandou lembranças. – Há outra

pausa enquanto ele examina o impresso da ultra-sonografia. – Muito bom – acaba dizendo.

– Está tudo em ordem. Como está se sentindo, Rebecca?

- Ah, estou bem! – respondo. – Feliz, porque o bebê está ótimo.

- Continua trabalhando em horário integral, pelo que vejo. – O Sr. Braine olha para meu

formulário. – Não é um trabalho pesado demais para você?

Ao meu lado, Luke dá uma fungadela abafada. Ele é muito grosseiro!

- Bom... – tento pensar em como dizer. – meu trabalho não é *tão* pesado assim.

- Becky trabalha na The Look – explica Luke. – O senhor sabe, a nova loja de

departamentos na Oxford Street.

- Ah. – A expressão do Sr. Braine afunda. – *Sei.*

Toda vez que conto às pessoas o que faço, elas desviam o olhar, embaraçadas, mudam de

assunto ou fingem que nunca ouviram falar na The Look. O que é impossível, porque todos

os jornais vêm falando nela há semanas. Ontem o *Daily World* chamou-a de “maior

desastre do varejo na história britânica”.

O único lado bom de trabalhar numa loja falida é que isso significa que posso tirar o

tempo que for necessário para ir ao médico ou fazer aulas pré-natais. E se eu não voltar

correndo, ninguém nem nota.

- Tenho certeza que as coisas vão melhorar logo – diz ele, encorajando. – Bom, vocês

têm mais alguma pergunta?

Respiro fundo.

- Na verdade, eu tinha uma pergunta, Sr. Braine. – Hesito. – Agora que os resultados dos

exames estão bons, o senhor diria que é seguro... o senhor sabe...

- Sem dúvida. – Assente o Sr. Braine, compreendendo. – Muitos casais se abstêm de ter

relações no início da gravidez...

- Não quis falar de sexo! – digo, surpresa. – Estou falando de fazer compras!

- Fazer compras? – O Sr. Braine fica perplexo.

- Ainda não comprei nada para o neném – explico. – Não queria estragar as coisas. Mas,

se tudo parece bem, posso começar esta tarde!

Não consigo deixar de parecer empolgada. Estive esperando e *esperando* para começar a

fazer as compras do neném. E acabei de ler sobre uma nova loja fabulosa para bebês na

King's Road, chamada Bambino. Na verdade, tirei uma tarde de folga especialmente para ir

lá!

Sinto o olhar de Luke grudado em mim, viro a cabeça e vejo que ele está me olhando

com incredulidade.

- Querida, como assim, "começar"? – pergunta ele.

- Ainda não comprei nada para o neném! – digo, na defensiva. – Você sabe que não.

- Então... Você não comprou um roupão Ralph Lauren miniatura? – Luke conta nos

dedos. – Ou um cavalinho de balanço? Ou uma roupinha de fada cor-de-rosa com asas?

- Essas coisas são para quando a criança estiver *andando* – retruco com dignidade. – Não

comprei nada para o *neném*.

Honestamente. Luke não vai ser um bom pai se não sabe a diferença.

- E o que faremos se for um menino? – pergunta Luke. – Vai vestir a roupinha de fada

cor-de-rosa nele?

Estava planejando usá-la eu mesma. Na verdade, já experimentei e ficou muito esticada!

Não que eu vá admitir isso para Luke.

- Sabe, estou surpresa com você, Luke. – Levanto o queixo. – Não achava que fosse

preconceituoso.

O Sr. Braine acompanha nossa conversa, perplexo.

- Imagino que não queiram saber o sexo do bebê, não é? – intervém ele.

- Não, obrigado – diz Luke, decidido. – Queremos manter a surpresa, *não é*, Becky?

- Ah... é. – Pigarreio. – A não ser que o senhor talvez ache, Sr. Braine, que deveríamos

saber por motivos bons, médicos, inevitáveis.

Olho intensamente para o Sr. Braine, mas ele não capta a mensagem.

- De jeito nenhum. – Ele ri de orelha a orelha.

Droga.

Passam-se mais vinte minutos antes de sairmos do consultório, três dos quais como Sr.

Braine me examinando, e o resto com ele e Luke recordando algum jogo de críquete na

escola. Estou tentando ser educada e escutar – mas não consigo deixar de me remexer,

impaciente. Quero ir à Bambino!

Por fim, a consulta acaba, e estamos saindo para a movimentada rua de Londres. Uma

mulher passa com um antiquado carrinho de bebê Silver Cross, e eu o examino

discretamente. Definitivamente quero um carrinho assim, com aquelas estupendas rodas

que balançam. Só que vou pedir um acabamento em rosa-shoking. Vai ficar fabuloso. As

pessoas vão me chamar de a Garota do Carrinho de Bebê Rosa-shoking. Só que, se for

menino, mando pintar com spray azul-bebê. Não... água-marinha. E todo mundo vai dizer...

- Falei com Giles, da corretora de imóveis, hoje cedo. – Luke interrompe meus

pensamentos.

- Verdade? – Levanto os olhos, empolgada. – Ele tem alguma coisa?

- Nada.

- Ah. – Fico murcha.

No momento, moramos numa cobertura incrível que Luke tem há anos. É estonteante,

mas não tem jardim, e há um tapete bege imaculado por toda parte e não é exatamente o

tipo de lugar para um neném. De modo que há algumas semanas nós a pusemos à venda e

começamos a procurar uma bela casa.

O problema é que o apartamento foi comprado imediatamente. O que – não quero contar

vantagem nem nada – se deveu totalmente à minha decoração brilhante. Pus velas em toda

parte, uma garrafa de champanhe no banheiro, e um monte de toques “de estilo”, como

programas de ópera e convites para acontecimentos sociais chiques (que peguei

emprestados com Suze, minha amiga riquíssima.) E um casal chamado Karlsson fez uma

oferta no ato! E eles podem pagar em dinheiro vivo!

O que é fantástico – só que, onde é que vamos morar? Não vimos uma única casa da qual

tenhamos gostado e agora o corretor fica dizendo que o mercado está muito “seco” e

“pobre” e: será que já pensamos em alugar?

Eu não *quero* alugar. Quero ter uma linda casa nova para onde levar o neném.

- E se não encontrarmos um lugar? – Olho para Luke. – E se formos jogados na rua? Vai

ser inverno! Eu vou estar tremendamente grávida.

Tenho uma imagem súbita de mim mesma andando pela Oxford Street enquanto um coro

canta “Bate o sino pequenino, sino de Belém”.

- Querida, não vamos ser jogados na rua! Mas Giles disse que talvez devêssemos ser

mais flexíveis nas exigências. – Luke faz uma pausa. – Acho que ele estava falando nas

suas exigências, Becky.

Isso é tão injusto! Quando mandaram um Formulário de Busca de Imóveis, o papel dizia:

“Seja o mais específico possível em seus desejos.” E eu fui. E agora estão reclamando!

- Podemos esquecer o quarto de sapatos, aparentemente – acrescenta ele.

- Mas... – Paro ao ver sua expressão. Uma vez vi um quarto de sapatos no *Estilo de vida*

dos ricos e famosos, e desde então morro de vontade de ter uma. –
Então tá – digo

humildemente.

- E talvez tenhamos de ser mais flexíveis com relação à localização.

- Não me importo com isso! – digo enquanto o celular de Luke começa a tocar. – Na

verdade, acho boa idéia.

Luke é que sempre gostou tanto de Maida Vale, não eu. Há *um monte* de lugares onde eu

gostaria de morar.

- Luke Brandon falando – diz ele, de seu jeito profissional. – Ah, oi. Já fizemos o exame.

Está tudo ótimo. – Ele se volta para mim. – É a Jess – diz. – Ela tentou falar com você, mas

seu telefone ainda está desligado.

- Jess! – digo, deliciada. – Deixe-me falar com ela!

Jess é minha irmã. *Minha* irmã. Ainda acho o máximo dizer isso. Durante toda a vida

pensei que era filha única – e então descobri que tinha uma irmã há muito perdida! A

princípio a gente não se entendeu *exatamente*, mas desde que ficamos presas juntas numa

tempestade e conversamos direito, somos amigas de fato.

Não a vejo há uns dois meses porque ela esteve na Guatemala, num projeto de pesquisa

geológica. Mas telefonamos e trocamos e-mails, e Jess me mandou fotos no topo de um

penhasco. (Usando um anoraque azul medonho, em vez da jaqueta maneira, de couro falso,

que dei a ela. Francamente.)

- Vou voltar ao escritório agora – está dizendo Luke ao telefone. – E Becky vai fazer

compras. Quer falar com ela?

- Shh! – sibilo, horrorizada. Ele sabe que não deve falar a palavra “compras” para Jess.

Fazendo careta para ele, pego o telefone e encosto no ouvido.

- Oi, Jess! Como vão as coisas?

- Fantásticas! – A voz está distante e cheia de estalos. – Só liguei para saber como foi o

exame.

Não consigo deixar de me sentir tocada com a lembrança. Ela provavelmente está

pendurada numa corda sobre alguma fenda em algum lugar, tirando lascas da face da rocha,

mas mesmo assim lembrou de ligar.

- Está tudo ótimo!

- É, Luke disse. Graças a Deus. – Posso escutar o alívio na voz de Jess. Sei que ela sente

culpa por eu ter caído da montanha, porque fui lá para procurá-la, porque...

Bom, é uma longa história. O fato é que o bebê está ótimo.

- E aí, Luke disse que você vai fazer compras?

- Só algumas coisas essenciais para o neném – digo casualmente. – Umas... é... fraldas

recicladas. No brechó. – Posso ver Luke rindo de mim, mas me viro depressa.

O negócio da minha irmã Jess é que ela não gosta de gastar dinheiro nem de arruinar a

Terra como consumismo maligno. E acha que eu também não. Acha que segui seu caminho

e abracei a frugalidade.

Abracei mesmo, por uma semana. Encomendei um saco grande de aveia, comprei umas

roupas na Oxfam e fiz sopa de lentilha. Mas o problema de ser frugal é que é muito *chato!*

A gente enjoa de sopa, de não comprar revistas porque são um desperdício de dinheiro e de

grudar sobras de sabonete para fazer uma bola grande e nauseante. E a aveia estava sendo

tão usada quanto os tacos de golfe do Luke, de modo que acabei jogando fora e comprando

um pouco de Weetabix.

Só que não posso contar a Jess, porque vai arruinar nosso lindo elo entre irmãs.

- Você viu a matéria sobre fazer seus próprios paninhos de limpeza do bebê? – ela esta

dizendo com entusiasmo. – Deve ser bem fácil. Comecei a guardar uns trapos para você.

Podemos fazer juntas.

- Ah. Hum... é!

Jess vive me mandando exemplares de uma revista chamada *Bebê frugal*. Tem títulos de

matérias como “Tricote seu quarto de bebê por 25 libras!” e fotos de bebês vestindo velhos

sacos de farinha, e fico deprimida só de olhar. Não *quero* fazer o neném dormir num cesto

de plástico feito para roupa suja. Quero comprar um bercinho lindo com babados brancos.

Agora ela está falando de alguma coisa chamada “macacão de cânhamo sustentável”.

Acho melhor acabar com esta conversa.

- Preciso desligar, Jess. Você vai à festa de mamãe?

Minha mãe vai dar uma festa de 60 anos no fim de semana que vem. Um monte de gente

foi convidada, haverá uma banda, e Martin, o vizinho, vai fazer truques de mágica.

- Claro! – responde Jess. – Não perderia por nada! Vejo você lá.

- Tchau!

Desligo o telefone e me viro, vendo que Luke conseguiu parar um táxi.

- Posso deixar você no brechó? – pergunta ele, abrindo a porta.

Ah, rá rá.

- Bambino, na King's Road, por favor – digo ao motorista. – Ei, quer ir, Luke? –

acrescento, num entusiasmo súbito. – Poderíamos olhar uns carrinhos maneiros e tudo o

mais, e tomar um chá em algum lugar legal...

Pela expressão de Luke, já sei que ele vai dizer não.

- Preciso voltar, querida. Reunião com Ian. Na próxima eu vou, prometo.

Não adianta ficar desapontada. Sei que Luke está trabalhando integralmente na conta do

Arcodas. Pelo menos conseguiu arranjar tempo para acompanhar o exame. O táxi parte, e

Luke passa o braço em volta de mim.

- Você está luminosa – diz ele.

- Verdade? – Sorrio de volta. Tenho de dizer que estou me sentindo muito bem, hoje.

Estou usando meu fabuloso jeans Earl novo, de grávida, *espadrilles* de salto alto e uma

blusa sensual, de gola alta, da Isabella Oliver, que franzi para cima, mostrando só um

pouquinho de barriga bronzeada.

Nunca havia notado – mas estar grávida é um barato! Certo, a barriga cresce – mas é

como *deve* ser. E em comparação as pernas parecem mais finas. E de repente a gente fica

com um decote estupendo. (Do qual, devo dizer, Luke gosta muito.)

- Vamos dar outra olhada naquelas imagens do ultra-som – diz ele.

Enfio a mão na bolsa e pego o rolo de imagens brilhantes, e por um tempo ficamos

olhando juntos: a cabeça redonda; o perfil do rostinho.

- Estamos começando uma pessoa totalmente nova – murmuro, com os olhos fixados. –

Dá para acreditar?

- Eu sei. – Os braços de Luke me apertam. – É a maior aventura que jamais teremos.

- É incrível como a natureza funciona. – Mordo o lábio, sentindo as emoções subindo

outra vez. – Todos esses instintos maternos surgiram. Eu sinto como... se quisesse dar tudo

ao nosso neném!

- Bambino – diz o motorista, parando junto à calçada. Levanto os olhos das imagens de

ultra-som e vejo a fachada da loja mais fantástica, nova em folha. A pintura é creme, o

toldo é de listras vermelhas, o porteiro se veste como um soldadinho de chumbo e as

vitruines são como um tesouro para crianças. Há lindas roupinhas de bebê em manequins,

uma cama de criança em forma de Cadillac dos anos 1950, uma roda-gigante de verdade

girando e girando...

- Uau! – ofego, estendendo a mão para a maçaneta do táxi. – Será que aquela roda-

gigante está à venda? Tchau, Luke, vejo você mais tarde.

Já estou passando pela entrada quando ouço Luke gritar:

- Espera! - Viro-me e vejo uma expressão de ligeiro alarme no rosto dele. – Becky. – Ele

se inclina para fora do táxi. – O bebê não precisa ter *tudo*.

DOIS

Como, *afinal*, consegui adiar tanto as compras para o neném?

Cheguei ao departamento de bebês da Bambino, no primeiro andar.
O carpete é macio,

há cantigas de ninar tocando no sistema de som e enormes bichos
de pelúcia decorando a

entrada. Um vendedor vestido como coelho Peter me dá um cesto
de vime branco, e,

quando olho ao redor, segurando-o, sinto o entusiasmo subir.

Dizem que a maternidade muda a gente – e estão certos. Pela
primeira vez na vida não

estou pensando em mim mesma. Estou sendo totalmente altruísta!
Tudo isso é para o bem

do meu neném que ainda não nasceu.

Numa direção, há fileiras de berços estupendos e móveis girando e
tilintando. Em outra,

posso vislumbrar o brilho cromada e atraente dos carrinhos de bebê.

À minha frente há araras com roupinhas diminutas. Dou um passo
adiante, em direção às

roupas. Olha só aqueles lindos sapatinhos de coelho. E as
minúsculas jaquetas de couro

almofadado... e há uma gigantesca seção de Bebê Dior... e, ah, meu
Deus, júnior Dolce...

Tudo bem. Calma. Vamos nos organizar. O que preciso é de uma
lista.

Pego na bolsa o *Nove meses de sua vida*. Vou ao capítulo oito,
"Fazendo compras para o

seu bebê”, e começo a examinar a página, ansiosa.

Roupas

Não fique tentada a comprar muitas roupas para bebês pequenos. O branco é

recomendado pela facilidade de lavagem. Três macacões simples e seis camisetas vão

bastar.

Olho aquelas palavras por um momento. Na verdade, nunca é boa idéia seguir um livro

muito á risca. Até dizia na introdução: “você não vai querer seguir absolutamente todos os

conselhos. Cada bebê é diferente, e você deve ser guiada por seus instintos. ”

Meus instintos estão dizendo para comprar uma jaqueta de couro.

Corro até o mostruário e examino as etiquetas de tamanho: “bebê recém-nascido”, “bebê

pequeno”. Como vou saber se terei um bebê pequeno ou não? Até agora parece bem

pequeno, mas quem vai saber? Talvez eu devesse comprar as duas, para garantir.

- É a roupa para a neve da Baby in Urbe! – A mão com unhas impecáveis aparece na

arara á minha frente e pega uma roupa acolchoada, num chique cabide preto. – Eu estava

doida para achar uma dessas.

- Eu também! – digo instintivamente, e pego a última que resta.

- Sabe que na Harrods a lista de espera para isso é de seis meses? –
A dona da mão é uma

loura gravídésima usando jeans e uma blusa stretch turquesa. – Ah,
meu Deus, eles têm

toda a coleção Baby in Urbe. – Ela começa a empilhar as roupas de
bebê em seu cesto de

vime branco. – E olha! Têm sapatos Piglet. *Preciso* comprar uns para
minhas filhas.

Nunca sequer ouvi falar em Baby in Urbe. Nem em sapatos Piglet.

Como posso ser tão chique? Como posso não ter ouvido falar de
nenhuma dessas grifes?

Enquanto examino as roupas minúsculas à minha frente, sinto um
ligeiro pânico. Não sei o

que é chique e o que é cafona. Não tenho a mínima idéia sobre
moda de bebê. E só tenho

uns quatro meses para me atualizar.

Sempre posso perguntar a Suze. Ela é minha melhor e mais velha
amiga, e tem três

filhos. Ernest, Wilfrid e Clementine. Mas com ela a coisa é meio
diferente. A maioria das

roupas de seus bebês é bordada à mão, passada de geração em
geração e cerzida pela velha

empregada de sua mãe, e os bebês dormem em antigos berços de carvalho da casa senhorial

da família.

Pego dois pares de sapato Piglet, vários macacões Baby in Urbe e um par de Jellie

Wellies, só para garantir. Então vejo o vestidinho cor-de-rosa mais lindo do mundo. Tem

botões de arco-íris, calcinha combinando e meias minúsculas. É absolutamente estupendo.

Mas e se tivéssemos um menino?

É *impossível*, esse negócio de não saber o sexo. Deve haver algum meio de descobrir

secretamente.

- Quantos filhos você tem? – pergunta a garota de blusa turquesa, em tom de bate-papo,

enquanto olha dentro dos sapatos para ver os tamanhos.

- É o meu primeiro – indico a barriga.

- Que ótimo! Igualzinha á minha amiga Saskia. – Ela indica uma garota de cabelos

escuros que está parada ali perto. É magra como um palito, sem qualquer sinal de gravidez,

e está falando concentrada num celular. – Ela acabou de descobrir. É *tão* empolgante!

Neste momento, Saskia fecha o telefone e vem na nossa direção, com o rosto luzindo.

- Consegui! – diz ela. – Vou fazer com a Venetia Carter!

- Ah, Saskia! É fantástico! – A garota de blusa turquesa larga o cesto de roupas bem no

meu pé e envolve Saskia com os braços. – Desculpe! – acrescenta, animada, para mim

quando lhe entrego o cesto de volta. – Mas não é uma notícia fantástica? Venetia Carter!

- Você também está com a Venetia Carter? – pergunta a mim, com interesse súbito.

Estou tão por fora dos baratos de bebê! Não faço a mínima idéia de quem, ou o quê, é

Venetia Carter.

- Não ouvi falar nela – admito.

- *Você sabe.* – A garota da blusa turquesa arregala os olhos. – A obstetra! A celebridade

obstetra imprescindível!

Celebridade obstetra imprescindível?

Minha pele começa a se arrepiar. Há uma celebridade obstetra imprescindível e eu não

sabia?

- A de Hollywood! – explica a garota de blusa turquesa. – Ela faz o parto de todos os

bebês das estrelas de cinema. Você *deve* ter ouvido falar. E agora se mudou para Londres.

Todas as supermodelos estão se consultando com ela. Ela dá chás comemorativos para as

clientes, não é fabuloso? Todas levam os bebês e ganham umas bolsas de brindes

fabulosas...

Meu coração esta martelando enquanto ouço. Bolsas de brinde? Não *acredito* que estou

perdendo tudo isso. Por que nunca ouvi falar de Venetia Carter?

É tudo culpa de Luke. Ele fez a gente ir direto ao velho e chato Sr. Braine. Nem

chegamos pensar me mais ninguém.

- E ela é boa em... bem... fazer partos? – pergunto, tentando permanecer calma.

- Ah, Venetia é *maravilhosa* – diz Saskia, que parece muito mais intensa que a amiga. –

Não é como esses médicos antiquados. Ela realmente se *conecta* com a gente. Minha chefe,

Amanda, teve o mais fabuloso parto holístico na água, com flores de lótus e massagem

tailandesa.

Massagem tailandesa? O Sr. Braine jamais sequer *mencionou* massagem tailandesa.

- Meu marido não quer pagar para eu ter o neném com ela – diz a garota de blusa

turquesa. – É um pão-duro. Saskia, você tem tanta sorte!

- Como conseguiu uma consulta com ela? – As palavras se derramam antes que eu

consiga impedir. – Você tem o endereço? Ou o telefone?

- Ah. – A garota de blusa turquesa troca olhares de dúvida com Saskia. – Você

provavelmente está atrasada demais. Ela deve estar com a agenda cheia.

- Posso lhe dar isso. Você pode tentar. – Saskia enfia a mão na bolsa Mulberry e pega

uma brochura na qual está escrito “Venetia Carter” em elegantes letras em relevo azul-

marinho e o desenho de um bebê. Abro, e a primeira coisa que vejo é uma página de

testemunhos resplandecentes, com nomes discretos embaixo. Todos famosos! Viro a parte

de trás e há um endereço em Maida Vale.

Não acredito. Maida Vale é onde nós moramos. Ah, isso tem tudo a ver.

- Obrigada – digo, sem fôlego. – Vou tentar.

Enquanto Saskia e a amiga se afastam, pego o celular e aperto o botão de memória para

ligar para o Luke.

- Luke! – exclamo assim que ele atende. – Graças a Deus você atendeu! Adivinha só!

- Becky, você está bem? – pergunta ele, alarmado. – O que houve?

- Estou bem! Mas escuta, temos que mudar de médico! Acabo de descobrir sobre uma

brilhante obstetra celebridade chamada Venetia Carter. Todo mundo se consulta com ela e

parece que ela é incrível, e o consultório é perto de nós! Não poderia ser mais perfeito! Vou

ligar pra ela!

- Becky, que diabo você está falando? – Luke parece incrédulo. – Não vamos mudar o

médico! Nós temos um médico, lembre-se. Um médico muito bom.

Será que ele não escutou?

- Sei que temos. Mas Venetia Carter faz o parto de todas as estrelas de cinema! Ela é

holística!

- Como assim, “holística”? – Luke não parece impressionado. Meu Deus, ele tem uma

mente tão fechada!

- Quero dizer que todo mundo tem um parto fabuloso. Ela faz massagem tailandesa!

Acabo de conhecer duas garotas na Bambino, e elas disseram...

- Realmente não vejo que vantagens essa mulher pode ter sobre o Sr. Braine –

interrompeu Luke. – Nós sabemos que ele é experiente, sabemos que faz um bom trabalho,

é amigo da família...

- Mas... mas... – Estou pulando de frustração.

- Mas o quê?

Estou atarantada. Não posso dizer: “Mas ele não dá chás freqüentados por supermodelos.

”

- Talvez eu queira ser tratada por uma mulher! – exclamo numa inspiração súbita. – Já

pensou nisso?

- Então vamos pedir que o Sr. Braine recomende uma colega – responde Luke com

firmeza. – Becky, o Sr. Braine é obstetra da família há anos. Realmente não acho que a

gente deveria correr para uma doutora da moda, desconhecida, só porque duas garotas

disseram.

- Mas ela não é desconhecida! Essa é a questão! Ela trata de *celebridades!*

- Becky, pára com isso. – De repente, Luke parece incisivo. –É má idéia. Você já está na

metade da gravidez. Não vai mudar de médico e fim de papo. Iain está aqui. Preciso

desligar. Vejo você depois.

O telefone fica mudo, e eu o encaro, lívida.

Como ele ousa dizer com que médico vou me consultar? E o que há de tão fantástico em

seu precioso Sr. Braine? Guardo o celular e a brochura de volta na bolsa e começo a encher

furiosamente o cesto com roupinhas de bebê Petit Lapin.

Luke não entende nada. Se todas as estrelas de cinema se consultam com a mulher, ela

tem de ser boa.

E seria muito chique. *Muito* chique!

Tenho uma visão súbita de mim mesma deitada num hospital, com meu novo neném no

colo, e Kate Winslet na cama ao lado. E Keidi Klum na outra cama. Viraríamos amigas!

Comprariamos presentinhos umas para as outras, e todos os nossos bebês ficariam ligados

por toda a vida, e iríamos ao parque juntas e seríamos fotografadas pela revista *Hello!*

“Kate Winslet empurra seu carrinho de bebê, batendo papo com uma amiga. ”

Talvez “com sua melhor amiga, Becky”.

- Com licença, a senhora precisa de outro cesto? – Uma voz interrompe meus

pensamentos, levanto os olhos e vejo um vendedor indicando minha pilha transbordante de

roupas de bebê. Estive enfiando-as no cesto sem realmente notar.

- Ah, obrigada – digo, num atordoamento. Pego o segundo cesto de vime e vou até um

mostruário de chapéus minúsculos em que está escrito “Estrelinha” e “Pequeno tesouro”.

Mas não consigo me concentrar.

Quero me consultar com Venetia Carter. Não importa o que Luke pensa.

Num desafio súbito, pego de novo o celular e a brochura. Vou até um canto silencioso da

loja e digito cuidadosamente o número.

- Boa tarde, consultório de Venetia Carter – responde uma voz de mulher muito metida a

chique.

- Ah, olá! – digo, tentando parecer o mais charmosa que posso. – Vou ter um bebê em

dezembro e ouvi dizer que Venetia Carter é maravilhosa, e fiquei imaginando se poderia

haver alguma chance de eu marcar uma consulta com ela, será?

- Sinto muito – diz a mulher em voz firme mas educada. A Srta. Carter está com a

agenda totalmente ocupada no momento.

- Mas estou realmente desesperada! E realmente acho que preciso de um parto holístico

na água. E moro em Maida Vale e estaria disposta a pagar acima do preço normal.

- A Srta. Carter está absolutamente...

- Só gostaria de acrescentar que sou compradora pessoal, e ficaria satisfeita em oferecer

meus serviços gratuitamente a Srta. Carter. – As palavras saem num jorro. – E meu marido

tem uma empresa de divulgação e poderia trabalhar em relações-públicas de graça para ela!

Não que ela provavelmente precise, claro – acrescento depressa. – Mas será que poderia

perguntar? Por favor.

Há silêncio.

- O seu nome é? – diz a mulher, por fim.

- Rebecca Brandon – digo ansiosa. – Meu marido é Luke Brandon, da Brandon

Communications, e...

- Um momento, por favor, Sra. Brandon. Venetia... – A conversa é cortada por um trecho

animado de “as quatro estações”.

Por favor, que ela diga sim. Por favor, que ela diga sim...

Mal posso respirar enquanto espero. Estou parada junto a um mostruário de coelhos de

tricô brancos, cruzando os dedos com o máximo de força que posso, segurando os

pingentes no pescoço, para garantir, e enviando preces silênciosas á deusa Vishnu, que foi

muito útil no passado.

- Sra. Brandon?

- Olá! – Largo todos os pingentes. – Estou aqui!

- É provável que a Srta. Carter tenha um horário inesperado na agenda. Poderemos

informar á senhora nos próximos dias.

- Certo – ofego. – Muito obrigada!

R E G A L A I R L I N E S

Escritório Central

Preston House

KINGSWAY, 354 • LONDRES WC2 4TH

Sra. Rebecca Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

14 de agosto de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigada por sua carta, pelos itinerários de vôo, o bilhete do médico e as imagens de ultra-som

anexos.

Concordo que seu filho ainda não nascido voou muitas vezes pela Regal Airlines. Infelizmente, isso

não se qualifica como milhas aéreas, já que ele não comprou passagem para nenhum desses vôos.

Lamento desapontá-la, e espero que a senhora escolha a Regal Airlines de novo em breve.

Atenciosamente,

Margaret McNair

Gerente de Atendimento ao Consumidor.

TRÊS

Não mencionei mais nada sobre Ventia Carter e Luke.

Para começar ainda não é definitivo. E, para começar também, se o casamento me

ensinou uma coisa, é a não puxar assuntos delicados quando o marido está estressado ou

inaugurando escritórios simultaneamente em Amsterdã e Munique. Ele esteve fora durante

toda a semana e só voltou ontem à noite, exausto.

Além disso, mudar de médico não é o único assunto delicado que eu preciso abordar.

Também há o arranhãozinho no Mercedes (que não foi *minha* culpa, foi aquele poste idiota)

e os dois pares de sapatos que eu quero que ele compre na Miu Miu quando for a Milão.

É manhã de Sábado, e estou sentada nos escritório de casa, verificando o extrato bancário

no meu laptop. Só descobri os serviços bancários pela internet a uns dois meses – e tem

vantagens demais. Você pode fazer isso a qualquer hora do dia! Além disso, eles não

mandam extratos pelo correio, de modo que ninguém (por exemplo, seu marido) pode vê-

los espalhados pela casa.

- Becky, recebi uma carta de minha mãe. – Luke entra segurando a correspondência e

uma caneca de café. – Ela manda lembranças.

- Sua mãe? – Tento esconder o meu horror. – Quer dizer *Elinor*? – O que é que ela quer?

Luke tem duas mães. Sua maravilhosa e calorosa madrasta Annabel, que mora em Devon

com o pai dele e que visitamos no mês passado. E a mãe verdadeira, a rainha do gelo,

Elinor, que mora nos Estados Unidos e o abandonou quando ele era pequeno e, na minha

opinião, deveria ser excomungada.

- Ela está viajando pela Europa com sua coleção de arte.

- Por quê? – pergunto, automaticamente. Tenho uma visão de Elinor num ônibus, com

um monte de quadros embrulhados embaixo do braço. Não parece muito o estilo *dela*.

- Atualmente a coleção está emprestada a Uffizzi, depois vai para uma galeria em Paris...

– Luke pára. – Becky, você não pensou que eu quis dizer que ela estava levando as pinturas

para viajar de férias!

- Claro que não – respondo com dignidade. – Eu sabia *exatamente* o que você queria

dizer.

- De qualquer modo, ela vai estar em Londres mais para o final do ano e quer que a gente

se encontre.

- Luke... achei que você odiava a sua mãe. Achei que você nunca mais queria vê-la,

lembra?

- Qual é, Becky! – Luke franze a testa ligeiramente. – Ela vai ser avó do nosso filho. Não

podemos afastá-la completamente.

Podemos sim, quero responder. Mas, em vez disso, dou uma involuntária encolhida de

ombros. Acho que ele está certo. O bebê será o único neto dela. Terá o sangue dela.

Ah, meu Deus, e se ele *puxar* a Elinor? Sou atacada por uma terrível visão de um neném

deitado num carrinho, num conjunto Chanel creme, olhando furioso para mim e dizendo: “

Sua roupa é um horror mamãe.”

- Então, o que você está fazendo? – Luke interrompe meus pensamentos e, tarde demais,

percebo que está vindo na minha direção. Direto para o meu laptop.

- Nada! – respondo depressa. – É só o meu estrato bancário... – Clico, tentando fechar a

janela que estou olhando. Mas ela congelou. Droga.

- Alguma coisa errada? – pergunta Luke.

- Não! – respondo, ligeiramente em pânico. – Quero dizer... Vou desligar esse negócio! –

Casualmente arranco o cabo de energia da parte de trás. Mas a tela continua acesa. O

extrato continua lá em preto-e-branco.

E Luke está chegando mais perto. E realmente não sei se quero que ele veja isso.

- Deixe-me tentar. – Luke chaga a minha cadeira. – Você está no site do banco?

- É... mais ou menos! Honestamente, eu nem me incomodaria... – Posiciono a barriga na

frente da tela, mas Luke está espiando por cima de mim.olha o extrato por alguns instantes

incrédulos.

- Becky – diz ele finalmente -, aí está escrito “ Primeiro Banco Cooperativo da

Namíbia?”

- Ah é... – Tento parecer casual. Tenho uma pequena conta lá.

- Na *Namíbia*?

- Eles me mandaram um e-mail com taxas muito competitivas, digo, em tom

ligeiramente desafiador. – Foi uma grande oportunidade.

- Você responde a *todo* e-mail que recebe, Becky? Luke se vira, incrédulo. Você também

tem uma ótima seleção se substitutos para o Viagra?

Eu sabia que ele não entenderia minha brilhante nova estratégia bancária.

- Não fique tão estressado! Por que é tão importante o lugar onde eu tenho uma conta? O

comercio ficou global, Luke. As antigas fronteiras sumiram. Se você consegue uma boa

taxa em Bangladesh, então...

- *Bangladesh?*

- Ah. Bem... é... eu tenho uma conta lá, também. Só uma pequenina – acrescento

depressa, notando sua expressão.

- Becky... – Luke parece estar com dificuldade para absorver tudo isso. – Quantas dessas

contas on-line você abriu?

- Três – respondo, depois de uma pausa. Umas três.

Ele me lança um olhar duro. O problema com os maridos é que eles acabam conhecendo

a gente bem.

- Certo, então: quinze – digo rapidamente.

- E quantos cheques especiais?

- Quinze. *O que foi?* – acrescento, na defensiva. – De que adianta ter uma conta sem

cheque especial.

- Quinze cheques especiais? – Luke segura a cabeça, incrédulo. –
Becky... você é a

divida do Terceiro mundo.

- Estou usando a economia global em meu proveito! – retruco. – O
banco do Chad me

deu um bônus de cinqüenta dólares só para abrir a conta!

Luke está atarantado demais. E dá, se tenho quinze contas no
banco? Todo mundo sabe

que a gente não deve por todos os ovos num cesto só.

- Você parece esquecer, Luke – acrescento, em voz ativa -, que sou
ex-jornalista

financeira. Sei tudo sobre dinheiro e investimento. Quanto maior o
risco, maior o lucro,

acho que você vai descobrir isso.

Luke não me parece muito impressionado.

- Conheço os princípios dos investimentos, obrigado, Becky – diz ele
educadamente.

- Bem, então. – Tenho um pensamento súbito. – Nós deveríamos
investir a poupança do

neném em Bangladesh também. Provavelmente iríamos ganhar uma
fortuna!

- Pirou de vez? - Ele me encara.

- Por que não? É um mercado emergente!

- Não acho. – Luke revira os olhos. – Na verdade, já falei com Kenneth sobre a poupança

do neném, e concordamos em aplicar numa carteira de investimentos seguros...

- Espere um minuto! – Levanto a mão. – Como assim, você falou com Kenneth? E a

minha opinião?

Não acredito que nem me consultaram! Como se eu não tivesse sido uma especialista

financeira na televisão e não recebesse centenas de cartas por semana, pedindo conselhos.

- Olha, Becky. – Luke suspira. – Kenneth ficou muito feliz em recomendar investimentos

adequados. Você não precisa se preocupar.

- Essa não é a questão! – digo indignada. – Luke você não entende. Nós vamos ser *pais*.

Precisamos tomar todas as decisões importantes *juntos*. Caso contrário, nosso filho vai

começar a bater em nós e vamos acabar escondidos no quarto e nunca mais vamos fazer

sexo!

- O quê?

- É verdade! Passou no *Supernanny*!

Luke está totalmente pasmo. Ele realmente deveria assistir mais á TV.

- Certo, tudo bem – diz ele finalmente. – Podemos decidir as coisas juntos. Tudo bem.

Mas não vou colocar a poupança do bebê num mercado emergente de alto risco.

- Bem, eu não vou colocar num banco velho e tacanho onde o dinheiro não vai render

nada! – retaliao.

- Empatado. – A boca de Luke se retorce. – Então... o que o *Supernanny* recomenda

quando os pais têm abordagens fundamentalmente diversas quando ao investimento da

poupança?

- Não sei se já abordaram esse assunto – admito. Então uma súbita onda cerebral me

acerta. – Já sei. Vamos dividir o dinheiro. Você investe metade, e eu invisto metade. E

veremos quem se sai melhor. – Não resisto a acrescentar. – Aposto que sou eu.

- Ah, sei. – Luke ergue as sobrancelhas. – Então isto é um desafio, é, Sra. Brandon?

- O mais ousado vencerá – digo, em tom casual, e Luke começa a rir.

- Certo. Vamos fazer isso. Metade para cada um, para ser investido em qualquer coisa

que escolhermos.

- Fechado – digo, estendendo a mão. Apertamos sérios, enquanto o telefone começa a

tocar.

- Eu atendo – diz Luke, e vai até sua mesa. – Alô? Ah, oi. Como vai?

Vou ganhar isso! Vou escolher um monte de investimentos brilhantes e tornar o bebê

uma verdadeira *casa da moeda*. Talvez invista numa carteira de futuros. Ou ouro. Ou...

arte! Só preciso encontrar o próximo Damien Hirst e comprar uma vaca em conserva ou

algo assim, e depois leiloar com lucro gigantesco na Sotheby's, e todo mundo vai dizer

como tenho visão e genialidade...

- Verdade? – está dizendo Luke. – Não, ela não comentou. Bem, obrigado. – Ele desliga

o telefone e se vira para me encarar com expressão interrogativa. – Becky, era Giles, da

corretora de imóveis. Parece que vocês tiveram uma longa conversa no início da semana. O

que, exatamente, você disse a ele?

Merda, eu sabia que havia outro assunto delicado a abordar.
Realmente preciso começar

a fazer uma lista.

- Ah, é isso. – Pigarreio. – Só falei a Giles que estávamos dispostos a ficar mais flexíveis

nas exigências. – Ajeito alguns papéis na minha mesa, sem levantar os olhos. – Como você

disse, expandir um pouco a área de busca.

- Um pouco? – ecoa Luke incrédulo. – Até o *Caribe*? Ele está mandando os detalhes de

oito porcarias de vilas de praias e quer saber se gostaríamos de marcar os vôos!

- Foi você quem disse que precisávamos olhar um pouco mais longe, Luke! – digo, na

defensiva. – Foi sua idéia!

- Eu estava falando de Kensington! Não de Barbados!

- Você já viu o que podemos conseguir em Barbados? – contraponho, ansiosa. – Olhe

isto! – Empurro minha cadeira até a mesa dele, abro a internet e acho uma página de

imóveis no Caribe.

Os sites de imóveis são as melhores coisas *de todos os tempos*. Especialmente os que têm

passeios virtuais.

- Está vendo esta? – Aponto para a tela. – Vila de cinco quartos com piscina para o

infinito, jardim em plano inferior e chalé para hóspedes!

- Becky... – Luke faz uma pausa, como se pensasse em como iria me explicar a situação.

– Fica em Barbados.

Ele está muito fixado nesse único detalhe!

- E daí? Seria fabuloso! O neném aprenderia a nadar, e você poderia mandar todos os e-

mails a partir do chalé de hóspedes... e eu poderia correr na praia todo dia...

Tenho uma imagem fascinante de mim mesma com biquíni de listras, empurrando um

daqueles carrinhos de bebê de corrida, ao longo de uma luminosa praia no Caribe. E Luke

estaria todo bronzeado numa camisa pólo, tomando ponche de rum. Ele poderia começar a

surf e prenderia contas nos cabelos de novo...

- Não vou colocar contas nos cabelos de novo. – Luke interrompe meus pensamentos.

Isso é tão arrepiante! Como é que ele...

Ah, certo. Talvez eu tenha compartilhado minha fantasia caribenha com ele antes.

- Olhe, querida – diz ele, sentando-se. – Talvez daqui a cinco, dez anos, possamos pensar

em algo assim. Se as coisas acontecerem de acordo com os planos, até lá teremos um monte

de opções. Mas, por enquanto, tem de ser na área central de Londres.

- Bom, então o que vamos fazer? – Fecho irritada o site de Barbados. – Não há *nada* no

mercado. Vai chegar o Natal e vamos estar na rua, e teremos de ir para um albergue de

sem-teto com o bebê e tomar sopa...

- Becky. – Luke ergue a mão para fazer com que eu pare. – Não vamos ter de tomar sopa.

– Ele clica em seus e-mails, abre um anexo e aperta imprimir. Um instante depois a

impressora parte para a ação.

- O que é? O que você está fazendo?

- Aqui. Luke pega as páginas e me entrega. – Foi isso que Giles conseguiu. Para o caso

de “ainda estarmos pensando em Londres”, como disse ele. Acabou de entrar no mercado,

fica aqui na esquina. Na Delamain Road, nas temos de ser rápidos.

Examino a primeira página, absorvendo as palavras o mais rápido que posso.

Elegante casa familiar... ideal para receber... grandioso

Hall de entrada... magnífica cozinha de luxo...

Uau, tenho que admitir que parece incrível.

Jardim com área de jogos projetada por arquiteto...

seis quartos... quarto de vestir com closet para sapatos...

Prendo o fôlego. Um closet para sapatos! Mas isso é apenas outro modo de dizer...

- Tem até um quarto de sapatos. – Luke está me olhando com um riso. – Giles ficou bem

satisfeito com isso. Vamos ver?

Estou tão empolgada com essa casa. E não é só por causa do quarto de sapatos. Li e reli os

detalhes um monte de vezes e posso me ver morando lá co Luke. Tomando uma chuva

no cubículo "Rainjet" forrado de calcário... fazendo café na cozinha Balthaup com

equipamentos de última geração... e então talvez caminhando para o jardim recluso, virando

para oeste, com sua variedade de espécimes de arbustos maduros. O que quer que seja isso.

É mais tarde, no mesmo dia, e estamos caminhando pela arborizada rua Maida Vale para

vê-la. Estou apertando as folhas com os detalhes na mão, mas nem preciso; praticamente sei

de tudo de cor.

- Vinte e quatro... vinte e seis... – Luke esta espiando os números enquanto passamos. –

Deve ser do outro lado da rua.

- Ali está! – Paro e aponto para o outro lado da rua. – Olhe, ali está a impressionante

entrada com colunas e porta dupla com atraente bandeira em forma de leque! É fabulosa!

Vamos!

A mão de Luke me segura quando estou para atravessar a rua correndo.

- Becky, antes de entrarmos, só uma palavrinha.

- O que é? – Estou puxando a mão dele como um cachorro tentando escapar da guia. – O

que é?

- Tente ficar calma, certo? Não queremos parecer ansiosos demais. A primeira regra dos

negócios é que você sempre deve parecer que vai recusar.

- Ah. – Paro de puxar sua mão. – Certo.

Calma. Posso ficar calma.

Mas enquanto atravessamos a rua e chegamos á porta da frente, meu coração esta

martelando. Esta é a nossa casa, sei que é!

- Adoro a porta da frente! – exclamo, tocando a campainha. – É tão brilhante!

- Becky... calma, lembra? – diz Luke. – Tente não parecer tão impressionada.

- Ah, certo está bem. – Adoto a melhor expressão não impressionada que consigo, no

momento em que a porta se abre.

Uma mulher muito magra, de 40 e poucos anos, está parada sobre o piso de mármore

preto e branco. Usa jeans brancos D&G, uma blusa casual que *eu sei* que custou quinhentas

libras e um anel de diamante tão gigantesco que estou espantada em ver como ela consegue

levantar o braço.

- Oi. – Sua voz tem um sotaque arrastado que imita o das classes trabalhadoras. – Vieram

ver a casa?

- Sim! – Imediatamente percebo que pareço empolgada demais. – Quero fazer... é – Finjo

um tom casual parecido com o dela. – Pensamos em dar uma olhada.

- Fabia Paschali. – Seu aperto de mão é como algodão molhado.

- Becky Brandon. E este é meu marido, Luke.

- Bem, entrem.

Vamos atrás dela, com os pés ecoando no piso, e, quando olho ao redor, preciso conter a

respiração ofegante. Este hall é *enorme*. E a ampla escadaria parece saída de Hollywood!

Vejo uma imagem imediata de mim mesma descendo num fantástico vestido de noite

enquanto Luke espera, admirando, embaixo.

- Já fizeram fotos de moda aqui – diz Fabia, indicando a escada. – O mármore é

importado da Itália, e o candelabro é um antigo Murano. Está incluído.

Posso ver que ela espera uma reação.

- Muito bonito – diz Luke. – Becky?

Calma. Preciso ficar calma.

- É legal. – Dou um pequeno bocejo. – Podemos ver a cozinha?

A cozinha é igualmente incrível. Tem um enorme balcão para café-da-manhã, teto de

vidro e cada geringonça conhecida pela humanidade. Estou me esforçando ao máximo para

não parecer espantada demais enquanto Fabia expõe os eletrodomésticos.

- Forno triplo... chapa de chefe de cozinha... esta é uma área de corte rotativa com

superfície múltipla...

- Nada mau. – Passo a mão pelo granito, com ar de superior. – Você tem máquina de

fazer sushi?

- Sim – responde ela, como se eu tivesse perguntado alguma coisa realmente óbvia.

A cozinha tem uma máquina de fazer sushi elétrica!

Ah, meu Deus, é simplesmente espetacular. Assim como o terraço, com cozinha de verão

e churrasqueira. E a sala de estar com prateleiras David Linley. Quando seguimos Fabia

para o andar de cima até o quarto principal, estou praticamente desmaiando, tentando não

exclamar diante de tudo.

- Aqui é o quarto de vestir... – Fabia nos leva a uma saleta cheia de armários de nogueira.

– Este é meu closet de sapatos feito sob medida... – Ela abre a porta, e nós entramos.

Acho que vou desmaiar. Dois dos lados há fileiras e fileiras de sapatos, imaculadamente

enfileirados em prateleiras forradas de camurça. Loubotins... Blahniks...

- É incrível! – deixo escapar. – E olha só, nós calçamos o mesmo número e coisa e tal..

isso tem tudo a ver... – Luke me lança um olhar de alerta. – Quero dizer... é. – Dou de

ombros, sem jeito. – É legal, acho.

- Vocês têm filhos? – Fabia olha para a minha barriga enquanto nos afastamos.

- Estamos esperando um para dezembro.

- Nós dois temos dois no internato. – Ela arranca um adesivo de nicotina do braço, franze

a testa para ele e joga numa lixeira. Depois enfia a mão no bolso do jeans e pega um maço

de Marlboro Light. – Agora eles ficam no último andar, mas os quartos de bebê ainda estão

arrumados, como vocês se interessem. – Ela ascende um isqueiro e dá uma baforada.

- Quartos de bebê? – ecoa Luke, me olhando. – Mais de um?

- Dele e dela. Temos um de cada. Nunca conseguimos redecorar. Este é o do meu filho...

– ela abre uma porta branca.

Fico ali parada, boquiaberta. É como o país das fadas. As paredes são pintadas com um

mural de colinas verdes, céu azul, bosques e ursinhos de pelúcia fazendo piquenique. Num

canto há uma cama pintada na forma de um castelo; do outro lado há um trezinho

vermelho, de verdade, nos trilhos, de tamanho suficiente para sentar em cima, com um

brinquedo em cada vagão.

Sinto uma pontada de desejo avassalador. Quero um menino. Quero *tanto* um menino!

- E o da filha fica aqui – prossegue Fabia.

Mal consigo me arrancar do quarto do menino, mas acompanho-a atravessando o

corredor enquanto ela abre a porta – e não consigo deixar de ofegar.

Nunca vi nada tão lindo. É o sonho de uma menininha. As paredes são decoradas com

fadas pintadas á mão, as cortinas brancas são presas com enormes laços de tafetá lilás e o

bercinho é enfeitado com franzidos de bordado inglês, com a cama de uma princesa.

Ah, meus Deus. Agora quero uma menina.

Quero os dois. Não posso ter os dois?

- Então, o que acha? – Fabia se vira para mim.

Há um silêncio no corredor. Não posso falar, de tanto desejo. Quero esses quartos de

neném mais do que jamais quis qualquer coisa, jamais. Quero a casa inteira. Quero morar

aqui e ter nosso primeiro Natal aqui como uma família, e decorar um pinheiro enorme no

hall preto e branco, e pendurar uma meia minúscula na lareira.

- Muito bonita – consigo dizer finalmente, dando um pouquinho de ombros. – Acho.

- Bem. – Fabia traga o cigarro. – Vamos ver o resto.

Sinto que estou flutuando enquanto prosseguimos por todos os cômodos. Encontramos

nossa casa. Encontramos.

- Faça uma oferta! – sussurro para Luke enquanto olhamos o boiler.
– Diga que

queremos a casa!

- Becky, calma aí. – Ele dá um risinho. – Não é assim que negocia.
Ainda não vimos

tudo.

Mas dá para ver que ele também adorou. Seus olhos estão brilhantes e, quando chegamos

de novo ao hall, ele está fazendo perguntas sobre os vizinhos.

- Bem... obrigado – diz ele finalmente, apertando a mão de Fabia. –
Faremos contato

através do corretor.

Como ele consegue se conter? Por que não está pegando o talão de cheques?

- Muito obrigada – acrescento, e já estou para apertar a mão de Fabia quando há o som

de uma chave na porta da frente. Um homem bronzeado, de 50 e poucos anos, entra, usando

jeans, jaqueta de couro e carregando um negócio maneiro, tipo portfólio de arte.

- Oi. – Ele olha de um rosto para outro, claramente imaginando se deveria nos conhecer.

– Como vão?

- Querido, estes são os Brandon – diz Fabia. – Estiveram olhando a casa.

- Ah. Indicados pela Hamptons? – Ele franze a testa. – Eu teria ligado, se soubesse.

Aceitei uma oferta há dez minutos. Pela outra imobiliária.

Sinto um choque de horror. Ele fez o quê?

- Vamos fazer uma oferta agora mesmo! – digo num jorro. – Vamos oferecer o preço que

vocês pediram!

- Sinto muito. Já está feito. – Ele dá de ombros e tira a jaqueta. – Aqueles americanos

que deram uma olhada hoje cedo – acrescentou para Fabia.

Não. Não. Não podemos perder nossa casa dos sonhos!

- Luke, faça alguma coisa! – Tento falar com calma. – Faça uma oferta! Depressa!

- Vocês não se importam não é? – Fabia parece surpresa. – Vocês não pareciam tão a fim

do lugar.

- Nós estávamos bancando os calmos! – gemo, deixando desaparecer qualquer aparência

de casualidade. – Luke, eu *sabia* que deveríamos ter dito alguma coisa antes! Nós adoramos

a casa! Adorei os quartos de neném! Nós queremos!

- Gostaríamos muito de fazer uma oferta acima do preço pedido – diz Luke, adiantando-

se. – Podemos agir com a máxima velocidade e pedir que nosso advogado contate o de

vocês de manhã...

- Olhe, pelo que sei, a casa já foi vendida – diz o marido de Fabia, revirando os olhos. –

Preciso de uma bebida. Boa sorte na busca de vocês. – Ele segue pelo piso de mármore em

direção a cozinha e ouço a geladeira abrindo.

- Sinto muito – diz Fabia, dando de ombros, e nos leva até a porta da frente.

- Mas... – insisto, impotente.

- Tudo bem. Se o negócio for desfeito, por favor, avise-nos. – Luke dá um sorriso

educado e saímos lentamente para o sol do fim de tarde. As folhas estão começando a

mudar de cor, e os raios baixos do sol brilham nas janelas do outro lado.

Eu simplesmente podia me ver morando nesta rua. Empurrando o bebê num carrinho,

acenando para todos os vizinhos...

- Não acredito. – Minha voz está um pouco embargada.

- Era só uma casa. – Luke passa o braço pelos meus ombros caídos.
– Vamos encontrar

outra.

- Não vamos. Nunca vamos achar um lugar assim. Era a casa perfeita!

Paro, com a mão no portão de ferro fundido. Não posso desistir. Não sou uma idiota que

desiste fácil.

- Espere – digo a Luke, dando meia volta.

Volto correndo pelo caminho, subo a escada e planto um pé na porta antes que Fabia

tenha a chance de fechá-la.

- Escute – digo ansiosa. – Por favor. Fabia, nós realmente, realmente amamos a sua casa.

Pagamos o que você quiser.

- Meu marido já fechou o negócio. – Ela se encolhe. – Não posso fazer nada.

- Pode convencê-lo a mudar de idéia! O que posso fazer para convencer você?

- Olhe. – Ela suspira. – Não sou eu que decido. Poderia, por favor, tirar o pé?

- Eu faço qualquer coisa! – grito, desesperada. – Compro alguma coisa para você! Eu

trabalho numa loja de moda, posso conseguir coisas chiques...

Paro. Fabia ainda está olhando meu pé, enfiado na porta. Então olha para o outro.

Não é nos meus pés que ela está interessada, é nas minhas botas de caubói Archie Swann

feitas de pele de bezerro batida e com um tira de couro para fechar. Archie Swann é a

grande novidade em sapatos, e estas botas, exatamente, saíram na *Vogue* da semana

passada, com o título "mais cobiçadas". Vi Fabia de olho nelas no momento em que

chegamos.

Fabia ergue os olhos para os meus.

- Gosto das suas botas – diz ela.

Fico momentaneamente sem fala.

Vá com calma, Becky vá com calma.

- Esperei um ano inteiro por estas botas – digo finalmente, sentindo que estou pisando

em ovos. – Não são encontradas em lugar nenhum.

- Estou na lista de espera da Harvey Nichols – rebate ela.

- Talvez. – Forço um tom casual. – Mas não vai conseguir. Só fizeram cinquenta pares e

estão todos esgotados. Eu sou compradora pessoal, de modo que sei dessas coisas.

Estou blefando totalmente. Mas acho que esta dando certo. Ela está praticamente

salivando nas botas.

- Becky? – Luke vem voltando pelo caminho na minha direção. – O que está

acontecendo?

- Luke! – Levanto uma das mãos. – Fique aí! – Sinto-me como Obi-Wan Kenobi dizendo

a Luke Skywalker para não interferir porque ele não entende o alcance da Força.

Tiro minha bota esquerda, deixando-a sobre o capacho de totem.

- É sua – digo – se você aceitar nossa oferta. E dou a outra quando assinarmos o

contrato.

- Ligue para a imobiliária amanhã – diz Fabia, parecendo quase sem fôlego. – Vou

convencer meu marido. A casa é de vocês.

Consegui! Não acredito!

O mais rápido que posso, um pé com uma bota e o outro só com meia, desço a escada na

direção do Luke.

- Conseguimos a casa! – Envolver seu pescoço com os braços. –
Consegui a casa para

nós!

- Que *porra*... – Ele me encara. – O que você disse? Por que está usando só uma bota?

- Ah... é só um pouquinho de negociação – digo, em tom superior, e olho de novo para a

porta. Fabia já jogou longe sua sapatilha dourada e enfiou a perna com jeans na bota. Agora

está se virando de um lado para o outro, hipnotizada. – Se você ligar para a imobiliária

amanhã de manhã, acho que vai descobrir que o negócio está de pé.

Nem precisamos esperar até a manhã seguinte. Menos de duas horas depois, estamos

sentados no carro, indo para a casa de mamãe, quando o telefone de Luke toca.

- Sim? – diz ele, entendendo. – É? Verdade?

Estou fazendo caretas para ele, tentando fazer com que ele diga o que está acontecendo –

mas ele mantém os olhos firmes na estrada, o que é realmente irritante. Por fim desliga e se

vira para mim com o sorriso mais minúsculo.

- É nossa.

- *Isso!* – guincho, deliciada. – Eu lhe disse?

- Eles vão para Nova York e querem se mudar o mais rápido possível. Eu disse que

poderíamos resolver tudo até dezembro.

- Teremos nosso novo neném em nossa casa nova e linda a tempo para o Natal. – Dou

um abraço em mim mesma. – Vai ser perfeito!

- A notícia é muito boa. – O rosto dele está reluzindo. – E o mérito é todo seu.

- Não foi nada – respondo com modéstia. – Só uma boa negociação. – Pego o celular e já

vou mandar uma mensagem de texto a Suze avisando da boa notícia quando, de repente ele

toca.

- Alô? – digo, toda animada.

- Sra. Brandon? É Margaret, do consultório de Venetia Carter.

- Ah! – Fico rígida e olho para Luke. – Ah... olá.

- Queríamos avisar que temos uma desistência na agenda na Srta. Carter. Ela ficará muito

feliz em recebê-la, e ao seu marido, se a senhora quiser, na quinta-feira às três da tarde.

- Certo – respondo, meio sem fôlego. – Ah... sim, por favor. Estarei lá! Muito obrigada!

- Não há de quê. Adeus, Sra Brandon.

A linha emudece, e desligo o telefone com as mãos tremulas.
Consegui uma consulta

com Venetia Carter! Vou conhecer celebridades e receber massagem tailandesa holística!

Agora só preciso dar a notícia ao Luke.

- Quem era? – pergunta Luke, ligando o rádio. Ele franze a vista para o mostrador digital

e aperta alguns botões.

- Era... ah... – largo o telefone acidentalmente-de- propósito no chão e me abaixo para

pegar.

Vai dar certo, ele está de bom humor por causa da casa e tudo mais. Só vou dizer e

pronto. E se ele começar a dar o contra, vou objetar que sou uma mulher adulta e madura

que pode escolher sua própria médica.

- Ah... Luke. – Sento-me de novo, com o rosto meio vermelho. – Quanto ao Sr. Braine...

- O que é? – Luke entra em outra pista. – Por sinal, eu disse á minha mãe que iríamos

organizar um jantar com ele e David.

Um *jantar*? Ah, meu Deus, isso está piorando. Preciso dizer, depressa.

- Luke, escute. – Espero até ele diminuir a velocidade atrás de um caminhão. – Andei

pensando muito e fazendo umas pesquisas.

“Pesquisas” parece bom. Mesmo que tenha sido apenas a leitura de uma matéria sobre

“tendências dos bebês em Hollywood” na fashionmommies.com.

- E o negocio é... – engulo a seco. – Quero me consultar com Venetia Carter.

Luke faz um ruído impaciente.

- Becky, não venha com isso de novo. Achei que tínhamos concordado...

- Consegui uma consulta com ela – digo num jorro. – Marquei hora. Está tudo resolvido.

- Você fez *o quê?* – ele freia num sinal vermelho e se vira para mim.

- O corpo é meu! Fico, na defensiva. – Posso me consultar com quem eu quiser!

- Becky, nós temos muita sorte de ter um dos obstetras mais respeitados e renomados do

país cuidando de você, e você está querendo se meter com uma mulher desconhecida...

- Pela milionésima vez, ela não é desconhecida! – exclamo, frustrada. – Ela é

famosíssima em Hollywood! É moderna e está em contato com as novidades, e faz uns

partos incríveis na água, com flores de lótus...

- Flores de *lótus*? Parece uma porcaria de uma charlatã. – Luke enfia o pé com força no

acelerador. – Não vou deixar você arriscar sua saúde e a do bebê...

- Ela não é uma charlatã!

Eu nunca deveria ter mencionado as flores de lótus. Devia saber que Luke não

entenderia.

- Olha, querido... – Tento uma abordagem diferente. – Você sempre diz “de uma chance

as pessoas”.

- Não, não digo. – Luke não perde o pique.

- Bem, então deveria –respondo irritada.

Paramos num cruzamento pintado com faixa de pedestres e uma mulher passa com um

carrinho de bebê realmente chique, verde, de rodas altas e com aparência de era espacial.

Uau. Talvez a gente devesse comprar um daqueles. Franzo a vista, tentando ver o logotipo.

É incrível, antes eu nem *notava* os carrinhos de bebê. Agora não consigo deixar de

verificar, mesmo que esteja no meio de uma briga com meu marido.

Discussão. Não é briga.

- Escuta, Luke – digo, quando partimos de novo. – No meu livro diz que a grávida deve

sempre seguir os instintos. Bem, meus instintos estão dizendo com força real: “Vá para

Venetia Carter” É a natureza que está me dizendo!

Luke fica em silêncio. Não sei se está franzindo a testa para a estrada ou para o que eu

estou dizendo.

- Poderíamos ir só uma vez, dar uma sacada – digo, em tom pacificador. – Só uma

consultazinha. Se nós a odiarmos, não precisamos voltar.

Chegamos à casa de mamãe e papai. Há um grande estandarte prateado sobre a porta.

Um balão de hélio, desgarrado, onde está escrito *Parabéns pelos 60 anos, Jane!*, pousa

levemente no capô quando entramos.

- E eu consegui nossa casa – não consigo deixar de acrescentar. Mesmo sabendo que isso

não é estritamente relevante.

Luke pára o carro atrás de um furgão em cuja lateral está escrito “Eventos Especiais

Oxshott", e finalmente se vira para me encarar.

- Certo, Becky. – Ele suspira. – Você venceu. Vamos a consulta.

QUATR

T O

R

Dizer que mamãe está empolgada com o neném é um certo eufemismo. Quando saímos do

carro, ela voa pelo caminho de entrada, o cabelo arrumado para a festa, o rosto todo

vermelho de animação.

- Becky! Como vai o meu netinho?

Ela nem se incomoda mais em olhar meu rosto. A atenção vai direto para a barriga.

- Está aumentando! Consegue escutar a vovó? – Ela se curva mais perto, - Consegue

escutar a vovó?

- Olá, Jane – diz Luke educadamente. – Será que podemos entrar?

- Claro! – Ela se liga de novo e nos leva para dentro de casa. – Venham! Ponha os pés

para cima, Becky! Tome uma xícara de chá. *Graham!*

- Estou aqui! – Papai vem descendo a escada. – Becky! – Ele me dá um abraço apertado.

– Venha, sente-se. Suze está aqui com as suas crianças...

- Já! – exclamo deliciada. Não vejo Suze há *séculos*. Acompanho meus pais até a sala de

estar e encontro Suze sentada no sofá perto de Janice, a vizinha de meus pais. Seu cabelo

louro está preso num coque, e ela está amamentando um dos gêmeos. Enquanto isso, Janice

se retorce desconfortável, claramente se esforçando demais para não olhar.

- Bex! – O rosto de Suze se ilumina. – Ah, meu Deus! Você está fantástica!

- Suze! – Dou-lhe um abraço enorme, tentando não esmagar o neném. – Como vai? E

como vai a Clemmie lindinha? Beijo a cabecinha loura.

- Este é Wilfrid – diz Suze, ficando meia cor-de-rosa.

Droga. Eu sempre erro. E, para piorar as coisas, Suze tem uma paranóia total achando

que Wilfrid parece menina (E parece mesmo. Em especial com aquele macacão de renda.)

- Onde estão os outros? – Mudo rapidamente de assunto.

- Ah, Tarkie está com eles – responde Suze, olhando vagamente pela janela. Acompanho

o olhar dela e vejo seu marido Tarquin, empurrando meu afilhado Ernie ao redor da tenda,

num carrinho de mão, com Clementine amarrada ao peito.

- Mais! - A voz esganiçada de Ernie chega fraca através da janela. – Mais, papai!

- Aquele vai ser você daqui a alguns meses, Luke – digo, rindo.

- Ahã. – Ele ergue as sobrancelhas e pega seu Blackberry. – Preciso mandar uns e-mails.

Vou fazer isso lá em cima, se não tiver problema.

Ele sai da sala e me sento numa poltrona fofa, perto de Suze.

- Adivinha só. Aceitaram nossa oferta para a casa mais *perfeita!* Olha! – Pego na bolsa o

impresso da imobiliária e entrego a mamãe, pare ser admirado.

- Que linda, querida! – exclama mamãe. – Ela é isolada?

- Bem... não. Mas é realmente...

- Tem garagem? – Papai espia por cima dos ombros de mamãe.

- Não, não tem garagem, mas...

- Eles não precisam de garagem, Graham – interrompe mamãe. – Eles são londrinos! Vão

de táxi a todo lugar.

- Quer dizer que nenhum londrino dirige? – pergunta papai, zombando. – Está dizendo

que, em toda a nossa capital, nenhum morador jamais entra num carro?

- Eu nunca dirigiria em Londres. – Janice estreme levemente. –
Sabe, eles esperam até

você parar no sinal... e aí lhe dão uma *facada*.

- “Eles”? – exclama papai, exasperado. – Quem são “eles”?

- Piso de mármore. Minha nossa. – Mamãe levanta os olhos do papel
e faz careta. – E o

que vai acontecer com o pequenino quando estiver aprendendo a
andar? Você poderia

colocar tapete em cima, talvez. Um belo Berber pintalgado, para a
sujeira não aparecer.

Desisto.

- E minha segunda novidade é... – digo alto, tentando trazer a
conversa de novo para os

trilhos. – Vou mudar de médico. – Paro para provocar efeito. – Vou
me consultar com

Venetia Carter.

- Venetia Carter? – Suze levanta o olhar de Wilfrid, pasma. – Sério?

Rá. Eu *sabia* que Suze teria ouvido falar dela.

- Sem dúvida. – Fico reluzente de orgulho. – Acabamos de saber que
conseguimos uma

consulta. Não é fantástico?

- Então essa Dra. Carter é boa? – mamãe olha de mim para Suze.

- Ela é chamada obstetra de lista-A. – Suze começa habilmente a fazer Wilfrid arrotar. –

Li uma matéria sobre ela na *Harpers*. Dizem que é maravilhosa!

Uma obstetra de lista-A! Isso *me* torna uma pessoa de lista-A!

- Ela cuida de todas as supermodelos e estrelas de cinema. – Não consigo deixar de

alardear. – Dá festas, chás, bolsas de brindes de grife e coisa e tal. Provavelmente vou

conhecer todas elas!

- Mas, Becky, achei que você estava com um médico respeitado. – Papai parece

perplexo. – É boa idéia mudar?

- Papai, Venetia Carter é de outro nível! – Não consigo deixar de ser impaciente. – É o

máximo dos máximos. Tive de implorar para conseguir uma consulta;

- Bem, querida, quando for famosa, não se esqueça de nós! – diz mamãe.

- Não vou esquecer! Ei, querem ver o ultra-som? – Enfio a mão na bolsa, pego o rolo de

imagens e entrego a mamãe.

- Olha só isso! – ofega ela, olhando a imagem turva. – Olha, Graham! Nosso primeiro

netinho. É *igualzinho* à minha mãe.

- Sua mãe? – retruca papai, incrédulo, pegando o impresso. – Está cega?

- Becky, tricotei umas coisinhas para o neném – diz Janice timidamente. – Uns

conjuntinhos de pagão... um xale... um jogo da Arca de Noé... e fiz *três* de cada animal, só

para o caso de o tamanho não caber.

- Janice, que gentileza! – digo, emocionada.

- Tudo bem, querida! Gosto de tricotar, claro, sempre esperei que Tom e Lucy

pudessem... – Janice deixa no ar, com um sorriso corajoso e luminoso. – Mas não era para

ser.

- Como vai o Tom? – pergunto cautelosamente.

Tom é o filho de Janice. Tem mais ou menos minha idade e se casou a três anos, um

grande casamento chique. Mas então tudo deu meio errado. Sua mulher, Lucy fez uma

tatuagem e fugiu com um cara que morava num furgão, e Tom ficou muito esquisito e

começou a construir uma casa de verão no quintal dos fundos do pai.

- Ah, Tom vai muito bem! Agora está morando principalmente na casa de verão. Nós

deixamos comida na bandeja para ele. – Janice parece meio sem jeito. – Diz que está

escrevendo um livro.

- Ah, certo! – digo, encorajando. – Sobre o quê?

- O estado da sociedade. – Ela engole em seco. – Aparentemente.

Há um silêncio enquanto todos digerimos isso.

- Em que tipo de estado ele acha que a sociedade está? – pergunta Suze.

- Não muito bom – sussurra Janice.

- Tome outra xícara de chá, Janice querida. – mamãe dá um tapinha reconfortante em sua

mão. – Ou que tal um conhaque?

- Só um conhaquezinho – responde Janice depois de uma pausa. – Eu me sirvo.

Enquanto ela atravessa a sala até o armário de bebidas, mamãe pousa sua xícara.

- *Agora*, Becky – diz ela – , você trouxe todos seus catálogos?

- Aqui! – enfio a mão na sacola que eu trouxe. – Tenho da Blooming Marvelous, da

General Little Trading Company, Little White Company...

- Eu trouxe da Jojo Marman Bebê – entoa Suze. – E Cashmere Italiano para Bebê.

- Eu tenho todos esses – diz mamãe, pegando uma pilha de catálogos no suporte para

revistas. – Vocês têm Funky Baba? – Ela balança um catálogo em que há a foto de um bebê

vestido de palhaço.

- Aah! – diz Suze. – Não vi esse!

- Pode ver – digo. – Vou ver o Petit Enfant. Mamãe, veja o Bebê de luxo.

Com um suspiro feliz, todas nos sentamos para folhear imagens de nenéns sobre tapetes

emborrachados usando camisetinhas lindas e sendo transportados em carrinhos chiques.

Honestamente, vale a pena ter um bebê só pelas *coisas* lindas.

- Vou dobrar o canto da página se vir alguma coisa que você deva comprar – diz mamãe,

em tom profissional.

- Certo, eu também – concordo, fixada num grupo de bebês vestidos de animais. Temos

de comprar uma roupa para neve em forma de um urso polar. Viro o canto e passo a

próxima página, que está cheia de roupas para esqui em miniatura. E olhe só os gorrinhos

com pompons! – Luke, acho que temos de colocar o bebê para esquiar desde bem cedo –

digo quando ele entra na sala. – Vai ajudar no desenvolvimento.

- *Esquiar?* – Ele parece perplexo. – Becky, achei que você odiava esquiar.

Realmente odeio esquiar.

Talvez a gente pudesse ir a Val d'Isère ou algum lugar assim, usar as roupas lindas e

simplesmente não esquiar.

- Becky! – Mamãe interrompe meus pensamentos. – Olhe este berço. Tem controle de

temperatura embutido, show de luzes de acalanto e ação vibratória calmante.

- Uau – ofego olhando a foto. – *É incrível!* Quanto custa?

- A versão de luxo é... mil e duzentas libras – diz mamãe consultando o texto.

- Mil e duzentas libras? – Luke quase engasga com a xícara de chá.
– Por um *berço*?

Sério?

- É de última geração – ressalta Suze. – Usa tecnologia da NASA.

- Tecnologia da Nasa? – Ele funga incrédulo. – Estamos planejando mandar o bebê para

o espaço?

- Você não quer o melhor para nosso filho Luke? – retruco. – O que acha Janice?

Olho para o outro lado da sala, mas Janice não escutou. Está olhando as imagens do

ultra-som e enxugando os olhos com um lenço.

- Janice... Você está bem?

- Desculpe querida. – Ela assoa o nariz, depois toma um gole de conhaque, esvaziando o

copo. – Posso pegar mais uma dose, Jane?

- Vá em frente, querida! – diz mamãe, encorajando. – Coitada da Janice – acrescenta para

mim e Suze num sussurro. – Está *desesperada* por um neto. Mas Tom nem sai de sua casa

de verão. E quando sai... – ela baixa a voz ainda mais. – Não corta o cabelo há meses!

Quanto mais a barba! Eu disse a ela: “Ele nunca vai arranjar uma garota boa se não der um

jeito na aparência!” mas... – ela pára quando a campainha da porta toca. – Deve ser o

peçoal do bufê. Eu *disse* para eles usarem a porta da cozinha!

- Eu atendo. – Papai se levanta e todas retornamos aos catálogos.

- Acha que deveríamos comprar um assento de banho e um suporte de banho? – Olho

para a página. – E uma banheira inflável para viagem?

- Compre isto. – Suze mostra a foto de um ninho de bebê almofadado. – São fabulosos.

Wilfie *vive* no dele.

- Com certeza! – confirmo com a cabeça. – Dobre o canto!

- Esses cantos estão ficando cada vez mais volumosos. – Mamãe olha, avaliando o

catálogo. – Talvez a gente devesse dobrar se *não* houver interesse na página.

- Por que não encomenda simplesmente tido o catálogo e depois devolve pouquíssimas

coisas que não quiser? – sugere Luke.

Bom, *esta* é uma boa...

Ah. Ele está sendo engraçado. Rá-rá-rá. Estou para dar uma resposta esmagadora quando

a voz de papai ressoa no corredor.

- Entre Jess. Todo mundo está tomando chá.

Jess está aqui!

Ah, meu Deus. Jess está aqui.

- Depressa, escondam os catálogos! – sussurro, e começo a enfiá-los atrás de almofadas,

numa agitação nervosa. – Vocês sabem como é a Jess.

- Mas talvez ela queira dar uma olhada, querida! – questiona mamãe.

Mamãe realmente não saca Jess e o negócio da frugalidade. Acha que Jess só está

passando por uma “fase”, como quando Suze virou vegetariana por umas três semanas

antes de ficar totalmente fissura e mergulhar de cabeça num sanduíche de bacon.

- Ela não vai querer – diz Suze, que ficou na casa de Jess e sabe como ela é. Pega o

exemplar de Funky Baba com mamãe e empurra para baixo da cadeira de balanço de

Wilfrid, no instante em que papai e Jess aparecem á porta.

- Oi , Jess! – Começo, toda animada. E paro, perplexa. Não vejo Jess há uns dois meses e

ela está absolutamente espetacular!

Toda bronzeada, magra, usando bermuda cargo que mostra as pernas longas e morenas.

O cabelo curto foi decorado pelo sol e a camiseta verde, sem mangas, faz destacar os olhos

castanho-claros.

- Oi! – diz ela, pousando a mochila. – Oi, tia Jane. Becky, como vai?

- Estou ótima! – Não consigo deixar de rir para ela. – Você está fantástica! Tão

bronzeada!

- Ah. – Jess olha para si mesma com interesse zero, depois enfia a mão na mochila. – Eu

trouxe uns biscoitos de milho. São feitos por uma cooperativa no norte da Guatemala. – Ela

entrega a mamãe uma caixa feita de papelão áspero, e mamãe vira-a nos dedos, perplexa.

- Lindo, querida – diz finalmente, e coloca ao lado do bule de chá. – Pegue um bombom

de fondant!

- Uau. – Jess senta-se no pufe. – Olhe só a Cl... – Ela pára quando eu falo sem som

“Wilfie!” pelas costas de Suze.

- O quê? – diz Suze

- Eu só ia perguntar... onde está a Clementine? – emenda Jess. – E nem posso acreditar

no Wilfie! Ele está enorme!

Dou-lhe um sorriso minúsculo por cima da xícara de chá enquanto Suze responde. Meu

Deus, quem imaginaria? Minha mãe e minha melhor amiga batendo papo.

Houve um tempo em que pensei ter perdido as duas definitivamente. Jess porque tivemos

uma briga enorme e nos xingamos com palavras que fazem com que eu me encolha só de

pensar. E Suze porque fez uma nova amiga chamada Lulu, que monta a cavalo, tem quatro

filhos e acha que é superior a todo mundo. *Ainda* não entendo por que Suze gosta dela. Na

verdade, é o único assunto que não abordamos.

- Tenho uma coisa pra você também, Becky.

- Jess enfia a mão na mochila e pega um punhado de trapos encardidos. Janice se encolhe

com um gritinho de consternação.

- O que é isso, querida?

- Becky e eu vamos fazer toalhinha de limpar bebê – diz Jane.

- *Fazer* toalhinhas de limpar bebê? – mamãe olha, não entendendo.
– Mas, querida, a

Boots fabrica. A gente pode comprar três por duas pratas.

- Elas parecem meio... usadas – arrisca Janice.

- Só precisamos ferver e encharcar numa solução de óleo e sabão – informa Jess. – É

muito menos agressivo para o meio ambiente. E para a pele do bebê. E são reutilizáveis. A

longo prazo, você vai economizar varias libras.

- É... fabuloso – engulo a seco e pego os trapos, um dos quais tem impresso "Prisão

Wandsworth HM"desbotado na lateral. De jeito nenhum vou ter um balde de trapos velhos

e nojentos no quarto do bebê. Mas Jess parece tão entusiasmada que não quero magoar seus

sentimentos.

- Vou ajudar você a fazer um carregador de bebê, também – diz ela.
– A partir de uma

calça jeans velha do Luke. É bem simples.

- Boa idéia! – consigo dizer. Não ousou olhar para Luke.

- E tenho outra idéia. – Jess gira no pufe para me encarar. – Você não precisa dizer que

sim, mas talvez devesse pensar a respeito.

- Certo – digo nervosa. – O que é?

- Você toparia fazer uma palestra?

- Uma palestra? – estou perplexa. – Sobre o quê?

- Sobre como venceu o vício em gastar. – Jess se inclina para a frente, o rosto todo

caloroso e fraterno. – Tenho uma amiga que é conselheira e eu estava contando a ela sobre

você e o quanto você mudou. Ela disse que achava que você seria uma inspiração para

muitos viciados no grupo.

Há um silêncio na sala. Posso sentir o rosto empalidecer.

- Vá lá, Bex. – Suze cutuca meu pé, - Você seria fantástica.

- Eu vou assistir. – diz Luke. – Quando vai ser?

- Não precisa ser formal – instiga Jess. – Só um papo amigável sobre como resistir à

pressão do consumo. Em especial agora que você está grávida. – Ela balança a cabeça. – É

ridícula a quantidade de lixo que as pessoas se sentem compelidas a comprar para os filhos.

- Eu culpo os catálogos – diz Luke, sério.

- Então o que acha, Becky? – insisti Jess.

- Na verdade, não... – Pigarreio debilmente. – Não tenho certeza...

- Não fique sem graça! – Jess se levanta do pufe e vem se sentar ao meu lado no sofá. –

Realmente sinto orgulho de você, Becky. E você deveria ter orgulho de si mesma... – Sua

expressão muda, e ela se ajeita no sofá. – Estou sentada em cima de quê? O que é isso? –

Ela enfia a mão atrás e pega dois catálogos brilhantes, com todos os cantos dobrados.

Merda. E tinha de pegar o Bebê de Luxo, que tem na capa um bebê vestido com roupas

Raugh Lauren, segurando uma mamadeira Dior e sentado num Rolls Royce miniatura.

- Becky não estava olhando isso – diz Suze num jorro. – Nem são dela. São meus. Eu

trouxe.

Eu realmente amo Suze.

Jess está folheando Bebê de Luxo e se encolhendo.

- É chocante. Quero dizer, que bebê precisa de banheira inflável? Ou de berço de grife?

- Ah, eu sei. – Tento imitar seu tom de desdém. – É terrível. Se bem que eu

provavelmente comprarei, sabe, *algumas* coisas...

- Dê uma olhada, Jess, querida! – diz mamãe, solícita. – Becky já achou um superberço

para o neném! – Ela procura entre os catálogos. – Onde está? Tem shows de luzes... e ação

vibratória...

Fico rígida de horror.

Não mostre a Jess o berço de 1.200 libras.

- Aqui está! – Mamãe estende o Funky Baba.

- Jess não quer ver isso! – Tento pegar o catálogo, mas Jess chega primeiro.

- Que página? – pergunta ela.

- Mamãe? – Uma voz nos interrompe, e todos olhamos ao redor. Parado á porta está um

cara com cabelos pretos desgrenhados e barba crescida. É alto, desengonçado, está

segurando um livro de bolso velho e muito manuseado, e não faço idéia de quem ele...

Espera aí. É o Tom?

Cacete. Eu mal o *reconheci*. Mamãe esta certa quanto á barba, parece que ele não vê um

aparelho há dias.

- Papai precisa de ajuda com um dos truques de mágica – diz ele abruptamente a Janice.

– O coelho ficou preso, ou algo assim.

- Minha nossa! – diz Janice, pousando seu copo. – É melhor eu ir. Tom, cumprimente as

pessoas com educação, querido.

- Oi, todo mundo. – Tom lança um olhar superficial pela sala.

- Você conhece Suze, a amiga de Becky, não é? – cantarola Janice. – E já conheceu a

irmã dela, Jess?

- Oi, Tom! – diz Suze, animada.

- Oi – diz Jess.

Olho nervosa para ela, toda pronta para dar alguma palestra sobre por que gastar mil

libras num berço é sinal dos tempos malignos e decadentes em que vivemos. Mas, para

minha surpresa, ela nem está olhando o catálogo. Deixou-o cair no colo e está olhando para

Tom, hipnotizada.

E Tom está olhando de volta para ela.

Os olhos de Jess baixam para o livro que ele está lendo.

- Isso é *Sociedade de consumo: Mitos e estruturas*?

- É. Você já leu?

- Não, mas li outra obra de Baudrillard, *O sistema dos objetos*.

- Eu tenho! – Tom dá um passo na direção dela. – O que você achou?

Espera um minuto aí.

- Achei o conceito de estimulação e o simulacro bem interessantes. – Jess fica

remexendo no cordão da Tiffany que dei a ela.

Ela nunca remexe naquele cordão da Tiffany. Ah, meu Deus. Ela está a fim dele!

- Estou tentando aplicar o desmoronamento das hiper-realidades á minha tese sobre

entropia capitalista pós moderna. – Tom assente com intensidade.

Isso é fantástico! Eles são bonitos, rola química e estão falando em inglês, só que com

palavras esquisitas que ninguém entende. É como um episódio de *The OC*, bem aqui na sala

de mamãe.

Lanço um olhar para Luke, que levanta as sobrancelhas. Mamãe cutuca Suze, que ri de

volta. Estamos todos completamente boquiabertos. Quanto a Janice, parece fora de si.

- Bom – Tom dá de ombros – , preciso ir...

Como um redemoinho, Janice salta em ação.

- Jess, querida! – exclama ela, saltando do sofá. – Nós não chegamos a nos conhecer de

fato, não é? Porque não vem tomar um chá, e você e Tom podem continuar com a

conversinha?

- Ah. – Jess parece consternada. – Bem... eu vim visitar todo mundo aqui...

- Você pode ver todo mundo mais tarde, na festa! – Janice segura com firmeza o braço

bronzado de Jess e começa a puxá-la para a porta. – Jane, Graham, vocês não se importam,

não é?

- De jeito nenhum – diz papai tranquilo.

- Bem, está certo. – Jess olha para Tom e um leve rubor aparece em suas bochechas. –

Vejo vocês mais tarde.

- Tchau! – respondemos todos em coro.

A porta se fecha atrás deles, e nós nos olhamos numa alegria contida.

- Bom! – diz mamãe, pegando o bule. – *Isso* não seria ótimo? Poderíamos derrubar a

cerca e colocar uma tenda nos dois gramados!

- Mamãe! Francamente! – Reviro os olhos. É a cara dela, pondo o carro na frente dos

bois e imaginando todo tipo de ridículas...

Uuuuu. O neném poderia carregar as alianças!

Enquanto Jess está na casa vizinha, Luke lendo o jornal e Tarquin dando banho nas

crianças, Suze e eu ocupamos meu antigo quarto. Ligamos o rádio alto, tomamos banho de

espuma na banheira e batendo papo, como nos velhos tempos em Fulham. Então Suze

senta-se na cama amamentando os nenéns enquanto eu pinto as unhas do pé.

- Você não vai conseguir fazer isso por muito mais tempo – diz Suze, me olhando.

- Por quê? – levanto os olhos, alarmada. – É ruim para o neném?

- Não, idiota! – Ela ri. – Você não vai conseguir alcançar!

É um pensamento estranho. Nem consigo me *imaginar* tão grande assim. Passo a mão

pela barriga e o bebê chuta de volta.

- Ahhh! – digo. – Ele chutou com força!

- Espere até ele começar a dar joelhadas – diz Suze. – É muito pirante, que nem ter um

alien dentro de você.

Está vendo? É por isso que precisamos de uma melhor amiga na hora da gravidez.

Nenhum dos meus livros de bebê disse: “É muito pirante, que nem ter um *alien* dentro de

você.”

- Oi, querida. – Tarquin está na porta de novo. – Posso pôr o Wilfie para dormir?

- Pode, ele acabou. – Suze entrega o bebê sonolento, que se anima no ombro de Tarquin

como se soubesse que ali é o seu lugar.

- Gosta das minhas unhas, Tarkie? – digo, balançando os dedos dos pés para ele. Tarkin é

um doce. Quando o conheci, ele era totalmente esquisito, cafona, e nem dava para ter uma

conversa com ele, mas, de algum modo, foi ficando cada vez mais normal com o passar dos

anos.

Ele olha inexpressivamente para minhas unhas.

- Maravilhosas. Venha, meu velho. – Ele dá um tapinha nas costas de Wilfie. – Vamos

viajar ao condado da cama.

- Tarkie ótimo pai! – digo, admirada, enquanto ele sai do quarto.

- Ah, ele é ótimo – responde Suze, orgulhosa, começando a dar de mamar a Clementine.

– Só que fica tocando Wagner para eles o tempo todo. Ernie consegue cantar a ária e

Brunhilda do início ao fim, em alemão, mas não consegue falar muita coisa em inglês. –

Sua testa se franze. – Na verdade, estou ficando meio preocupada.

Volto atrás. Tarquin ainda é esquisito.

Pego meu novo rímel e começo a aplicar nos cílios, olhando Suze fazer caretas

engraçadas para Clementine e beijando suas bochechinhas gorduchas. Suze é uma graça

com os filhos.

- Acha que eu vou ser uma boa mãe, Suze? – As palavras me saltam da boca antes que eu

perceba que estou falando.

- Claro! – Suze me encara no espelho. – Você vai ser uma mãe brilhante! Vai ser gentil,

vai ser divertida e vai ser a mais bem vestida do parquinho...

- Mas eu não sei nada sobre bebês. Quero dizer, honestamente, *nada*.

- Nem eu sabia, lembra? – Suze dá de ombros. – Você vai pegar logo!

Todo mundo fica dizendo que vou pegar. Mas e se não pegar?
Estudei álgebra durante

três anos e nunca peguei isso.

- Você não pode me dar umas dicas de mãe? – Guardo a escovinha do rímel. – Tipo... as

coisas que preciso saber.

Suze franze a testa, pensando.

- As únicas dicas que posso dar são as bem básicas – diz finalmente.
– Entende, as que

nem precisam ser ditas.

Sinto uma pontada de alarme.

- Tipo o quê, exatamente? – Tento parecer casual. – Quero dizer, provavelmente já sei...

- Bem, você sabe. – Ela conta os dedos. – Coisas como conhecer um pouquinho os

primeiros socorros... garantir que se tem todo o equipamento... talvez você queira marcar

um curso de massagem para bebês... – Ela põe Clementine no ombro. – Está fazendo o

Bebê Einstein?

Certo, agora pirei de vez. Nunca *ouvi falar* de Bebê Einstein.

- Não se preocupe, Bex! – diz Suze rapidamente, ao ver meu rosto.
– Nada disso

realmente importa. Desde que você consiga trocar uma fralda e cantar uma cantiga de ninar,

vai ficar bem!

Não sei trocar fralda. E não sei nenhuma cantiga de ninar.

Meu Deus, estou com problemas.

Passam-se mais vinte minutos antes que Suze tenha acabado de amamentar Clementine e

a entregue a Tarquin.

- Certo! – Ela fecha a porta e se vira com olhos brilhantes. – Não tem ninguém aqui. Me

dá seu anel de casamento, só preciso de um barbante ou algo assim.

- Aqui. – Remexo na minha penteadeira e pego uma velha fita de presente Christian

Dior. – Isso serve?

- Deve servir. – Suze está passando o anel pela fita. – Agora, Becky, *tem certeza* de que

quer saber?

Sinto um tremor de dúvida. Talvez Luke esteja certo. Talvez devêssemos esperar uma

surpresa mágica. Mas afinal... como vou saber a cor do carrinho para comprar?

- Quero saber – respondo, decidida. – Vamos fazer isso.

- Então sente-se. – Suze dá um nó na fita, me encara e ri. – Isso é um barato!

Suze é o máximo. Eu *sabia* que ela teria um modo de descobrir. Pendura o anel sobre

minha barriga e nós duas ficamos olhando, fascinadas.

- Não está se mexendo – digo num sussurro.

- Vai se mexer num minuto – murmura Suze de novo.

Isso é arrepiante. Sinto como se estivéssemos numa sessão espírita e que, de repente, o

anel vai soletrar o nome de uma pessoa morta enquanto uma janela se fecha com estrondo e

um vaso despenca no chão.

- Está indo! – sussurra Suze enquanto o anel começa a balançar pendurado na fita. –

Olha!

- Ah, meu Deus! – Minha voz é um guincho abafado. – O que ele diz?

- Está girando em círculos! É uma menina!

Ofego.

- Tem certeza?

- Tenho! Você vai ter uma filha! Parabéns! – Suze me abraça;

É uma menina. Estou meio tremula. Vou ter uma filha! Eu sabia. Tive a intuição de que

era uma menina o tempo todo.

- Becky? – A porta se abre e mamãe está ali parada, resplandecente com lantejoulas

roxas e um batom igualmente espalhafatoso. – As pessoas vão chegar logo. – Seu olhar

salta de Suze para mim. – Está tudo certo, querida?

- Mãe, vou ter uma menina! – digo, antes que consiga me impedir. – Suze fez o teste do

anel! Ele fez um círculo!

- Uma menina! – Todo o rosto de mamãe se ilumina. – Eu *achei* que parecia uma

menina! Ah, Becky, querida!

- Posso pegar sua antiga casa de bonecas, Becky! – Mamãe está inundada de prazer. – E

mandarei pintar o quarto de hóspedes de rosa... – Ela se aproxima e examina minha barriga.

– É, olhe o formato, querida. É definitivamente uma menina.

- E olhe o anel! – diz Suze. Ela ergue a fita sobre minha barriga de novo e firma-a. Há

uma imobilidade total. Então o anel começa a se mover para frente e para trás. Por um

instante, ninguém fala.

- Achei que você tinha dito que fosse um círculo – diz mamãe finalmente, perplexa.

- E foi! Suze, o que está acontecendo? Por que está indo para frente e para trás?

- Não sei! – Ela espia o anel, com a testa franzida. – Talvez seja um menino afinal de

contas.

Todas estamos olhando para minha barriga como se esperássemos que ela começasse a

falar.

- A barriga é alta – diz mamãe por fim. – Pode ser um menino.

Há um minuto ela disse que parecia menina. Ah, pelo amo de Deus. O problema das

historias de comadre é que, na verdade, são uma besteira completa.

- Vamos descer, queridas – diz mamãe, enquanto uma musica começa de repente lá

embaixo. – Keith, da and Grapes, chegou. Ela está fazendo todo tipo de coquetéis chiques.

- Excelente! – diz Suze, pegando sua esponja de maquiagem. – Vamos descer um

segundo.

Mamãe sai do quarto e Suze começa a se maquiar em alta velocidade enquanto olho,

atônita.

- Que negócio é esse, Suze? Está treinando para as olimpíadas na maquiagem?

- Espere só – diz Suze, passando sombra brilhante nas pálpebras. – Você vai conseguir se

maquiar em três segundos também. – Ela desatarraxa o batom e passa. – Pronto! – Em

seguida, pega o elegante vestido de cetim verde e veste, depois pega um prendedor de

cabelo, com pedras, e torce o cabelo louro num nó.

- Que bonito! – digo, admirando o prendedor.

- Obrigada. – Ela hesita. – Lulu me deu.

- Ah, certo. – Agora, que olho de novo, não é tão bonito. – Então... como vai Lulu? –

obrigo-me a perguntar educadamente.

- Está ótima! – O rosto de Suze está abaixado enquanto ela ajeita o cabelo. – Ela

escreveu um livro.

- Um *livro*? – Lulu nunca me pareceu do tipo livresco.

- Sobre cozinhar para crianças.

- Verdade? – pergunto, surpresa. – Bem, talvez eu devesse ler. É bom?

- Ainda não li – responde Suze depois de uma pausa. – Mas obviamente ela é

especialista, com quatro filhos...

Há uma espécie de tensão na voz dela, que não consigo situar. Mas então Suze levanta a

cabeça – e seu cabelo está tão horrível que nós duas explodimos numa gargalhada.

- Deixe que eu faço isso. – Seguro o prendedor, tiro-o do cabelo embolado, escovo todo e

torço de novo soltando alguns fiapos na frente.

- Fabuloso. – Suze me dá um abraço. – Obrigada, Bex. E agora estou *morrendo* de

vontade de tomar um Cosmo. Venha!

Ela praticamente sai galopando do quarto, e eu a acompanho escada abaixo com

entusiasmo ligeiramente menor. Acho que o meu será um Coquetel de Frutas Sem-álcool

Não-sei-das-quantas.

Quero dizer, obviamente não me importo. Estou criando um lindo e novo ser humano e

coisa e tal. Mas mesmo assim. Se eu fosse Deus, faria com que fosse legal as grávidas

tomarem coquetéis. E os braços da gente não iriam inchar. E não haveria enjôos matinais, e

o trabalho de parto não existiria...

Pensando bem, eu teria um sistema totalmente diferente.

Mesmo tomando coquetéis sem álcool, é uma festa fabulosa. À meia-noite, a tenda está

cheia e tivemos um jantar maravilhoso. Papai fez um discurso sobre como mamãe é

maravilhosa como esposa, como mãe e agora como futura avó. E Martin, nosso vizinho, fez

seu show de mágica, que foi mesmo excelente! Afora a parte em que ele tentou cortar

Janice ao meio. Ela pirou quando ele ligou a motosserra, e começou a gritar: " Não me

mate, Martin!", enquanto ele ficava acelerando a serra como um maníaco de filme de terror.

No fim, deu tudo certo. Martin tirou a máscara e Janice ficou bem, depois de tomar um

conhaque.

E agora a banda está tocando, e todos estamos na pista de dança. Mamãe e papai estão

balançando juntos, as caras rosadas e rindo um para o outro, com as luzes brilhando nas

lantejoulas de mamãe. Suze está dançando com um braço no pescoço de Tarquin e o outro

ao redor de Clementine, que acordou e não quis voltar a dormir. Tom e Jess estão parados

na beira da pista, conversando e ocasionalmente fazendo uma espécie de dança lenta e

desajeitada. Tom está ótimo em Black-tie, deu para notar – e a saia preta e bordada de Jess

é fantástica! (Eu tinha certeza absoluta de que era Dries van Noten. Mas parece que foi feita

por uma cooperativa feminina na Guatemala e custou uns trinta centavos. Típico.)

E estou usando meu novo vestido cor-de-rosa de pontas e dançando (do melhor modo

que posso, por casa da barriga) com Luke. Mamãe e papai dançam ali perto e acenam para

nós, e eu aceno de volta, tentando não me encolher de horror. Sei que a festa é deles e tal,

mas meus pais *realmente* não sabem dançar. Mamãe está balançando os quadris,

completamente fora de ritmo, e papai está meio dando socos no ar, como se lutasse contra

três homens invisíveis ao mesmo tempo.

Por que os pais não sabem dançar? Será alguma lei universal da física?

De repente um pensamento terrível me ocorre. Nós vamos ser pais! Daqui a vinte anos,

nossos filhos estarão se encolhendo de horror diante de nós.

Não. Não posso deixar isso acontecer.

- Luke! – digo, ansiosa, acima do som da musica. – Temos de ser capazes de dançar bem

para não envergonhar nosso filho!

- Eu danço muito bem – responde Luke. – Muito mesmo.

- Não dança, não!

- Fiz aula de dança na adolescência, você sabe. Sei valsar como Fred Astaire.

- *Valsar?* – ecôo, com desprezo. – Isso não é legal! Temos de saber todos os passos de

street dance. Olha só.

Faço umas duas manobras de cabeça e corpo, tipo nos vídeos de rap. Quando levanto os

olhos, Luke está me espiando boquiaberto.

- Querida – diz ele – , o que você está fazendo?

- Isso é *hip hop*! É *street*!

- Becky, querida! – Mamãe abriu caminho por entre os convidados que estão dançando e

veio me alcançar. – O que há de errado? O trabalho de parto começou?

Fala sério. Minha família *não* faz idéia das tendências contemporâneas da dança de rua.

- Estou ótima – respondo. – Só dançando.

Ai. Na verdade, talvez tenha distendido um ou três músculos.

- Venha cá, J-Lo. – Luke passa o braço em volta de mim. Mamãe vai falar com Janice, e

eu olho para o rosto reluzente de Luke. Ele está de bom humor desde o telefonema de

negócios que recebeu durante o café.

- O que era o telefonema? – pergunto. – Boas notícias?

- Acabamos de receber a aprovação para Barcelona. – Seu nariz retorce, como sempre

acontece quando ele está adorando a vida mas quer parecer tranqüilo. – Com isso, temos

oito escritórios no resto da Europa. Tudo devido ao contrato com Arcodas.

Ele nunca me disse que Barcelona estava nos planos? É típico de Luke manter segredo

até o negócio estar feito. Se não tivesse acontecido, ele provavelmente jamais diria uma

palavra a respeito.

Oito escritórios. *Além* de Londres e Nova York. É bem estupendo.

A música muda para uma faixa lenta, e Luke me puxa mais para perto. Como canto do

olho, noto que Jess e Tom penetraram mais na pista de dança juntos. *Ande*, insisto em

silêncio para Tom. *Beija* ela.

- Então as coisas estão indo muito bem? – pergunto.

- As coisas, querida, não poderiam estar mais fantásticas. – Luke me encara, deixando de

lado o tom brincalhão. – Sério. Vamos triplicar de tamanho.

- Uau. – Digo isso por um momento. – Vamos ser quaquilionários?

- Pode ser. – Ele assente.

Isso é maneiro demais. *Sempre* quis ser quaquilionária. Podemos ter um prédio chamado

Brandon Tower!

- Podemos comprar uma ilha? – Suze tem uma ilha na Escócia, e eu sempre me senti

meio de fora.

- Talvez. – Luke ri.

Estou para dizer que precisamos de um jato particular também, quando o neném começa

a se revirar dentro de mim. Seguro as mãos de Luke e as coloco na barriga.

- Ele está dizendo olá.

- Olá, neném – murmura ele de volta em sua voz profunda. Em seguida, me puxa com

mais força ainda e fecho os olhos, respirando o perfume de sua loção pós-barba, sentindo a

música martelar dentro de mim como um coração batendo.

Não me lembro de ter estado tão feliz. Estamos dançando de rosto colado, o neném está

chutando entre nós temos uma casa nova e fabulosa e vamos ser quaquilionários! Tudo é

simplesmente perfeito.

BECKY BRANDON

AUTOTESTE DE CANTIGAS DE NINAR

Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega o neném

Que...

Nana, neném,

Que a cuca vai pegar

Papai foi

Pra Londres de limusine

Pra Roça...

Bicho papão

Caiu do telhado

Sai de cima do telhado

Deixa meu neném

Não ficar tão molhado

Se essa rua se essa rua fosse minha

Eu comprava

Ah, como é que eu vou saber, porra?

CINCO

Tudo bem. Esta é a minha roupa para a primeira consulta com uma obstetra celebridade

imprescindível.

Kaftan bordado tipo Jemina Khan.

Jeans de grávida (com o elástico escondido nos bolsos, e não com um grande painel

repulsivo de tecido que estica).

As novas roupas de baixo para grávida. Elle MacPherson (lilás)

Sandálias Prada.

Acho que estou muito bem, espero. Repuxo o Kaftan e sacudo o cabelo diante do reflexo.

- Oi – murmuro. – Oi, Kate. Oi, Elle. Meu Deus, que prazer encontrar você. Estou

usando sua calcinha.

Não. Não mencione a calcinha.

Faço um exame pela última vez, acrescento um pouquinho de pó – e pego a bolsa.

- Luke, você está pronto? – chamo.

- Ahã. – Luke põe a cabeça na porta do escritório, com o telefone enfiado embaixo do

queixo. – Espero um pouco, Iain. – Becky, eu preciso mesmo ir?

- *O quê?* – Encaro-o, horrorizada. – Claro que precisa!

Luke passa o olhar pelo meu rosto, como se avaliasse toda a extensão do meu humor.

- Iain – diz ele finalmente, virando-se de novo para o telefone -, isso é complicado. –

Luke desaparece de volta no escritório e sua voz baixa até um murmúrio.

Complicado? Como assim, complicado? Nós vamos á obstetra, fim de papo. Começo a

andar de um lado para o outro no corredor, furiosamente, ensaiando respostas na cabeça;

Iain não pode esperar nem uma vez? Toda a nossa vida tem que girar em volta do

Arcodas? O nascimento do nosso neném não é importante pra você? Algum dia você já se

preocupou comigo?

Bem, certo, talvez não esta última.

Por fim, Luke reaparece á porta do escritório. O telefone sumiu, e ele está vestindo o

paletó do terno.

- Escute, Becky... – começa ele.

Eu sabia. Ele não vai.

- Você nunca quis ir à consulta com Venetia Carter, não é? – Minhas palavras se

derramam. – Você tem preconceito contra ela! Bom, ótimo! Vá fazer seus negócios e eu

vou sozinha.

- Becky... – ele levanta a mão. – Eu vou à consulta.

- Ah – respondo, apacada. – Bem, é melhor irmos. É uma caminhada de vinte minutos.

- Vamos de carro. – Ele volta ao escritório, e eu o acompanho. – Iain está vindo da

reunião do grupo no hotel. Ele pode nos pegar, teremos uma rápida reunião no carro e

depois eu vou encontrar você.

- Certo – digo, depois de uma pausa. – Parece bom.

Na verdade, parece medonho. Não suporto Iain Wheeler, a última coisa que quero é estar

num carro com ele. Mas não posso dizer isso a Luke. Já há uma ligeira confusão entre mim

e o Arcodas.

Que não foi *minha* culpa. Foi de Jess. Há alguns meses ela me fez liderar um grande

protesto ambiental contra eles, quando eu não fazia idéia de que eram o novo cliente

importante de Luke. Luke transformou o negócio todo num exercício positivo de RP, e o

pessoal do Arcodas fingiu que não tinha senso de humor com relação a isso – mas não sei

se fui realmente perdoada.

- Eu não tenho preconceito – acrescenta Luke, ajeitando a gravata. – Mas preciso dizer

agora, Becky: essa obstetra vai ter de ser tremendamente boa para a gente cancelar o Sr.

Braine.

- Luke, você vai adorar – digo, com paciência. – Sei que vai.

Enfio a mão na bolsa e verifico se o celular esta carregado, depois paro quando vejo algo

na mesa de Luke. É um recorte das páginas financeiras sobre um novo fundo de

investimento, e na margem está rabiscado: “fundo do bebê?”

Aaah!

- Então você está pensando em colocar o dinheiro do neném num fundo rastreado? – digo

descuidadamente. – Decisão interessante.

Luke parece perplexo por um momento, depois acompanha meu olhar.

- Talvez esteja – diz, em tom igualmente casual. – Ou talvez seja um blefe para enganar a

espionagem da oposição.

- A oposição não precisa *espionar*. – Dou-lhe um sorriso gentil. – Ela tem suas próprias

idéias brilhantes. Na verdade, se precisar de alguma dica, ficarei feliz em ajudar. Em troca

de uma pequena quantia.

- Tudo bem – responde ele educadamente. – E então, está indo bem? O seu

investimento?

- Brilhantemente, obrigada. Não poderia ir melhor.

- Excelente. Fico feliz em saber.

- É... aquele investimento recente que fiz em fazendas japonesas foi fantástico... – Aperto

a boca com a mão. – Epa! Falei demais!

- É, Becky. Você me enganou mesmo. – Luke ri. – Vamos?

Sáímos do prédio, e Luke me faz entrar na limusine preta de Iain.

- Luke. – Iain cumprimenta em seu banco junto á janela. – Rebecca.

Iain é um sujeito atarracado, de 40 e tantos anos, com cabelos grisalhos curtos. Na

verdade, tem boa aparência, mas tem uma pele terrível que esconde com bronzeamento

artificial. E usa loção pós-barba demais. *Por que* os homens fazem isso?

- Obrigada pela carona, Iain – digo, com o meu mais charmoso tom de esposa

corporativa.

- Tudo bem. – O olhar de Iain vai até a minha barriga grande. – Andou comendo tortas

demais, Rebecca.

Rá rá.

- Algo assim – digo, do modo mais agradável que consigo.

Quando o carro se move, Iain toma um gole de seu café para viagem.

- Quanto tempo falta para o grande dia?

- Dezessete semanas.

- Então, como você preenche o tempo até lá? Não diga: aulas de ioga. Minha namorada

se transformou numa doida por ioga. – acrescenta para Luke, sem me dar chance de

responder. – Uma tremenda besteira, se você me perguntar.

Francamente. Número um: ioga não é besteira, é um modo de canalizar o espírito através

dos chacras da vida, ou sei lá o quê.

E número dois: não preciso de maneiras de preencher meu tempo, obrigada.

- Na verdade, Iain, sou Chefe de Compras Pessoais numa importante loja de

departamentos em Londres. De modo que eu não tenho muito tempo para ioga.

- Loja de departamentos? – ele gira no banco para me olhar. – Não sabia. Qual?

Eu realmente caí nessa.

- É... uma nova – digo, examinando as unhas.

- Chamada?

- Chamada... The look.

- The Look? – Iain dá um risinho incrédulo e quase larga o café. – Luke, você não me

disse que sua mulher trabalhava na The Look! Os negócios andam suficientemente lentos

pra você, Rebecca?

- Não é tão ruim – digo educadamente.

- Não é tão ruim? Nunca ouve um maior fracasso no varejo em toda a história! Espero

que você se livre de sua história! Espero que você se livre de sua opção de ações. – Ele ri

de novo. – Não está contando com um bônus de Natal, está?

Esse cara realmente está começando a me irritar. Uma coisa é ser grosseira em relação á

The Look, eles são meus patrões. Mas outra totalmente diferente é as pessoas serem

grosseiras.

- Na verdade, acho que a The Look está se preparando para uma virada – digo friamente.

– Tivemos um começo difícil, admito, mas todo o básico está lá.

- Bem, boa sorte. – O rosto de Iain está franzido de diversão. – Quer um conselho? Eu

continuaría procurando um outro emprego.

Forço um sorriso – depois me viro para olhar pela janela, fumegando. Meu Deus, ele está

sendo condescendente. Vou lhe mostrar. A The Look pode ser um sucesso. Só precisa...

bem, precisa de clientes, para começo de conversa.

O carro pára junto à calçada, e o motorista uniformizado sai para abrir a porta.

- Obrigada de novo pela carona, Iain – digo educadamente. – Luke, vejo você lá dentro.

- Ahã. – Luke assente, franzindo a testa enquanto abre a pasta. – Não devo demorar

muito. E então, Iain, qual, exatamente, foi o problema com esse esboço?

Enquanto o motorista me deixa na calçada, os dois já estão envolvidos nos papéis.

- Tudo bem para a senhora, a partir daqui? – O motorista indica a esquina. – A Fencastle

Street fica ali adiante, só que não posso ir porque o trânsito é proibido.

- Não se preocupe, posso andar. Ah, só esqueci minha bolsa... – Enfio de novo a mão,

onde Iain está falando.

- Quando eu quiser que esse tipo de decisão seja tomada Luke, *eu* tomo, porra. – Seu tom

áspero me pega de surpresa e vejo Luke se encolher.

É inacreditável. Quem esse cara pensa que é? Só porque é um figurão dos negócios acha

que pode ser grosseiro com quem quiser? Sinto vontade de entrar de novo no carro e dizer

exatamente o que penso dele.

Mas não sei se Luke gostaria.

- Vejo você logo, querido. – Aperto sua mão e pego a bolsa. – Não demore.

Cheguei um pouco cedo para a consulta, assim aproveito a oportunidade para retocar o

batom e dar uma rápida penteada no cabelo. Então vou até a esquina e entro na Fencastle

Street. Há um prédio de estuque, grande e impressionante, a alguns metros, com "Centro

Holístico de Maternidade Venetia Carter” gravado no vidro, e do lado oposto da rua há um

amontoado de fotógrafos, com as lentes apontadas para a porta.

Paro, com o coração batendo acelerado, são paparazzi. Todos estão clicando! Quem eles

estão... o que eles estão...

Ah, meu Deus. É a nova Bond Girl! Está indo para o prédio usando uma blusa Juicy cor-

de-rosa sem mangas sobre jeans, com uma barriga óbvia aparecendo. Consigo ouvir os

gritos dos fotógrafos dizendo “pra cá, querida!” e “ para quando é o neném?”

Isso é tão chique!

Tentando parecer casual, vou rapidamente pela calçada e chego á porta ao mesmo tempo

que ela. Todas as câmeras continuam clicando atrás de nós. Vou sair em todas as revistas de

fofoca com uma Bond girl!

- Oi – murmuro casualmente enquanto ela aperta a campainha. – Sou Becky. Também

estou grávida. Gostei da sua blusa!

Ela me olha como se eu fosse uma imbecil, depois, sem responder, empurra a porta.

Bom, ela não foi muito amigável. Mas não faz mal, tenho certeza que as outras serão.

Sigo-a por um elegante corredor de ladrilhos e entro numa sala grande com poltronas de

veludo lilás e uma mesa de recepção; na mesinha do centro há uma vela Jo Malone acesa.

Enquanto vou até a recepção, atrás da Bond girl, faço um exame rápido da sala. Duas

garotas de jeans, que poderiam *facilmente* ser supermodelos, estão lendo a *OK!* E

mostrando fotos uma para a outra. Há uma garota tremendamente grávida vestindo Missoni

sentada do outro lado, derramando lágrimas, com um marido que segura sua mão e diz

ansiosamente.

- Querida, podemos chamar o bebê de Aspen, se você quiser, só não percebi que você

estava falando sério.

Aspen.

Aspen Brendon.

Lorde Aspen Brendon, conde de Londres.

Hum. Não tenho muita certeza.

A Bond girl termina de falar com a recepcionista, depois se afasta e senta-se num canto,

- Em que posso ajudar? A recepcionista está me olhando.

Sorriso.

- Vim me consultar com Venetia Carter. Rebecca Brandon.

- Sente-se, Sra. Brandon. A Dra. Carter vai recebê-la. – A recepcionista sorri e me

entrega uma brochura. – Um pouco de literatura introdutória. Sirva-se do chá de ervas.

- Obrigada! – Pego a brochura e me sento diante das supermodelos. Uma musica suave,

de flauta de Pã, toca nas caixas de som, e há fotos de mães e bebês grudadas nos quadros

fornados de cetim. Toda a atmosfera é serena e linda. A milhões de quilômetros da velha e

tediosa sala de espera do Sr. Braine, com suas cadeiras de plástico, o carpete horrível e os

cartazes sobre ácido fólico.

Luke vai ficar impressionado demais quando chegar. Eu *sabia* que era a decisão certa!

Toda feliz, começo a folhear a brochura, captando os títulos aqui e ali. *Parto na água...*

parto com reflexologia... hipnoparto...

Talvez eu faça um hipnoparto. O que quer que seja isso.

Estou olhando a foto de uma garota segurando um bebê no que parece uma enorme

banheira de hidromassagem quando a recepcionista me chama.

- Sra. Brandon? Venetia vai recebê-la agora.

- Ah! – Pouso a brochura e olho o relógio, ansiosa. – Meu marido ainda não chegou. Ele

deve chegar em alguns minutos...

- Não se preocupe. – Ela sorri. – Eu o mando entrar quando ele chegar. Por favor, aqui.

Acompanho a recepcionista pelo corredor acarpetado. As paredes são cobertas de fotos

assinadas de glamorosas mães-celebridades com bebês recém-nascidos, e minha cabeça

gira enquanto ando. Realmente preciso pensar no que usarei para o parto. Talvez peça

algumas dicas a Venetia Carter.

Chegamos a uma porta pintada de creme, e a recepcionista bate duas vezes antes de abri-

la e me fazer entrar.

- Venetia, esta é a Sra. Brandon.

- Sra. Brandon! – Uma mulher de beleza estonteante, com cabelos ruivos compridos e

vívidos, se adianta com a mão estendida. – Bem-vinda ao Centro Holístico de Maternidade.

- Oi! – sorrio de volta. – Pode me chamar de Becky.

Uau. Venetia Carter parece uma estrela de cinema! É muito mais nova do que eu

esperava, e mais magra. Está usando um terninho Armani justo e blusa branca impecável, e

o cabelo está afastado do rosto com um chique arco de tartaruga.

- Estou muito feliz em conhecê-la, Becky. – Sua voz é toda prateada e melodiosa, como a

Bruxa Boa do Norte. – Sente-se e vamos bater um belo papo.

Está usando escarpins Chanel vintage, noto ao me sentar. E olhe aquele estupendo

topázio amarelo pendurado no pescoço com um fio de prata.

- Quero agradecer por conseguir me encaixar num estágio tão avançado – digo

rapidamente enquanto entrego minha ficha médica. – Agradeço de verdade. E adorei seus

sapatos!

- Obrigada! – Ela sorri. – Então vamos dar uma olhada. Você está grávida de 23

semanas... primeiro bebê... – Seu dedo manicurado está passando pelas anotações do Sr.

Braine. – Algum problema com a gravidez: Há algum motivo para ter deixado o médico

anterior?

- Eu só queria ter uma abordagem mais holística – digo, me inclinando à frente, séria. -

Estive lendo sua brochura e acho que todos os seus tratamentos parecem incríveis.

- Tratamentos? – sua testa clara se franze.

- Quero dizer, partos – emendo depressa.

- Bem. – Venetia Carter pega uma pasta de papel creme numa gaveta, uma caneta tinteiro

de prata e escreve “Rebecca Brandon” na frente, numa letra floreada. – Há muito tempo

para decidir que abordagem ao parto você deseja. Mas, primeiro, deixe-me descobrir mais

coisas sobre você. Você é casada, não é?

- Sim – confirmo com a cabeça.

- E seu marido vem hoje? É o Sr. Brandon, não?

- Ele já deveria ter chegado. – Estalo a língua num tom de desculpas. – Está tendo uma

rápida reunião de negócios lá fora, no carro. Mas vai chegar logo.

- Tudo bem. – Ela levanta a cabeça e sorri, todos os dentes perfeitos e brancos brilhantes.

– Tenho certeza de que seu marido está muito empolgado com o bebê.

- Ah, está sim! – Estou para contar tudo sobre nosso primeiro exame de ultra-som

quando a porta se abre.

- O Sr. Brandon está aqui – diz a recepcionista, e Luke entra dizendo:

- Desculpe, desculpe, sei que estou atrasado...

- *Aí* está você Luke! – digo. – Entre e conheça a Srta. Carter.

- Por favor! – Ela ri de novo. – Pode me chamar de Venetia, todo mundo me chama...

- Venetia? - Luke parou no ato e está olhando para Venetia Carter como se não pudesse

acreditar nos olhos. – *Venetia?* É você?

O queixo de Venetia Carter cai.

- Luke? – pergunta ela. – Luke Brandon?

- Vocês dois se *conhecem?* – pergunto, atônita.

Por um instante, nenhum dos dois fala.

- Estudamos juntos em Cambridge – diz Luke finalmente. – Há anos. Mas... – Ele coça a

testa. – Venetia *Carter*. Você se casou?

- Troquei o sobrenome na justiça. Você não trocaria?

- Qual era seu nome, antes de trocar? – pergunto educadamente, mas nenhum dos dois

parece ouvir.

- Quantos anos faz? – Luke ainda está surpreso.

- Muitos. *Demais*. – Ela passa a mão pelo cabelo, que cai de volta no lugar numa perfeita

cachoeira ruiva. – Tem visto alguém da velha gangue dos Browns? Tipo o Jonathan? Ou o

Matthew?

- Perdi o contato. – Luke dá de ombros. – E você?

- Continuei falando com uns deles enquanto estava nos Estados Unidos. Agora que voltei

a Londres, alguns de nós nos encontramos sempre que podemos...

Ela é interrompida por um bip saindo do bolso. Pega um *pager* e o desliga.

- Com licença. Preciso dar um telefonema. Vou para a sala ao lado.

Quando ela desaparece, olho para Luke. Seu rosto está todo iluminado, como se fosse

Natal.

- Você conhece Venetia? – pergunto. – Que incrível!

- É, não é? – Ele balança a cabeça, incrédulo. - Ela fazia parte de uma turma que eu

conhecia em Cambridge. Claro, na época ela se chamava Venetia Grime.

- *Grime*?* – Não consigo evitar um risinho.

- Não é o melhor nome para uma médica. – Ele ri de volta. – Não fico surpreso por ela

ter trocado,

- E você a conhecia bem?

* *Grime*, em inglês, significa "sujeira". (*N. do T.*)

- Éramos da mesma faculdade. – Luke assente. – Venetia sempre foi incrivelmente

brilhante. Extremamente talentosa. Eu sempre soube que ela iria se dar bem na vida... – Ele

para quando a porta de abre e Venetia retorna.

- Desculpem! – Ela vem e se senta na frente da mesa, com uma comprida perna vestida

de Armani cruzada casualmente sobre a outra. – Onde é que estávamos?

- Eu estava dizendo a Luke como é coincidência! – exclamo. – Você e ele já se

conhecerem.

- Não é extraordinário? – Ela dá um riso prateado. – Dentre todas as centenas de

pacientes que já tive, nunca tive uma que fosse casada com um ex-namorado!

Meu sorriso se congela ligeiramente no rosto.

Ex-namorado?

- Eu estava tentando me lembrar durante quanto tempo nós namoramos, Luke –

acrescenta ela. – Um ano?

Eles namoraram durante *um ano*?

- Não me lembro – responde Luke, com tranqüilidade. – Faz muito tempo.

Espera aí. Espera só um minuto. Rebobinar. Acho que perdi alguma coisa.

Venetia Carter era namorada de Luke em Cambridge? Mas... ele nunca falou nela. Nunca

ouvi falar de uma Venetia antes.

Quero dizer... não que isso *importe* nem nada. Por que importaria? Não sou o tipo de

pessoa que fica toda alterada com velhas namoradas do passado. Sou naturalmente uma

pessoa muito não ciumenta. Na verdade, provavelmente nem vou mencionar isso.

Ou talvez mencione, só casualmente.

- Puxa, querido, não me lembro de você ter me falado sobre Venetia – digo a Luke com

um risinho relaxado. – Não é curioso?

- Não se preocupe, Becky. – Venetia se inclina para a frente com um ar confidencial. –

Sei muito bem que nunca fui o amor da vida do Luke.

Sinto um brilho quente de deleite por dentro.

- Ah, certo – digo, tentando parecer modesta. – Bem...

- Era a Sacha de Bonneville – acrescenta ela.

O quê? *O quê?*

O amor da vida do Luke não era a porcaria da Sacha de Bonneville!
Era eu! Sua *mulher!*

- Afora você, claro, Becky! – exclama ela, com uma cascata de risos em tom de desculpa.

– Eu só estava falando sobre aquela época. Na turma dos Browns.
De qualquer modo –

Venetia joga para trás o cabelo radiante e pega de novo a prancheta e a caneta - , voltando

ao parto!

- É – digo, recuperando a compostura. – Bem, eu estava pensando em talvez fazer um

daqueles partos na água com flores de lótus...

- Você deveria aparecer uma noite dessas, por sinal, Luke – interrompe Venetia. – Para

ver o pessoal da antiga.

- Eu adoraria! – diz Luke. – Nós adoraríamos não é. Becky?

- É – respondo depois de uma pausa. – Idéia fabulosa.

- Desculpe interromper, Becky. – Venetia sorri para mim. – Continue.
Um parto na água,

você estava dizendo?

Ficamos ali durante mais de 25 minutos, falando de vitaminas, exames de sangue e um

monte de outras coisas. Mas, para ser sincera, minha mente não está de fato no assunto.

Estou tentando me concentrar, mas um monte de imagens fica aparecendo na cabeça e

me distraíndo. Tipo Luke e Venetia vestidos de roupa de alunos de Cambridge, beijando-se

apaixonadamente num bote. (Eu quis dizer um bote? Ou uma gôndola? Aquele tipo de pau

comprido, quero dizer.)

E fico visualizando-o passando as mãos pelos cabelos compridos e ruivos dela. E

murmurando: "Venetia, eu te amo."

O que é simplesmente idiota. *Aposto* que ele nunca disse que a amava.

Aposto... mil pratas.

- Becky?

- Ah! – Volto a mim e percebo subitamente que a consulta acabou. Luke e Venetia estão

de pé, me esperando.

- Então você vai fazer um plano de parto para mim, Becky? – pergunta Venetia enquanto

abre a porta.

- Sem dúvida!

- Nada complicado demais! – sorri ela. – Eu só gostaria de ter uma idéia geral de como

você visualiza o parto. E Luke, vou ligar para você, sei que o pessoal antigo adoraria

encontrá-lo.

- Fantástico! – O rosto dele está animado enquanto beija as duas bochechas dela. Então a

porta se fecha e estamos voltando pelo corredor.

Não sei bem o que Luke está pensando.

Não tenho toda a certeza do que *eu* estou pensando, para ser honesta.

- Bem – diz Luke finalmente. – Muito impressionante. Muito, muito impressionante.

- Ah... é!

- Becky. – Luke pára subitamente. – Quero pedir desculpa. Você estava certa e eu estava

errado. – Ele balança a cabeça. – Desculpe ter sido tão negativo quanto a vir aqui. Você

está certa, fui preconceituoso e idiota. Mas você tomou a decisão totalmente correta.

- Certo. – Assinto várias vezes. – Então... então você acha que a gente deveria ficar com

Venetia?

- Sem dúvida! – Ele ri, perplexo. – Você não? Não é o seu sonho realizado, vir aqui?

- Ah... é – digo, dobrando em partes cada vez menores meu folheto de Opções

Alternativas de Alivio da Dor. – Claro que é.

- Meu doce. Querida. – De repente, Luke franze a testa, preocupado.
– Se está se

sentindo ameaçada por causa de meu antigo relacionamento com Venetia, quero garantir...

- Ameaçada? – interrompo-o, cheia de animação. – Não seja ridículo! Não me sinto

ameaçada.

Talvez eu sinta um pouquinho ameaçada. Mas como posso dizer isso a Luke?

- Que bom, vocês ainda estão aí! – A voz prateada de Venetia viaja pelo corredor e eu

me viro, vendo-a se aproximar com uma prancheta na mão. – Você precisa pegar seu

pacote de boas-vindas antes de ir, Becky! Temos todo tipo de brinde para você. E havia

outra coisa que eu queria mencionar...

- Venetia. – Luke interrompe no meio do jorro. – Deixe-me ser franco... do nosso

relacionamento anterior. Não sei se Becky se sente confortável com isso. – Ele pega minha

mão e eu agarro a dele, agradecida.

Venetia exala e assente.

- Claro – diz ela. – Becky, eu entendo *completamente*. Se você sente desconfortável,

certamente deve considerar a hipótese de procurar outro médico. Não ficarei ofendida! –

Ela me dá um sorriso amigável. – Só posso dizer que... sou uma profissional. Se você

decidir permanecer sob meus cuidados, vou ajudá-la a ter a melhor experiência de parto que

eu puder. E, só para o caso de você estar *realmente* ansiosa... – Seus olhos brilham para

mim. – Eu tenho um namorado!

- Não se preocupe! Não sou *tão* insegura assim! – digo, acompanhando seu riso alegre.

Ela tem um namorado! Está tudo bem!

Não sei como pude pensar que fosse outra coisa. Meu Deus, a gravidez está me deixando

paranóica.

- Então – está dizendo Venetia Carter – , pensem nisso, vocês têm o meu numero...

- Não preciso pensar. – Sorrio de volta. – Só mostre onde estão todos meus pacotes de

boas-vindas!

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

24 de agosto de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigada por sua carta. Sei da "aposta" de investimento entre a senhora e seu marido. Por

favor, esteja tranqüila, não revelaremos a ele nenhuma de suas estratégicas de alocação de

bens, nem vamos "nos vender a ele como um espião russo".

Em resposta à sua pergunta, acho que um investimento em ouro seria uma escolha sensata

para seu filho. O ouro tem rendido bem nos últimos anos e, na minha opinião, continuará a

render.

Atenciosamente,

Kenneth Prendesgast

Especialista em investimento de família.

SEIS

Meu Deus, o trabalho está deprimente.

É o dia depois da nossa consulta com Venetia Carter, e estou sentada á minha mesa na

área de recepção do departamento de compra pessoais. Jasmine, que trabalha comigo, está

afundada no sofá. Nossa agenda está vazia, o telefone está silencioso e o lugar continua

morto como sempre. Olho ao redor. Nenhum cliente. O único sinal de movimento no andar

é Len, o segurança, fazendo suas rondas usuais, e ele parece tão chateado quando ao resto

de nós.

Quando *penso* em como era na Barneys, em Nova York, toda luminosa, cheia de

conversas e pessoas comprando vestidos de mil dólares! Essa semana só vendi um par de

meias arrastão e uma capa de chuva fora da estação. Este lugar é um desastre. E só

inauguramos há dez semanas.

A The Look é bancada por um grande magnata, Giorgio Laszlo. Deveria ser uma loja de

departamento fabulosa, movimentada, de alto conceito, que suplantaria a Selfridges e a

Harvey Nichols. Mas as coisas começaram a dar errado desde o primeiro dia. Na verdade, o

lugar é uma piada nacional.

Em primeiro lugar, todo um armazém de estoque pegou fogo e a inauguração teve de ser

adiada. Depois uma luminária caiu do teto e provocou uma concussão numa esteticista,

bem no meio de uma demonstração de maquiagem. Em seguida houve uma suspeita de

surto de doença dos legionários e todos fomos mandados pra casa durante cinco dias.

Acabou sendo um alarme falso – mas o dano estava causado. Todos os jornais publicaram

matérias sobre como a The Look era amaldiçoada e charges mostrando os clientes

desmaiando e com pedaços do prédio caindo em cima deles. (Na verdade, eram bem

engraçadas, mas não temos permissão de dizer isso.)

E ninguém voltou desde que reabrimos. Todo mundo parece pensar que a loja continua

fechada, ou infecciosa, ou algo assim. O *Daily World*, que é total inimigo de Giorgio

Laszlo, fica mandando fotógrafos disfarçados para tirar fotos da loja e publicando-as com

manchetes como AINDA VAZIA! e QUANTO TEMPO ESSA LOUCURA PODE

DURAR? Os boatos são de que, se as coisas não melhorarem logo, a loja vai fechar.

Com um suspiro funesto, Jasmine vira uma página e começa a ler os horóscopos. Esse é

o outro problema: é difícil manter os funcionários motivados quando os negócios estão por

baixo. (Jasmine é minha funcionaria.) Antes de eu começar neste trabalho, li um dos livros

de administração de Luke, para ter algumas dicas de como ser chefe – e nele dizia que “é

crucial elogiar sua equipe nos tempos ruins”.

Já elogiei o cabelo, os sapatos e a bolsa de Jasmine. Para ser honesta não resta muita

coisa.

- Gosto das suas... sobrancelhas, Jasmine! – digo, animada. – Onde você faz?

Jasmine me olha como se eu tivesse pedido para ela comer filhotes de baleia.

- Não vou dizer!

- Por quê?

- É meu segredo. Se eu contar, você vai lá também e vai pegar o meu look.

Jasmine é magra, com fios de cabelos louros oxigenados, um brinco no nariz e um olho

azul e um verde. Não poderia parecer menos comigo, mesmo tentando.

- Não vou pegar o seu look! – retruco, em tom leve. – Só terei sobrancelhas boas! Ande,

conte.

- Ah-hã – Ela balança a cabeça. – De jeito nenhum.

Sinto um jorro de frustração.

- Quando você perguntou onde eu faço o cabelo, eu contei – lembro. – Dei um cartão,

recomendei o melhor cabeleireiro e consegui dez por cento no primeiro corte. Lembra?

Jasmine dá de ombros.

- Isso é o cabelo.

- E isso são sobrancelhas. É *menos* importante!

- É o que você pensa.

Ah, pelo amor de Deus. Estou para lhe dizer que não importa onde ela faz suas

sobrancelhas idiotas (o que é mentira, já que agora fiquei obcecadas com elas) quando

ouço passos. Passos firmes, pesados, do tipo da alta administração.

Rapidamente, Jasmine joga a revista *Heat* sob uma pilha de suéteres, e eu finjo estar

ajeitando a echarpe de um manequim. Um instante depois, Eric Wilmot, o diretor de

marketing, aparece na esquina com dois caras em ternos elegantes que eu nunca tinha visto.

- E este é o departamento de Compras Pessoais – diz ele aos homens, com um ar

falsamente jovial. – A Rebecca, aqui, trabalhou na Barney's, em Nova York! Rebecca,

quero que conheça Clive e Graham, da Consultoria Primeiros Resultados. Vieram trazer

algumas idéias. – Ele dá um sorriso tenso.

Eric foi promovido a diretor de marketing na semana passada, quando o anterior o

demitiu. Ele realmente não parece um sujeito que esteja gostando do cargo novo.

- Não temos nenhuma cliente há dias – diz, Jasmine, com a voz monótona. – Isto aqui

parece um necrotério.

- Ahã. – O sorriso de Eric fica tenso.

- Um necrotério vazio, sem nenhum morto – esclarece ela. – É *mais morto* que um

necrotério. Porque pelo menos num necrotério...

- Todos sabemos a situação, obrigado, Jasmine – interrompe Eric rapidamente. – O que

precisamos é de soluções.

- Como fazemos as pessoas entrarem pelas portas? – Um dos consultores está se

dirigindo a um manequim. – Esta é a questão.

- Como mantemos a lealdade deles? – entoa o outro, pensativo.

Pelo amor de Deus. Acho que *eu* poderia ser consultora, se tudo que eles fazem é usar

termo e fazer perguntas totalmente óbvias.

- Qual é a especialidade nas vendas? – acrescenta o primeiro.

- Não existe – digo, incapaz de manter a boca fechada por mais tempo. – Temos o

mesmo velho estoque de tido mundo. Ah, aliás, você pode ficar doente ou quebrar a cabeça

se fizer compras aqui. Precisamos de um diferencial!

Os três homens me encaram, surpresos.

- A percepção pública do perigo é obviamente nosso maior desafio – diz o primeiro

consultor, franzindo a testa. – Precisamos contrapor a mídia negativa, criar a imagem

positiva, saudável...

Ele está deixando de perceber totalmente minha questão.

- Não faria diferença! – interrompo. – Se tivéssemos alguma coisa especial, que as

peças realmente *quisessem*, elas viriam de qualquer modo. Tipo, quando morava em

Nova York, uma vez fui a uma venda de mostruários num prédio condenado. Havia um

monte de avisos do lado de fora dizendo NÃO ENTRE, PERIGO, mas eu tinha ouvido que

estavam vendendo sapatos Jimmy Choo com oitenta por cento de desconto. Então eu entrei!

- E estavam mesmo? – pergunta Jasmine, levantando os olhos.

- Não – respondo, lamentando. – Todos tinham sido vendidos. Mas encontrei um *trench*

coat Gucci fabuloso, por apenas setenta dólares!

- Você entrou num prédio condenado – Eric está me olhando com olhos arregalados –

por causa de um par de sapatos?

Algo me diz que ele não vai durar nesse emprego.

- Claro! E havia umas cem outras mulheres, também. E se tivéssemos alguma coisa

fabulosa e exclusiva na The Look, elas viriam aqui feito loucas!
Mesmo que o teto estivesse

caindo! Tipo alguma linha exclusiva de um estilista realmente maravilhoso.

Isso vinha cozinhando na minha mente há um tempo. Até tentei falar com Brianna, a

compradora chefe, na semana passada. Mas ela só balançou a cabeça e perguntou se eu

poderia lhe levar o vestido de *strass* Dolce, porque ela ia a uma estréia naquela noite, e o

Versace vermelho era muito apertado na bunda – o que eu achava?

Deus sabe como Brianna conseguiu o emprego. Bem, na verdade, todo mundo sabe. É

porque ela é mulher de Giorgio Laszlo e já foi modelo. No material de imprensa, quando a

The Look abriu, dizia que isso a qualificava perfeitamente para ser a compradora chefe, já

que ela tem o “conhecimento e a sensatez de alguém de dentro do mundo da moda”.

Não acrescentava “infelizmente ela não tem nenhum neurônio”.

- Linha exclusiva... estilista... – O primeiro consultor está rabiscando em seu caderninho.

– Deveríamos falar disso com Brianna. Ela deve ter os contatos certos.

- Acho que ela está de férias no momento – diz Eric. – Com o Sr. Laszlo.

- Bem, quando ela voltar. Vamos trabalhar nesta idéia. – O consultor fecha o caderno. –

Vamos em frente.

Todos saem de novo, e eu espero até terem virado a esquina para soltar um bufo de

frustração.

- O que há? – pergunta Jasmine, que afundou de novo no sofá e está mandando uma

mensagem de texto para alguém pelo telefone.

- Eles nunca vão tirar nada do chão! Brianna só volta daqui a semanas, e, de qualquer

modo, ela não serve para nada. Só vão fazer reuniões e falar... e enquanto isso a loja vai

para o espaço.

- Por que você se importa? – Jasmine dá de ombros, indiferente.

Como ela pode simplesmente ver uma empresa desmoronar e não tentar fazer *alguma*

coisa?

- Eu me importo porque... porque é aqui que eu trabalho! A loja poderia ser um sucesso!

- Cai na real, Becky. Nenhum estilista vai querer uma linha exclusiva aqui.

- Brianna poderia ligar pedindo um favor – protesto. – Quero dizer, ela já desfilou pro

Calvin Klein. Versace... Tom Ford... Ela poderia convencer algum deles, não é? Meu Deus,

se eu tivesse algum amigo que fosse estilista famoso... – paro no meio do jorro.

Espera aí. Por que não pensei nisso antes?

- O que é? – Jasmine levanta a cabeça.

- Eu *conheço* um estilista. Conheço Danny Kovitz! Poderíamos conseguir que ele fizesse

alguma coisa.

- Você *conhece* Danny Kovitz? – Jasmine está cética. – Ou tipo: você esbarrou com ele

uma vez?

- Conheço de verdade! Ele morava no apartamento em cima do meu, em Nova York. E

desenhou meu vestido de casamento – não consigo deixar de acrescentar, presunçosa.

É tão maneiro ter um amigo famoso! Conheci o Danny quando ele era um zé-ninguém.

Na verdade, eu o ajudei no início. E agora ele é o queridinho da moda internacional! Saiu

na *Vogue*, teve vestidos usados no Oscar e coisa e tal. Foi entrevistado na *Women's Wear*

Daily no mês passado falando de sua última coleção, que, segundo ele, foi baseada em sua

interpretação da decadência da civilização.

Não acredito numa palavra. Deve ter sido alguma coisa que ele juntou no último com um

monte de alfinetes de segurança e café puro e que outra pessoa costurou para ele.

Mas mesmo assim. Uma linha Danny Kovitz exclusiva seria uma publicidade fabulosa.

Eu deveria ter pensado nisso antes.

- Se você conhece mesmo o Danny Kovitz, ligue para ele – diz, Jasmine, me desafiando.

– Ligue agora.

Ela não *acredita*?

- Ótimo, vou ligar! – Pego meu telefone, encontro o número de telefone do Danny e ligo.

A verdade é que eu não falo com Danny há um bom tempo. Mas, mesmo assim, nós

passamos por um bocado de coisas juntos enquanto eu morava em Nova York, e sempre

teremos essa ligação. Espero um tempo – mas não há resposta, só um bip. Ele

provavelmente perdeu o telefone e o cancelou, ou algo assim.

- Algum problema? – Jasmine levanta uma sobrancelha imaculada.

- O celular dele não está funcionando – digo, tranqüila. – Vou ligar para o escritório. –

Telefone para as listas internacionais, consigo um número da Danny Kovitz Enterprises em

Nova York e ligo. São nove e meia da manhã em Nova York, o que significa que não há

nenhuma chance de Danny estar acordado, a não ser que tenha virado a noite. Mas posso

deixar recado.

- Danny Kovitz Enterprises – atende uma voz masculina. – Em que posso ajudar?

- Ah, oi! – digo. – Aqui é Becky Brandon, *née* Bloom. Gostaria de falar com Danny

Kovitz.

- Por favor, fique na linha – diz a voz educadamente. Algum tipo de rap estoura meus

tímpanos por alguns instantes. Em seguida, uma voz feminina animada atende.

- Bem-vinda ao fã-clube de Danny Kovitz! Para ser sócia integral, por favor aperte o

um...

Ah, pelo amor de Deus. Desligo e ligo para o número principal de novo, evitando o olhar

de Jasmine.

- Danny Kovitz Enterprises. Em que posso ajudar?

- Oi, eu sou uma velha amiga de Danny – digo rapidamente. – Por favor, me passe para a

secretária pessoal dele.

O rap estrondeia em meu ouvido de novo, então uma mulher diz:

- Escritório particular de Danny Kovitz, aqui é Carol, em que posso ajudar?

- Oi, Carol! – digo em meu tom mais amigável. – Sou uma velha amiga do Danny e

estive tentando contatá-lo no celular, mas não funciona. Poderia me passar para ele? Ou

anotar um recado?

- Qual é o seu nome? – pergunta Carol, parecendo cética.

- Becky Brandon. *Née* Bloom.

- E ele saberá do que se trata?

- Sim! Nós somos amigos!

- Bem, vou passar sua mensagem ao Sr. Kovitz...

De repente ouço uma voz familiar, fraca, ao fundo, dizendo:

- Eu *preciso* de uma Diet Coke, certo?

É Danny!

- Ele está ai, não está? – pergunto. – Acabo de ouvir a voz dele! Poderia me passar para

ele? Honestamente, só quero uma conversinha rápida...

- O Sr. Kovitz está... numa reunião – diz Carol. – Mas darei o recado, Sra. Bloom.

Obrigado por telefonar. – A linha fica muda.

Desligo o telefone, fumegando. Ela não vai dar nenhum recado, não é? Nem anotou meu

número!

- E então – diz Jasmine, que esteve observando o tempo todo, - Amigos íntimos, é?

- *Somos* – digo furiosamente.

Tudo bem. Pense. Tem de haver um modo de falar com ele. *Tem* de haver.

Espera um minuto.

Pego o telefone de novo e ligo para a lista internacional.

- Oi – digo à telefonista. – O nome é Kovitz, o endereço é Apple Bay House, na Fairview

Road, Foxton, Connecticut. Se puder me ligar...

Alguns instantes depois, uma voz atende.

- Oi, Sra. Kovitz! – digo, em meu tom mais charmoso. – Aqui é a Becky. Becky Bloom.

Lembra de mim?

Sempre gostei da mãe de Danny. Batemos um bom papo, ela pergunta sobre o bebê e eu

pergunto sobre seus jardins premiados, e a conversa termina com ela exprimindo uma

indignação simpática pelo modo como fui tratada pelos funcionários de Danny, em especial

depois de ter sido eu que apresentei o trabalho dele á Barneys (lembrei isso a ela, só

casualmente), e prometendo fazer com que Danny ligasse pra mim.

E literalmente uns dois minutos depois de termos acabado de falar, meu celular toca.

- Oi, Becky! Mamãe disse que você ligou.

- *Danny!* – Não consigo evitar um olhar triunfal na direção de Jasmine. – Ah, meu Deus,

faz séculos. Como você está?

- Ótimo! Só que minha mãe me deu uma tremenda *bronca*. Meu Deus! – Danny parece

meio abalado. – Tipo: “ não pare de dar valor aos seus amigos, rapazinho.” E eu: “ Do que

você está falando?” e ela tipo...

- Suas secretárias não quiseram completar minha ligação – explico. – Acharam que eu

era uma fã. Ou uma perseguidora, ou algo assim.

- Eu tenho perseguidores. – Danny parece muito orgulhoso de si. - No momento tenho

dois, ambos chamados Joshua. Não é loucura?

- Uau! – não consigo deixar de ficar impressionada, mesmo sabendo que não deveria. –

Então... o que você anda aprontando?

- Estou dando um tempo para trabalhar na coleção nova – diz ele, com uma tranquilidade

treinada. – Estou reinterpretando toda a vibração do Extremo Oriente. Neste momento,

estou no estágio de conceito. Reunindo influências, esse tipo de coisa.

Ele não me engana. “Reunindo influências” significa “Saindo de férias e ficando doidão

na praia”.

- Bom, eu estava pensando – digo rapidamente. – Será que você poderia me fazer um

favor gigantesco? Poderia fazer uma linhazinha de difusão para a loja onde eu trabalho em

Londres? Ou mesmo só uma peça exclusiva?

- Ah – diz ele, e posso ouvi-lo abrindo uma lata. – Claro. Quando?

Rá. Eu *sabia* que ele diria sim.

- Bem... logo? – Cruzo os dedos. – Nas próximas semanas? Você poderia vir a Londres

para uma visitinha. A gente iria se esbaldar!

- Becky, não sei... – Ele pára para tomar um gole, e eu o imagino em algum elegante

escritório do SoHo, esparramado numa poltrona, com aqueles jeans antiqüíssimos que ele

costumava usar. – Tenho uma viagem marcada ao Extremo Oriente marcada é...

- Vi Jude Law na rua um dia desses – acrescento casualmente. – Ele mora bem perto de

nós.

Silêncio.

- Ah, acho que posso dar uma passadinha – diz Danny finalmente. – Londres fica no

caminho para a Tailândia, certo?

Isso! Tenho total RESPEITO.

Pelo resto do dia, Jasmine mal diz uma palavra, só fica me lançando olhares pasmos. E

Eric ficou totalmente impressionado ao saber que eu tinha feito alguns “avanços proativos

no projeto”, como disse ele.

Se ao menos tivéssemos alguns clientes, este emprego não seria tão ruim, afinal de

contas. E, no lado positivo, o fato de não termos nada a fazer tem me dado tempo para ler o

novo exemplar da revista *Gravidez*.

- Ei, seu telefone está tocando na bolsa – diz Jasmine, saindo da área de recepção. – Na

verdade, está tocando o dia todo,

- Obrigada por me dizer! – respondo, sarcástica. Como á minha mesa, pego o telefone e

ligo.

- Becky! – diz a voz empolgada de mamãe. – Até que enfim! Então, querida, como foi a

famosa obstetra celebridade? Estamos todos doidos para saber! Janice está vindo e indo o

dia inteiro!

- Ah, certo. Deixa eu só... – Fecho a porta e me sento na cadeira atrás da mesa, juntando

os pensamentos. – Bem... foi incrível! Adivinha só, conheci uma Bond girl na sala de

espera!

- Uma Bond girl! – Mamãe prende o fôlego. – Janice, ouviu isso? Becky conheceu uma

Bond girl na sala de espera!

- E o lugar é lindo, e vou ter um parto holístico na água. E me deram um pacote lindo, de

boas-vindas cheio de vales para spas...

- Que maravilhoso! – diz mamãe. – E ela é uma senhora boa, não é? A doutora?

- Muito boa. – Paro um momento, depois acrescento casualmente: - É ex-namorada de

Luke. Não é uma tremenda coincidência?

- Ex-namorada? – A voz de mamãe fica um pouco aguda. – Como assim, ex-namorada?

- Você sabe! Uma pessoa com quem ele namorou há séculos. Em Cambridge.

Há um silêncio do outro lado do telefone.

- Ela é bonita?

Francamente.

- É bem bonita. Mas não vejo o que isso tem a ver.

- Claro que nada, querida. – Há uma espécie de pausa nervosa, e tenho certeza de que

posso ouvir mamãe sussurrando algo com Janice. – Sabe por que ela e Luke terminaram?

– pergunta ela subitamente.

- Não. Não sei.

- Não perguntou a ele?

- Mamãe – digo, tentando manter a paciência –, Luke e eu temos um casamento muito

seguro, de confiança mútua. Não vou ficar *perguntando*, não é?

O que ela acha que eu deveria fazer, entregar um questionário a Luke? Quero dizer, sei

que papai acabou revelando ter um passado ligeiramente mais colorido do que qualquer

pessoa teria suspeitado (caso com garçõnete de trem; filha resultante de caso secreto;

bigodinho). Mas Luke não é assim, sei que não é.

- E, de qualquer modo, foi há séculos – acrescento, mais desafiadora do que pretendia. –

E ela tem namorado.

- Não sei, Becky querida. – Mãe solta o ar com força. – Tem certeza de que é boa

idéia? Que tal voltar aquele médico bonzinho?

Estou começando a me sentir meio insultada. O que mãe acha, que não consigo

segurar meu marido?

- Agora estamos com Venetia Carter – digo, obstinada. – Está tudo assinado e

juramentado.

- Ah, bem, querida, se você tem certeza. O que foi, Janice? – Há mais sussurros do outro

lado. – Janice perguntou se foi Halle Berry que você conheceu.

- Não, foi a nova. A loura campeã de rollerblade. Mãe é melhor eu ir. Estou com uma

chamada em espera. Dê um beijo em todo mundo. Tchau! – Desligo o telefone, e um

segundo depois ele toca de novo.

- Bex! Estive tentando falar com você o dia inteiro! Como foi? – A voz empolgada de

Suze atravessa a linha. – Conte tudo. Vai fazer o parto tailandês na água?

- Talvez! – Não consigo deixar de rir de orelha a orelha. – Ah, Suze, foi fabuloso! Tem

massagem, reflexologia, e conheci uma Bond girl, e havia paparazzi esperando do lado de

fora e fomos fotografadas juntas! Vamos sair na *Hello!*

- Que chique! – A voz de Suze cresce até um guincho. – Meu Deus, estou morrendo de

inveja. Quero outro neném agora, e quero ter lá.

- A gente não tem o neném no centro – explico. – Todas as consultas são lá, mas ela é

ligada ao Hospital Cavendish.

- O Cavendish? Aquele com camas de casal e listas de vinho?

- É. – Não consigo evitar um riso.

- Você tem tanta *sorte*, Bex! E como é Venetia Carter?

- Fabulosa! É jovem, chique e tem idéias realmente interessantes sobre parto e... – hesito.

– E é ex-namorada de Luke. Não é incrível?

- Ela é... o quê? – Suze não consegue acreditar em seus ouvidos.

- É ex de Luke. Os dois namoraram em Cambridge.

- Você vai fazer o parto com a *ex-namorada* de Luke?

Primeiro mamãe, agora Suze. O que há de errado com todo mundo?

- Vou! – digo, na defensiva. – Por que não? Isso foi há anos e só durou uns cinco

minutos. E agora ela está com outra pessoa. Qual é o problema?

- Só parece meio... *esquisito*, não acha?

- Não é esquisito! Suze, somos todos adultos. Somos todos maduros, profissionais. Acho

que podemos deixar de lado um casinho antigo e sem importância, não acha?

- Mas, quero dizer, ela vai... você sabe! Cutucar.

Esse pensamento havia atravessado minha mente. Mas, afinal de contas, é pior do que o

Sr. Braine cutucando? Para ser honesta, estou em fase de negação com todo esse negócio

do parto. Eu meio que espero que inventem algum substituto para o parto quando chegar a

minha época.

- Eu ficaria paranóica! – está dizendo Suze. – Uma vez encontrei uma ex do Tarkie...

- Tarquin tem uma *ex*? – pergunto, perplexa, antes de perceber como isso parece.

- Flissy Menkin. Dos Menkin de Somerset, sabe?

- Claro – digo, como se fizesse a mínima idéia do que são os Menkin de Somerset.

Parece potes de louça. Ou de algum tipo de doença galopante.

- Eu sabia que ela ia a um casamento no ano passado e praticamente passei a semana

inteira me preparando. E olha que eu estava vestida!

- Bom, vou fazer uma bela depilação para biquíni – digo, lépida. – E talvez faça

cesariana. O ponto é que ela é a maior obstetra do país! Já deve estar acostumada, não

acha?

- Acho que sim. – Suze continua em duvida. – Mas, mesmo assim. Bex, se eu fosse você,

ficaria longe. Volte ao outro médico.

- Não *quero* ficar longe. – Sinto vontade de bater o pé. – Eu confio totalmente em Luke –

acrescento como uma idéia de última hora.

- Claro – diz Suze rapidamente. – Claro que confia. E então... ele deu o fora nela ou foi

ao contrário?

- Não sei – admito.

- Ele não *contou*?

- Não perguntei! É irrelevante! – Suze está começando a me incomodar com todas essas

perguntas. – Adivinha só, ganhei creme de La Mer no pacote de boas-vindas – digo para

distraí-la. – E um vale para o Champneys!

- Uuuuh! – Suze se anima. – Você pode levar uma acompanhante?

Não vou permitir que Suze e mamãe me deixem pirada. Elas não sabem nada disso! Luke

e eu temos um relacionamento totalmente estável, de confiança. Vamos ter um *neném*.

Sinto-me totalmente segura.

No caminho para casa, á tarde, paro rapidinho na Hollis Franklin, só para olhar a roupa

de cama de bebê. A Hollis Franklin é uma loja estupenda, tem Selo Real e parece que a

própria rainha faz compras lá! Passo uma hora feliz, olhando para tecidos com diferentes

contagens de fios, e, quando chego em casa, já passou das sete. Luke está na cozinha,

tomando cerveja e olhando o noticiário.

- Oi! – digo, pousando as bolsas de compras. – Comprei uns lençóis na Hollis Franklin

para o neném! – Pego um lençol de berço bordado com um brasão em cada canto. – Não é

lindo?

- Muito legal – diz Luke, examinando. Em seguida, vê a etiqueta de preço e fica branco.

– Meu Deus. Você pagou isso por um lençol de bebê?

- São os melhores – explico – O tecido é de quatrocentos fios!

- O neném *precisa* de quatrocentos fios? Você percebe que ele vai vomitar nesse lençol?

- O neném *nunca* vomitaria num lençol da Hollis Franklin! – respondo, indignada. – Ele

sabe que é melhor não fazer isso. – Dou um tapinha na barriga. – Não é, querido?

Luke revira os olhos.

- Se você diz. – Ele larga o lençol. – E o que há na bolsa maior?

- Lençóis iguais para nós. O edredom está vindo separado, e as fronhas assim que

estiverem no estoque... – Paro diante de sua expressão de assombro. – Luke, o berço vai

ficar no nosso quarto. Temos que coordenar?

- *Coordenar?*

- Claro!

- Becky, realmente... – Luke pára, com a atenção atraída pela TV. – Espera aí, é o

Malcolm. – Ele aumenta o volume, e aproveito a oportunidade para enfiar os lençóis Hollis

Franklin atrás da porta, onde Luke pode se esquecer deles.

Malcolm Lloyd é executivo-chefe do Arcodas e está sendo entrevistado no segmento de

negócios sobre o motivo de estar planejando uma proposta de compra para uma companhia

aérea. Luke olha atentamente, com a cerveja na mão.

- Ele deveria parar de fazer aquele gesto brusco coma mão – digo, olhando a entrevista

também. – Parece realmente desajeitado. Deveria fazer treinamento para mídia.

- Ele já fez treinamento para a mídia – diz Luke.

- Bom, foi horroroso. Você deveria arranjar alguém novo. – Tiro o casaco, largo numa

cadeira e massageio os ombros doloridos.

- Venha cá, querida – diz Luke, notando. – Eu faço isso.

Puxo uma cadeira de me sento diante dele, que começa a apertar meus músculos

doloridos.

- Luke, isso me faz lembrar – digo, ainda olhando o Malcolm. – Iain sempre fala com

você daquele jeito?

Os dedos de Luke param de se mover brevemente.

- De que jeito?

- Do jeito como falou no carro ontem. Foi tão desagradável.

- É só o jeito profissional dele. O Arcodas tem uma cultura de trabalho diferente.

- Mas é medonho!

- Bem, teremos simplesmente de nos acostumar com isso. – Luke parece meio na

defensiva e áspero, - Agora estamos jogando com os grandes. Todo mundo tem de... – Ele

pára.

- O quê? – giro a cabeça, tentando ver sua expressão.

- Nada – diz Luke depois de um momento. – Só estou... pensando alto. Vamos desligar

isso. – Ele me beija no topo da cabeça. – Os ombros estão melhor agora?

- Um milhão de vezes. Obrigada.

Levanto-me, sirvo-me de um copo de suco de laranja com uva-do-monte e zapeio a TV

até achar *Os Simpsons*. Enquanto isso, Luke pega o *Evening Standard* e começa a folhear.

Há uma tigela de azeitonas na bancada, e ficamos passando-a de m para o outro,

Pronto, não é legal? Só uma noite calma em casa. Só nós dois, relaxando em nosso

relacionamento estável. Sem pensar em velhas namoradas nem nada assim.

Na verdade estou tão relaxada que talvez *puxe* o assunto. Só de modo casual. Para

mostrar que não me importo.

- Nossa... deve ter sido estranhíssimo para você, ontem – digo, em voz amena. –

Encontrar Venetia de novo, depois de tantos anos.

- Ahã. – Luke assente, distraído.

- Por que vocês dois romperam? – pergunto, descontraída. – Só por curiosidade.

- Deus sabe. – Luke dá de ombros. – Foi há muito tempo.

Está vendo? Faz tanto tempo que ele nem lembra. E história antiga. Realmente não me

importo com os detalhes sórdidos. Na verdade, vamos falar de outra coisa. Coisas atuais,

por exemplo.

- Você a amava? – ouço-me dizendo.

- *Amava?* – Luke dá um riso curto. – Nós éramos estudantes.

Espero que ele aprofunde o tema. “Nós éramos estudantes” não é a resposta.

Abro a boca para perguntar “como assim?” Mas, depois de pensar por um momento,

fecho-a de novo. Isso é ridículo. Eu nem conhecia Venetia Carter até ontem, e mamãe e

Suze já me deixaram toda paranóica. *Claro* que ele nunca a amou.

Não vou perguntar mais nada sobre o relacionamento deles. Nem vou pensar nisso.

Assunto oficialmente encerrado.

BREVE QUESTIONARIO PARA LUKE BRANDON

1. Como você descreveria o relacionamento que teve com a antiga namorada Venetia?

(a) Romance passionnal, estilo Romeu e Julieta

(b) Relacionamento muito chato

(c) Na verdade, jamais gostei dela

(d) Ela me perseguia

2. Em geral, você prefere nomes de garotas que começam com

(a) R

(b) S

(c) V

(d) Não sei

3. Você já se apaixonou? Em caso positivo, por quantas pessoas?

(a) Sua esposa e somente sua esposa, porque ela lhe ensinou o que é

de fato o amor

(b) Sua namorada metida a besta, Sacha, a vaca que roubou a bagagem

(c) Sua namorada estudante, Venetia, com quem você teve um breve mas

que jamais mencionou, de modo que cõo pode ter se apaixonado por ela

(d) Outras

4. O que você acha de cabelo ruivo comprido?

(a) É meio óbvio e espalhafatoso

(b) Balança demais

(Por favor, vire a página)

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

28 de agosto de 2003

Cara Sra. Brandon.

Obrigado por sua carta.

Creio que a senhora entendeu mal o significado de "investimentos em ouro". Eu

recomendaria enfaticamente que comprasse lingotes de ouro com um corretor

recomendado, em vez de, como sugere, "o pendente de estrela-do-mar do catálogo da

Tiffany e talvez um anel".

Por favor, não hesite em me contatar de novo, caso precise de mais orientações,

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família.

SETE

T

Não vou realmente dar um questionário a Luke. Na verdade, joguei no lixo por vários

motivos, dentre os quais:

1. Temos um casamento maduro e de confiança, no qual um não fica interrogando o

outro sobre que cor de cabelo prefere.

2. Ele jamais teria tempo para preenchê-lo (em especial a seção "descreva as qualidades

que você mais admira em sua esposa, usando quinhentas palavras").

3. Tenho coisas *muito* mais importantes em que pensar. Suze e eu vamos a uma grande

feira de bebê hoje em Earl's Court hoje, e haverá uns quinhentos estandes, além de

brindes, e um desfile de moda mamãe e bebê sob um mesmo teto em toda a Europa.

Quando saio do metrô já há uma multidão indo para as entradas. Nunca vi tantos

carrinhos na vida, e ainda nem entramos!

- Bex!

Viro-me e vejo Suze, em um fantástico vestido de verão verde-limão, segurando a alça

de seu carrinho duplo. Wilfrid e Clementine estão maravilhosos, também, com os chapéus

listrados mais lindinhos.

- Oi! – Corro até lá e lhe dou um abraço enorme. – Isto não é fabuloso?

- Estou com nossos ingressos aqui... – Suze remexeu na bolsa. – Além de vales de um

suco para cada...

- Tarquin ficou com o Ernie hoje?

- Não, minha mãe está cuidando dele. Vão passar um dia maravilhoso juntos – acrescenta

Suze, com carinho. – Ela vai ensinar como se depena um faisão.

Não é só o Tarquin. Toda a família de Suze é estranhíssima.

Quando entramos na feira, não consigo evitar um engasgo boquiaberto. Este lugar é

enorme. Em toda parte há fotos gigantescas de bebês, estandes coloridos e promotoras

entregando bolsas. A música de o *rei leão* toca em alto-falantes, e um palhaço com pernas

de pau faz malabarismo com bananas de espuma.

- E então – diz Suze, em tom profissional, enquanto entramos na fila
-, você fez uma

lista?

- Lista? – ecoou vagamente, não consigo parar de ficar olhando os
carrinhos de bebê, as

bolsas de fraldas e as roupinhas de neném de todo mundo. Algumas
pessoas sorriem ao ver

Wilfris e Clementine, sentados lado a lado com seus olhos azuis
brilhantes, e sorriso de

volta, orgulhosa.

- Sua lista de coisas para o neném – diz Suze, paciente. – O que
você ainda precisa? –

Ela pega o envelope com os ingressos. – Cá estamos. A lista do novo
bebê. Você já tem

esterilizador.

- Ah... não. – Meus olhos estão fixos num carrinho vermelho-vivo
com um fabuloso capô

de bolinhas. Ficaria chique andando na King's Road.

- Um travesseiro para amamentar?

- Não.

- Está planejando usar uma bomba-elétrica para seio?

- Argh. – Encolho-me ligeiramente. – Eu preciso? Aah, olha, eles têm
minibotas de

caubói!

- Bex... – Suze espera eu me virar. – Você sabe que ter um bebê é mais do que comprar

roupas, não sabe? Você tem... expectativas realistas?

- Tenho expectativas totalmente realistas! – respondo, numa ligeira indignação. – E vou

comprar tudo que está nesta lista. Vou ser a mãe mais bem preparada de todos os tempos.

Venha, vamos começar.

Enquanto seguimos entre os estandes, minha cabeça gira de um lado para o outro. Nunca

vi tantas geringonças... e roupas de neném... e brinquedos lindos.

- Você precisa de uma cadeirinha de carro – está dizendo Suze. – Algumas se fixam no

carro e algumas se prendem em rodas...

- Certo – assinto vagamente. Não consigo ficar tão empolgada assim com cadeirinhas de

carro, para ser honesta.

- E olha aqui, um sistema esterilizador de mamadeira – diz Suze. Ela para perto do

estande da Avent e pega um panfleto. – Eles têm microondas... elétricos... mesmo que você

amamente no seio, vai precisar...

Minha atenção foi atraída por um estande chamado Disco Baby.

- Ei, Suze! – interrompo. – Tornozeleiras de dança para bebês!

- Certo – assente ela. – Quer um esterilizador para quatro mamadeiras, para seis ou...

- E chocalhos em forma de bolas de espelho de discoteca! Suze, *olha!*

- Ah, Meu Deus. – Suze explode numa gargalhada. – *Tenho* que comprar isso para os

gêmeos. – Ela abandona os panfletos da Avent, pega seu carrinho duplo e o empurra. Há

suéteres “Disco Girl” e “Disco Boy” e os bonezinhos mais lindinhos.

- Só queria saber o que eu vou *ter* – digo, pegando uma sainha cor-de-rosa e acariciando-

a com desejo.

- Você tentou a antiga tabela chinesa? – pergunta Suze.

- Tentei. Disse que eu ia ter um menino.

- Um menino! O rosto de Suze se ilumina.

- Mas então achei um site chamado “Análise seus Desejos” e, segundo ele, vou ter uma

menina. – Suspiro, frustrada. – Eu só queria *saber*.

Suze fica perplexa, depois pega um chapéu.

- Compre este. É unissex.

Compro um chapéu e um par das botinhas de plataforma Kitsch mais fabulosas, e um

roupão miniatura Groove Baby. No estande seguinte, compro uma toalha e uma

minibarraca de praia para bebê, e um móbile do ursinho Pooh com controle remoto. Estou

ficando bem carregada, para ser honesta, mas Suze simplesmente fica enfiando toda as suas

coisas no carrinho duplo. Os carrinhos de bebês são muito práticos para fazer compras! Eu

nunca havia percebido isso.

E temos o dia inteiro aqui.

- Suze, preciso de um carrinho – digo, tomando uma decisão imediata.

- Eu sei. – Ela assente vigorosamente. O estande da Pram City, fica logo aqui, atrás da

Zona C. Você provavelmente vai precisar de todo um sistema para viagem, e talvez queira

compra um carrinho peso-leve para viajar...

Mal estou escutando enquanto vou para o letreiro da Pram City. A entrada é decorada

com babados e balões e, quando entro, vejo carrinhos se estendendo pela distância como

um interminável jardim de cromados.

- Oi! – digo a um homem de paletó e distintivo da Pram City. –
Preciso de um carrinho

imediatamente.

- Claro! – Ele ri de volta. – Normalmente entregamos em quatro
semanas...

- Não, eu preciso de um *agora* – interrompo. – Para levar. Não
importa de que tipo.

- Ah. – Seu queixo cai. – Todos estes são apenas de mostruário.

- Por favor? – Dou-lhe me sorriso mais cativante. – O senhor deve
ter um que possa me

vender. Só um carrinhozinho? Algum velho, que o senhor não precise
mais?

- Ahm... certo. – Ele olha nervoso para a minha barriga. – Eu... verei
o que posso fazer.

Ele se afasta e olha ao redor os carrinhos chiques. Suze está quase
desmaiando diante de

um duplo, de ultima geração, que está sob um pódio especial. E à
minha direita uma mulher

grávida e seu marido estão empurrando um negócio incrível,
acolchado em couro preto,

com apoios para bebida embutidos.

- Eu *sabia* que você ia gostar. – A mulher está reluzindo de prazer.

- Claro que gosto. – O homem beija a nuca da mulher, acariciando
sua barriga. – Vamos

encomendar.

Sinto uma pontada súbita, quero experimentar carrinhos com Luke. Quero ir como um

casal, empurrar carinhos, e que Luke me beije assim.

Quero dizer, sei que este é um período de grande movimento para ele e que ele está

ocupado com o trabalho. Sei que nunca será um Homem novo que conhece toda marca de

fralda e usa uma barriga falsa de gravidez. Mas mesmo assim. Não quero ter de fazer *tudo*

aquilo sozinha.

E aposto como ele adoraria aquele de couro preto. Provavelmente tem até um suporte

para BlackBerry.

- Ei, Bex. Suze se aproxima, empurrando os gêmeos com uma das mãos e o carrinho de

ultima geração com a outra. – Acha que eu preciso de um carrinho novo?

- É... Olho os gêmeos. – carrinho duplo não é praticamente novo?

- É, mas, puxa, este aqui é realmente manobrável. Seria muito pratico! Acho que devo

comprar. Quero dizer, carrinhos nunca são demais, não é?

Há uma espécie de desejos em seus olhos. Desde quando Suze ficou tão carrinhólatra?

- Claro – respondo. – Talvez eu também deva compra um desses!

- Isso! – diz Suze, delicada. – Aí os dois vão ficar combinando!
Experimente! – Ela em

entrega o carrinho e eu o empurro um pouco. Devo dizer que é bem legal.

- Adoro essas partes de borracha macia da alça – digo, apertando-as.

- Eu também! E o design maneiro das rodas.

É exatamente assim que agíamos nas lojas de roupas. Meu Deus, nunca achei que ficaria

tão empolgada com um carrinho quanto fico com um vestido.

- Senhora? – O vendedor retornou. – Cá estamos. Posso deixar a senhora comprar este

modelo hoje. Setenta libras.

Ele está empurrando um carrinho antiquado, num tom pouco inspirador de cinza, com

travesseiro de renda cor-de-rosa e manta. Suze olha-o, pasma.

- Mas você não pode colocar o bebê nisso!

- Não é para o *bebê* – digo. – É para as minhas compras! Jogo todas as bolsas dentro e

seguro as alças. – Assim está melhor!

Pago pelo carrinho e arranco Suze da área de alta tecnologia, e partimos para a área de

alimentação, passando por um monte de barracas no caminho.
Compro uma piscina de

plástico, uma caixa de blocos de construção e um urso de pelúcia enorme, e simplesmente

ponho tudo em cima do carrinho. E ainda há espaço para mais um monte de coisas.

Honestamente, eu deveria ter comprado um carrinho de bebê há *anos*.

- Vou pegar os cafés – diz Suze quando nos aproximamos da área de alimentação.

- Já chego lá em um segundo – respondo, distraída. Vi uma barraca com cavalinhos de

brinquedo no estilo antigo, simplesmente estupendo. Vou comprar um para o neném e um

para cada um dos filhos de Suze.

O único problema é que há uma fila enorme. Manobro o carrinho do melhor modo que

posso, entrando na fila, e me apoio na alça e suspiro. Estou bem cansada, depois de andar

tanto. À minha frente há uma velha com capa de chuva vermelho-escura. Ela se vira, ela se

vira e em seguida faz uma expressão de horror ao me ver apoiada nesse carrinho.

- Deixem essa jovem senhora passar! – exclama ela, batendo na mulher à sua frente. –

Ela tem um bebê e está esperando! A coitadinha está exausta, olhem só!

- Ah! – digo, sem graça. Todo mundo está ficando de lado, como se eu fosse da realeza, e

a mulher da capa de chuva insiste para que eu empurre o carrinho.
– Ah... na verdade, eu

não tenho...

- Passe, passe! Qual é a idade do neném? – A velha espia dentro do carrinho. – Não estou

vendo o coitado, com todo este entulho!

- É... bem...

O dono da barraca está me chamando com gestos de encorajamento. Todo mundo espera

que eu passe na frente.

Tudo bem. Eu sei que eu deveria ser honesta. Sei disso.

Mas a fila é gigantesca, e Suze está esperando... e o que importa, realmente, se há um

bebê ao ou não?

- É menino ou menina? – insiste a velha.

- É uma... menina! – ouço-me dizendo. – Está dormindo – acrescento depressa.

Gostaria de quatro cavalinhos, por favor.

- Ah, coisinha mais linda. – Diz a mulher, carinhosa. – E qual é o nome?

Aah! Nomes!

- Tallulah – respondo impulsivamente. – Quero dizer... Phoebe. – Entrego o dinheiro ao

dono da barraca, pego os cavalinhos e, de algum modo, consigo equilibrá-los no carro. –

Muito obrigada.

- Seja uma boa menina, Tallulah Phoebe. – A velha fica estalando a língua para o

carrinho. – Seja boa para sua mãe e para o neném que vai chegar.

- Ah, ela vai ser! – digo, animada. – Prazer em conhecê-la! Muito obrigada! – E empurro

depressa o carrinho para longe, sentindo a vontade de rir crescendo por dentro. Viro a

esquina e imediatamente vejo Suze no balcão do café, conversando com uma mulher com

luzes no cabelo, um carrinho estilo off-road e três crianças com blusas listradas iguais,

amarradas a ela com rédeas.

- Oi, Bex! – grita ela- O que você quer?

- Pode pegar um cappuccino descafeinado e um bolinho com pedaços de chocolate? –

grito de volta. – E *preciso* contar o que aconteceu... – Paro quando a mulher com luzes no

cabelo se vira.

Não acredito.

É Lulu.

Lulu, a horrível amiga de Suze, do campo. Meu coração afunda como uma pedra

enquanto aceno, animada. O que ela está fazendo aqui? Justo quando estávamos nos

divertindo tanto.

Agora elas estão vindo na minha direção, com todas as crianças andando atrás como

pipas sendo arrastadas em uma praia. Lulu parece uma mãe sensata como sempre, com

calça de veludo cotelê rosa, blusa branca, brincos de perola, tudo vindo provavelmente do

mesmo catalogo para mães sensatas,

Ah, meu Deus, eu sei que é veneno da minha parte. Mas não consigo evitar. Lulu me

desceu mal desde a primeira vez em que nos vimos, e ela me olhou de cima a baixo por que

eu não tinha filhos. (E também porque tirei o sutiã na frente de todas as crianças para

diverti-las. Mas eu estava realmente desesperada, certo? E elas nem viram nada.)

- Lulu! – Forço um sorriso. – Como vai? Não sabia que você vinha hoje!

- Eu mesma não sabia! – A voz de Lulu é tão aguda e metida a besta que faz com que eu

me encolha. – Recebi a oferta de uma oportunidade súbita de divulgação. Para meu livro

novo de culinária para crianças.

- É, Suze me falou disso. Parabéns!

- E parabéns a você! – Lulu olha minha barriga. – Vamos ter de nos encontrar qualquer

hora dessas! Para falar coisas de bebê!

Lulu nunca foi nada além de má e superior com relação a mim, em todas as vezes em que

eu a encontrei. Mas, de repente, só porque eu vou ter um neném, deveríamos ser amigas?

- Seria ótimo! – digo, em tom agradável, e Suze me lança um olhar.

- Há uma seção de gravidez no meu livro de culinária... – Lulu enfia a mão na bolsa e

pega um livro brilhante, ilustrado com uma foto na qual ela aparece com uma braçada de

vegetais em sua cozinha. – Vou lhe mandar um exemplar.

- Abordando desejos e coisas assim? – Tomo um gole de café. – Eu adoraria algumas

receitas de coquetéis não alcoólicos.

- Eu chamei o capítulo de “Pense no Bebê” . – Ela franze a testa ligeiramente. – É

chocante o que algumas pessoas colocam dentro do corpo enquanto estão grávidas.

Aditivos...açúcar...

- Certo. – Hesito com o bolinho de chocolate a meio caminho da boca, depois, com ar

desafiador, enfio-o na boca. – Mmm, iamm.

Dá pra ver que Suze está contendo um risinho.

- Seus filhos querem um pouco? – acrescento, partindo-o em pedacinhos.

- Eles não comem chocolate! – responde Lulu rispidamente, parecendo tão horrorizada

como se eu tivesse oferecido cocaína para as crianças. – Trouxe umas bananas-passas para

eles.

- Lulu, querida? – Uma garota com fone de ouvido e microfone vem até nossa mesa. –

Está pronta para fazer a entrevista para a rádio? E depois gostaríamos de tirar uma foto sua

com todas as crianças.

- Sem duvida. – Lulu mostra os dentes em seu sorriso eqüino. – Venham, Cosmo, Ivo,

Ludo.

- Vai, Alazão, vai Galopante – murmuro.

- Vejo você mais tarde! – diz Suze, com um sorriso tenso, enquanto eles se afastam. De

repente me sinto meio envergonhada. Lulu é amiga de Suze, e eu deveria fazer um esforço.

Vou ser legal com ela, decido subitamente. Nem que isso me mate.

- Então... foi ótimo ver Lulu! – Tento injetar um pouco de calor na voz. – Ela está certa, a

gente deveria se encontrar e bater um bom papo. Talvez a gente pudesse se encontrar mais

tarde e tomar um chá.

- Não quero. – A voz baixa de Suze me pega de surpresa. Olho, e ela está encarando o

cappuccino. De repente me lembro da reação de Suze na casa de mamãe, quando mencionei

Lulu. Aquele tipo de tensão em seu rosto.

- Suze, você e Lulu se desentenderam? – pergunto cautelosamente.

- Não exatamente. – Suze não quer levantar os olhos. – Quero dizer... ela fez muita coisa

por mim. Ajudou muito, em especial com as crianças...

O problema com Suze é que ela nunca deseja ser má. Assim, quando detona uma pessoa,

sempre começa com um pequeno discurso de como elas são maravilhosas.

- Mas... – instigo.

- Mas ela é tão maravilhosamente perfeita! – Quando Suze levanta a cabeça, suas

bochechas estão totalmente vermelhas. – Ela faz com que eu me sinta um fracasso total.

Especialmente quando saímos juntas. Ela sempre tem um risoto feito em casa ou coisa

assim, e seus filhos comem. E nunca são mal-educados, e são realmente inteligentes...

- Seus filhos são inteligentes! – retruco, indignada.

- Todos os filhos de Lulu estão lendo Harry Potter! – Suze parece desanimada. – E Ernie

nem consegue falar grande coisa, quanto mais ler. Afora frases em alemão, de Wagner. E

Lulu vive perguntando se toquei Mozart para ele enquanto ele estava no útero, e seu eu

pensei em um tutor particular, e simplesmente me sinto tão inadequada...

Sinto um jorro quente de ultraje. Como alguém ousa fazer com que Suze se sinta

inadequada?

- Suze, você é uma mãe brilhante! – digo. – E Lulu não passa de uma vaca. Eu soube

desde o momento em que a conheci. Não a ouça mais. E não leia o livro idiota de culinária

dela! - Passo o braço ao redor dos ombros de Suze e aperto com força. – Se você se sente

inadequada, como acha que *eu* me sinto? Nem sei nenhuma cantiga de ninar.

- Boa tarde! – a voz amplificada de Lulu estrondeia atrás de nós, e nós duas nos viramos.

Ela está sentada numa plataforma elevada, diante de uma mulher de conjunto cor-de-rosa,

com uma pequena platéia assistindo. Dois dos seus filhos estão em seu colo e atrás dela há

cartazes enormes do livro, com um letreiro dizendo EXEMPLARES AUTOGRAFADOS

DISPONIVEIS.

- Um monte de pais simplesmente tem *preguiça* quando se trata de alimentar seus filhos

– está dizendo ela, com um sorriso de pena. – Segundo a minha experiência, todas as

crianças gostam de sabores como abacate, peixes de água doce ou uma boa polenta feita em

casa.

Suze e eu trocamos olhares.

- Tenho de dar papinha aos gêmeos – murmura Suze. – Vou fazer isso na área mamãe e

bebê.

- Faça aqui! – protesto. – Eles têm cadeiras altas...

Ela balança a cabeça.

- De jeito nenhum, não com Lulu por perto. Eu só trouxe dois potes. *Não* vou deixar que

ela veja.

- Quer ajuda?

- Não, não se preocupe. – Ela olha o meu carrinho com a enorme pilha formada pelos

cavalos, a piscina e o urso. – Bex, por que você não circula de novo e desta vez procura o

básico? Você sabe, coisas que o bebê vai realmente *precisar*?

- Certo, é, boa idéia.

Vou pelos corredores o mais rápido que posso, tentando me afastar da voz rascante de

Lulu.

- A televisão é a coisa mais *pavorosa* – está dizendo ela. – De novo, eu diria que é pura

preguiça da parte dos pais. Meus filhos tem um programa de atividades estimulantes,

educacionais...

Mulher idiota. Tentando ignorá-la, pego o guia da feira e estou procurando me orientar

quando um grande letreiro atrai minha atenção. – KITS DE PRIMEIROS SOCORROS, 40

LIBRAS. Bom, é *disso* que precisamos.

Sentindo-me adulta e responsável, estaciono o carrinho e começo a examinar os kits.

Todos vêm em caixas elegantes, com coisas diferentes em seções. Gesso... rolos de

bandagens... e as tesourinhas cor-de-rosa mais lindas. Não acredito que nunca comprei um

kit de primeiros socorros. São fabulosos!

Pego o kit e vou para o caixa, onde um homem de aparência lúgubre, de jaleco branco,

está sentado num banco. Ele começa a batucar no balcão, e eu pego um catalogo de

suprimentos médicos profissionais, que é bem chato. Na maior parte, são rolos de fita

elástica e suprimentos industriais de paracetamol e...

Aah. Um estetoscópio. Eu *sempre* quis um estetoscópio.

- Quanto custa o estetoscópio? – pergunto casualmente.

- Estetoscópio? – O homem me dá um olhar cheio de suspeita. - A senhora é médica?

Francamente. Será que só os médicos podem comprar estetoscópios?

- Não exatamente – admito por fim. – mas posso comprar um?

- Tudo no catalogo está disponível pela internet. – Ele dá de ombros, de má vontade. – Se

quiser pagar 150 libras. Eles não são de brinquedo.

- Sei que não são – digo, com dignidade. – Na verdade acho que cada pai e cada mãe

deve ter um estetoscópio em casa para uma emergência. E um desfibrilador de coração –

acrescento, virando a página. – E...

Paro no meio da frase. Estou olhando a foto de uma mulher grávida sorridente segurando

a barriga.

Kit de Previsão do Sexo do Bebê

Faça um teste simples na privacidade de seu lar.

Resultados precisos e anônimos.

Meu coração está dançando uma espécie de tarantela. Eu poderia descobrir. Sem ter de

fazer outra ultra-som. Sem contar ao Luke.

- Hum... isto está disponível pela internet também? – pergunto, com a voz meio rouca.

- Eu tenho aqui. – Ele remexe na gaveta e pega uma grande caixa branca.

- Certo. - Engulo em seco. – Vou levar. Obrigada. – Entrego meu cartão de crédito, e o

homem o passa.

- Como vai a pequena Talullah-Phoebe? – pergunta uma voz atrás de mim. É a mulher de

capa de chuva vermelho-escura de novo. Está segurando um cavalinho de brinquedo

enrolado em plástico e espiando o carrinho ainda mais atulhado que estacionei perto do

mostruário de caixas de primeiro socorros. - Ela é uma boa menina, não é? Não dá nem um

pio!

Sinto uma pontada de alarme.

- Ela está, é... dormindo – acrescento depressa. – Eu a deixaria em paz.

- Deixe-me dar uma olhadinha! Não *sei* como ela consegue dormir com todos esses

pacotes no carrinho. Você *consegue*, Talullah-Phoebe? – cantarola a mulher, empurrando

de lado todas as sacolas de plástico.

- Por favor, deixe-a em paz! – Vou na direção do carrinho. – Ela é muito sensível... não

gosta de estranhos...

- Ela sumiu! – grita a mulher, e se levanta de um salto pálida de consternação. – O bebê

sumiu! Só resta o cobertozinho!

Merda.

- Ah... – Meu rosto imediatamente se enche de cor. – Na verdade...

- Moça, seu cartão de crédito não funciona – diz o homem junto á caixa registradora.

- Tem de funcionar! – viro-me de volta, momentaneamente distraída. – Só o recebi na

semana passada...

- Um bebê foi seqüestrado!

Para meu horror, a mulher de capa de chuva saiu correndo do estande e abordou um

vigilante, ainda segurando o cobertor rendado.

- A pequena Talullah-Phoebe sumiu! Um bebê desapareceu!

- Ouviu isso? – grita, horrorizada, uma loura. – Uma criança foi seqüestrada! Alguém

ligue para a policia!

- Não foi, não! – grito. – Houve um... mal-entendido... – mas ninguém ouve.

- Ela estava dormindo no carrinho! – A mulher da capa de chuva está balbuciando para

qualquer um que queira ouvir. – E agora ficou somente o cobertor!
Essas pessoas são más!

- Um bebê sumiu!

- Simplesmente pegaram!

Posso ouvir a notícia se espalhando como fogo na mata, entre os
passantes. Pais chamam

os filhos para perto, com gritos agudos. Para meu horror, vejo dois
seguranças vindos na

minha direção, com os walkie-talkies estalando.

- A essa hora, já devem ter tingido o cabelo dela e trocado de
roupas – está dizendo a

loura histericamente. – Deve estar a caminho da Tailândia.

- Senhoras, as entradas da feira foram fechadas assim que
recebemos o alerta – diz um

segurança, tenso. – Ninguém entra nem sai até termos encontrado
esse bebê.

Tudo bem, preciso assumir o controle. Tenho de dizer que é alarme
falso. É.

Simplesmente admitir que inventei Tallulah-Phoebe para furar fila, e
tenho certeza de que

todos vão entender...

Não vão, não. Vão me linchar.

- Passou. A senhora tem o número do PIN? – pergunta o homem do
caixa, que parece

totalmente inabalável com a agitação. Ligo o piloto automático, e ele me entrega a bolsa.

- A filha dela sumiu... e ela está *fazendo compras*? – pergunta a loura, horrorizada.

- Pode me dar uma descrição completa da criança, senhora? – está perguntando um dos

guardas. – A policia foi informada, e mandamos um alerta a todos os aeroportos...

Nunca mais vou mentir de novo...

- Eu... ah... – Minha voz não está funcionando direito. – Provavelmente... eu deveria

explicar uma coisa.

- Sim? – Os dois estão me olhando cheios de expectativas.

- Bex? – De repente, ouço a voz de Suze. – O que está acontecendo? – Levanto os olhos

e ali está ela, empurrando o carrinho duplo com um dos braços e segurando Clementine

com o outro.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus...

- *Aí* está você! – digo, pegando Clementine com Suze, a voz aguda de alívio. – Venha cá,

Tallulah-Phoebe!

Abraço Clementine com força, tentando esconder o fato de que ela está de inclinando

para fora dos meus braços numa tentativa desesperada de voltar para Suze.

- É a criança desaparecida? – Um segurança está olhando Clementine de cima a baixo.

- Criança desaparecida? – Suze parece incrédula. Em seguida se vira e vê a multidão ao

redor. – Bex, o quê, afinal...

- Esqueci completamente que você havia levado a pequenina Tallulah-Phoebe para

lanchar! – digo, com voz aguda. – Que idiota eu sou! E todo mundo pensou que ela havia

sido seqüestrada! – Estou implorando desesperadamente com os olhos para que ela entre no

jogo.

Vejo que seu cérebro está deduzindo tudo. O fantástico com Suze é que ela me conhece

bem demais.

- *Tallulah-Phoebe?* – diz ela finalmente, num tom de incredulidade, e eu dou

ligeiramente de ombros, com o rosto envergonhado.

- A senhora conhece esta mulher? – O guarda olha para Suze com os olhos apertados.

- Ela é minha amiga – respondo depressa, antes que eles prendam Suze por ter

seqüestrado seu próprio bebê. – Na verdade, acho que a gente deveria ir... – Enfio

Clementine no meu carrinho, do melhor modo possível, em meio a todos pacotes, e

manobro-o numa posição de largada.

- Mamã! – Clementine ainda está estendendo os braços para Suze. – Mamã!

- Ah, meu Deus! – O rosto de Suze se ilumina como um farol. – Você ouviu isso! Ela

disse mamãe! Menina esperta!

- Vamos indo agora – digo depressa aos guardas. – Muito obrigada pela ajuda, vocês têm

um sistema de segurança fantástico...

- Espere um minuto – diz um dos guardas, franzindo a testa cheio de suspeita. – Por que

o bebê disse mamã para está senhora?

- Porque... o nome dela é Amanda – respondo, desesperada. – O apelido é Mamã. –

Espertinha, Tallulah-Phoebe. Tia Mamã! Tia Mamã! Agora vamos para casa...

Nem consigo olhar para Suze enquanto vamos para a saída. Pelos auto-falantes, o locutor

está dizendo:

- E a bebê Tallulah-Phoebe foi *encontrada*, em segurança...

- Então, quer me contar o que foi isso, Bex? – diz Suze finalmente, sem virar a cabeça.

- É... – pigarreio. – Na verdade, não. Em vez disso, vamos tomar uma xícara de chá?

OITO

Suze e eu passamos o resto do dia juntas, e é simplesmente fabuloso. Enfiamos todos os

pacotes no enorme Range Rover de Suze, em seguida ela dirige até a King's Road e

tomamos chá num enorme lugar que é ótimo para crianças, com sundaes e tudo o mais. (De

agora em diante *sempre* vou ter giz de cera na mesa.) depois vamos à Steinberg e Tolkien,

eu compro um cardigã vintage e Suze compra uma bolsa de noite, e então é hora do jantar,

por isso vamos ao Pizza on the Park, onde um grupo de jazz está se aquecendo e eles

deixam os gêmeos bater com os punhos nos tambores.

E finalmente colocamos os bebês adormecidos no Range Rover, e Suze me dá uma

carona para casa. São umas dez horas quando passamos pela guarita do porteiro e paramos

na frente do prédio. Ligo para Luke, pelo celular, peço ele me ajudar a subir com todas as

coisas.

- Uau – diz ele, ao ver a pilha de bolsas no chão. – Então é isso?
Agora o quarto do bebê

está completo?

- Ah... – Acaba de me ocorrer que não comprei o esterilizador. Nem um travesseiro para

amamentar ou creme para assaduras. Mas não faz mal. Ainda restam quinze semanas.

Tempo suficiente.

Enquanto Luke batalha para entrar no apartamento com a piscina de plástico, os

cavalinhos e mais seis bolsas, pego rapidamente a sacola com o Kit de Previsão de Sexo e o

escondo na minha gaveta de roupas de baixo. Terei que escolher um momento em que ele

esteja fora de casa.

Suze entrou no banheiro para trocar um dos gêmeos e, quando saio do quarto, ela está

levando pelo corredor as duas cadeirinhas de carro.

- Venha tomar um copo de vinho – diz Luke.

- É melhor eu ir – responde ela, lamentando. – Mas aceito um copo d'água, por favor.

Entramos na cozinha, onde um CD está tocando baixinho canções de Nina Simone. Uma

garrafa de vinho está aberta na bancada, e dois copos estão servidos.

- Não vou tomar vinho – começo.

- Não era pra você – diz Luke, enchendo um copo d'água da geladeira. – Venetia deu

uma passada aqui, mais cedo.

Sinto um choque de surpresa. Venetia esteve aqui?

- Há uma papelada extra que precisamos preencher – continua Luke.
– O caminho dela é

por aqui, de qualquer modo, e ela deu uma parada enquanto ia para casa.

- Certo – digo, depois de uma pausa. – Foi... gentileza.

- Na verdade, ela acabou de sair. – Luke entrega o copo a Suze. –
Você não conseguiu

encontrá-la por causa de apenas alguns minutos.

Espera aí. Já passou das dez horas. Isso significa que ela esteve aqui
desde o fim da

tarde?

Quero dizer, não que eu me importe nem nada. Claro que não.
Venetia é apenas amiga de

Luke. Sua velha amiga ex-namorada linda platônica.

Percebo os olhos de Suze se cravando em mim e rapidamente desvio o olhar.

- Bex, pode me mostrar o quarto do neném antes de eu sair? – diz ela, com a voz

estranhamente aguda. – Venha.

Ela praticamente me empurra pelo corredor, e entramos e entramos no quarto de

hospedes, que estamos chamando de quarto do neném, mesmo que tenhamos mudado

quando ele chegar.

- *E então?* – Suze fecha a porta e se vira para mim, boquiaberta.

- O que é? – dou de ombros, fingindo que não sei o que ela quer dizer.

- Isso é normal? “dar uma passada” na casa do ex e ficar a noite toda?

- Claro que é. Por que eles não podem colocar as novidades em dia?

- Só os dois? Tomando *vinho*? – Suze pronuncia a palavra como um pregador batista.

- Eles são amigos, Suze! – digo, na defensiva. – Velhos amigos... muito bons amigos...

platônicos.

Há silêncio no quartinho.

- Certo, Bex – diz Suze finalmente, levantando as mãos em rendição. – Se você tem

certeza.

- Tenho! Totalmente, completamente, cem por cento... – Deixo no ar e começo a mexer

com um aquecedor de mamadeiras Christian Dior. Estou abrindo e fechando a tampa como

uma neurótica. Suze foi até o cesto de vime para brinquedos e está examinando uma

ovelhinha de pelúcia. Por um tempo ficamos em silêncio, nem mesmo olhando uma para a

outra. – Pelo menos... – digo, finalmente.

- O quê?

Engulo em seco várias vezes, sem querer admitir.

- Bem – digo finalmente, tentando parecer casual. – E se... só hipoteticamente... e se eu

não estivesse segura?

Suze levanta a cabeça e me encara.

- Ela é bonita? – pergunta, num tom igualmente casual.

- Não é só bonita. É estonteante. Tem cabelos ruivos luminosos, uns olhos verdes

incríveis e braços realmente tonificados...

- Vaca – diz Suze automaticamente.

- E é inteligente, e usa roupas fantásticas, e Luke gosta mesmo dela... – Quanto mais falo,

menos confiante me sinto.

- Luke *ama* você! – interrompe Suze. – Bex, lembre-se, você é a mulher dele. Foi você

que ele escolheu. Ela é a rejeitada.

Isso faz com que eu me sinta melhor. “rejeitada” me faz sentir muito melhor.

- Mas isso não significa que ela não esteja atrás dele. – Suze começa a andar de um lado

para o outro, batendo pensativamente na ovelha de pelúcia. – Temos varias opções aqui.

Uma: ela é genuinamente apenas uma amiga e você não tem com o que se preocupar.

- Certo – confirmo, séria.

- Duas: ela veio aqui esta noite dar uma sacada na situação. Três: está totalmente a fim

dele. Quatro... – Ela pára.

- Qual é a quatro?

- Não é a quatro – diz Suze rapidamente. – Acho que é a dois. Ela veio sacar as coisas.

Ver o território,

- Então... o que eu faço?

- Deixe claro para ela que você está de olho. – Suze levanta as sobrancelhas

significativamente. – De mulher pra mulher.

De mulher pra mulher? Desde quando Suze sabia e cínica? Parece que deveria estar

usando uma saia justa e soprando fumaça de cigarro em algum filme noir.

- Quando você vai vê-la de novo? – pergunta ela.

- Na sexta-feira que vem. Temos uma consulta para um check-up.

- Certo. – Suze parece firme. – Vá até lá, Bex, e reafirme seu direito de posse.

- Reafirmar meu direito de posse? – pergunto insegura. – Como faço isso? – Não sei se já

reafirmei meu direito de posse sobre qualquer coisa na vida. A não ser, talvez, um par de

botas na liquidação da Barneys.

- Dê sinaizinhos discretos – responde Suze, como quem sabe das coisas. – Mostre que

Luke pertence a você. Passe o braço ao redor dele... fale da vida fantástica que vocês

levam... simplesmente corte pela raiz qualquer ideiazinha que ela possa estar tendo. E

certifique-se de estar com uma aparência fabulosa. Mas não como se tivesse se esforçado.

Sinaizinhos discretos. Nossa vida fantástica. Parecer fabulosa. Posso fazer isso.

- Como Luke se sente em relação ao neném, por sinal? – pergunta Suze casualmente. –

Está empolgado?

- Está, acho que sim. Por quê?

- Ah, nada. – Ela dá de ombros. – É que eu li uma matéria numa revista um dia desses

sobre homens que não suportam a idéia de ser pais. Parece que freqüentemente arranjam

casos para compensar.

- Freqüentemente? – ecôo, consternada. – Com que freqüência?

- É... praticamente na metade das vezes.

- *Metade?*

- Quero dizer... um décimo – emenda Suze depressa. – Não lembro quanto era, na

verdade. E tenho certeza de que Luke não é assim. Mas, de qualquer modo, pode valer a

pena falar com ele sobre a paternidade. A matéria dizia que alguns homens simplesmente

não suportam as pressões e o estresse de ter um filho, e a gente precisa pintar um quadro

positivo.

- Certo. – Assinto, tentando absorver todas as informações. – Certo, farei isso. E, Suze...

– Paro, sem jeito. – Obrigado por não falar “eu lhe disse”. Você disse para eu ficar longe de

Venetia Carter e... talvez estivesse certa.

- Eu nunca falaria "eu lhe disse"! – exclama Suze, horrorizada.

- Sei que não. Mas um monde de gente falaria.

- Bem, não deveria falar! E, de qualquer modo, talvez você estivesse certa, Bex. Talvez

Venetia não esteja interessada no Luke, e tudo seja totalmente inocente. – Suze guarda a

ovelha de pelúcia e dá um tapinha na cabeça dela. – Mas, mesmo assim, eu reivindicaria a

posse. Só para garantir.

- Ah, não se preocupe. – Balanço a cabeça, decidida. – Farei isso.

Suze está certíssima. Preciso dar a Venetia o recado: *Tire as mãos do meu marido. De*

modo sutil, claro.

Quando chegamos á clinica na sexta-feira, estou vestindo minha melhor roupa tipo "pareça

fabulosa sem esforço": jeans de grávida Seven (esgarçado), uma sensual blusa vermelha de

tecido elástico e os novos Moschino de salto alto, de arrasar. O que é um pouco exagerado,

talvez, mas os jeans esgarçados compensam. Quando chegamos, a sala de espera está

praticamente vazia, sem nenhuma celebridade á vista, mas não me importo, de tão ligada

que estou.

- Becky? – Luke olha minha mão agarrando a dele. – Você esta bem? Parece tensa.

- Ah... bem... só tenho umas preocupações.

- Tenho certeza que sim. – Ele assente, compreensivo. – Por que não conta todas elas a

Venetia?

Ahã. Esse era o plano geral.

Ocupamos os sofás macios, e eu pego uma revista, e Luke abre o *FT* num farfalhar de

papéis. Estou para ir ai “Horóscopo de seu bebê” quando me lembro das palavras de Suze

ontem. Eu deveria falar com Luke sobre paternidade. Esta é a hora perfeita.

- E então... é empolgante, não é? – digo, largando a revista. – Virarmos pai e mãe.

- Ahã. – Luke assente e vira uma página.

Ele não parece tão empolgado. Ah, meu Deus, e se Luke está secretamente assombrado

por uma vida com fraldas e buscando refúgio nos braços de outra mulher? Tenho de pintar

um quadro *positivo* da paternidade, como Suze disse. Alguma coisa realmente boa...

alguma coisa empolgante para esperarmos...

- Ei, Luke – digo, numa inspiração súbita. – Imagine se o neném ganhar uma medalha de

ouro nas olimpíadas!

- O quê? – Ele ergue o olhar do *FT*.

- Nas olimpíadas! Imagine se o neném ganhar uma medalha de ouro em alguma. E nós

seremos os pais! – Olho para ele, esperando alguma reação. – Não seria fantástico?

Ficaríamos tão orgulhosos!

Meu pensamento está totalmente tomado por essa idéia. Posso me ver no estádio em

2030 ou sei lá quando, sendo entrevistada por Sue Barker, contando como eu sabia que meu

filho estava destinado á grandeza, mesmo no útero.

Luke parece achar meio divertido.

- Becky... será que eu perdi alguma coisa? O que faz você pensar que nosso filho vai

ganhar uma medalha de ouro nas olimpíadas?

- Pode ganhar! Por que não? Você tem de *acreditar* em seus filhos, Luke.

- Ah. É justo. – Luke assente e larga o jornal. – Então, que esporte você tem em mente?

- Salto em distância – respondo, depois de pensar um pouco. – Ou talvez salto triplo, por

que é menos popular. Será mais fácil ganhar ouro.

- Ou luta Greco-romana – sugere Luke

- *Luta greco-romana?* – Olho para ele, indignada – Nosso filho não vai fazer luta Greco-

romana! Pode se machucar!

- E se o destino dele for se tornar o maior lutador de luta Greco-romana do mundo? –

Luke ergue as sobrancelhas. Por alguns instantes, fico atônita.

- Não é – digo finalmente. – eu sou a mãe dele e sei.

- Sr. e Sra. Brandon? – chama à recepcionista, e nós dois levantamos os olhos. – Venetia

vai recebê-los agora, por favor.

Sinto um tremor nos nervos. Certo, lá vou eu. Reivindicar meu direito de posse.

- Venha, querido! – passo o braço pelos ombros de Luke e vamos pelo corredor, eu

cambaleando ligeiramente porque estou meio desequilibrada.

- Olá, pessoal! – Venetia está saindo da sala para nos receber. Está usando uma calça

preta e uma camisa cor-de-rosa sem mangas, presa com o cinto de crocodilo preto e

brilhante mais fabuloso do mundo. Beija cada um de nós duas vezes, nas bochechas, e eu

capto um perfume de Allure, da Chanel. – Que ótimo vê-los de novo!

- É ótimo ver você de novo, também, Venetia – digo, levantando a sobrancelha num

irônico “se você tem algum plano de roubar o meu marido, pode esquecer.”

- Maravilha. Venham... – Ela nos faz entrar na sua sala.

Não sei se ela notou minha manobra de sobrancelhas. Talvez eu tenha de ser mais óbvia.

Luke e eu nos sentamos, e Venetia se empoleira na frente da mesa, balançando os

sapatos altos Yves Saint Laurent. Meu Deus, ela tem um bom guarda-roupa, para uma

médica. Ou nem mesmo para uma médica.

- E então, Becky. – Ela abre as anotações e as examina por um momento. – Em primeiro

lugar, temos os resultados dos exames de sangue. Todos dos seus níveis estão ótimos... se

bem que talvez devêssemos ver essa hemoglobina. Como você está se sentindo?

- Ótima, obrigada. – respondo imediatamente. – Muito feliz, muito amorosa... Cá estou,

num casamento maravilhoso, esperando um neném... e nunca me senti mais próxima de

Luke na vida. – Estendo a mão e pego a de Luke. – Não concorda, querido? Não estamos

particularmente próximos neste momento? Tanto espiritual quanto mental, emocional e...

e... sexualmente!

Isso. Tome isso.

- Bem... é – diz Luke, ligeiramente perplexo. – Acho que sim.

- É ótimo saber Becky – diz Venetia, lançando-me um olhar estranho. – Se bem que, na

verdade, eu estava falando de seu estado físico. Alguma sensação de desmaio, náuseas, esse

tipo de coisa?

Ah, certo.

- É... não, obrigada. Estou bem.

- Então, certo, vamos dar uma olhada em você. – Ela indica a maca, e eu subo

obedientemente nela. – Deite-se, fique confortável... isso que estou vendo é uma pequena

estria? – acrescenta, quando levanto a blusa.

- Uma estria? – Horrorizada, pego o suporte metálico lateral e tento lutar para me sentar.

– Não pode ser! Eu uso óleo especial toda noite, uma loção de manhã e...

- Oops, erro meu! – diz Venetia. – É só uma fibra solta da sua camiseta.

- Ah. – Desmorono num ligeiro choque pós-traumático, e Venetia começa a sentir minha

barriga. – Se bem que, claro, as estrias normalmente apareçam no último minuto –

acrescenta ela, em tom despreocupado. – De modo que você ainda pode ter. as últimas

semanas de gravidez podem ser bem cruéis. Eu vejo minhas pacientes bamboleando,

desesperadas para os bebês saírem...

Bamboleando?

- Eu não vou bambolear – digo, com um risinho.

- Acho que vai, sim. – Ela sorri de volta. – É o modo de a natureza fazer você diminuir a

velocidade. Sempre acho justo dar às minhas pacientes de primeira viagem uma visão clara

da realidade da gravidez. Não é tudo um mar de rosas, você sabe!

- Sem dúvida – intervém Luke, - Nós reconhecemos isso, não é, Becky?

- É – murmuro, enquanto Venetia enrola um aparelho de pressão no meu braço.

Isso é mentira. Não reconheço. E, só para deixar claro como cristal: eu *nunca* vou

bambolear.

- A pressão está um pouquinho alta... – Ela franze a testa para o visor. – Certifique-se de

ir com calma, Becky. Tente descansar todo dia, ou pelo menos descansar os pés. E tente

ficar bem calma...

Ficar calma? Como vou fazer isso quando ela diz que vou ter estrias na barriga e que vou

bambolear?

- Agora vamos ouvir... – Ela passa um pouco de gel na minha barriga e pega o Doppler, e

relaxo um pouco. Esta é minha parte predileta de todas as consultas. Ficar deitada, ouvindo

o coração do bebê fazendo “uau, uau, uau” acima do ruído de fundo turvo. Lembrar que há

uma pessoinha lá dentro. – Parece ótimo. – Venetia vai até a mesa e rabisca alguma coisa

na minha ficha. – Ah, Luke, isso me lembra, falei com Matthew um dia desses, e ele

adoraria um encontro. E olhei aquele artigo do Jeremy, do qual a gente falou... – Ela

remexe na gaveta da mesa e estende um exemplar velho da *New Yorker*. – Ele foi longe,

desde que saiu de Cambridge. Leu o livro dele sobre Mao?

- Ainda não – responde Luke, indo para a mesa e pegando a revista com ela. – Vou ler

quando tiver tempo, obrigado.

- Você deve ser ocupado – diz Venetia, com simpatia. Em seguida, serve um copo d'água

do bebedouro e oferece a Luke. – Como estão indo os novos escritórios?

- Bem. – Luke assente. – Com um ou outro probleminha, claro...

- Mas é fabuloso você ter o Arcodas como cliente. – Ela se apóia na mesa, franzindo a

testa de modo inteligente. – *Deve* ser o caminho pra frente, diversificar para além da área

financeira. E a taxa de expansão do Arcodas é fenomenal, eu esta lendo uma matéria a

respeito no *FT*. Iain Wheeler parece bem impressionante.

Ei... olá?

Eles me abandonaram totalmente, deitada de costas, como um besouro virado. Pigarreio

alto, e Luke se vira.

- Desculpe, querida! Você está bem? – Ele vem rapidamente e me oferece a mão.

- Desculpe, Becky! – diz Venetia. – Só estou pegando um pouco d'água para você.

Parece meio desidratada. É vital manter os líquidos. Você deveria estar tomando pelo

menos oito copos d'água por dia. Aqui.

- Obrigada! – sorrio de volta enquanto pego o copo, mas, quando me sento, as suspeitas

circulam sombrias na minha cabeça. Venetia está muito tagarela com Luke. *Demais*. E

tentando inventar que estou com estria, e o modo como fica balançando o cabelo como uma

modelo num anuncio de TV. Não é exatamente um jeito de médica, é?

- E então! – Venetia está atrás da mesa de novo, rabiscando minhas anotações. – Tem

alguma pergunta? Algum assunto que queira abordar?

Olho para Luke, mas ele tirou o telefone do bolso. Dá para ouvir o zumbido fraco do

aparelho.

- Com licença – diz ele. – Vou dar um pulinho lá fora. Continuem sem mim. – Ele se

levanta e sai da sala, fechando a porta.

Então somos nós duas. De mulher para mulher. Posso sentir a sala pinicando de tensão.

Pelo menos... está pinicando do meu lado.

- Becky? – Venetia mostra seus dentes perfeitamente brancos num sorriso. – Há alguma

coisa que você queria falar?

- Na verdade, não – respondo, em tom agradável. – Como eu disse está tudo ótimo. Eu

estou bem... Luke está bem... nosso relacionamento não poderia ser melhor. Sabe que este é

um bebê de lua-de-mel? – não resisto a acrescentar.

- É, ouvi tudo sobre sua maravilhosa lua-de-mel! – exclama Venetia.
– Luke disse que

vocês foram a Ferrara quando estavam na Itália?

- Isso mesmo – dou um sorriso de reminiscência. – Foi tão romântico! Sempre vou

compartilhar isso como uma lembrança maravilhosa.

- Quando Luke e eu visitamos Ferrara, não conseguimos nos afastar daqueles afrescos

fabulosos. Tenho certeza de que ele contou. – Seus olhos estão arregalados e inocentes.

Luke e eu não fomos ver nenhum afresco em Ferrara. Ficamos sentados no mesmo

restaurante ao ar livre a tarde toda, tomando Prosecco e comendo a comida mais

maravilhosa do mundo. E ele nunca mencionou que havia estado ali antes, com Venetia.

Mas *de jeito nenhum* vou admitir isso a ela.

- Na verdade, não fomos ver os afrescos – digo enfim, examinando as unhas. – Luke me

falou tudo sobre eles, claro. Mas disse que achava que era superestimados.

- Superestimados? – Venetia parece estarrecida.

- Ahã. – Fixo o olhar no dela. – Superestimados.

- Mas... ele tirou um monte de fotos deles. – ela dá um rido incrível. – Falamos sobre

eles durante horas!

- É, bem, nós falamos sobre eles a noite toda! – contra-ataco. – Sobre como são

superestimados.

Remexo casualmente meu anel de casamento, certificando-me de que o diamante de

noivado brilhe sob as luzes.

Sou a mulher dele. Sei o que ele acha dos afrescos.

Venetia abre a boca – depois fecha de novo, parecendo confusa.

- Desculpe! – Luke entra na sala de novo, guardando o telefone, e Venetia se vira

imediatamente para ele.

- Luke, você se lembra daqueles afrescos em...

- Ai! – agarro a minha barriga. – Ai.

- Becky! Querida! – Luke corre para perto de mim, alarmado. – você esta bem?

- Só uma pontada. – Dou-lhe um sorriso corajoso. – Tenho certeza de que não é nada

com que se preocupar. – Olho em triunfo para Venetia, que está franzindo a testa como se

não conseguisse me deduzir.

- Você já teve esse tipo de dor antes? – pergunta. – Pode descrevê-la?

- Agora passou – digo jovialmente. – Acho que foi só uma pontada.

- Avise se tiver alguma outra dor – diz ela. – E lembre-se de pegar leve. Essa pressão não

deve ser problema, mas não queremos que fique mais alta. Seu médico anterior explicou

sobre pré-eclampsia?

- Sem dúvida – responde Luke, me olhando, e eu confirmo com a cabeça.

- Ótimo. Bem, cuide-se. Vocês podem me ligar a qualquer hora. E, antes de irem... –

Venetia abre a agenda. – *Precisamos* marcar uma noite para todos nos encontrarmos. No

dia dez.. ou doze? Presumindo que eu não esteja fazendo um parto, claro!

- Doze? – Luke assente, consultando seu BlackBerry. – Tudo bem para você, Becky?

- Ótimo! – digo, com doçura. – Estaremos lá.

- Maravilhoso. Vou ligar para os outros. É fantástico fazermos contato de novo, depois

de tanto tempo. – Venetia suspira e pousa a caneta. – Para ser honesta, tem sido muito

difícil recomeçar em Londres. Meus velhos amigos têm sua vida; mudaram-se. Além disso,

nem sempre tenho horário para socializar e Justin viaja um bocado para fora do país, claro.

– Seu sorriso luminoso escorrega um pouco.

- Justin é o namorado de Venetia – explica Luke.

O namorado. Eu quase havia esquecido que ele existia.

- Ah, certo – digo educadamente. – O que ele faz?

- É financista. – Venetia pega uma foto emoldurada de um homem com aparência sem

graça, de terno, e, enquanto o examina, seu rosto todo fica iluminado. – Ele tem uma

energia e uma motivação incríveis, um pouco como Luke. Algumas vezes me sinto deixada

para trás quando ele está resolvendo um negócio. Mas o que posso fazer? Eu o amo.

- *Verdade?* – pergunto, surpresa. Então percebo como isso soou. – Quero dizer... é...

fantástico!

- Ele é o motivo de eu ter vindo para Londres. – Seus olhos continuam fixos na foto. –

Conheci-o numa festa em Los Angeles e simplesmente fiquei caidinha.

- Você se mudou de tão longe? – pergunto, incrédula. – Só por causa dele?

- Isso é que é amor, não é? A gente faz coisas malucas sem motivo. – Venetia levanta a

cabeça, com os olhos verdes brilhando. – Se meu trabalho me ensinou uma coisa, Becky, é

que o amor é a coisa mais importante. O amor humano. Eu o vejo toda vez que coloco um

bebê nos braços da mãe... toda vez que vejo um coração novo, de oito semanas, batendo na

tela e vejo o rosto dos pais... toda vez que minhas pacientes voltam, pela segunda ou

terceira vez. É o amor que faz os bebês. E sabe de uma coisa? Nada mais importa.

Uau. Fico desarmada.

Afinal de contas, ela não está atrás de Luke. Está apaixonada pelo cara chato! E, para ser

honesto, aquele discursinho praticamente me deixou em lágrimas.

- Você está certíssima! – digo, rouca, agarrando o braço de Luke. – O amor é tudo que

importa neste mundo louco e conturbado que chamamos... de mundo.

Não sei bem se foi uma boa frase, mas quem se importa? Avaliei Venetia completamente

errado. Ela não é uma devoradora de homens, é um ser humano caloroso, lindo e amoroso.

- Só espero que Justin consiga chegar até o dia doze. – Finalmente ela recoloca a foto no

lugar, com um tapinha carinhoso. – Eu adoraria que vocês o conhecessem.

- Eu também! – Digo com entusiasmo genuíno. – Estou ansiosa.

- Tchau, Becky. – Venetia me dá um sorriso caloroso e amigável. – Ah, quase me

esqueci. Não sei se vocês estariam interessados, mas uma jornalista da *Vogue* me ligou

ontem. Vão fazer uma grande matéria sobre as Mais Deliciosas Futuras Mamães de

Londres, e pediram que eu desse alguns nomes. Pensei em você.

- A *Vogue*? – encaro-a, congelada.

- Talvez você não se interesse, claro. Isso implicaria uma foto sua no quarto do bebê,

uma entrevista, cabelo e maquiagem... eles vão fornecer as roupas de grife, para grávidas...

– Ela dá de ombros, vagamente. – Não sei... se é seu tipo de coisa.

Estou praticamente ofegando. Se é meu tipo de coisa? Fazerem minha maquiagem, usar

roupas de grife e sair na *Vogue*... meu tipo de coisa?

- Acho que isso é um sim – diz Luke, me olhando divertido.

- Fantástico! – Venetia toca a mão dele. – Deixa comigo. Eu resolvo tudo.

Rebecca Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

31 de agosto de 2003

Querida Fabia,

Só gostaria de dizer o quanto gostamos de sua casa estupenda, linda. É a

Kate Moss das casas!* Na verdade, é tão estupenda que acho que merece sair

na *Vogue*, você não acha?

Isso me lembra de um favor minúsculo que eu queria pedir. Por coincidência,

vou ser entrevistada pela *Vogue* – e imaginei se poderia usar a casa para as

fotos.

Também imaginei se poderia colocar alguns objetos pessoais e dizer que Luke

e eu já moramos aí. Afinal de contas, estaremos morando quando a entrevista sair... de modo que faz sentido!

Em troca, se houver algo que eu possa fazer por você ou algum item de moda

que você queira que eu consiga, ficarei feliz em ajudar!

Desejando tudo de bom,

Becky Brandon

* Não no tamanho, obviamente.

Delamain Road, 33

Maida Vale

Londres NW6 1TY

MENSAGEM DE FAX

1/9/03

DE: FABIA PASCHALI

PARA: REBECCA BRANDON

Becky

1. Bolsa Chloe Silverado, marrom.
2. Kaftan Matthew Williamson roxo com contas, tamanho 38.
3. Sapato princesa Olly Bricknell, verde, tamanho 37.

Fabia

Da bibliotecária escolar

Escola Oxshott para meninas

Sra. L. Hargreaves

Marlin Road

Oxshott

Surrey

KT22 OJG

3 de setembro de 2003

Querida Becky,

Que bom ter notícias suas depois de todos esses anos, e de fato me lembro quando você

estudava aqui. Quem poderia esquecer a garota que deu início à loucura das "bolsas da

amizade" em 1989?

Adorei saber que você vai sair na *Vogue* – e, como você diz, é uma surpresa. Mas devo

garantir que os professores não ficavam na sala dos funcionários dizendo "aposto que

Becky Bloom nunca vai sair na *Vogue*."

Sem dúvida, comprarei um exemplar, ainda que ache impossível que a diretora sancione

a compra de um Exemplar Oficial Comemorativo para cada aluna, como você sugere.

Desejando tudo de bom,

Lorna Hargreaves

Bibliotecária

PS. Você ainda está com o exemplar de *In The Fifth at Malory Towers*? Há uma multa

bem grande para ele.

NOVE

Vou sair na *Vogue*! Na semana passada. Martha, a garota que vai escrever a matéria sobre

as Mais Deliciosas Futuras Mamães, telefonou e batemos um papo maravilhoso.

Talvez eu tenha inventado algumas coisinhas minúsculas. Como meu programa de

exercícios diários. E que tomo suco de framboesa feito na hora todas as manhãs, e que

escrevo poemas para meu bebê. (Sempre posso tirar alguns de um livro.) Além disso, falei

que já morava na casa da Delamain Road, por que parece melhor que morar num

apartamento.

Mas a questão é que *vamos* morar lá em muito pouco tempo. Ela já é praticamente nossa.

E a repórter ficou realmente interessada nos quartos do bebê "dele" e "dela".

Disse que achou que seria um ponto alto na matéria. Um ponto alto!

- Becky?

Uma voz atravessa meus pensamentos. Levanto os olhos e vejo Eric vindo na minha

direção. Escondo rapidamente minhas listas embaixo de um catálogo Maxmara e examino o

andar para garantir que não há clientes espreitando que eu não tenha notado. Mas não há.

Os negócios não ganharam pique, exatamente, nos últimos dias.

Para dizer a verdade, tivemos mais um desastre. Alguém do marketing decidiu começar

uma campanha "boca a boca", contratando estudantes para falar sobre a The Look e

distribuir folhetos em cafés. O que seria fantástico se eles não os tivessem entregando a

uma gangue de ladrões de lojas, que em seguida entraram e afanaram toda a linha de

cosméticos BeneFit. Foram apanhados – mas mesmo assim. O *Daily World* se esbaldou

dizendo: "A The Look está tão desesperada que agora contrata criminosos condenados."

O lugar está mais vazio que nunca, e, para completar, cinco funcionários se demitiram

esta semana. Não é de se espantar que Eric pareça tão mal-humorado.

- Onde está Jasmine? – Ele olha a área de recepção do Compras Pessoais.

- Está... no depósito – minto.

Na verdade, Jasmine está dormindo no chão de um provador. Sua nova teoria é que, já

que não há nada para fazer no trabalho, ela pode muito bem usar o tempo para dormir e ir

para a balada á noite. Até agora, está dando bastante certo.

- Bom, de qualquer modo, era com você que eu queria falar. – Ele franze a testa. – Acabo

de revisar o contrato de Danny Kovitz. É bem exigente, esse seu amigo. Especificou

viagem de primeira classe, uma suíte no Claridge's, uma limusine para uso pessoal, estoque

ilimitado de San Pellegrino "sacudida para tirar as bolhas"...

Contenho um risinho. Isso é típico de Danny.

- Ele é um estilista importante – lembro a Eric. – Todas as pessoas talentosas têm suas

manias.

- "Por toda a duração do processo criativo" – lê Eric em voz alta - , "o Sr. Kovitz exigirá

uma tigela de pelo menos 25 centímetros de diâmetro cheia de jujubas. Sem as verdes."

Puxa que absurdo é esse? – Eric folheia o papel, exasperado. – O que ele está esperando?

Que alguém vá ficar sentado durante horas tirando as jujubas verdes e jogando fora?

Uuuuh. Eu adoro jujuba verde.

- Não me importo em cuidar disso – respondo casualmente.

- Ótimo. – Eric suspira. – Bem, só posso dizer que espero que todo esse esforço e esse

dinheiro dêem resultado.

- Dará! – respondo, batendo disfarçadamente na mesa de madeira, para dar sorte. –

Danny é o estilista mais quente que existe! Ele vai parecer com algo totalmente brilhante,

original e atual. E todo mundo vai correr para a loja. Garanto!

Eu realmente, *realmente* esperto estar certa.

Enquanto Eric se afasta de novo, penso se devo ligar para Danny e perguntar se ele já tem

alguma idéia. Mas, antes que eu faça isso, meu celular toca.

- Alô?

- Oi – diz a voz de Luke. – Sou eu.

- Ah, oi! – Recosto-me na cadeira, pronta para bater um papo. – Olha, acabo de saber

sobre o contrato de Danny. Você nunca vai adivinhar o que...

- Becky, acho que não vou poder ir esta tarde.

- O quê? – Meu sorriso some.

Esta tarde é a nossa primeira aula de pré-natal. Aquela em que os parceiros de parto

também vão, e fazemos respirações e amizades para toda a vida. E Luke prometeu que iria.

Prometeu.

- Desculpe. – Ele parece distraído. – Sei que eu disse que iria. Mas há uma crise no

trabalho.

- Uma *crise*? – Fico empertigada, cheia de preocupação.

- Não é uma crise – emenda ele imediatamente. – Só... aconteceu uma coisa que não é

muito boa. Vai dar tudo certo. Foi só um probleminha.

- O que aconteceu?

- Só... uma pequena disputa interna. Não vamos falar disso. Mas lamento mesmo por esta

tarde. Eu queria ir. – Ele realmente parece abalado. Não há sentido em ficar chateada.

- Tudo bem. – Escondo um suspiro. – Vou ficar bem, sozinha.

- Não há ninguém que possa ir com você? Quem sabe a Suze?

É uma idéia. Afinal de contas, fui parceira do parto de Suze. Somos amigas muito

intimas. E seria bom ter uma companhia.

- Talvez. – Confirmo com a cabeça. – Então, você vai poder ir esta noite?

Esta noite vamos sair com Venetia, o namorado dela e todos os velhos amigos de Luke,

da Cambridge. Andei bem ansiosa por causa disso; na verdade, vou fazer escova no cabelo

especialmente para esta ocasião.

- Espero que sim. Manterei você a par.

- Certo. Vejo você mais tarde.

Desligo e já estou a digitar o número da Suze quando me lembro: esta tarde ela vai levar

Ernie a um novo grupo de jogos. Por isso não poderá ir. Recosto-me na cadeira, pensando.

Eu poderia ir sozinha. Quero dizer, não tenho medo de um punhado de mulheres grávidas,

tenho?

Ou então...

Pego o telefone de novo e digito um número da memória.

- Ei, mamãe – digo, assim que ela atende. – Vai fazer alguma coisa esta tarde?

A aula de pré-natal vai acontecer numa casa de Islington e se chama “Escolhas, Poder,

Mentes Abertas”, um título que acho muito bom. *Definitivamente* tenho a mente aberta.

Enquanto vou andando em direção á casa, vejo mamãe chegar em seu Volvo e estacionar,

depois de umas oito tentativas, uma pequena pancada numa lixeira e a ajuda de um

motorista de caminhão que sai de sua cabine para orientá-la.

- Oi, mamãe! – grito quando ela sai finalmente, parecendo meio abalada. Está usando

calças brancas elegantes, um blazer azul-marinho e sapatos baixos brilhantes.

- Becky! – Seu rosto se ilumina. – Você está maravilhosa, querida. Venha, Janice! – Ela

bate na janela do carro. – Eu trouxe a Janice. Você não se importa, não é, querida?

- É... não – respondo, surpresa. – Claro que não.

- Ela estava sem o que fazer, e pensamos em ir a Liberty's depois, olhar tecidos para o

quarto do neném. Seu pai pintou as paredes de amarelo, mas ainda não decidimos quanto ás

cortinas... – Ela olha minha barriga. – Alguma idéia se é menino ou menina?

Minha mente salta para o Kit de Previsão de Sexo escondido na minha gaveta de roupas

de baixo, duas semanas depois de ter sido comprado. Fico tirando-o, depois perco a

coragem e guardo de volta. Talvez precise de Suze como apoio moral.

- Não – respondo. – Ainda não.

A porta do carona se abre, e Janice sai, arrastando uma peça de tricô.

- Becky, querida! – diz ela, sem fôlego. – Você precisa travar as portas, Jane?

- Feche, *depois* eu travo – ordena mamãe. – Dê uma boa pancada.

Vejo uma garota grávida, de vestido marrom, tocando a campainha de uma casa logo

adiante. Deve ser ali!

- Eu estava acabando de ouvir um recado de Tom – diz Janice, enfiando o tricô numa

bolsa de palha, junto com o celular. – Vou encontrá-lo mais tarde. Ele só vai ficar falando

na Jess! É Jess isso, Jess aquilo...

- Jess? – Encaro-a. – E Tom?

- Claro! – O rosto dela está luminoso. – Eles formam uma casal lindo. Não quero ficar

com esperanças, mas...

- Ora, lembre-se, Janice – diz mamãe com firmeza – , você não pode ficar pressionando

esses jovens.

Jess e Tom estão namorando? E ela nem me contou? *Francamente.*
Na manhã depois da

festa, eu perguntei o que estava acontecendo com Tom, e ela só ficou toda sem graça e

mudou de assunto. Por isso presumi que a coisa não havia pegado.

Não consigo deixar de me sentir meio chateada. O único objetivo de se ter uma irmã é

ligar para ela e contar sobre o namorado novo, e não mantê-la totalmente no escuro.

- Então... Jess e Tom estão se relacionando? – pergunto, para ter certeza.

- Eles estão muito íntimos. – Janice assente com vigor. – Muito, muito íntimos. E devo

dizer que Jess é uma supergarota. Estamos nos dando muitíssimo bem!

- Verdade? – Tento não parecer surpresa demais, mas não consigo ver Janice e Jess tendo

uma coisa em comum.

- Ah, sim! Todos nos sentimos como uma família. Na verdade, Martin e eu adiamos o

cruzeiro do próximo verão, só para o caso de termos um... – Ela pára. – Casamento –

sussurra.

Casamento?

Tudo bem. Preciso falar com a Jess. Agora.

- Cá estamos – diz mamãe quando nos aproximamos da porta, que tem um cartaz

pregado: POR FAVOR, ENTRE E TIRE OS SAPATOS.

- O que, exatamente, acontece numa aula de pré-natal? – pergunta Janice, tirando suas

sandálias Kurt Geiger.

- Respiração e outras coisas – respondo vagamente. – Preparação para o parto.

- Tudo mudou desde o nosso tempo, Janice – intervém mamãe. – Hoje eles têm

treinadores de parto.

- Treinadores! Como os jogadores de tênis! – Janice parece empolgada com a idéia.

Estão seu sorriso some e ela agarra o meu braço. – Coitadinha da Becky. Não faz idéia de

em que está se metendo.

- Certo – digo, meia assustada. – Bem... é... vamos entrar?

A aula acontece no que parece uma sala de estar normal. Há almofadões arrumados em

circulo, e várias mulheres sentadas neles, com os maridos desajeitadamente empoleirados

ao lado.

- Olá. – Uma mulher magra, de cabelos escuros e calças de ioga se aproxima. – Sou

Noura, sua professora de Pré-natal – diz em voz baixa. – Bem-vinda.

- Oi, Noura! – Sorrio para ela e aperto a sua mão. – Sou Becky Brandon. Esta é minha

mãe... e esta é Janice.

- Ah. – Nora assente como quem sabe das coisas e pega a mão de Janice. – É um

verdadeiro prazer conhece-la, Janice... Você é... parceira de Becky? Temos outro casal do

mesmo sexo vindo mais tarde, de modo que, por favor, não se sintam...

Ah, meu Deus! Ela acha...

- Não somos lésbicas! – interrompo depressa, tentando não rir da expressão perplexa da

Janice. – Janice é apenas nossa vizinha. Ela vai a Liberty's com mamãe depois.

- Ah, sei. – Noura parece meio frustrada. – Bom, bem-vindas, vocês três. Sentem-se.

- Janice e eu vamos pegar café – diz mamãe, indo para uma mesa na lateral da sala. –

Sente-se, Becky querida.

- Então, Becky – diz Noura quando me sento cautelosamente num almofadão. – Estamos

circulando pela sala, cada uma se apresentando. Laetitia acabou de explicar que vai fazer o

parto de casa. Onde você vai ter seu bebê?

- Com Venetia Carter, no Cavendish – respondo, tentando parecer casual.

- Uau! – diz uma garota de vestido cor-de-rosa. – Ela não faz todas as celebridades?

- Faz. Na verdade, ela é minha amiga íntima. – Não resisto a acrescentar: - Vamos sair

juntas essa noite.

- E você já pensou no parto que vai fazer? – prossegue Noura.

- Vou fazer parto na água com flores de lótus e massagem tailandesa – digo, com

orgulho.

- Maravilhoso! – Noura marca alguma coisa em sua lista. – então, idealmente, você

gostaria de um parto ativo?

- Bom... – Visualizo-me preguiçosamente numa bela piscina quente, com música tocando

e flores e flores de lótus flutuando ao redor, e talvez com um coquetel na mão. – Não, acho

que provavelmente será bem inativo, na verdade.

- Você quer um... parto inativo? – Noura parece estupefata.

- Sim – confirmo com a cabeça. – Em termos ideais.

- E com alívio da dor?

- Tenho um pedra maori especial para o parto – digo, cheia de confiança. – E fiz ioga. De

modo que provavelmente ficarei bem.

- Sei. – Noura parece não que quer acrescentar mais alguma coisa. – Certo – diz

finalmente. – Bem. Há formulários de planejamento de parto na frente de vocês, e eu

gostaria que todo mundo preenchesse. Vamos usar todas as idéias como pontos de

discussão.

Há um murmúrio enquanto todo mundo pega seus lápis e começa a bater papo com os

parceiros.

- Eu também adoraria ouvir a mãe de Becky e Janice – acrescenta Noura, enquanto

mamãe e Janice retornam ao grupo. – É um privilégio ouvir mulheres mais velhas que

passaram pelo parto e maternidade e podem compartilhar sabedoria.

- Claro, querida! Vamos contar tudo. – Mamãe pega um saquinho de balas de hortelã. –

Alguém quer?

Pego meu lápis. E pouso-o de novo. Preciso mandar uma mensagem rapidinha para Jess

e descobrir o que está acontecendo. Pego o telefone, encontro o número dele e digito:

AHMDEUS Jess!!! Vc ta namorando Tom???

Então apago. Ficou empolgado demais. Ela vai pirar de vez e nunca vai me responder.

Oi Jess. Como vc ta? Bex.

Assim é melhor. Aperto enviar e volto a atenção para o plano de parto. É uma lista de

perguntas, com espaço para preencher as respostas.

1. Quais são suas prioridades para o início de trabalho de parto?

Penso com força por um momento, depois escrevo "Boa aparência."

2. Como você vai enfrentar a dor nos primeiros estágios? (P. ex.: banho quente, se

balançar de quatro.)

Estou para escrever "sair para compras" quando meu celular toca. É um recado da Jess!

Bem, obrigada.

É a cara da Jess. Duas palavras, sem revelar nada. Mando imediatamente um recado de

volta:

Ta Saindo c/ Tom??

- Entreguem as folhas, todo mundo. – Noura está batendo palmas. –
Podem parar de

escrever...

Já? Meu Deus, é que nem prova de escola. Sou a última a entregar o
papel, enfiando-o no

meio para que Noura não veja. Mas ela está folheando todos,
assentindo enquanto lê. Então

pára.

- Becky, em "prioridades no início do trabalho de parto", você pôs
"boa aparência". – Ela

ergue a cabeça. – É uma piada?

Por que todo mundo está me encarando? Claro que não é piada.

- Se você tiver boa aparência, vai se sentir bem! É um alívio natural
para a dor. Todas

deveríamos dar uma geral na maquiagem e fazer o cabelo...

Estou recebendo testas franzidas e "tsc, tsc" de toda a sala, exceto
de uma garota numa

estupenda blusa rosa, que concorda com a cabeça.

- Concordo com você! – diz ela. – Prefiro isso a balançar de quatro.

- Ou ir fazer compras – acrescento. – Cura enjôo matinal, de modo
que...

- Fazer compras cura *enjôo matinal*? – interrompe Noura. – O que
você está falando?

- Sempre que eu ficava enjoada nas primeiras semanas, ia á Harrods e comprava alguma

coisinha para afastar o pensamento daquilo – explico, - E funcionava mesmo.

- Eu costumava encomendar coisas pela internet – concorda a garota de rosa.

- Você poderia colocar isso na sua lista de remédios – sugiro, solícita. – Depois do chá de

gingibre.

Noura abre a boca – e fecha de novo. Vira-se para outra garota, que está com a mão

levantada, no instante em que meu telefone toca com outro recado.

Mais ou menos.

Mais ou menos? O que isso significa? Digito rapidamente.

Janice acha q vcs vao se casar!

Aperto enviar. Pronto. Isso vai dar um pique nela!

- Certo. Vamos em frente. – Noura está no centro da sala de novo. –
Depois de olhar

estas respostas, está claro que muitas de vocês se preocupam com a
idéia do trabalho de

parto e como vão enfrentá-lo. – Ela olha ao redor. – Minha primeira
resposta é: não se

preocupem. Vocês *conseguem* enfrentar. Todas vocês.

Há risadas nervosas na sala.

- É, as contrações podem ser bem intensas – continua Noura – , mas
seus corpos são

projetados para suportar. E o que devem lembrar é que é uma dor
positiva. Tenho certeza

que vocês duas vão concordar, não é? – Ela olha para mamãe e
Janice, que pegou o tricô e

está com as agulhas fazendo clic-clic.

- *Positiva?* – Janice levanta os olhos, horrorizada. – Ah, não, querida.
O meu foi uma

agonia. Vinte e quatro horas no calor cruel do verão. Eu não desejaria aquilo para nenhuma

de vocês, coitadinhas.

- E naquela época não tínhamos os remédios – Entoa mamãe. – Meu conselho é tomarem

tudo que puderem.

- Mas há métodos naturais, instintivos, que vocês podem usar – intervém Noura

rapidamente. – Tenho certeza que vocês descobriram que se balançar e mudar de posição

ajuda nas contrações, não é?

Mamãe e Janice trocam olhares de dúvida.

- Eu não diria isso – responde mamãe, com gentileza.

- Ou um banho quente? – sugere Noura, com o sorriso ficando tenso.

- Um banho? – Mamãe ri, alegre. – Querida, quando você está sendo rasgada pelo agonia

e querendo morrer, um banho não ajuda nada!

Pelo modo como Noura respira mais profundamente e fecha os punhos, dá para ver que

está ficando meio frustrada.

- Mas valeu a pena, no fim das contas? A dor pareceu um preço pequeno a pagar,

comparando com o júbilo de afirmação da vida?

- Bem... – Mamãe me dá um olhar de dúvida. – Claro, eu adorei ter minha pequena

Becky. Mas decidi ficar apenas com uma filha. Nós duas decidimos, não foi, Janice?

- Nunca mais. – Janice estremece. – Nem que me pagassem um milhão de libras.

Enquanto olho ao redor, posso ver que o rosto de todas as garotas ficam congelados. O

da maioria dos homens também.

- Certo! – diz Noura, fazendo um esforço óbvio para permanecer agradável. – Bem,

obrigada por essas... palavras inspiradoras.

- Não foi nada! – Janice acena de volta com o tricô, toda alegre.

- Agora vamos tentar um pequeno exercício de respiração – prossegue Noura – que,

acreditem ou não, *vai* ajudar com as contrações do início do trabalho de parto. Quero que

todas se sentem eretas e façam respirações curtas. Inspirem... expirem... isso mesmo...

Enquanto estou fazendo a respiração curta, há um toque no celular.

O que???

Rá! Contenho um risinho e digito de volta:

Eh amor?

Alguns instantes depois, meu telefone toca de novo com outro recado.

Estamos tendo uns problemas.

Ah, meu Deus. Espero que Janice esteja bem. Não pretendia provocá-la.

É meio complicado fazer respiração curta e digitar texto ao mesmo tempo. Por isso

abandono a respiração curta e digito:

Q problemas? Pq não me contou?

- Para quem você está mandando recado, querida? – pergunta Janice, que também

abandonou a respiração curta e está consultando o padrão do tricô.

- Ah... uma amiga – digo em tom leve, enquanto chega outro texto. Jess também deve ter

abandonado o que estava fazendo.

Não queria incomodar vc, eh bobagem.

Francamente. Como Jess pode achar que está me incomodando? Eu *quero* saber de sua

vida amorosa. “vc eh minha Irma!!!”, começo a digitar, quando Noura bate palmas pedindo

atenção.

- Relaxe, todo mundo. Agora vamos experimentar um exercício simples, que deve

descansar a mente de vocês. Seu parceiro vai segurar sua Mão e torcê-la, provocando uma

daquelas antigas queimaduras chinesas. E vocês vão respirar *através* da dor. Focalizem a

mente, permaneçam relaxadas... Parceiros, não tenham medo de aumentar a pressão! E

vocês verão como são muito mais fortes do que imaginaram! Becky, eu fico com você, tudo

bem? – acrescenta ela, aproximando-se.

Meu estômago dá uma cambalhota nervosa. Não gosto da idéia de antiga queimadura

chinesa. Nem mesmo de uma nova em folha. Mas não posso recusar, todo mundo está

olhando.

- Certo – digo, estendendo cautelosamente o braço.

- Obviamente, a dor do parto será mais intensa que isso, mas só para dar uma idéia...

Ela segura meu antebraço.

- Agora *respirem...*

- Ai! – digo, quando ela torce subitamente meu braço. – Ai, isso *dói!*

- Respire, Becky – instrui Noura. – Relaxe.

- Estou respirando! Aaaaaaiiiiiiii!

- Agora a dor está ficando mais forte... – Noura me ignora. –
Imagine que a contração

esta chegando ao auge...

Estou ofegando com força enquanto ela torce minha pele ainda
mais.

- E agora está diminuindo... passou. – Ela solta meu braço e me dá
um sorriso. – Está

vendo Becky? Viu como você conseguiu suportar isso, apesar dos
temores?

- Uau. – Estou quase sem fôlego.

- Acha que aprendeu uma coisa valiosa com isso? – Ela me dá um
olhar de quem sabe

das coisas. – Algo que coloca seus temores em perspectiva?

- Acho. – Assinto séria. – Aprendi que *definitivamente* quero uma
epidural.

- Peça anestesia geral, querida – diz mamãe. – Ou uma bela
cesariana!

- Você não *pode tomar anestesia geral*. – Noura a encara, incrédula.
– Eles simplesmente

não dão, você sabe!

- Becky vai para o lugar mais de ponta de Londres! – retruca
mamãe. – Pode ter o que

quiser! Agora, querida, se eu fosse você, faria massagem tailandesa
e o parto na água *antes*

do início das dores, depois a epidural e, em seguida, aromaterapia...

- Isso é um *trabalho* de parto! – grita Noura, segurando o cabelo. – Você vai ter um bebê,

e não pedir usando a porcaria de um menu de serviço de quarto.

Há um silêncio chocado.

- Desculpem – diz ela, com mais calma. – eu... não sei o que deu em mim. Vamos dar

uma paradinha. Podem beber alguma coisa.

Ela sai da Salam e começam as conversas em voz baixa.

- Bem! – diz mamãe, levantando as sobrancelhas. – Acho que alguém está precisando

fazer respirações curtas! Janice, vamos a Liberty's agora?

- Só deixe eu terminar esta fileira. – Janice clica freneticamente com as agulhas de tricô.

– Pronto! Está feito. Você vem, Becky?

- Não sei – respondo, dividida. – Talvez eu devesse ficar até o fim da aula.

- Não creio que Noura saiba do que está falando! – diz, mamãe, em tom conspirador. –

Nós lhe contaremos tudo o que você precisa saber. E você pode me ajudar a escolher uma

bolsa nova!

- Então está certo. – Levanto-me. – Vamos!

Quando termino de fazer compras com mamãe e Janice e saio do cabeleireiro, já passa das

seis. Chego em casa e encontro Luke no escritório. As luzes apagadas, e ele está

simplesmente ai sentado, no escuro.

- Luke? – Ponho as sacolas no chão. – Tudo bem?

Ele leva um susto com minha voz e levanta a cabeça. Olho para ele, surpresa. Seu rosto

está tenso, com uma ruga funda entre as sobrancelhas.

- Tudo bem – diz ele, finalmente. – Está tudo bem.

Não me parece que esteja. Entro no escritório, me empoleiro na mesa diante dele e

examino seu rosto.

- Luke, o que foi a crise no trabalho hoje?

- Não é uma *crise*. – Ele consegue dar um sorriso. – Usei a palavra errada, foi só... um

incidente. Nada importante. Tudo foi resolvido.

- Mas...

- Como você está? – Ele acaricia meu braço. – Como foi a aula?

- Ah. – Lanço a mente de volta. – É... foi legal. Você não perdeu grande coisa. Depois fui

fazer compras com mamãe e Janice. Fomos a Liberty's e á Browns...

- Você não andou passando do ponto, andou? – Ele me examina, preocupado. –

Descansou? Lembre-se do que Venetia disse sobre a pressão.

- Estou ótima! – Balanço o braço. – Nunca me senti melhor!

- Bem. – Luke olha o relógio, - Devemos ir daqui a pouco. Vou tomar uma banho rápido

e pedir um táxi. – Sua voz está bastante animada, mas, quando ele se levanta, noto uma

tensão em seus ombros.

- Luke... – Hesito. – Está tudo bem, não é?

- Becky, não se preocupe. – Luke segura minhas duas mãos. – Está tudo bem. Temos

uma pequena crise todo dia. É a natureza do trabalho, você sabe. Nós lidamos com elas e

vamos em frente. Talvez eu esteja mais preocupado que o normal. No momento, só estou

ocupado demais.

- Bem, tudo certo – digo, abrandada. – Vá tomar seu banho.

Ele vai até o nosso quarto, e eu largar as sacolas no corredor. Estou bem cansada, na

verdade, depois da tarde com mamãe e Janice. Talvez tome um banho também, depois que

Luke acabar. Poderia usar meu gel revitalizador de alecrim e fazer alguns revigorantes

alongamentos de ioga.

Ou então poderia comer um KitKat rapidinho. Entro na cozinha e estou pegando a caixa

quando a campainha toca. Não pode ser o taxi, já.

- Alô? – digo ao interfone.

- Oi, Becky? – responde uma voz cheia de estalos. – É Jess.

Jess?

Aperto o botão para abrir, perplexa. O que Jess está fazendo aqui?
Eu nem sabia que ela

estava em Londres.

- O táxi está marcado para daqui a quinze minutos. – Luke põe a cabeça na porta da

cozinha, usando apenas uma toalha.

- É melhor vestir alguma coisa – digo. – Jess está subindo o elevador.

- Jess? - Luke fica pasmo. – Não estávamos esperando por ela, estávamos?

- Não. – Ouço o tilintar suave da campainha do apartamento e começo a rir. – Depressa,

vista-se!

Abro a porta e vejo Jess usando jeans, tênis e uma camiseta marrom justa que parece

bem legal, de um jeito 1970, retrô.

- Oi! – Ela me dá um abraço desajeitado. – como vai, Becky? Estive conversando com

meu orientador e pensei em dar uma passadinha. Tentei ligar, mas a linha estava ocupada.

Tudo bem?

Ela parece ligeiramente nervosa. Francamente! Como se eu fosse dizer: “Não está, não.

Vá embora.”

- Claro! – Aperto-a de volta calorosamente. – É fabuloso ver você. Entre!

- Trouxe um presente para o neném. – Ela enfia a mão na mochila e pega um

macacãozinho no qual está impresso NÃO VOU POLUIR O MUNDO, em bege.

- É... fabuloso! – digo, virando-o nos dedos. – Obrigada!

- É feito de cânhamo natural. Você ainda está planejando um guarda-roupa todo em

cânhamo para o neném?

Todo em cânhamo? O que, diabos, ela...

Ah. Talvez eu tenha dito alguma coisa assim na festa da mamãe, só para fazê-la parar

com o sermão sobre o maligno algodão alvejado.

- Vou fazer... parte em cânhamo, parte em outros tecidos – digo, finalmente. – Pela... é...

biodiversidade,

- Excelente. – Ela confirma com a cabeça. – E eu estava pensando em dizer que posso

conseguir emprestada uma mesa para troca de fraldas. Há uma cooperativa de estudantes

que empresta equipamentos e brinquedos para bebês. Trouxe o número de telefone.

- Certo! – Fecho rapidamente com um chute a porta do quarto do neném, antes que ela

veja minha estação de troca de fraldas Tenda de Circo, com um show de marionetes

integrado, que chegou ontem da Funky Baba. – Vou... pensar nisso. Venha tomar alguma

coisa.

- Já fez os paninhos de limpar bebê? – Jess me acompanha até a cozinha.

- Ah... ainda não... – Olho ao redor rapidamente. – Mas fiz algumas outras coisas. – Pego

uma toalha de chá, listrada, e amarro um nó na ponta. – Este é um brinquedo orgânico feito

em casa – digo casualmente, girando. – Chama-se Nonó.

- Fantástico. – Jess o examina. – Com um conceito simples. Muito melhor que qualquer

lixo manufaturado.

- E estou planejando... pintar essa colher com tinta natural não-tóxica. – Sentindo-me

corajosa, pego uma colher de madeira na gaveta. – Vou pintar um rostinho e chamá-la de

Colherita.

Meu Deus, sou boa nesse barato de eco-reciclagem. Talvez comesse a fazer uma

newsletter!

- Bom, deixe-me pegar uma bebida pra você. – Sirvo um copo de vinho para Jess e me

sento diante dela. – Então, o que está acontecendo? Não pude *acreditar* quando Janice disse

que você estava namorando Tom!

- Eu sei. Sinto muito, deveria ter contado a você. Mas tem sido tão...
– Ela pára.

- O quê? – pergunto, boquiaberta.

Jess está olhando para o copo, sem beber.

- Não está funcionando bem – diz finalmente.

- Por quê?

Jess fica quieta de novo. Ela realmente não aprendeu direito esse negócio de contar sobre

namorados, não é?

- Ande – estímulo. – Tudo que você diz está totalmente seguro comigo. Quero dizer...

você *gosta* dele, não gosta?

- Claro que gosto. Mas... – Ela solta o ar. – É simplesmente...

- Becky? – Luke enfia a cabeça na porta. – Ah, oi Jess. Não quero interromper, mas a

gente precisa sair logo...

- Você tem planos – diz Jess, enrijecendo-se. – Já vou indo.

- Não! – Ponho a mão no braço dela. É a única vez em que Jess aparece para me pedir

conselho, e *não* vou mandá-la embora. É exatamente isso que imaginei que faríamos

quando a conheci. Duas irmãs, uma passando na casa da outra, falando de homens...

- Luke. – Tomo uma decisão súbita. – Por que você não vai na frente, e eu o encontro no

bar?

- Bem, se você tem certeza... – Luke me beija. – Foi bom ver você, Jess!

Ele sai da cozinha, e ouço a porta da frente se fechar. Abro um minipacote de Pringles.

- Então. Você gosta dele...

- Ele é ótimo. – Jess está cutucando a pele áspera de um de seus dedos. – É inteligente e

interessante, tem pontos de vista bons... e é bonito. Bom, isso nem preciso dizer.

- Sem dúvida! – digo, depois de uma pausa.

Para ser honesta, Tom nunca me pareceu grande coisa. (Apesar da convicção de Janice e

Martin de que estive perdidamente apaixonada por ele durante toda a vida.) Mas gosto não

se discute.

- Então o problema é? – giro as mãos, instigando-a.

- Ele é tão *carente*! Fica me ligando dez vezes por dia, manda cartões cobertos de

beijos... – Jess levanta os olhos com uma expressão de descrédito, e não consigo deixar de

sentir um pouco de pena do pobre e velho Tom. – Na semana passada, ele tentou tatuar meu

nome no braço. Telefonou dizendo que ia fazer isso, e eu fiquei com tanta raiva que ele

parou depois do J.

- Ele tem um J no braço? – Não consigo evitar um risinho.

- Perto do cotovelo. – ela revira os olhos. – É ridículo.

- Bem, talvez ele estivesse tentando ser legal – sugiro. – Sabe, Lucy quis que ele fizesse

uma tatuagem, e ele não fez. Provavelmente o Tom só queria impressionar você.

- Bem, não estou impressionada. E quanto a Janice... – Jess passa os dedos pelo cabelo

curto. – ela me liga praticamente todo dia, inventando qualquer assunto. Será que já pensei

no presente de natal pra o Tom? Será que quero ir com eles numa viagem para provar

vinhos na França? Fiquei de saco cheio. Por isso estou pensando em terminar.

Levanto os olhos, consternada. *Terminar?* Mas e quanto ao neném carregar as alianças?

- Você não pode desistir só por causa de uns detalhezinhos! – protesto. – Quero dizer,

afora a tatuagem, vocês estão se dando bem? Vocês discutem?

- Tivemos uma discussão bem grande um dia desses.

- Sobre o quê?

- Política Social.

Ah, isso prova. Os dois são feitos um para o outro!

- Jess, fale com o Tom – digo, num impulso. – Aposto que vocês conseguem resolver a

situação. Só por causa de uma tatuagem...

- Não é só isso. – Jess abraça os joelhos. – Há... outra coisa.

- O que é?

Respirando fundo, percebo. Ela também está grávida. Tem de ser. Meu Deus, que legal!

Teremos bebês juntos e eles serão primos e vamos tirar fotos lindinhas deles brincando

juntos na grama...

- Me ofereceram um projeto de dois anos de pesquisas no Chile. – A voz de Jess estoura

minha bolha.

- No Chile? – Meu queixo cai de consternação. – Mas isso fica... a quilômetros daqui.

- Doze mil. – Ela assente.

- Então você vai?

- Não decidi. Mas é uma oportunidade fantástica. É uma equipe em que eu quis entrar

durante anos.

- Certo – digo, depois de um curto silêncio. – Bem, então... você deve ir.

Preciso dar apoio. E a carreira de Jess. Mas não consigo deixar de me sentir meio

tristonha. Acabo de conhecer minha irmã, e agora ela vai desaparecer no outro lado do

mundo.

- Praticamente já decidi que vou. – Ela ergue a mão, e eu me pego olhando seus olhos

castanhos e cheios de pintas. Sempre achei que Jess tinha olhos lindos.

Talvez o bebê tenha olhos castanhos e cheios de pintas, assim.

- Você vai ter de me mandar um monte de fotos da minha sobrinha ou do meu sobrinho –

diz Jess, como se lesse minha mente. – Para eu vê-lo crescer.

- Claro! Toda semana. – Mordo o lábio, tentando digerir tudo. – E... Tom?

- Ainda não contei a ele. – Ela curva os ombros. – Mas isso vai significar o fim para nós.

- Não necessariamente! Vocês podem ter um relacionamento a distância. Sempre existem

os e-mails...

- Durante *dois anos*?

- Bem... – deixo no ar. Talvez ela esteja certa. Eles só se conheceram há algumas

semanas. E dois anos é muito tempo.

- Não posso desistir de uma chance dessas por causa de um... *homem*. – Ela parece estar

discutindo consigo mesma. Talvez esteja mais dividida do que parece. Talvez, por baixo de

tudo isso, esteja realmente apaixonada por Tom.

Mas até eu consigo ver. O trabalho tem sido a vida de Jess. Ela simplesmente não pode

abandoná-lo agora.

- Você tem de ir ao Chile – digo, com firmeza. – Vai ser incrível pra você. E a coisa com

Tom vai dar certo. De algum modo.

As Pringles parecem ter sumido, por isso me levanto e vou ao armário. Abro a porta e

examino as prateleiras, em dúvida.

- Estamos sem salgadinhos... eu não devo comer castanhas... temos uns biscoitos Ritz

velhos...

- Na verdade, eu trouxe um pouco de pipoca – diz Jess, parecendo meia rosada no rosto. –

Sabor caramelo.

- Você o quê? – Olho-a boquiaberta.

- Está na minha mochila.

Jess trouxe pipoca sabor caramelo? Mas... isso não é orgânico. Nem nutritivo. Nem feito

com batatas de cooperativa.

Olho atônita enquanto ela enfia a mão na mochila e pega o pacote. Um DVD sai também,

todo brilhante em seu celofane, e ela o enfia de volta, com as bochechas ainda mais

vermelhas.

Espera aí.

- O que é isso? – pego-o. – *Nove meses?* Jess, esse não é seu tipo de filme!

Jess é apanhada totalmente desprevenida.

- Achei que poderia ser seu tipo de filme – diz ela finalmente. – Em especial agora.

- Você trouxe isso para a gente assistir juntas? – pergunto, incrédula. E depois de um

momento, ela confirma com a cabeça;

- Só pensei... – Ela pigarreia. – Se você não tivesse nada para fazer.

Não posso acreditar em como eu me sinto emocionada. A primeira vez que passamos

uma noite juntas tentei fazer Jess assistir a *Uma linda mulher*, e acredite, não foi um

sucesso. Mas aqui está ela, com pipoca e um filme de Hugh Grant. E me contando sobre

seu namorado. Exatamente como eu imaginei que seria ter uma irmã.

- Mas você tem de sair. – Jess está enfiando o DVD de volta na mochila. – Na verdade,

deveria ir logo...

Sinto um jorro de afeto por ela – e de repente não quero ir a lugar nenhum. Por que

passaria a noite num bar apinhado, falando com um monte de gente metida a besta.

Formada em Cambridge, que eu nem conheço, quando posso passar tempo com minha

irmã? Posso conhecer o Sr. Maravilhoso de Venetia outra hora. Luke não vai se importar.

- Não vou a lugar nenhum – digo, com firmeza, e abro o saco de pipoca. – Vamos ficar e

nos divertir.

Temos a melhor das noites. Assistimos ao *Nove meses* (Jess resolve quebra-cabeças de

Sudoku ao mesmo tempo, mas tudo bem, porque estou lendo a revista *Hello!*) e fazemos

uma teleconferência com Suze para pedir seu conselho sobre Tom, e depois pedimos pizza.

E Jess nem me diz que poderíamos fazer nossa própria pizza gastando trinta pence.

Ela sai lá pelas onze horas, dizendo que eu devo estar cansada, e vou para a cama

imaginando a que horas Luke chegará. Ele deve estar se divertindo também, para ficar fora

tanto tempo.

Quando finalmente um luz da porta cai no meu rosto e me faz piscar, devo ter dormido,

porque poderia jurar que estava recebendo um Oscar da rainha.

- Oi! – digo, sonolenta. – Que horas são?

- Uma e pouco – sussurra Luke. – Desculpe acordar você.

- Tudo bem. – Estendo a mão para o abajur e acendo. – Então como foi:

- Foi ótimo! – Há um entusiasmo na voz de Luke que eu não estava esperando. Esfrego

os olhos remelentos e o focalizo. Seu rosto está luminoso, e ele tem uma espécie de leveza

e animação que eu não via há semanas, ou mesmo há meses. – Eu havia esquecido o quanto

tinha em comum com aqueles velhos amigos. – diz ele. – Falamos de coisas em que eu nem

pensava havia anos. Política... arte... meu velho amigo Matthew tem uma galeria. Ele nos

convidou para uma exposição. Devemos ir!

- Uau! – Não consigo deixar de sorrir diante do jeito ansioso de Luke. – Que fantástico!

- Foi ótimo simplesmente dar uma pausa nos negócios. – Luke balança a cabeça,

pensativo. – Eu deveria fazer isso mais vezes. Colocar as coisas em perspectiva. Relaxar

um pouco. – Ele começa a desabotoar a camisa. – Então como foi a noite com Jess?

- Fabulosa! Assistimos a um filme e comemos pizza. E tenho que contar as novidades

dela... – Dou um bocejo súbito. – Talvez amanhã. – Aninho-me de novo nos travesseiros e

olho Luke se despindo. – então, como é o famoso namorado de Venetia? Tão chato quanto

parece na foto?

- Ele não foi – diz Luke.

Paro de me aninhar confortavelmente e viro a cabeça, surpresa. O namorado de Venetia

não estava lá? Mas achei que todo o objetivo da noite era nos apresentar ao Justin, o garoto

prodígio de finanças.

- Ah, certo. Por quê?

- Eles terminaram. – Luke pendura as calças no cabide.

- Eles terminaram? – Sento-me na cama. – Mas... achei que ela amava Justin mais do que

qualquer coisa. Achei que ela havia se mudado do outro lado do mundo para ficar com ele e

que eram o casal mais feliz de todo o universo.

- Ela se mudou. – Luke deu de ombros. – Eles eram. Até três dias atrás. Ela ficou bem

abalada.

- Certo – digo, depois de uma pausa. – Sei.

De repente, a noite assumiu um tom totalmente diferente. Não era mais Luke sendo

apresentado ao namorado firme de Venetia. Era um Venetia de novo solteira chorando nos

ombros do Luke.

- Então... foi Venetia que terminou? – pergunto casualmente. – Ou ele?

- Não sei qual dos dois terminou. – Luke entra no banheiro. – Parece que agora ele

voltou para a mulher.

- *A mulher?* – minha voz dispara como um foguete. – Como assim a mulher?

- Venetia achava que os dois estavam totalmente separados, menos oficialmente. – Luke

abre as torneiras, e mal consigo ouvi-lo. – No quesito romance, ela vive se dando mal,

coitada da Ven. Parece sempre se apaixonar por homens casados ou entrar em situações

complicadas.

Estou tentando ficar calma. Respirações curtas. Não reagir com exagero.

- Que tipo de situações? – pergunto, em tom leve.

- Ah, não sei. – Luke está espremendo pasta de dente na escova. – Ação de divórcio...

Um escândalo com um médico mais velho no hospital onde trabalhava... Houve um

processo em Los Angeles... – Ele franze a testa para o tubo. – Este negócio está quase

acabando.

Ação de divórcio? Processos? Escândalos?

Não consigo responder. Minha boca está se abrindo e fechando como a de um peixe

dourado. Cada instinto de meu corpo fica em alerta vermelho.

Ela está a fim de Luke.

Olho Luke escovar os dentes como se através dos olhos de Venetia. Ele está usando

apenas calça de pijama e continua bronzeado do verão, e os músculos dos ombros estão

ondulando levemente enquanto ele escova. Ah, meu Deus, ah, meu Deus. Claro que ela está

a fim dele. Ele é bonito e tem uma empresa multimilionária, e os dois tiveram um romance

quando eram muito mais jovens. Talvez tenha sido o primeiro amor dela, e ela nunca mais

tenha entregado o coração a ninguém.

Talvez ela tenha sido o primeiro amor *dele*.

Há uma espécie de sensação de vazio no meu estômago. O que é ridículo, tenho em

mente a quantidade de coisas que está no meu estômago agora.

- Então! – tento parecer confiante e tranqüila. – Preciso me preocupar?

Luke está jogando água no rosto.

- Como assim?

- Eu... – Não consigo me obrigar a dizer. O que estou dando a entender, que não confio

nele? Mudo de tática. – Talvez ela devesse tentar com homens solteiros. Assim a vida não

seria tão complicada! – Dou um sorrisinho, mas, quando se vira, Luke está franzindo a

testa.

- Venetia fez algumas... escolhas pouco sensatas. Mas nenhuma foi deliberada ou por

malícia. Ela só é uma romântica inveterada.

Ele a está defendendo. Sinto que estou começando mal.

De repente soa um bip no paletó de Luke. Ele sai do banheiro, enxugando o rosto, e tira o

telefone do bolso.

- É um recado de Venetia. – Ele olha e ri. – Olha. É uma foto dessa noite.

Pego o telefone com ele e olho a tela. Lá está Venetia, vestida para o lazer, com jeans

apertados, jaqueta de couro e botas altas, de salto agulha. Está olhando da foto com um

sorriso confiante, o braço ao redor de Luke, como se fosse dona dele.

Destruidora de lares espoca em meu cérebro antes que eu posso impedir.

Bem, ela não vai destruir este lar. De jeito nenhum. Luke e eu passamos por muita coisa

ao longo dos anos, e seria necessário mais do que uma médica de cabelos fartos e salto

agulha para acabar com a gente. Tenha 110 por cento de confiança.

Comissão Bancária Internacional

Percival House, 16º e 18º andares, Commercial Road, Londres EC1 4UL

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

10 de setembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Lamento informar que sua proposta de fundar um banco na internet, o "Banco

de Becky", foi recusado pelo comitê.

Houve muito motivos para a decisão, em particular sua declaração de que, para

se ter um banco na internet, "só é preciso um computador e um lugar para

colocar todo o dinheiro".

Desejo-lhe sucesso em qualquer outro empreendimento, mas lembro que a

atividade bancária não é um deles.

Atenciosamente,

John Franklin

Comitê de Negócios na Internet

DEZ

E

Talvez eu não esteja *110* por cento confiante. Talvez só cem por cento.

Ou mesmo... noventa e cinco.

Passaram-se algumas semanas desde que Luke saiu naquela noite com Venetia, e minha

confiança se abalou um pouquinho. Não que alguma coisa tenha *acontecido*, exatamente.

Na superfície, Luke e eu continuamos felizes como sempre, e não há nada de errado. É só

que...

Bem, certo. Aqui estão minhas provas até agora:

1. Luke vive recebendo mensagens de texto e mandando respostas imediatamente. E sei

que são dela. E ele nunca me mostra.

2. Ele saiu com ela mais três vezes. *Sem* mim. Uma vez quando eu já havia combinado

de me encontrar com Suze, e ele disse que poderia usar a noite para ver alguns amigos, e

por acaso os "amigos" eram Venetia. Uma vez com toda a turma de Cambridge num grande

jantar chique com o antigo orientador deles, para o qual os parceiros não foram convidados.

E uma para almoçar, aparentemente porque ela iria dar uma passadinha "perto do escritório

dele". É, certo. Fazer um parto no prédio de escritórios?

Foi então que tivemos nossa primeira briguinha minúscula, em que eu disse (muito de leve)

que, uau, ele estava passando um bocado de tempo com Venetia, Serpa que não era demais?

E Luke respondeu que agora ela estava se sentindo por baixo e precisava de um velho

amigo com quem conversar. "Bem, eu me sinto por baixo também, quando você vai para

festas sem mim!" e Luke disse que o encontro com os velhos amigos da universidade tinha

sido o ponto alto de seu ano, e que era a chance de dar uma desligada e que, se eu fosse

também, entenderia. Então eu disse: "Eu iria se você me *convidasse*." E ele me disse que

tinha me convidado, e eu disse...

Pois é. Dissemos algumas coisas.

Essas são as provas que tenho. Nem sei por que estou chamando de provas, não é como

se houvesse alguma coisa acontecendo. Quero dizer... é uma idéia ridícula. É de Luke que

estou falando. Do *meu marido*.

- Não acredito que haja alguma coisa acontecendo, Bex. – Suze sacode a cabeça e mexe

seu suco de framboesa com abricó. Ela veio passar a manhã aqui, para podermos fazer o

teste de previsão de sexo, mas até agora tudo o que fizemos foi falar de Luke. Por sorte as

crianças estão na sala de estar, comento sanduíches e assistindo ao *Teletubies* num transe

total. (Coisa que Suze só deixa fazer depois que eu fiz um juramento de nunca, jamais,

contar a Lulu.)

- Também não acredito! – Abro os braços. – Mas eles se encontram o tempo todo, e ela

vive mandando recados, e não faço idéia do que eles falam...

- Você reivindicou seu direito de posse? – Suze dá uma mordida no biscoito de

chocolate. – Na última vez em que se encontrou com ela?

- Totalmente! Mas ela nem notou.

- Hum. – Suze pondera por um tempo. – Já pensou em se consultar com outro médico?

- Vivo pensando nisso. Mas não creio que faria diferença. Ela já fez contato com o Luke,

não é? Na verdade, ela provavelmente adoraria me tirar de cena.

- E o que Luke diz?

- Ah, bem. – Começo a brincar com meu canudinho. – Diz que está toda vulnerável e

solitária desde que terminou com o namorado. Ele se comporta como se ela fosse a pobre

vitima trágica. E sempre fica do lado dela. Eu a chamei de Dra. Cruela Cruel um dia desses,

e ele ficou realmente chateado.

- Dra. Cruela Cruel! – Suze cospe migalhas de biscoitos na bancada. – essa é boa!

- Não é boa! Nós acabamos tendo uma discussão! Ela é uma... presença na nossa vida,

mesmo que eu nunca a veja.

- Você não tem consulta com ela? – Suze parece surpresa.

- Não tenho há semanas. Nas últimas duas vezes em que estive na clínica, ela estava com

uma cliente em trabalho de parto e eu fui examinada por uma das assistentes.

- Ela está evitando você. – Suze assente como quem sabe das coisas e dá uma chupada no

canudinho, com a testa franzida. – Bex, sei que é uma coisa realmente pavorosa de

sugerir... mas o que acha de olhar os recados de Luke?

- Já olhei – admito.

- E? – Suze está boquiaberta.

- São em latim.

- *Latim?*

- Os dois estudaram latim na universidade – digo, ressentida. – É o “negócio deles”. Não

entendo uma palavra. Mas anotei um. – enfio a mão no bolso e desenrolo um pedacinho de

papel. – Aqui.

Nós duas olhamos as palavras em silêncio.

Fac me laetam: mecum hodie bibe!

- Não gosto do jeito disso – diz Suze finalmente.

- Nem eu.

Olhamos as palavras por mais um momento, depois Suze suspira e empurra o papel de

volta para mim.

- Bex, odeio dizer... mas você deveria ficar de guarda. Na verdade, deveria contra-atacar.

Se ela pode passar tempo assim com Luke, você também pode. Quando foi a última vez que

vocês fizeram alguma coisa romântica, só os dois?

- Não sei. Há séculos.

- Bem, então! Suze dá um tapa na mesa, triunfante. – Vá ao escritório dele e o leve para

almoçar, de surpresa. Ele vai adorar.

É uma boa idéia. Nunca quis incomodar Luke no trabalho por que ele é ocupado demais.

Mas, se Venetia pode fazer isso, por que eu não posso?

- Certo, vou tentar – digo, me animando. – E conto a você como foi. Obrigada, Suze. –

Termino de tomar meu suco e pouso o copo com um floreio. – Pois é.

- Pois é. – Suze me encara. – Está pronta?

- Acho que sim. – Sinto um tremor de nervosismo. – Vamos!

Puxo o kit de previsão de sexo na minha direção e tiro o envoltório de plástico, com a

mão tremendo um pouco. Numa questão de minutos vou saber. Isso é quase tão empolgante

quanto o parto em si!

Acho secretamente que é um menino. Ou talvez uma menina.

- Ei, Bex, espere – diz Suze de repente. – Como você vai enganar Luke?

- Como assim?

- Quando fizerem o parto do bebê! Como você vai convencê-lo de que não sabia o sexo

antes?

Paro de rasgar o plástico. É um bom argumento.

- Vou simplesmente fingir surpresa – digo, por fim. – Sou ótima em representar, olha. –

Faço minha expressão mais atônita. – É um... menino!

Suze faz uma careta.

- Bex, isso foi terrível!

- Eu não estava preparada – digo rapidamente. – Vamos tentar de novo. – Concentro-me

por um momento, depois ofego. – É uma menina!

Suze está balançando a cabeça e se encolhendo.

- Totalmente falso! Bex, você precisa *entrar* no personagem. Precisa usar um pouco de

Método.

Ah, não. Lá vamos nós. Suze fez escola de teatro durante um semestre, antes da

universidade, por isso acha que é praticamente uma Judi Dench. (Não era uma escola de

teatro de verdade, como a RADA. Era uma particular, que seu pai paga e você faz culinária

á tarde. Mas não mencionemos isso.)

- Levante-se – instrui ela. – Faça alguns exercícios para se soltar... – Ela gira a cabeça e

sacode os braços. Relutante, imito-a. – Agora, qual é a sua motivação?

- Enganar Luke – lembro a ela.

- Não! Sua motivação *interior*. Seu *personagem*. – Suze fecha os olhos por um momento

como se estivesse se comunicando com os espíritos. – Você é a nova mãe. Está vendo o

bebê pela primeira vez. Está deliciada... e ao mesmo tempo surpresa... o sexo não é

exatamente o que você esperava... você nunca ficou tão pasma na *vida*. Realmente *sinta*

isso...

- É... um *menino!* – Aperto meu peito. Suze está girando seus braços para mim.

- Mais, Bex! De novo, com paixão!

- É um menino! Meu Deus, é um MENINO!!! – Minha voz ressoa na cozinha, e uma

colher cai da bancada no chão.

- Ei, isso foi bastante bom! – Suze fica impressionada.

- Verdade? – estou ofegando.

- É! Você vai conseguir enganá-lo. Vamos fazer o teste.

Enquanto vou á pia pegar um pouco d'água, Suze abre a caixa e tira uma seringa.

- Ah, olha – diz ela, alegre. – Você vai ter que tomar uma injeção.

- Uma *injeção?* – Olho ao redor, consternada.

- “O exame de sangue é rápido e fácil de ser feito” – lê Suze em voz alta. –

“Simplesmente peça a um médico, enfermeira ou outra pessoa qualificada para tirar um

frasco de sangue de uma veia.” Aqui está a agulha – acrescenta ela, pegando uma caixa de

plástico. – Eu serei a médica.

- Certo – assinto, tentando esconder as dúvidas. – É... Suze... você já aplicou alguma

injeção antes?

- Ah, sim. – Ela assente cheia de confiança. – Apliquei injeção numa ovelha. Venha! –

Ela está prendendo a agulha numa seringa. – Enrole a manga!

Uma ovelha?

- E aí, o que a gente faz com o frasco de sangue? – pergunto, tentando ganhar tempo.

- Mandamos para o laboratório – diz, Suze, pegando o panfleto. – “Seus resultados serão

enviados num pacote anônimo, discreto. Por favor, espere-o dentro de... – ela vira a página

- ... aproximadamente dez a doze semanas.”

O quê?

- Dez a doze semanas? – Pego o folheto na mão dela. – De que adianta? Até lá eu já *tere*i

o neném. – Viro as páginas, tentando encontrar alguma “Opção de Entrega Expressa”, mas

não há. Por fim, desisto e me deixo cair num banco, desapontada. – Doze semanas. Nem

adianta fazer!

Suze suspira e senta-se ao meu lado.

- Bex, você não leu nenhuma instrução antes de comprar esse teste? Não procurou saber

como funcionava?

- Bem... não – admito. – Achei que seria com um teste de gravidez. Uma fita com uma

linha azul e uma cor-de-rosa.

Teste idiota. E me custou quarenta libras. Que enganação! Quero dizer, eles acham que

as grávidas ficam *tão* desesperadas assim para saber o sexo do neném? São só alguns meses

para esperar, pelo amor de Deus. E isso nem importa. Desde que o bebê seja saudável, qual

é a...

- Vamos fazer o teste do anel de novo? – Suze interrompe meus pensamentos. – Ver o

que ele diz?

- Aaah! – Levanto a cabeça animada. – É, vamos.

Fazemos o teste cinco vezes, e decidimos que as chances são de 3 a 2 de ser um menino.

Assim, fazemos uma grande lista de nomes de meninos, e Suze tenta e convencer a chamá-

lo de Tarquin Wilfrid Susan. É. Acho que não.

Quando ela arruma todas as crianças, enche-as com um monte de cápsulas de óleo de

peixe (para contra-atacar os efeitos imbecilizantes da TV) e vai embora, sinto-me bem

melhor. Suze está certa, Luke e eu só precisamos passar um pouco mais de tempo juntos. E

pensei num plano muito melhor do que levá-lo para almoçar. Quero dizer, ele tem almoços

de negócios, chatos, o tempo todo. Quero algo diferente. Algo *romântico*.

Assim, no dia seguinte, ligo do trabalho para a Food Hall e encomendo um cesto de

piquenique com todas as comidas prediletas do Luke. Já verifiquei com Mel, sua secretária,

e ele não tem nenhum compromisso marcado para a hora do almoço. (Não contei a ela por

que estava perguntando, porque de jeito nenhum ela manteria em segredo.) Meu plano é

surpreendê-lo e fazer um piquenique na sala dele, e vai ser uma coisa íntima e maravilhosa!

Até mandei colocarem uma garrafa de champanhe, uma toalha xadrez e um candelabro de

plástico, para "piquenique", da Homewares, só para criar um clima.

Quando parto para o escritório de Luke na hora do almoço estou me sentindo bem

empolgada. Há séculos não fazemos nada espontâneo assim! Além disso, não vou à

Brandon Communications há semanas, e estou ansiosa para ver todo mundo. Tem havido

uma tremenda agitação na empresa desde que eles ganhara, a conta do Arcodas. O Grupo

Arcodas é tão gigantesco e tão diferente de todos os clientes da área financeira com quem

eles lidam normalmente, que é o maior desafio que já enfrentaram. (Sei disso porque ajudo

Luke a escrever seus discursos motivacionais.)

Mas, afinal de contas, como seria a vida sem novas aventuras e novos sonhos? A

Brandon Communications é a melhor do ramo, mais forte e mais dinâmica a cada ano;

prosperando com novos empreendimentos. Juntos eles podem enfrentar qualquer desafio,

encará-lo e vencê-lo. Como equipe. Como *família*. (Esta parte eu escrevi.)

Chego pouco antes de uma hora e ando de lado pelo saguão de mármore até Karen, a

repcionista. Ela está falando com sua colega Dawn, em voz baixa, e está toda vermelha e

preocupada. Espero que não haja nada de errado.

- Não está certo – ouço-a dizer, em voz contida, enquanto me aproximo da mesa. – Não

está certo. Ninguém deveria se comportar assim, sendo chefe ou não. Sei que sou

antiquada...

- Não é – interrompe Dawn. – Isso é respeito pelos outros seres humanos.

- Respeito. – Karen assente vigorosamente. – Como *ela* está se sentindo, coitadinha...

- Você a viu? Desde... – Dawn pára de um jeito significativo.

Karen balança a cabeça.

- Ninguém viu.

Estou acompanhando a conversa com leve inquietação. Do que estão falando? Quem é

“ela”?

- Oi! – digo, e as duas dão um pulo.

- Becky! Minha nossa! – Karen parece agitada ao me ver. – O que você... nós sabíamos

que você viria hoje? – Ela começa a folhear os papéis sobre a mesa. – Dawn, está na

agenda?

Na agenda? Desde quando tenho que marcar hora para ver meu marido?

- Só pensei em fazer uma surpresa para Luke. Ele está livre na hora do almoço, já

verifiquei. Por isso pensei em fazer um belo piquenique na sala dele! – Aceno com a cabeça

para o cesto pendurado no braço.

Estou esperando que elas digam: “Que idéia maravilhosa!”, mas, em vez disso, Karen e

Dawn parecem meio nervosas.

- Certo! – diz Karen finalmente. – Bem. Vamos só... ver se... – Ela aperta uns botões na

mesa telefônica. – Olá Mel? Aqui é Karen, da recepção. Estou com Becky aqui. Becky

Brandon. Ela veio... fazer uma surpresa para Luke. – Há um silêncio bastante longo,

durante o qual Karen ouve atentamente. – Sim. Sim. Farei isso. – Ela levanta a cabeça e

sorri para mim. – Sente-se, Becky. Alguém vem falar com você logo.

Sentar? Alguém vem falar comigo? Que diabos *aconteceu* com elas?

- Por que eu não subo direto? – sugiro.

- Nós... não sabemos bem onde Luke está. – Karen definitivamente está sem graça. –

Provavelmente é melhor você... – Ela pigarreia. – Adam vai descer logo.

Não acredito. Adam Farr é o chefe de comunicações corporativas. É o cara que eles

sempre chamam para situações complicadas. Luke diz que Adam é o especialista

consumado em “manobrar” pessoas.

Estou sendo manobrada. Por que estou sendo manobrada? O que está acontecendo?

- Sente-se, Becky! – diz Karen. Mas não me mexo.

- Não pude deixar de ouvir vocês antes – digo casualmente. – Há alguma coisa errada?

- Claro que não! – A resposta de Karen é rápida demais, como se estivesse esperando que

eu perguntasse. – Nós estávamos falando sobre... uma coisa que passou na TV ontem à

noite. Não foi, Dawn?

Dawn está assentindo, mas seus olhos estão agitados.

- E você? – pergunta Karen. – Está bem, não é, Becky?

Tento pensar numa resposta natural, amigável – mas como posso? Toda essa conversa é

falsa. Neste momento, a porta do elevador se abre, e Adam Farr sai.

- Rebecca! – Ele está com seu sorriso corporativo e enfiando um BlackBerry no bolso. –

Que prazer em vê-la!

Esse cara pode ser o melhor embromador da empresa. Mas *não* vai me enganar.

- Oi, Adam – digo quase bruscamente. – Luke está por aí?

- Está acabando uma reunião – responde Adam, sem perder o pique. – Vamos subir e

tomar um café, sei que todo mundo vai ficar empolgado em saber que você veio.

- Que reunião? – interrompo, e juro que vejo Adam se encolher.

- Sobre finanças – diz ele, depois de uma pausa infinitesimal. – Acho que é muito chata.

Vamos?

Adam me leva até o elevador e subimos por um tempo em silêncio. Agora que estou ao

lado dele, detecto sinais de tensão, por baixo dos modos profissionais e confiantes. Está

com olheiras e fica batendo as pontas dos dedos juntas no mesmo padrão ritmado, como um

tique nervoso.

- Então... como anda a vida? – pergunto. – Vocês devem estar mesmo ocupados, com a

expansão e tudo mais.

- Sem dúvida. – Ele assente.

- E é divertido trabalhar em todos esses projetos diferentes do Arcodas?

Silêncio. Dá para ver que os dedos de Adam estão batendo mais depressa e com mais

força.

- Claro – diz ele por fim, e assente outra vez. A porta do elevador se abre, e ele me leva

para fora antes que eu possa falar mais alguma coisa.

Alguns funcionários da Brandon Communications estão parados ali, esperando os

elevadores, e eu sorrio e digo "Oi!" para os rostos que conheço – mas ninguém sorri de

volta. Pelo menos não um sorriso genuíno. Todo mundo parece pasmo ao me ver, e há

alguns dentes aparecendo falsamente, e umas duas pessoas dizem "Oi, Becky" e depois

baixam os olhos, sem jeito. Mas ninguém pára para falar. Nem pergunta sobre o neném.

Por que todo mundo está tão *esquisito*? Perto do bebedouro, até vejo duas garotas

conversando em voz baixa e me olhando quando acham que não estou vendo.

Meu estômago começa a se revirar. Ah, meu Deus. Será que andei totalmente ingênua?

O que eles sabem? O que eles viram? Uma visão súbita me chega, de Luke levando Venetia

pelo corredor até sua sala, fechando a porta e dizendo: "Por favor, não nos incomodem

durante uma hora..."

- Becky! – A voz ressoante de Luke me faz dar um pulo. – Você está bem? O que está

fazendo aqui? – Ele vem na minha direção pelo corredor, flanqueado por seu segundo no

comando, de um lado, e um cara que não conheço, do outro, com um bocado de pessoas

vindo atrás. Todos parecem bastante estressados.

- Estou bem! – respondo, tentando parecer animada. – Só pensei... em fazermos um

piquenique na sua sala.

Agora que digo, na frente de todos os funcionários, parece uma coisa realmente idiota.

Estou me sentindo como Pollyanna, estendendo o cesto de vime idiota. Há até uma fita cor-

de-rosa amarrada na alça, que eu deveria ter arrancado.

- Becky, eu tenho uma reunião. – Luke balança a cabeça. – Sinto muito.

- Mas Mel me disse que você não tinha nada marcado! – Minha voz está mais aguda do

que eu pretendia. – Disse que você estava livre!

Gary e os outros se entreolham e se afastam, deixando Luke e eu sozinhos. Minhas

bochechas estão pinicando de humilhação. Por que eu deveria me sentir tão idiota, e na

frente de todo mundo, só porque vim ver meu marido?

- Luke, o que está acontecendo? – As palavras jorram antes que eu possa impedir. – Todo

mundo está me olhando de modo esquisito. Você mandou Adam lá embaixo para me

“manobrar”. Há algo errado, eu sei que há!

- Becky, ninguém está *manobrando* você – responde Luke, paciente.
– Ninguém está

olhando esquisito para você.

- Está sim! É como no *Invasores de corpos*! Ninguém nem *sorri* mais para mim! Todo

mundo parece tão tenso e estressado...

- Eles estão preocupados, só isso. – Apesar de seu verniz de tranqüilidade, Luke parece

abalado. – Estamos todos trabalhando muito duro neste momento, inclusive eu. Realmente

preciso ir. – Ele me beija. – Faremos o piquenique em casa, certo? Adam vai chamar um

carro pra você.

E, no minuto seguinte, ele desapareceu no elevador, me deixando sozinha com o cesto e

pensamentos que saltam, inquietos.

Uma reunião. Que reunião? Por que Mel não sabia sobre ela?

Agora estou visualizando-o correndo para um restaurante onde Venetia espera,

aninhando uma taça de vinho, enquanto todos os garçons olham, admirando. Ela se levanta,

e os dois se beijam, e ele diz: "Desculpe o atraso, minha mulher apareceu..."

Não. Pára com isso. *Pára*, Becky.

Mas não consigo. Os pensamentos se empilham na minha cabeça, mais densos e mais

rápidos, como um tempestade de neve. Eles estão se encontrando em todos os horários de

almoço. Todos os funcionários de Luke sabem. Por isso Karen e Dawn estavam tão sem

graça, por isso tentaram se livrar de mim...

O outro elevador está esperando com as portas abertas, e num impulso eu entro. Chego

ao térreo e ando mais rapidamente que posso, saindo do saguão, ignorando os chamados de

Karen e Dawn, bem a tempo de ver Luke sendo levado pelo motorista da empresa no

Mercedes. Freneticamente chamo um táxi, entro e largo o cesto no banco.

- Para onde, querida? – pergunta o motorista.

Bato a porta e me inclino para a frente.

- Está vendo aquele Mercedes lá na frente: - engulo em seco. – Siga-o.

Não acredito que estou fazendo isso. Estou seguindo Luke pelas ruas de Londres. Enquanto

vamos pela Fleet Street com o Mercedes á vista, sinto que estou em algum tipo de filme.

Até me pego olhando pelo vidro traseiro para ver se não há bandidos em perseguição.

- É seu namorado, é? – pergunta subitamente o motorista, num forte sotaque do sul de

Londres.

- Marido.

- Foi o que pensei. Tem outra mulher, é?

Sinto uma pontada horrível no peito. Como ele sabia: será que estou parecendo a esposa

enganada?

- Não sei – admito. – Talvez. É o que eu quero descobrir.

Recosto-me no banco e vejo um punhado de turistas acompanhando um guia pela rua.

Então me ocorre que o motorista de táxi deve ser um total especialista em pessoas seguindo

o companheiro para comprovar adultério. Ele provavelmente as leva o tempo todo! Num

impulso, inclino-me para a frente e deslizo a divisória.

- O senhor acha que eu deveria confrontá-lo? O que a maioria das pessoas faz?

- Depende. – Chegamos a uma área engarrafada, e o motorista se vira para me encarar.

Tem rosto comprido como um cão farejador, olhos tristes. – Depende se você quer ter um

casamento aberto e honesto.

- Quero! – exclamo.

- É justo. O risco é que, se escancarar, você pode jogá-lo nos braços de outra.

- Certo – digo, em dúvida. – Então... qual é a outra opção?

- Fingir-se de cega e viver uma farsa durante o resto da vida.

Nenhuma opção parece fantástica.

Agora estamos seguindo pela Oxford Street, prosseguindo lentamente em meio a todos

os ônibus e pedestres. Estou esticando o pescoço, examinando a rua á frente – quando, de

repente, vejo o Mercedes de Luke virando numa rua lateral.

- Ali! Eu vi! Ele foi por ali!

- Eu vi.

O motorista muda habilmente de pista e, alguns instantes depois, vamos entrando na

mesma rua lateral. O Mercedes está no fim, virando a esquina.

Minhas mãos estão começando a suar. Quase pareceu um jogo quando chamei o táxi.

Mas agora isto é sério. Em algum momento, o carro dele vai parar, ele vai sair e... e aí, o

que eu vou fazer?

Estamos circulando pelas ruas estreitas do Soho. É um dia luminoso e frio de outono, e

algumas pessoas corajosas estão sentadas nos cafés de calçada, aninhando xícaras. De

repente, o motorista sinaliza com força e para trás do furgão.

- Eles estão parando.

Olho, sem fôlego, o Mercedes parar do outro lado da rua. O motorista abre a porta do

carona, e Luke sai, sem sequer olhar na nossa direção. Consulta um pedaço de papel –

depois entra por uma porta de aparência pouco salubre. Toca uma campainha e, um instante

depois, abrem a porta e ele entra.

Meu olhar sobe até uma placa velha, pendurada numa janela do primeiro andar:

QUARTOS.

Quartos? Luke alugou *quartos*?

Sinto como se algo estivesse me apertando o peito com força. Algo *está* acontecendo.

Venetia está lá em cima. Está esperando por ele com um baby-doll com acabamento em

pele.

Mas por que num quarto sujo do Soho? Por que não no Four Seasons, pelo amor de

Deus?

Por que ele seria visto. Ele veio aqui porque esse lugar fica fora do caminho. Tudo faz

sentido...

- Querida? – Através de uma névoa, percebo que o motorista está falando comigo.

- Sim? – consigo responder.

- Quer ficar aqui sentada e esperar?

- Não! – Pego o cesto de piquenique e abro a porta. – Obrigada. Eu... pode deixar

comigo. Muito obrigada.

- Espere um momento. – Ele sai e oferece a mão para me ajudar a descer do táxi.

Remexo na bolsa e lhe dou um maço de dinheiro sem nem mesmo contar. O motorista

suspira, pega algumas notas e me entrega o resto.

- Não esta acostumada com esse jogo, não é, querida?

- Na verdade, não.

- Você precisa de mais ajuda... – Ele enfia a mão no bolso e pega um cartão de visitas

cinza. – Meu irmão Lou. Faz um bocado de trabalho para advogados de divórcios. Talvez

você queira arranjar um. Para garantir que você e a criança fiquem bem.

- Certo. Obrigada. – Guardo o cartão, praticamente sem perceber o que estou fazendo.

- Boa sorte, querida. – O motorista volta ao carro, ainda balançando a cabeça, e vai

embora.

Estou parada diante do prédio com a placa “Quantos”. Eu poderia tocar a campainha para

ver o que acontece.

Não. E se ela atendesse?

Minhas pernas estão subitamente bambas. Preciso me sentar. O térreo do prédio é uma

gráfica, e eu me pego entrando e afundando numa cadeira. O que vou fazer? O quê?

- Olá! – Uma voz me faz dar um pulo, e eu me viro, vendo um homem animado, com

uma camisa listrada de mangas curtas. – Está interessada em imprimir alguma coisa?

Temos uma oferta especial para cartões de visitas. Veludo, laminado, texturizado...

- Ah... obrigada. – Assinto, tentando me livrar dele.

- Aí está! – O homem me entrega um livro de amostras e eu começo a folhear, sem ver.

Talvez eu devesse subir e... e entrar de supetão. Mas e se realmente encontrar os dois

juntos?

Estou virando as páginas cada vez mais febrilmente. Não consigo acreditar que isto

esteja acontecendo. Não acredito que estou aqui, no meio do Soho, imaginando se meu

marido está lá em cima com outra mulher.

- Aqui está o nosso formulário. Se a senhora preencher... – O homem voltou com uma

prancheta e uma caneta, que estende para mim. No piloto automático, pego e escrevo

“Bloom S/A”, em cima.

- Que tipo de empresa é a sua? – pergunta o homem, puxando conversa.

- Ah... de janelas de vidros duplos.

- Janela de vidros duplos! – O homem franze a testa, pensativo. – Eu sugeria um belo

cartão laminado, branco, com borda. Com o endereço aqui e o lema da empresa aqui...

vocês tem um lema?

- “Para... para todas as suas necessidades vítreas” – ouço-me dizendo. – Londres, Paris,

Dubai.

Não faço idéia do que estou dizendo. As palavras simplesmente me saem da boca.

- Dubai! – O homem parece impressionado. – Aposto que há um bocado de janelas por

lá.

- Há, sim. – Confirmo com a cabeça. – É a capital das janelas do mundo.

- Ora, eu *nunca* soube disso! – está dizendo o homem, cheio de interesse, quando me

enrijeço.

Acabei de ouvir um barulho tipo passos trovejantes. Alguém está descendo a escada.

Luke. Tem de ser.

Só que... foi meio rapidinho, não foi?

- É... muito obrigada! Vou pensar a respeito... – Empurro a prancheta de volta para o

homem e saio correndo da loja para a rua. Na minha frente, a porta marrom está se abrindo

lentamente, e eu me escondo depressa atrás de uma árvore pequena.

Todo o meu corpo está retesado de pavor. O sangue corre nas orelhas. Fique calma. O

que quer que aconteça, com quem quer que ele esteja...

A porta se abre – Luke sai, seguido de dois homens de terno.

- Vamos discutir isso no almoço – está dizendo ele. – Há alguns clientes que acho que

podem se beneficiar dessa abordagem.

Ele não está com Venetia. *Ele não está com Venetia!*

Sinto vontade de dançar na calçada. O alívio jorra através de mim.
Como pude pensar

que ele estaria aprontando alguma? Sou tão paranóica! Tão idiota!
Vou para casa e, a partir

de agora, vou confiar totalmente...

- Sra. Bloom?

O cara da gráfica saiu e está me olhando, abrigando os olhos do sol.
Droga. Talvez esta

árvore não tenha sido um esconderijo muito bom. Esqueci que a barriga iria se projetar.

- *Becky?* – Luke gira e me olha, perplexo. – É você?

Sinto as bochechas ficando cor de beterraba quando os três homens me olham.

- Ah... oi! – digo, animada.

- Montei uma sugestão daquele cartão de visita, quer ver? – O homem da gráfica esta

avanzando em minha direção.

- Becky, o que está fazendo aqui? – Luke está vindo para a árvore.

- Só... umas compras! Que coincidência!

- Como disse, Sra. Bloom, recomendo um acabamento laminado. – O homem da gráfica

ainda está falando, porcaria. – Mas é mais caro, por isso coloquei uma lista de opções para

a senhora.

- Obrigada! Na verdade, meu marido está aqui, de modo que... mais tarde eu falo com o

senhor.

- Ah! – O cara da gráfica sorri para Luke. – Prazer em conhecê-lo. O senhor também

trabalha com janelas de vidro duplo?

- Não, não trabalha – interrompo-o desesperadamente. – Muito obrigada. Tchau!

Por fim, para meu alívio, o sujeito da gráfica recua para a sua porta e há uma pequena

pausa, cheia de curiosidade.

- Trabalho com janelas de vidro duplo? – diz Luke finalmente.

- Ele... se confundiu... com alguma coisa. – Enfio o projeto de cartão na bolsa. – E então,

o que *você* está fazendo aqui?

- Uma reunião com alguns possíveis treinadores de mídia para a empresa. – Luke

continua perplexo. – Deixe-me apresentar Nigel e Richard. Minha mulher, Becky.

- Muito prazer em conhecê-la, Becky – diz Nigel, segurando minha mão. – Foi você que

identificou a necessidade de treinamento para mídia, pelo que soubemos. Luke disse que

você não ficou impressionada com o desempenho do cliente dele.

- Ah, certo! – sinto uma pequena empolgação. Não sabia que Luke havia aceitado meu

conselho, quanto mais que teria contado sobre ele a outras pessoas.

- Desculpe nosso escritório pouco salubre – intervém o outro homem. – Acabamos de

nos mudar.

- Eu nem havia notado! – digo, com um risinho agudo. – De qualquer modo, preciso ir.

Só estava de passagem...

- Tenha uma boa tarde. – Luke me beija.

- Terei. – Seguro seu braço por um momento. – E será que podemos fazer o piquenique

mais tarde?

Luke se encolhe.

- Não, sinto muito. Eu deveria ter dito, vou voltar tarde esta noite.
Jantar com um cliente

novo.

- Ah. – Não consigo evitar um desapontamento. Mas negócio novo é
negócio novo. –

Bem, não faz mal. Quem é o cliente?

- Venetia.

Meu sorriso congela.

- *Venetia?*

- Venetia Carter. – Luke está explicando aos outros. – Sabe, a
obstetra celebridade? Sua

antiga agência de divulgação não estava dando certo, pelo que me
parece.

Venetia vai contratar a Brandon Communications? Não acredito.

- Quem vai ao jantar?

- Só eu e ela. – Luke dá de ombros. – Vou cuidar da conta dela, já
que somos velhos

amigos.

- Então... então você vai ter reuniões com ela e tudo o mais? –
Enxugo o lábio superior,

que está úmido.

- Essa é a idéia geral, Becky. – Luke ergue a sobrancelha interrogativamente. – Vou

mandar lembranças suas, certo?

- Claro! – consigo dá um sorriso. – Faça isso!

Tudo bem, de modo que talvez eu tenha entendido as coisas um pouquinho errado hoje.

Mas não há dúvida. Ela está a fim de Luke. Sei disso, no fundo do coração, assim como sei

que comprar a blusa laranja no eBay foi um erro.

Venetia está partindo para cima do meu marido e tenho que impedir.

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

RESUMO DE INVESTIMENTO

CLIENTE: "BEBÊ BRANDON"

RESUMO ATÉ 24 DE OUTUBRO DE 2003

Fundo A: "Carteira de Luke"

Investimentos até hoje:

Fundo de ouro Wetherby's 20%

Fundo de Crescimento Somerset European 20%

Fundo Acumulador Star Right 30%

O restante ainda não foi investido

Fundo B: "Carteira de Becky"

Investimentos até hoje:

Ouro (colar Tiffany, anel) 10%

Cobre (pulseira) 5%

Ações do Primeiro Banco Mútuo de Bangladesh 10%

Ações de chicbolsasonline.com 10%

Casaco vintage Dior 5%

Garrafa de champanhe de 1964 5%

Participação no cavalo de corridas "Baby Vai Fundo" 5%

Óculos escuros “usados por Grace Kelly” 1%

O restante ainda não foi investido

ONZ

N E

Decidi: vou falar com Luke. Vou ser madura, adulta e simplesmente encarar isso. Assim,

como decisão total, sento-me na cama até ele chegar em casa á noite. É bem mais de meia-

noite quando a porta se abre, e ele cheira a fumaça, bebida e... ah, meu Deus. Allure.

Tudo bem. Não entre em pânico. Só porque ele está cheirando Allure isso não prova

nada.

- Oi! Como foi o jantar? – Certifico-me de parecer amigável e encorajadora, e não uma

mulher ciumenta de novela de TV.

- Foi ótimo. – Luke tira o paletó. – Venetia é brilhante. Muito ligada.

- É, aposto que sim. – Torço as mãos embaixo do edredom, onde ele não pode vê-las. – E

o que vocês conversaram? Afora o trabalho.

- Ah, não sei. – Luke está afrouxando a gravata. – Arte... livros...

- Você nunca lê livros! – digo, antes de conseguir me impedir. É verdade. Ele não lê, a

não ser livros tipo “Como administrar seu magnífico império empresarial”.

- Talvez não – responde ele, lançando-me um olhar torto. – Mas lia.

O que isso quer dizer? Antes de me conhecer? Então agora é minha culpa ele não ler

livros, é?

- E o que mais vocês conversaram? – insisto.

- Becky, honestamente, não lembro.

Seu telefone toca com uma mensagem de texto, e ele lê. Sorri, digita algo de volta e volta

a se despir. Estou olhando com descrença e raiva crescentes. Como ele pode fazer isso? Na

minha *frente*?

- Era em latim? – pergunto, antes que possa me conter.

- O quê? – Luke gira, as mãos ainda segurando as mangas da camisa.

- Por acaso eu vi... – hesito. E paro, merda. Não vou mais fingir. Respiro fundo e olho

para Luke, de frente. – Ela manda textos em latim para você, não é? É o código secreto dos

dois?

- O que você está falando? – Luke dá um passo adiante, franzindo a testa. – Você andou

lendo minhas mensagens?

- Sou uma mulher! Sobre o que são os textos que ela manda, Luke?
– Minha voz está

subindo de volume, magoada. – Livros em latim? Ou... outras coisas?

- Como é? – Ele parece perplexo.

- Você sabe que ela está dando em cima de você, não sabe?

- O quê? – Luke dá um riso curto. – Becky, sei que você tem uma imaginação fértil, mas

realmente... – Ele tira a camisa e joga no cesto de roupa suja.

- Ela vem dando em cima de você! – Estou inclinada para frente, agitada. – Você não vê?

Ela é uma destruidora de lares! É isso que ela faz...

- Ela não está a fim de mim! – interrompe Luke. – Para ser honesto Becky, estou

chocado. Nunca pensei que você fosse possessiva. Eu certamente tenho permissão para ter

alguns amigos, pelo amor de Deus. Só porque, por acaso, ela é mulher...

- Não é *isso* – interrompo, cheia de escárnio.

É porque ela foi namorada dele e tem cabelos ruivos, fartos e compridos. Mas não direi

isso.

- É que... – me atrapalho. – É que... nós somos *casados*, Luke.
Deveríamos compartilhar

tudo. Não deveríamos ter nada separados. Eu sou um livro aberto!
Olhe o meu telefone! –

faço gestos largos. – Olhe em minhas gavetas! Eu não tenho
nenhum segredo! Ande, olhe!

- Becky, está ficando tarde. – Luke esfrega o rosto. – Será que
poderíamos fazer isso

amanhã?

Encaro-o, indignada. O que ele quer dizer com “fazer isso amanhã”?
Não estamos

jogando banco imobiliário, estamos tendo uma discussão crucial
sobre o estado do nosso

casamento.

- Ande! Olhe!

- Certo. – Luke levanta as mãos em rendição e vai a minha cômoda.

- Não tenho nenhum segredo para você! Pode olhar onde quiser,
fuçar o quanto quiser...

– paro subitamente.

Merda. O Kit de Previsão de Sexo. Está na gaveta de cima, á
esquerda.

- É... menos aquela gaveta – exclamo depressa. – Não toque na
gaveta de cima á

esquerda.

Luke pára.

- Não posso tocar naquela gaveta?

- Não. É... uma surpresa. Ou a sacola de Harrods na cadeira – acrescento depressa. Não

quero que ele veja a nota do novo umidificadores de alta tecnologia. Eu mesma quase morri

ao ver o preço.

- Mais alguma coisa? Pergunta Luke.

- Ah... umas coisinhas no guarda-roupa. Presentes de aniversário que eu já comprei para

você – acrescento, em desafio.

Há um silêncio no quarto. Não sei bem o que Luke está pensando. Por fim ele se vira, o

rosto trabalhando de modo estranho.

- Então nosso casamento é um livro aberto, completamente honesto, a não ser aquela

gaveta, esta sacola da Harrods e os fundos do armário?

Sinto que minha posição moral não é tão forte quanto antes.

- A questão é... – Olho ao redor. – A questão é que eu não estive fora a noite toda com

outra pessoa, fazendo Deus sabe o quê!

Ah, meu Deus. Estou parecendo exatamente uma mulher chorona numa novela de TV.

- Becky. – Luke suspira e senta-se na cama. – Venetia não é “outra pessoa”. É uma

cliente. É uma amiga. Ela gostaria de ser *sua* amiga.

Viro-me para o outro lado, franzindo o edredom num pequeno leque.

- Só não entendo qual é o seu problema. Foi você quem quis se consultar com Venetia!

- É, mas...

Não posso dizer exatamente: “mas eu não sabia que ela era uma ladra de maridos.”

- Ela vai fazer o parto do nosso filho daqui a algumas semanas! Você deveria estar

conhecendo-a. sentindo-se á vontade com ela!

Não quero que ela faça o parto do neném.

- E, quanto a isso... – Luke se levanta. – Venetia perguntou se poderíamos fazer uma

consulta amanhã. Ela não vê você há um tempo e está se sentindo mal em relação a isso. Eu

disse que nós dois iríamos. Certo? – Ele entra no banheiro.

- Ótimo – respondo, com a voz monótona, e afundo de novo nos travesseiros com um

grande suspiro. Minha cabeça esta girando com pensamentos confusos. Talvez eu *esteja*

sendo pouco razoável e paranóica. Talvez ela não esteja dando em cima do Luke.

E ela é praticamente a melhor obstetra do mundo. Certo, vou fazer um esforço

verdadeiro, verdadeiro mesmo, para ver se podemos ser amigas.

Quando chegamos ao Centro Holístico de Maternidade na sexta-feira, os paparazzi estão

com a força total, e dá para ver por quê. A Bond girl e o novo rosto da Lancôme estão

posando juntas na escada, ambas com calças maneiras, de cintura baixa, e blusas apertadas

que acentuam as barrigas adolescentes.

- Becky, devagar! – Luke me chama enquanto corro para me juntar a elas. Mas, quando

chego, elas já passaram pela porta. Paro esperançosa nos degraus, mas nenhuma lente

aponta para mim. Na verdade, os fotógrafos estão todos se afastando, o que é bem

insultuoso. E de pensar que eles tirariam uma foto só para serem educados.

Lá dentro, a Bond girl está á minha frente, junto á mesa de recepção, e posso ouvir a

recepcionista dizendo:

- E você recebeu seu convite para o chá no Savoy? Precisamos mandar um carro?

- Não, obrigada – diz a Bond girl, assentindo para a modelo da Lancôme. – Lula e eu

vamos juntas.

Meu coração falha uma batida. Chá no Savoy? Nunca recebi nenhum convite para tomar

chá no Savoy. Talvez me dêem agora! Chego junto á recepcionista com um sorriso de

expectativa, já pegando minha agenda para verificar a data. Mas ela não entrega nenhum

convite.

- Sente-se, Sra. Brandon – ela sorri de volta. – Venetia vai recebê-la daqui a pouco.

- É... há mais alguma coisa? – Demoro-me junto á mesa. – Alguma coisa que eu

deveria... ter?

- A senhora trouxe uma amostra de urina? – A recepcionista sorri. – É só disso que

precisa.

Não era disso que eu estava falando. Espero mais alguns segundos só para garantir – e

finalmente vou até a área de espera, tentando esconder a frustração. Ela não me convidou.

Todas as celebridades vão tomar chá juntas, trocando histórias de gravidez e perguntando

umas às outras onde compram seus vestidos para as estréias, e eu estarei em casa, sozinha.

- Becky? – Luke está me olhando perplexo. – O que houve?

- Nada. – Sinto meu lábio inferior tremendo. – É só que ela não me convidou para o chá.

Todas vão ao Savoy. Todas elas! Sem mim.

- Becky, você não *sabe* se vai haver um chá no Savoy. Tenho certeza... quero dizer... –

Luke pára, obviamente perdido. – Olha, mesmo que tivesse, isso importa? Você não vai ao

médico por causa dos chás.

Abro a boca. E fecho de novo.

- Becky? – uma voz melodiosa ressoa. – Luke?

Ah, meu Deus. É ela.

Não vejo Venetia há semanas. Para ser honesta, ela meio que se alterou na minha mente.

Visualizei-a maia alta, com os cabelos mais compridos, mais de feiticeira, olhos verdes

relampejantes e umas... tipo presas. Mas aqui está ela, magra e bonita, vestida com uma

blusa preta chique, de gora rulê, e sorrindo como se eu fosse sua melhor amiga.

- Que ótimo ver você! – Ela me beija. – Peço desculpas, andei negligenciando você de

modo *vergonhoso*. – Quando ela diz isso, olha para Luke como se estivessem tendo uma

conversa particular.

Ou será que eu estou sendo paranóica?

- Venham! – Ela nos leva para a sua sala, e todos nos sentamos. – E então, Becky? –

Venetia abre a ficha. – Como está se sentindo?

- Bem. Obrigada.

- O bebê está mexendo bem?

- Está, o tempo todo. – Ponho a mão na barriga, onde, claro, ele foi dormir.

- Bem, vamos sentir. – Ela indica a maca, e eu vou e subo enquanto Venetia lava as

mãos.

- Eu ouvi alguma coisa sobre um chá, lá fora, Ven? – pergunta Luke, em tom tranqüilo. –

Grande idéia de publicidade. – Encaro-o, atônita, e ele pisca.

Algumas vezes eu realmente *amo* Luke.

- Ah. – Venetia parece sem graça. – Isso mesmo. É para as pacientes num estágio

ligeiramente mais avançado que o seu, Becky. Mas é claro que você está na lista do

próximo!

Ela está mentindo *tanto*! Eu não estava naquela lista.

Quando suas mãos se movem sobre minha barriga, não consigo relaxar. Estou olhando as

mãos: magras e brancas com um enorme anel de diamante no anular da mão direita. Quem

terá dado?

- É um bebê de bom tamanho. No momento está sentado, o que significa que a cabeça

está perto das suas costelas... – Venetia está franzindo a testa, concentrada, enquanto sente

o bebê. – Se continuar nessa posição, teremos que discutir suas opções para o parto, mas

ainda é cedo. – Ela olha as anotações. – Você só está com 32 semanas. Tem bastante tempo

para o bebê se virar. Agora vamos ouvir o coração... – Ela pega o Doppler, espreme gel na

minha barriga e encosta o aparelho na pele. Um instante depois, o coração está fazendo

“uau-uau-uau” pela sala.

- Batidas fortes, boas. – Venetia assente para mim, e eu assinto de volta do melhor modo

que posso, estando deitada. Por alguns instantes, nós três só ouvimos as batidas regulares e

turvas. É tão estranho! Cá estamos, todos hipnotizados pelo som; e o bebê não faz idéia de

que estamos ouvindo.

- Esse é seu filho. – Venetia encara Luke. – Incrível, não é? – Ela se inclina e ajeita a

gravata dele. E sinto uma pontada de ressentimento. Como ela ousa fazer isso? Este é o

nosso momento. E todo mundo sabe que a mulher é que ajeita a gravata.

- E então, Venetia – digo educadamente enquanto ela desliga o Doppler. – Fiquei triste

quando soube que você terminou com seu namorado.

- Ah, bem. – Venetia abre as mãos. – Algumas coisas não estão destinadas a ser. – Ela dá

um sorriso doce. – Como vai sua saúde, em termos gerais, Becky? Alguma dor? Azia?

Hemorróidas?

Não acredito. Ela está *deliberadamente* escolhendo os males menos sensuais.

- Não, obrigada – respondo, com firmeza. – Estou me sentindo ótima.

- Então você tem sorte. – Venetia indica para nos sentarmos de novo. – Perto do fim da

gravidez, você vai descobrir que seu corpo vão começar sentir realmente o esforço. Você

pode ter espinhas... varizes... o sexo obviamente será difícil, se não impossível...

Aaah. Ela é mesmo uma vaca.

- Ainda é cedo. – O sorriso agradável de Venetia não se abala. –
Muitas pacientes minhas

perdem a libido de vez antes do parto. E, claro, infelizmente alguns
homens acham a forma

da companheira pouco... *atraente*...

Pouco atraente? Ela acabou de dizer que sou pouco atraente?

Ela enrola um aparelho de pressão no meu braço e franze a testa
enquanto a borracha se

infla.

- Sua pressão está muito mais alta, Becky.

Não fico nem um pouco surpresa! Olho para Luke, mas ele parece
não suspeitar de nada.

- Querida, você deveria falar daquela dor na perna – diz ele. –
Lembra, na outra noite?

- Dor na perna? – Venetia levanta os olhos, alerta.

- Não foi nada – digo, rapidamente. – Só uma pontada.

Usei meu novo Manolos salto doze o dia inteiro no trabalho,
semana passada. O que

talvez tenha sido um erro, já que, quando cheguei em casa, mal
podia andar, e pedi para

Luke massagear o músculo da batata da perna.

- Você deveria verificar, mesmo assim. – Luke aperta minha mão. –
Todo cuidado é

pouco.

- Sem dúvida! – Venetia empurra a cadeira para trás. – Vamos examinar, certo, Becky?

Suba de novo na maca.

Não gosto daquele brilho no olho dela. Com relutância, tiro as meias de lycra e subo na

maca.

- Hmm. – Venetia segura minha perna, olha, depois esfrega a mão nela. – Acho que

posso sentir o início de uma variz.

Olho para mim mesma, pele lisa, horrorizada. Ela está mentindo. Não há nem uma sugestão de

variz.

- Não vejo nada aí – digo, tentando permanecer calma.

- Para você, pode parecer invisível, mas eu detecto essas coisas bem cedo. – Venetia dá

um tapinha no meu ombro. – O que eu recomendo, Becky, é você usar um daquelas meias

cirúrgicas, elásticas, de agora em diante. – Ela pega um pacote na mesa e tira um par de

algo que parece meias brancas e compridas, de malha. – Calce.

- Não vou calçar isso! – Encolho-me, horrorizada. Mal consigo me obrigar a tocá-las,

quanto mais usar. São as coisas mais repulsivas que eu já vi.

- Becky, querida. – Luke se inclina para a frente. – Se Venetia diz que você deve usar...

- Tenho certeza que não tenho varizes! – Minha voz está ficando mais aguda. – Luke,

foram os *sapatos*, lembra?

- Ah – cantarola Venetia. – Talvez você tenha razão. Deixe-me ver o que está usando.

Ela examina meus novos sapatos plataforma e balança a cabeça, triste.

- Realmente isso não é adequado para a gravidez avançada. Tome, experimente esses. –

Ela procura na gaveta de baixo da mesa e pega um par de medonhas sandálias de borracha

marrons. – São um amostra ortopédica. Gostaria de saber o que você acha.

Encaro-as, consternadas.

- Em vez das meias elásticas?

- Ah, não! – Ela sorri. – Acho que você deveria usar as meias elásticas também. Só para

garantir.

Vaca. *Vaca*.

- Calce, querida – diz Luke, encorajando com a cabeça. – Venetia só está pensando na

sua saúde.

Não está, não!, quero gritar. Você não vê o que ela está fazendo?

Mas não posso. Não há saída. Os dois estão me olhando. Terei de fazer isso.

Sentindo enjôo, calço lentamente umas das meias cirúrgicas, depois a outra.

- Puxe bem para cima! – diz Venetia. – Isso, acima das coxas. –
Afasto os sapatos e pego

as sandálias horríveis. Depois pego minha nova bolsa Marc Jacobs enorme (amarelo-clara,

totalmente estupenda) para enfiar os sapatos dentro.

- Esta é a sua bolsa? – Os olhos brilhantes de Venetia se iluminam, e sinto um aperto de

pavor. A bolsa, não. Por favor, a bolsa, não.

- Isso é pesado *demais* para uma grávida! – diz ela pegando-a e sopescando-a, com a testa

franzida. – Sabe o dano que você pode causar á coluna? Sabe, eu trabalhei durante uma no

com uma fisioterapeuta – acrescenta para Luke. – Os danos que ela presenciou em pessoas

que andavam por aí usando bolsas de tamanho absurdo!

- As bolsas grandes estão na moda – digo, tensa.

- Moda! – Venetia dá um sorriso prateado. – A moda é ruim para sua saúde. Experimente

isso, Becky. Minha fisioterapeuta fornece. – Ela abre um armário e pega uma pochete feita

de pano cáqui. – É muito mais ergonômica para as costas. Você pode até esconder embaixo

da camiseta, para segurança...

- Fantástico! – diz Luke, pegando minha Marc Jacobs com Venetia e colocando-a no

chão, onde não posso alcançá-la. – Venetia, é muita gentileza sua.

Gentileza? Ele não faz idéia do que está acontecendo aqui. Nenhuma.

- Vamos, Becky! – Venetia é como um gato brincando com um camundongo meio

morto, adorando o sofrimento. – Veja se cabe.

Com as mãos trêmulas, prendo o cinco cáqui na cintura, aperto o fecho e deixo a

camiseta cair. Quando me viro, capto um vislumbre de mim mesma no espelho de corpo

inteiro, na parte de trás da porta.

Quero chorar. Pareço um monstro grotesco. Minhas pernas são dois troncos de arvores

brancos, bulbosos. Meus pés parecem de uma avó. Tenho uma barriga na frente e outra

atrás.

- Você está ótima, Becky! – Venetia montou na mesa e está fazendo um alongamento

ágil, tipo ioga, que mostra seus braços compridos e em forma. – Então, Luke, aquele

encontro que tivemos foi maravilhoso. Fiquei realmente interessada nas suas idéias sobre

links na internet...

Arrasada, arrasto os pés até a cadeira e espero que eles terminem de falar sobre o perfil

empresarial de Venetia. Mas agora eles passaram a falar da brochura e se ela poderia ser

melhorada.

- Ah, desculpe, Becky! – De repente Venetia parece me notar. – Isso deve ser realmente

chato. Bem, a consulta já terminou, de modo que, se não quiser ficar...

- Você não vai encontrar com Suze e Jess para o almoço? – Luke ergue os olhos. – Por

que não vai? Só quero recapitular algumas coisas com Venetia.

- Bem, certo – digo, finalmente. – Eu vou.

- Certifique-se de pegar o que você precisa – diz Venetia, indicando minha Marc Jacobs.

– E não quero ouvir dizer que você andou usando essa bolsa! – Ela balança o dedo para

mim.

Quero dar um *tiro* nela. Mas não há sentido em discutir, Luke vai ficar do lado de

Venetia. Em silêncio, pego a carteira, o telefone, as chaves e alguns itens essenciais de

maquiagem. Coloco na pochete cáqui e fecho-a.

- Tchau, querida. – Luke me beija. – Ligo para você depois.

- Tchau. Tchau, Venetia. – Mal consigo encará-la. Saio da saca e sigo pelo corredor,

Junto à mesa da recepção há uma loura empolgada, com uma barriga minúscula,

dizendo:

- Estou tão emocionada porque consegui vaga com Venetia!

É, agora está, penso selvagemente. Até ela fazer você parecer um *monstro* na frente do

seu marido.

Estou quase na porta quando uma lembrança súbita me faz parar. O telefone de Luke

tocou hoje cedo enquanto ele estava no banheiro, e eu atendi. E *não* foi porque sou

possessiva e cheia de suspeitas, mas porque...

Bem, certo. Achei que poderia ser Venetia. Mas não era: era John, da Brandon

Communications, e eu não disse a Luke para ligar para ele. É melhor avisar.

Volto pela recepção, tentando ignorar os olhares curiosos da loura e seu marido. Essas

porcarias de meias vão sumir assim que eu sair daqui.

Uma mulher com uniforme azul de enfermeira está á minha frente no corredor, e,

enquanto vou andando, ela pára junto á porta de Venetia. Bate duas vezes e abre a porta.

- Ah, desculpe! – ouço-a dizer. – Não queria atrapalhar...

Atrapalhar o quê? Atrapalhar o quê?

Com o coração subitamente martelando, sigo rapidamente pelo corredor e capto um

vislumbre pela porta enquanto a enfermeira recua.

E os vejo. Sentados junto á mesa, falando em voz baixa, rindo. O braço de Venetia está

pousado casualmente sobre os ombros de Luke. Sua outra mão está segurando a dele. Os

dois parecem felizes, relaxados e íntimos.

Parecem um casal.

Não sei como chego ao restaurante onde vou me encontrar com Suze e Jess. Estou andando

no piloto automático, como um zumbi. Quero vomitar toda vez que penso naquilo.

Os dois estavam juntos. Estavam *juntos*.

- Bex?

De algum modo, consegui passar pela porta de vidro e estou parada, num atordoamento

completo, enquanto os garçons circulam e as pessoas conversam.

- Bex, você está bem? – Suze vem rapidamente me encontrar. Seus olhos baixam

consternados para as minhas meias brancas. – O que você está *usando*? O que aconteceu?

Bex... você consegue falar?

- Eu... não. Preciso me sentar. – Vou atrás dela até a mesa de canto, onde Jess está

sentada.

- O que aconteceu? – Jess está assombrada com minha aparência. Rapidamente puxa uma

cadeira para mim e me ajuda a sentar. – Você está bem? É o bebê?

- Eu vi os dois – consigo dizer.

- Quem?

- Luke e Venetia. Juntos.

- Juntos? – Suze aperta a boca com a mão. – Juntos, fazendo... o quê?

- Estavam sentados atrás de uma mesa, conversando. – Mal consigo pôr as palavras para

fora. – Ela estava com o braço nos ombros dele. E ele estava segurando a mão dela. –

Levanto os olhos, procurando uma reação. Suze e Jess parecem esperar por mais.

- Estavam... se beijando? – sugere Suze.

- Não, estavam *rindo*. Pareciam completamente felizes. Eu simplesmente... tive que sair

dali. – Tomo um gole d'água. Suze e Jess trocam olhares.

- E... foi por isso que você pôs meias brancas? – se aventura Suze, cautelosamente.

- Não! Claro que não! – Tiro os óculos, sentindo a humilhação subir de novo. – Foi

Venetia! Ela tirou meus sapatos, minha bolsa e me fez vestir essas coisas medonhas, só

para eu ficar horrorosa na frente de Luke.

Suze ofega.

- Que *vaca*!

- E não consigo tirar! – Agora estou á beira das lágrimas. – Estou presa nisso!

- Venha! Eu ajudo. – Suze põe seus óculos na mesa e se abaixa para uma das meias. Jess

está olhando, a testa franzida.

- Becky... tem certeza que não há algum motivo de saúde para usá-las?

- Não! Ela só estava fazendo isso para ser má! Disse que a moda faz mal à saúde!

Jess parece não se abalar.

- A moda *é* ruim para a saúde.

- A moda *não* é ruim para a saúde! – estouro. – É boa para a saúde! Faz a gente... faz a

gente ficar magra e ereta para o casaco cair melhor... e faz a gente se interessar por si

mesma e não ficar toda deprimida. – Estou contando os itens nos dedos. – E os saltos altos

são um exercício fantástico para os músculos da batata da perna...

- Bex, tome um pouco de vinho – diz Suze, tentando me acalmar, empurrando sua taça. –

Só um golezinho não fará mal ao bebê. E pode... acalmar você um pouquinho.

- Certo, obrigada. – Tomo um gole, agradecida.

- Meu obstetra disse que eu podia tomar uma taça de vez em quando – acrescenta Suze. –

Ele é francês.

Tomo outro gole, sentindo que o coração desacelera. Eu deveria ter ido à França para ter

o neném. Ou *a qualquer lugar* que não fosse Venetia Carter. Talvez devesse esquecer todo

esse negócio de hospital e ter o bebê numa loja, como sempre planejei. Pelo menos iria me

sentir relaxada e feliz. Pelo menos receberia roupas grátis.

- Não sei o que fazer. – Pouso o copo de vinho e olho arrasada para Suze e Jess. – Já

tentei falar com Luke. Ele disse que não havia nada acontecendo, que só eram amigos. Mas

os dois não me pareceram só amigos.

- Como, exatamente, ele estava segurando a mão dela? – Suze franze a testa,

consternada. – Poderia ser apenas amigável? Venetia é uma pessoas do tipo que toca os

outros?

- Ela é... – penso. Lembro-me de Venetia apertando meus ombros; passando a mão pelo

meu braço. – Um bocado – admito finalmente.

- Bem, talvez seja só isso! Talvez ela seja apenas uma dessas pessoas que ficam perto

demais.

- Você tem mais alguma prova? – pergunta Jess.

- Ainda não. – Fico brincando com uma embalagem de palito tira-gosto, imaginando se

devo contar. – Um dia desses eu segui os dois.

- Você fez o *quê*? – Suze fica assombrada. – E se eles *vissem*?

- Ele me viu. Eu fingi que estava fazendo compras.

- Bex... – Suze segura o cabelo. – E se não houver nada acontecendo? Vê-los de mãos

dadas não é prova. Você não quer arruinar toda a confiança entre você e Luke.

- Então o que devo fazer? – Olho de um rosto para o outro, - O que devo fazer?

- Nada – responde Suze, com firmeza. – Bex, *eu sei* que Luke ama você. E ele não fez

nada que seja realmente incriminador, fez? Seria diferente se ele tivesse mentindo, ou se

você tivesse visto os dois se beijando...

- Concordo. – Jess assente com vigor. – Acho que você está entendendo tudo errado,

Becky.

- Mas... – Paro, enrolando o papel com força em volta dos dedos. Não sei como explicar,

simplesmente tenho uma sensação ruim. Não são apenas os recados no celular, ou os

jantares. Nem mesmo tê-los visto agora. É alguma coisa *nela*. É algo nos olhos dela. Ela é

uma predadora.

Mas, se eu disser isso às outras, vão falar que eu estou imaginando.

- Certo – respondo finalmente. – Não vou fazer nada.

- Vamos fazer os pedido – diz Suze, com firmeza empurrando um cardápio na minha direção.

- Aqui tem um cardápio pronto – diz Jess, empurrando uma folha datilografada em cima

do *à la carte*. – É mais econômico, se pedirmos apenas dois pratos e não escolhermos

nenhum desses itens ridículos com trufas.

Quero retrucar imediatamente que as trufas são minha comida predileta, e quem se

importa com o preço delas? Mas o problemas é que meio que concordo. Nunca admiti

muito esse negócio de mil libras por uma trufa.

Ah, meu Deus. Por favor, não diga que eu estou começando a concordar com a Jess.

- E você pode me ajudar a me vingar de Lulu – acrescenta Suze, passando o cesto de pão.

- Uuuh! – digo, me animando. – Como assim?

- Ela foi convidada a fazer um programa de TV – diz Suze, com desdém. – Um desses

programas de mudança de vida, em que ela vai á casa de alguma mãe horrorosa e diz como

ela deve fazer comida saudável para os filhos. E pediu que eu fosse a primeira mãe

horrorosa!

- Não!

- Já entregou meu nome à produtora! – A voz de Suze se eleva, indignada. – Eles me

telefonaram e perguntaram se era verdade que eu dava comida enlatada aos meus filhos e

que nenhum deles sabia falar.

- Que deslante! – Pego um pãozinho e passo um pouco de manteiga. Não há nada como

ter outra pessoa a quem odiar, para fazer a gente esquecer os problemas.

Temos um almoço fantástico, nós três, e no fim estou me sentindo muito melhor. Todas

decidimos que Lulu é a megera absoluta (Jess não conhece Lulu, mas eu lhe faço uma

descrição boa). E então Jess repassa seus problemas. Ela contou ao Tom sobre o Chile, e a

coisa não foi muito boa.

- Primeiro, ele achou que eu estava brincando – diz ela, partindo um pãozinho em

pequenas migalhas. – Depois, achou que eu estava testando seu amor. Então, me pediu em

casamento.

- Pediu em casamento? – digo, num guincho empolgado.

- Obviamente mandei que ele parasse de ser tão ridículo. E agora... não estamos nos

falando – diz ela, em tom casual, mas dá para ver a tristeza em seus olhos. – É isso aí. – Ela

toma um gole comprido de vinho, o que *realmente* não faz o gênero Jess. Olho para Suze,

que franze a testa para mim, ansiosa.

- Jess, você tem *certeza* quanto ao Chile? – pergunto, hesitando.

- Tenho. – Ela assente. – Eu preciso ir. Preciso fazer isso. Nunca terei essa oportunidade

de novo.

- E Tom pode visitar você lá – lembra Suze.

- Exato. Se ele simplesmente parasse de ouvir a mãe! – Jess balança a cabeça,

exasperada. – Janice está numa histeria completa. Fica me mandando páginas que imprimiu

na internet, dizendo que o Chile é um país perigoso, cheio de doenças e minas terrestres.

- E é? – pergunto, temerosa.

- Claro que não! – responde Jess. – Ela está falando uma besteira completa. – Jess toma

um gole de vinho. – Há apenas algumas minas terrestres, só isso. E um pequeno problema

de cólera.

Algumas minas terrestres? *Cólera?*

- Jess, tenha muito cuidado por lá – digo, num impulso, e seguro sua mão. – Não

queremos que nada lhe aconteça.

- É, tenha cuidado – concorda Suze.

- Terei. – O pescoço de Jess fica vermelho. – Vou ficar bem. Obrigada. De qualquer

modo... – enquanto o garçom chega com o café, ela estende a mão, parecendo sem jeito. –

Eu... gosto do seu prendedor de cabelo, Becky.

Ela obviamente quer mudar de assunto.

- Ah, obrigada. – Toco-o com orgulho. – Não é fabuloso? É Miu Miu. Na verdade, faz

parte da carteira de investimentos de bebê.

Há um silêncio, e levanto os olhos, vendo Suze e Jess me encarando.

- Bex, como é que um prendedor de cabelo Miu Miu pode fazer parte de uma carteira de

investimentos?

- Porque é uma Antiguidade do Futuro! – digo, com um floreio.

- O que é uma Antiguidade do Futuro? – Suze está perplexa.

Rá! Veja só. Estou tão á frente no jogo!

- É um modo novo e fabuloso de investir – explico. – É moleza! Você simplesmente

compra qualquer coisa e guarda a embalagem, e dentro de cinquenta anos um leilão e ganha

uma fortuna!

- Certo – diz Suze, parecendo em dúvida. – Então, o que mais você comprou?

- Ah... – penso. – Na verdade, algumas coisas da Miu Miu. E uns bonecos do Harry

Potter, bonecas Barbie princesa... e esta pulseira fabulosa da Topshop...

- Becky, uma pulseira da Topshop não é um *investimento* – diz Jess, incrédula.

Ela realmente não sacou.

- Talvez não *agora* – explico, com paciência. – Mas será. Vai aparecer no programa

Show de Antigüidades, você vai ver!

- Bex, o que há de errado com um banco? – pergunta Suze, ansiosa.

- Não vou botar o dinheiro do neném num banco qualquer, como todo mundo! Sou uma

profissional das finanças, lembre-se, Suze. É isso que eu faço.

- O que você *fazia*.

- É como andar de bicicleta – garanto, com ar superior. Não sou grande coisa andando de

bicicleta, mas não preciso mencionar isso.

- Então é isso? – pergunta Jess. – Você investiu todo o dinheiro?

- Ah, não. Ainda tenho um monte! – Tomo um gole de café, depois noto uma pintura

abstrata na parede perto de mim. É só um grande quadrado azul de tinta a óleo sobre tela, e

há uma pequena etiqueta de preço indicando 195 libras. – Ei, olhem aquilo! – digo,

concentrando-me nela com interesse. – Acham que eu deveria...

- Não! – berram Jess e Suze em uníssono.

Francamente. Elas nem sabiam o que eu ia dizer.

*

Chego em casa naquele fim de tarde e encontro o apartamento frio e vazio, sem Luke. *Ele*

está com ela.

Não. Não está. Pára com isso. Faço um sanduíche, chuto os sapatos para longe e me

enrolo no sofá com o controle remoto. Enquanto estou zapeando pelos canais procurando

Histórias de Nascimento, em que estou viciada (só tenho de olhar a parte crucial através

dos dedos), o telefone toca.

- Oi. – É Luke, parecendo agitado. – Becky, esqueci de lembrar você. Vou ao Finance

Awards. Vou chegar tarde.

- Ah, certo. – Agora me lembro, eu sabia do Finance Awards. Na verdade, Luke me

convidou, mas eu não poderia suportar uma noite com gerentes de fundos, velhos e chatos.

– Tudo bem. Vejo você depois. Luke...

Paro, com o coração martelando. Não sei o que quero dizer, quanto mais como dizer.

- Preciso desligar. – Luke nem *notou* meu silêncio perturbado. – Vejo você depois.

- Luke... – tento de novo, mas a linha já está muda.

Olho para o espaço durante um tempo, imaginando a conversa perfeita, em que Luke me

perguntava o que havia de errado e eu dizia: ah, nada, e ele dizia: há sim, e terminava com

ele dizendo que me amava totalmente e que Venetia era realmente feia e que tal irmos a

Paris amanhã?

Um tema estrondando na TV me arranca do atordoamento, e olho para a tela. De algum

modo, fui longe demais nos canais a cabo e estou num obscuro canal de negócios e

finanças. Estou tentando lembrar o número do Living Channel, quando minha atenção é

atraída por um cara elegante, de smoking, na tela. Reconheço-o. É Alam Proctor, da

Foreland Investments. E ali está aquela garota, Jill, da *Portfolio Management*, sentada ao

lado dele. O que diabos...

Não acredito. O Finance Awards está sendo televisionado! Num canal a cabo que

ninguém assiste... mas mesmo assim! Empertigo-me e me concentro na tela. Talvez seja

Luke!

- ... e cá estamos, ao vivo, da Grosvenor House, para o Finance Awards deste ano... –

está dizendo o locutor. – O local da premiação foi mudado este ano devido ao número

crescente...

Só de curiosidade, pego o telefone e ligo para Luke. A câmera ligada gira pelo salão de

baile, e examino a tela atentamente, olhando para todas as pessoas de Black-tie sentados às

mesas. Lá está Philip, meu antigo editor da *Successful Savings*, tomando vinho. E aquela

garota da Lloyd's que usava o mesmo conjunto verde nas entrevistas...

- Oi Becky – atende Luke abruptamente. – Está tudo bem?

- Oi! – digo. – Só imaginei como estariam as coisas no Finance Awards.

Estou esperando a câmera fazer uma panorâmica até Luke. Então poderei dizer:

“Adivinha só, estou vendo você!”

- Ah, a mesma velharia de sempre – diz, Luke, depois de uma pausa. – Salão apinhado

no Dochester... uma multidão insuportável...

No Dochester?

Olho o telefone por um momento. Então, sentindo-me quente e fria, aperto o fone com

força contra o ouvido. Não consigo ouvir nenhuma conversa de fundo. Ele não está num

salão de baile apinhado, está?

Está mentindo.

- Becky? Você está aí?

- Eu... ah... estou. – Sinto-me tonta de choque. – Então, quem está sentado perto de você?

- Estou perto da... Mel. É melhor que eu desligar, querida.

- Certo – respondo, entorpecida. – Tchau.

A câmera acabou de dar uma panorâmica até Mel. Ela está espremida entre dois homens

grandes, de terno. Não há nenhuma cadeira vazia em toda a mesa.

Luke mentiu para mim. Está em outro lugar. Com outra pessoa.

As luzes brilhantes e o barulho da cerimônia de premiação estão irritando meus nervos, e

desligo a TV. Por um momento, simplesmente olho para o nada, num silêncio vazio.

Depois, atordoada, pego o telefone e me pego digitando o número de mamãe. Preciso falar

com alguém.

- Alô? – Assim que ouço a voz segura e familiar, quero irromper em lágrimas.

- Mamãe, é Becky.

- Becky! Como está, querida? E o neném? Chutando?

- O neném está ótimo. – Toco a barriga automaticamente. – Mas estou com... um

problema.

- Que tipo de problema? – Mamãe parece perturbada. – Becky, não é aquela gerente da

Mastercard de novo?

- Não! É... pessoal.

- *Pessoa?*

- É... é – mordo o lábio, subitamente desejando ter pensado antes de ligar. Não posso

contar a mamãe o que há de errado. Não posso deixá-la preocupada. Não depois de ela ter

alertado sobre a possibilidade de exatamente isso acontecer.

Talvez eu possa pedir seu conselho sem revelar a verdade. Tipo quando as pessoas

escrevem para as páginas de problemas e falam sobre “um amigo”, quando, na verdade,

eles é que foram apanhados usando a roupa de banho da esposa.

- É... uma colega de trabalho – começo, com a voz hesitando. – Acho que ela está

planejando... mudar para outro departamento. Andou falando com eles pelas minhas costas

e almoçando com eles, e acabei de descobrir que ela mentiu para mim... – Uma lágrima

escorre pela minha bochecha. – A senhora tem algum conselho?

- Claro que tenho um conselho! – diz mamãe, animada. – Querida, ela é apenas uma

colega! As colegas vêm e vão. Você vai se esquecer completamente dela daqui a uma

semana e estará pensando em outra pessoa!

- Certo – respondo, depois de uma pausa.

Para ser honesta, não foi uma tremenda ajuda.

- Agora – está dizendo mamãe... – você já tem uma bolsa para fraldas? Porque eu vi uma

linda, na John Lewis...

- O negócio, mamãe... – faço outro tentativa. – O negócio é que eu realmente *gosto* dessa

colega. E não tenho certeza se ela realmente está falando com as outras pessoas pelas

minhas costas...

- Querida, quem é essa amiga? – Mamão parece perplexa. – Você já falou nela antes?

- Ela é só... uma pessoa de quem eu gosto. A gente se diverte, e estamos com um...

projeto conjunto... e, bem, parecia que estava realmente dando certo... – Há um nó

gigantesco na minha garganta. – Não suporto a idéia de perdê-la.

- Você não vai *perdê-la!* – diz mamãe, rindo. – Mesmo que ela deixe você por outro

departamento, vocês ainda podem tomar café juntas...

- Tomar café juntas? – Minha voz salta, perturbada. – De que adiante tomar café?

As lágrimas começam a correr pelas minhas bochechas ao pensar em Luke e eu nos

encontrando rigidamente para tomar um café, enquanto Venetia fica sentada tamborilando

os dedos no canto.

- Becky? – exclama mamãe, alarmada. – Querida? Você está bem?

- Estou – fungo, esfregando o rosto. – Isso só me deixa meio... perturbada.

- Essa garota é mesmo *tão* importante para você? – Mamãe está claramente pasma. posso

ouvir papai ao fundo , dizendo: "O que há de errado?", e há um farfalhar quando mamãe se

afasta do telefone. – É a Becky – posso ouvi-la dizendo baixinho. – Acho que ela está numa

crise hormonal, coitadinha...

Francamente. *Não* estou hormonal. Meu marido está tendo um *caso*.

- Becky, escute. – Mamãe voltou ao telefone. – Você já falou com sua amiga sobre isso?

Já perguntou diretamente se ela está planejando mudar para outro departamento? E você ao

menos tem certeza que conhece os fatos?

Há um silêncio enquanto tento me imaginar confrontando Luke quando ele chegar em

casa esta noite. E se ele esbravejar e tentar fingir que estava na cerimônia de premiação? E

se disser que ama Venetia e vai me deixar para ficar com ela?

De qualquer modo, me sinto totalmente enjoada diante da perspectiva.

- Não é fácil – digo por fim.

- Ah, Becky. – Mamãe suspira. – Você nunca foi boa para encarar as coisas, não é?

- Não. – Coço o pé no tapete. – Acho que não.

- Agora você é adulta, querida – diz mamãe gentilmente. – Tem de *enfrentar* seus

problemas. Você sabe o que precisa fazer.

- Está certo. – Dou um suspiro enorme, sentindo parte da tensão sair do corpo. –

Obrigada mamãe.

- Cuide-se querida. Não se permita ficar perturbada. Papai está dizendo que ama você,

também.

- Vejo vocês logo, mamãe. Tchau. E obrigada.

Desligo o telefone com uma nova decisão. É óbvio, as mães *sabem* das coisas. Mamãe

me fez ver toda essa coisa com clareza pela primeira vez. Decidi exatamente o que vou

fazer.

Contratar um detetive particular.

FACULDADE DE LÍNGUAS CLÁSSICAS

UNIVERSIDADE DE OXFORD

OXFORD

OX1 6TH

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

3 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigado por seu recado telefônico, que minha secretaria repassou do melhor modo que

pôde.

Lamento muito em saber que seu marido estar "tendo um caso em latim" como a senhora

disse. Posso entender como se sente ansiosa e ficarei satisfeito em traduzir qualquer

mensagem de texto que me mandar. Espero que isso seja esclarecedor.

Atenciosamente,

Edmund Fortescue

Professor de Línguas Clássicas

PS. Por sinal, "amante latino" geralmente não significa alguém que fala com o amante em

latim; espero que isso sirva para tranquilizá-la um pouco.

De

D nny a

nd

d George

g

Floral Street, 44

Covent Garden

Londres W1

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions

Maida Vale

Londres NW6 0YF

4 de novembro de 2003

Cara Rebecca,

Obrigada por sua carta. Lamento saber que a senhora tenha se desentendido com sua obstetra.

Ficamos emocionados em saber que a senhora teve tantos momentos fantásticos aqui e que

considera este o "lugar perfeito para trazer um novo bebê ao mundo". Mas infelizmente não

podemos converter nossa loja numa suíte de parto temporária, nem mesmo para uma cliente

antiga e valiosa.

Agradecemos que tenha oferecido chamar o bebê de "Denny George Brandon", mas lamento dizer

que isso não altera nossa decisão.

Boa sorte com o parto.

Desejando tudo de bom,

Francesca Goodman

Gerente

REGAL AIRLINES

Escritório Central

Preston House

KINGSWAY, 354 • LONDRES WC2 4TH

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 OYF

4 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigada por sua carta.

Aparentemente, a senhora entendeu algo muito mal. Se der á luz no meio de um vôo pela Regal,

seu filho não receberá "passagens de primeira classe por toda a vida". nem a senhora poderia

acompanhar seu filho com "sua guardiã".

Nossos comissários de bordo não "deram á luz zilhões de bebês, antes", e eu devo ressaltar que a

política da empresa nos proíbe nos deixar que qualquer mulher com mais de 36 semanas de

gravidez embarque num vôo Regal.

Espero que escolha a Regal Airlines em breve.

Atenciosamente,

Margaret Mcnair

Gerente de atendimento ao Cliente

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

5 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigada por sua carta,

Fiquei perturbado em saber de seu "novo plano geral". Recomendo enfaticamente que não

invista o resto da poupança de seu filho em supostas "Antiguidades do Futuro" e estou

devolvendo a fotografia do biquíni Topshop edição limitada, sobre o qual não posso

comentar. Essas compras não são "vitória garantida", e ninguém pode lucrar "simplesmente

se comprar coisas suficientes".

Gostaria de orientá-la para investimentos mais convencionais, como papéis do governo e

ações de empresas.

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

DOZE

Não sei por que não fiz isso antes. É como mamãe diz: preciso encarar os fatos. Só preciso

descobrir a resposta a uma pergunta simples: Luke está tendo um caso com Venetia? Sim

ou não?

E se ele *estiver*...

Meu estomago tem em espasmo diante desse pensamento, e faço algumas respirações

curtas. Inspirar. Expirar. Inspirar. Expirar. Ignorar a dor. Vou atravessar esta ponte quando

chegar a hora.

Estou parada na estação de metrô West Ruislip, consultando meu pequeno caderno de

telefones. Não teria imaginado que West Ruislip seria o ripo de lugar onde ficam os

detetives particulares. (Mas, afinal, acho que eu realmente esta visualizando o centro de

Chicago nos anos 1940.)

Ando pela rua principal, olhando para meu reflexo numa vitrine enquanto passo.

Demorei séculos para decidir o que usar nessa manhã, mas no fim escolhi um vestido preto

estampado, simples, sapatos vintage e óculos escuros, enormes, opacos, ainda que, por

acaso, os óculos escuros sejam um disfarce de merda. Se alguém que eu conhecesse me

visse, não pensaria "Ali está uma mulher misteriosa, de preto", pensaria: "Ali está a Becky,

de óculos escuros, indo falar com um detetive particular."

Sentindo-me nervosa, começo a andar mais depressa. Não consigo acreditar que estou

mesmo fazendo isso. Foi tudo tão fácil! Como marcar uma pedicure. Telefonei para o

numero do cartão que o motorista de táxi me deu – mas infelizmente aquele detetive

particular especifico ia partir para a Costa Del Sol. (Para jogar golfe nas férias, e não para

seguir um bandido.) por isso procurei detetives particulares na internet – e por acaso

existem zilhões deles! No fim, escolhi um chamado Dave Sharpness, Detetive Particular

(Especialidade A: Matrimonial), marquei uma hora e aqui estou eu. Em West Ruislip.

Entro numa rua secundaria, e ali está o prédio, á minha frente. Examino-o por alguns

instantes. Realmente não é como eu havia imaginado. Tinha visualizado um escritório sujo

num beco, com uma única lâmpada pendurada na janela e talvez buracos de bala na porta.

Mas este é um prédio bem cuidado, baixo, com persianas e um pequeno trecho de gramado

na frente, com um cartaz dizendo POR FAVOR, NÃO JOGUEM LIXO.

Bem. Os detetives particulares não têm de ser sujos, têm? Enfio o caderninho na bolsa,

vou até a entrada e empurro uma porta de vidro. Uma mulher pálida, com cabelos mal

tingidos, cor de berinjela, está sentada a uma mesa. Ela olha por trás do livro de bolso, e

sinto uma súbita pontada de humilhação. Ela deve ver gente com eu o tempo todo.

- Estou aqui para falar com Dave Sharpness – digo, tentando manter o queixo alto.

- Claro, querida. – Seus olhos descem até minha barriga, inexpressivos. – Sente-se.

Sento-me numa poltrona de espuma marrom e pego um exemplar da *Reader's Digest* na

mesinha de centro. Instantes depois, uma porta se abre, e vejo um homem beirando os 60

anos, ou talvez passando deles, se aproxima de mim. É pançudo, com olhos azuis, cabelo

branco luminoso se espetando de uma cabeça bronzeada, e uma grande papada.

- Dave Sharpness – diz ele, com um chiado de fumante, e aperta a minha mão. – Venha,

venha.

Acompanho-o até uma pequena sala com persiana e mesa de mogno. Há um estante

cheia de livros de aparência jurídica e uma série de caixas de arquivo com nomes escritos.

Vejo que uma, com "Brandon" escrito, está aberta na mesa, e sinto um tremor de alarme. É

isso que eles chamam de discrição? E se Luke viesse a West Ruislip para uma reunião de

negócios, passasse pela janela e visse aquilo?

- Então, Sra. Brandon. – Dave Sharpness se espremeu atrás da mesa e está falando com

voz rouca. – Primeiro, deixe que eu me apresente. Passei trinta anos no ramo de automóveis

antes de me transferir para a investigação particular. Por ter tido várias experiências

dolorosas pessoalmente, conheço bem demais o trauma pelo qual a senhora está passando.

– ele se inclina a frente, a papada balançando. – Fique tranqüila, estou comprometido cento

e *cinquenta* por cento a lhe fornecer resultados.

- Certo. Fabuloso. – Engulo em seco. – É... eu estava imaginando, será que o senhor

poderia não deixar minha caixa de arquivos á vista, por favor? Qualquer um poderia vê-la

nessa prateleira.

- Estas não são de verdade, Sra. Brandon – diz Dave Sharpness, indicando a prateleira. –

Por favor, não se preocupe. Sua caixa ficará escondida, em segurança, em nossa instalação

de depósito seguro para clientes.

- Ah, sei – digo, sentindo-me um pouco mais tranqüila “Instalação para depósito seguro

de clientes” parece bastante bom. Como algum sistema subterrâneo com trancas codificadas

e lasers infravermelhos se entrecruzando. – Então... em que isso consiste, exatamente?

- É um arquivo na sala dos fundos. – Ele enxuga o rosto brilhante com um lenço. – É

trancado toda noite pela Wendy, nossa gerente de escritório. Agora, vamos aos negócios. –

Ele puxa um bloco de papel ofício. – Vamos começar do principio. A senhora está

preocupada com seu marido. Acho que ele a pode estar traindo.

Tenho uma ânsia súbita de gritar: “Não! Luke nunca me trairia!”, em seguida me

levantar e sair correndo.

Mas isso destruiria ligeiramente o sentido de ter vindo aqui.

- Eu... não sei – obrigo-me a dizer. – Talvez. Estamos casados há um ano, e tudo parecia

ótimo. Mas há uma... mulher, Venetia Carter. Eles tiveram um relacionamento no passado,

e agora ela veio para Londres. Ele está se encontrando um bocado com ela e ficou todo

distante e irritadiço comigo, e os dois mandam textos um para o outro em *código*, e ontem à

noite ele... – Paro, respirando com força. – De qualquer modo, eu só queria descobrir o que

está acontecendo.

- Claro. – diz Dave Sharpness, rabiscando. – Por que a senhora deveria continuar

aceitando a incerteza e a dor?

- Exato – confirmo com a cabeça.

- A senhora quer respostas. Seus instintos lhe dizem que há algo errado, mas a senhora

não consegue identificar exatamente o que é.

- Isso! – Meu Deus, ele entende completamente.

- A senhora só quer provas fotográficas do caso ilícito.

- Eu... é... – Fico sem reação. Não havia realmente pensado em prova fotográfica. Só

havia pensado em receber uma resposta tipo “sim” ou “não”.

- Ou vídeo. – Dave Sharpness levanta a cabeça. – Podemos colocar todas as provas em

DVD para a senhora.

- *DVD?* – ecôo, chocada. Talvez eu não tenha pensado totalmente nesse plano. Será que

realmente vou contratar alguém para seguir Luke com uma câmera de vídeo? E se ele

descobrir? – O senhor não poderia simplesmente me *dizer* se ele está tendo um caso ou

não? – sugiro. – Sem tirar fotos ou fazer vídeo?

Dave Sharpness levanta as sobrancelhas.

- Sra. Brandon, acredite, quando descobrimos a prova, a senhora vai querer ver com os

próprios olhos.

- Quer dizer... se descobrirem alguma prova. Eu posso ter entendido tudo errado! Na

certa tudo é perfeitamente... – paro diante da expressão dele.

- Primeira regra da investigação matrimonial – diz ele, com um sorriso lúgubre. – As

senhoras raramente entendem errado. Intuição feminina, sabe?

O cara é especialista. Deve saber.

- Então o senhor acha... – Lambo os lábios, que ficaram subitamente secos. – O senhor

realmente acha...

- Eu não acho – diz Dave Sharpness com um pequeno floreio. – Eu descubro. Quer ele

esteja se divertindo com uma mulher, com duas ou com uma fila, eu e meus agentes

descobriremos e lhe daremos qualquer prova que a senhora necessitar.

- Ele não está se divertindo com uma fila de mulheres! – digo, horrorizada. – Sei que não

está! É só uma mulher específica, Venetia Carter... – paro quando Dave Sharpness levanta o

dedo reprovador.

- Vamos descobrir, certo? Agora eu preciso do máximo de informações que a senhora

possa me dar. Todas as mulheres que ele conhece, tanto amigas dele quanto suas. Eu

gostaria de fazer um serviço meticoloso, Sra. Brandon. Produzirei todo um dossiê da vida

do seu marido, além do passado de qualquer mulher ou outras pessoas consideradas

relevantes. No fim da minha investigação, não haverá nada que a senhora não saiba.

- Olhe. – Tento manter a paciência. – Eu já sei tudo sobre Luke. Menos esta coisa

minúscula. Ele é meu *marido*.

- Se eu recebesse uma libra de cada mulher que me disse isso! – Dave Sharpness dá um

risinho rouco. – A senhora preenche os detalhes. Nós fazemos o resto.

Ele estende um bloco de papel. Pego-o e folheio as páginas, inquieta.

- Eu preciso lhe... dar uma foto?

- Nós cuidamos disso. Simplesmente fale das mulheres. Não deixe ninguém por fora.

Amigas... colegas... a senhora têm irmã?

- Bem... tenho – digo, abalada. – Mas ele *nunca*... quero dizer, nem em um milhão de

anos...

Dave Sharpness está balançando a cabeça numa diversão pensativa.

- A senhora ficaria surpresa, Sra. Brandon. Na minha experiência, se eles têm um

segredinho, acabam tendo um monte. – Ele me entrega uma caneta.
– Não se preocupe.

Logo iremos informá-la.

Escrevo “Venetia Carter” no topo da página. E paro.

O que estou *fazendo*?

- Não posso fazer isso. – Largo a caneta. – Desculpe. É esquisito demais. *Errado* demais.

Espionar meu próprio marido! – Empurro a cadeira para trás e me levanto. – Eu não deveria

ter vindo. Nem deveria estar aqui!

- A senhora não precisa se decidir hoje – diz Dave Sharpness, pegando um pacote de

caramelos, sem se abalar. – Só direi que, das clientes que reagem como a senhora, noventa

por cento voltam em uma semana. Elas fazem a investigação, mas apenas perdem uma

semana. Como uma senhora em seu estado avançado... – O olhar dele baixa

significativamente para minha barriga. – Bem, eu começaria o quanto antes.

- Ah. – Lentamente me deixo afundar na cadeira. – Eu não havia pensado desse jeito.

- E não usamos a palavra “espionar” – acrescenta ele, franzindo o nariz espalhafatoso. –

Ninguém gosta de pensar que está espionando um ser amado. Preferimos a expressão

“observação a distância”.

- Observação a distância. – Realmente parece melhor.

Fico brincando com minha pedra do parto, a mente girando. Talvez ele tenha razão. Se

eu for embora agora, só voltarei em uma semana. Talvez eu devesse assinar na linha

pontilhada agora mesmo.

- Mas e se meu marido visse o senhor? – Levanto os olhos. – E se ele for totalmente

inocente e descobrir que contratei um detetive? Ele nunca mais vai confiar em mim...

- Deixe-me garantir. – Dave Sharpness levanta a mão. – Todos os meus agentes atuam

com absoluta cautela e discrição. Ou seu marido é inocente, caso em que nenhum mal

acontece, ou é culpado, caso em que a senhora tem a prova de que precisa para agir. Para

ser perfeitamente honesto, Sra. Brandon, é uma situação sem perda.

- Então não há como ele descobrir? – pergunto, só para ter toda a certeza.

- Por favor. – Dave Sharpness dá um outro risinho. – Sra. Brandon eu sou profissional.

Honestamente, eu nunca havia pensado que contratar um investigador particular daria

tanto trabalho. Demoro uns quarenta minutos para preencher todas as informações que

Dave Sharpness quer. Toda vez que tento explicar que só estou interessada em saber se

Luke está se encontrando com Venetia, ele levanta a mão e diz:

- acredite em mim, Sra. Brandon, se encontrarmos alguma coisa, a senhora ficará

interessada.

- É isso – digo finalmente, empurrando o papel para ele. – Não consigo pensar em mais

ninguém.

- Excelente. – Dave Sharpness pega o bloco e passa a unha pelos nomes. – Vamos

resolver isso. Nesse ínterim, colocaremos o seu marido no que chamamos de vigilância de

baixo teor.

- Certo – digo, nervosa. – O que isso implica?

- Um dos meus agentes altamente qualificados acompanhará seu marido por um período

inicial de duas semanas, e depois nos encontraremos de novo. Qualquer informação obtida

nesse tempo será comunicada á senhora diretamente por mim mesmo. Eu *devo* pedir um

depósito...

- Ah – digo, tateando na bolsa. – Claro.

- E, como nova cliente... – Ele remexe na gaveta e pega um pequeno panfleto – a senhora

se qualifica para nossa oferta especial.

Oferta especial? Ele acredita honestamente que estou interessada em alguma oferta

especial idiota? Meu *casamento* está ameaçado. Na verdade, me sinto bem insultada por ele

sequer mencionar isso.

- Só é válida para hoje – continua Dave Sharpness, me entregando o folheto. – Compre

uma e ganhe a segunda pela metade do preço. É uma oportunidade única para novos

clientes. Uma pena perder uma pechincha assim.

Há silêncio. Mesmo contra a vontade, estou sentindo uma minúscula, uma insignificante

onda de interesse.

- Como assim? – Dou de ombros, relutante. – A gente ganha um segundo detetive pela

metade do preço?

- Ela é uma piada! – Dave Sharpness chia de tanto rir. – Não, a senhora pede uma

segunda *investigação* e paga metade do preço. Economiza um retorno aqui, entende? Junta

todas as suas necessidades investigativas numa só.

- Mas eu não tenho mais nenhuma necessidade investigativa.

- Tem certeza? – Ele ergue a sobrancelha. – Pense bem, Sra. Brandon. Nenhum outro

misteriozinho que a senhora precise esclarecer? Nenhuma pessoas desaparecida que

gostaria de encontrar? A oferta só é válida hoje. Vai lamentar, se perder. – Ele me entrega o

folheto. – Veja toda a nossa lista de serviços...

Abro a boca para dizer que não estou interessada – e me pego fechando-a de novo.

Talvez eu devesse pensar um pouquinho nisso. Quero dizer, é um bom negócio. E talvez

haja outra pessoa sobre quem eu queira descobrir alguma coisa. Meu olhar percorre os

títulos no folheto. Eu poderia encontrar algum velho amigo de escola... ou rastrear um

veículo por satélite... ou simplesmente descobrir mais sobre um amigo ou vizinho...

Ah, meu Deus. Já sei!

Não sei se Dave realmente *sacou* todo o negócio da sobancelha. Mas expliquei do melhor

modo possível e fiz um desenho, e no fim ele ficou bastante entusiasmado. Disse que, se

não descobrisse onde e como Jasmine estava fazendo as sobancelhas, ele não era o

Vendedor Regional do Ano de 1989 (sudoeste). Não sei o que isso tem a ver o trabalho de

detetive particular – mas tudo bem. Ele está no caso. Nos dois.

Então está feito. A única coisa é que agora me sinto horrivelmente culpada.

Quanto mais perto de casa chego, mais culpada me sinto – até que não suporto mais.

Entro correndo na loja da esquina da nossa rua e compro um pequeno buquê de flores e

alguns chocolates e, no último momento, junto um uísque miniatura.

O carro dele está na nossa vaga, o que significa que deve estar em casa. Enquanto subo

pelo elevador, começo a montar minha história. Meu plano é: simplesmente vou dizer que

passei a tarde no trabalho.

Não. Ele pode ter ligado para lá por algum motivo e descoberto que tirei a tarde de folga.

Vou dizer que fui fazer compras. Em um lugar longe de West Ruislip.

Mas e se alguém me viu em West Ruislip. Fui lá por... outro motivo. Fui ver uma

hipnoterapeuta de gravidez. É. Brilhante.

Agora cheguei á nossa porta, e, quando a destranco meu coração está pulando de

nervosismo.

- Oi! – Luke aparece no corredor segurando um buquê enorme, e eu o encaro,

hipnotizada. Nós *dois* estamos com flores?

Ah, meu Deus. Ele sabe.

Não. Não seja idiota. Como poderia saber? E por que isso o faria comprar flores?

Luke parece meio perplexo também.

- São para você – diz depois de uma pausa.

- Certo – respondo, com a voz travada. – Bem... estas são para você.

Sem jeito, trocamos os buques, e eu entrego a Luke seus chocolates e o uísque em

miniatura.

- Vamos... – Luke assente na direção da cozinha, e eu o acompanho até a área onde

temos um sofá e uma mesa baixa. O sol do fim de tarde está chamejando pela janela, e

quase parece verão.

Luke se deixa afundar no sofá ao meu lado e toma um gole da garrafa de cerveja que está

sobre a mesa.

- Becky, eu só queria dizer que lamento muito. – Ele coça a testa, como se juntasse os

pensamentos. – Sei que andei distante nos últimos dias. Tem sido uma época estranha.

Mas... acho que consegui me livrar de uma coisa que estava me incomodando.

Ele finalmente levanta a cabeça, e sinto uma pontada de compreensão. Ele esta falando

nas entrelinhas! Não poderia ser mais claro. *Algo que estava me incomodando.* É ela.

Venetia deu em cima dele – e ele a rejeitou. É isso que está tentando me dizer! Ele deu o

fora nela!

E cá estou, contratando detetives particulares, como se não confiasse nele. Como se não

o amasse.

- Luke, sinto muito, também! – digo, num jorro de remorso. – De verdade.

- Por quê? – Ele parece perplexo.

- Por... é... – Não *abra o bico*, Becky. – Por... aquela vez que esqueci de encomendar as

compras do supermercado. Sempre me senti mal com isso.

- Venha cá. – Luke ri e me puxa, para um beijo. Durante um tempo, só ficamos ali

sentados, com o sol quente no rosto. O bebê está se remexendo energicamente dentro de

mim, e nós dois ficamos olhando meu vestido pular com o movimento. É esquisito,

exatamente como Suze disse. Mas também é empolgante.

- E então – diz Luke, pondo a mão na minha barriga – , quando vamos olhar os carrinhos

de bebê?

- Logo! – Envolvero-o com os braços e aperto, aliviada. Luke me ama. Tudo está feliz de

novo. Eu *sabia*.

Para:

Dave Sharpness

De:

Rebecca Brandon

Assunto:

Luke Brandon

Caro Sr. Sharpness,

Só para repetir o recado que deixei em sua secretária eletrônica.
Gostaria que o senhor

CANCELASSE a investigação sobre meu marido. Repito:
CANCELASSE. Ele não está

tendo um caso.

Farei contato no devido tempo para falar sobre o adiantamento que
paguei.

Atenciosamente,

Rebecca Brandon

FACULDADE DE LÍNGUAS CLÁSSICAS

UNIVERSIDADE DE OXFORD

OXFORD

OX1 6TH

Sra. Rebecca Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

11 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Tenho o enorme prazer de anexar as traduções das mensagens de texto em latim que a

senhora me enviou, e espero que elas ajudem a aliviar sua mente. Todas são totalmente

inócuas. Por exemplo, "sum suci plena" significa "estou cheia de vida", e não o significado

mais pitoresco que a senhora supôs.

Também acho que a senhora pode ter ficado indevidamente preocupada com as expressões

"licitum dic", "fac me" e "sex", que, em latim, significa "seis".

Se eu puder ajudar mais, por favor, não hesite em dizer. Que sabe algumas aulas de latim?

Com desejos de boa sorte.

Atenciosamente,

Edmund Fortescue

Professor de Línguas Clássicas

TREZ

E E

O mundo inteiro parece diferente quando o marido da gente não está tendo um caso.

De repente, um telefonema é apenas um telefonema. Uma mensagem de texto, apenas

uma mensagem de texto. Chegar tarde uma noite não é motivo para briga. Por acaso, "Fac

me" *não* significa... o que eu achei que significava..

Graças a Deus cancelei o detetive particular, é só o que posso dizer. Até queimei todos os

papéis e recibos dele, para que não haja nenhuma chance de Luke descobrir. (E

rapidamente inventei uma história sobre uma chapinha de cabelo com defeito quando o

alarme de fumaça foi acionado.)

Luke está tão mais relaxado ultimamente! E nem mesmo falou *nela* durante duas

semanas. Só quando chegou o convite para uma festa em Cambridge e ele disse

casualmente: "Ah, sim, Ven me falou disso." É um baile black-tie no Guildhall em

Londres, e estou decidida a aparecer o mais fabulosa e glamurosa que puder, como

Catherine Zeta Jones no Oscar. Ontem comprei o *melhor* vestido, todo grudado e sensual,

de seda azul-meia-noite, e agora preciso de um sapato alto combinando. (E Venetia pode

simplesmente se engasgar com o frango.)

De modo que tudo vai maravilhosamente bem. Vamos assinar os contratos da casa na

semana que vem, e ontem á noite falamos sobre dar uma enorme festa de inauguração da

casa, o que seria mineiríssimo! E a noite realmente grande é que Danny chega hoje!

Desembarca nesta manhã e vem direto á loja para conhecer todo mundo e anunciar sua

colaboração com a The Look. Depois, eu e ele vamos almoçar, só nós dois. Estou tão

ansiosa!

Quando chego à The Look, ás nove e meia, o lugar já está a maior agitação. Uma área da

recepção foi montada no térreo, com mesa cheia de taças de champanhe e um telão

mostrando trechos do último desfile do Danny. Alguns jornalistas chegaram para a coletiva,

e todo o departamento de RP está circulando com olhos brilhantes, distribuindo pacotes

para a mídia.

- Rebecca. – Eric avança para mim antes mesmo de eu tirar o casaco. – Uma palavrinha,

por favor. Alguma novidade sobre o projeto?

Este é o único probleminha minúsculo. Danny disse que apresentaria um projeto

provisório na semana passada. E ainda não fez isso. Falei com ele há alguns dias, e ele disse

que estava praticamente pronto, só precisava da inspiração final. O que pode significar

qualquer coisa. Provavelmente significa que nem começou. Não que eu vá dizer isso a Eric.

- Está nos estágios finais – digo, do modo mais convincente que posso.

- Você viu alguma coisa?

- Sem dúvida! – cruzo os dedos às costas.

- E como é? – Suas sobrancelhas se estreitam. – É uma blusa? Um vestido? O que é?

- É... de mudar os parâmetros. – Balanço a mão vagamente. – É uma espécie de... Você

precisa ver. Quando estiver pronto.

Eric não parece convencido.

- Seu amigo, o Sr. Kovitz, fez *mais um* pedido – diz ele. – Dois ingressos para a Euro

Disney. – Ele me lança um olhar maligno. – Por que ele vai á Euro Disney?

Não consigo deixar de xingar Danny por dentro. Por que ele não pode comprar seus

próprios ingressos para a Euro Disney?

- Inspiração! – digo finalmente. – Provavelmente vai fazer algum comentário satírico

sobre a... cultura moderna.

Eric não parece impressionado.

- Rebecca, esse seu plano está custando muito mais tempo e dinheiro do que eu havia

previsto – diz ele, em tom pesado. – Dinheiro que poderia ter ido para o marketing

convencional. É melhor que dê certo.

- Vai dar! Prometo que vai!

- E se não der?

Sinto um jorro de frustração. Por que ele tem de ser tão negativo?

- Então... eu me demito! – digo, com um floreio. – Certo? Satisfeito?

- Vou cobrar isso, Rebecca – diz Eric, com um olhar de mal agouro.

- Cobre! – respondo, confiante, e sustento seu olhar até ele se afastar.

Merda. Acabo de me oferecer para me demitir. Por que, diabos, eu fiz isso? Só estou

imaginando se devo correr atrás de Eric e dizer "Rá, rá, era só brincadeirinha!", quando

meu telefone começa a tocar. Abro-o.

- Alô?

- Becky? Buffy.

Contenho um suspiro. Buffy é a secretária de Danny e tem ligado toda noite, só para

verificar algum detalhe minúsculo.

- Oi, Buffy! – obrigo-me a falar num tom animado. – Em que posso ajudar?

- Só queria verificar se o quarto de hotel do Sr. Kovitz foi arrumado como ele pediu.

Vinte e seis graus, a TV ligada na MTV, três latas de Dr Pepper junto [a cama?

- Sim. Eu pedi tudo isso. – De repente, uma coisa me ocorre. – Buffy, que horas são em

Nova York?

- Quatro da manhã – diz ela, toda alegre, e eu olho o telefone, pasmada.

- Você se levantou às quatro da manhã só para verificar se Danny vai ter Dr Pepper no

quarto do hotel?

- Tudo bem! – Ela parece totalmente lépida. – Faz parte da indústria da moda!

- Ele chegou! – grita alguém junto à porta. – Danny Kovitz está aqui!

- Buffy, preciso desligar – digo rapidamente e desligo o telefone. Enquanto ando ante a

porta, vislumbro uma limusine na rua lá fora e sinto uma pontada de empolga o.   incrível

como Danny ficou importante.

Então a porta se abre – e ali está ele! Magro como sempre, vestindo jeans velhos e o

paletó preto mais maneiro, com uma das mangas feita de forro de colchão. Parece cansado,

e o cabelo encaracolado está revoltado, mas os olhos azuis se iluminam ao me ver, e ele vem

correndo.

- Becky! Ah meu Deus, olha você. – Ele me envolve num abraço enorme. – Está

fabulosa!

- Olha você! – retruco. – Senhor Famoso!

- Qual  ! Eu não sou *famoso*... – Durante dois segundos, Danny tenta se depreciar. –

Bem... certo. Sou, sim. Não   loucura?

Não consigo evitar um risinho

- Então, esse é o seu séquito? – Assinto para a mulher com fone de ouvido e microfone,

que entrou junto com um cara gigantesco e careca, tipo serviço secreto.

- Esta é minha secretária, Carla.

- Achei que Buffy era sua secretária.

- Minha segunda secretária – explica Danny. – E aquele é Stan, meu guarda-costas.

- Você precisa de um guarda-costas? – pergunto, pasma. Nem eu havia percebido que

Danny tinha ficado tão famoso.

- Bom, eu não preciso *realmente* dele – admite Danny. – Mas achei que seria chique. Ei,

você mandou colocarem Dr Pepper no meu quarto?

- Três latas. – Vejo Eric se aproximando e rapidamente guio Danny para a mesa do

champanhe.

- Então... como está o projeto? – pergunto casualmente. – É que estou sofrendo um

pouco de pressão do meu chefe...

Uma expressão familiar, defensiva, surge no rosto de Danny.

- Estou trabalhando nisso, certo? – diz ele. – Minha equipe teve algumas idéias, mas não

estou feliz com elas. Preciso absorver o sentimento da loja... no pique de Londres... talvez

pegar inspiração em algumas outras cidades européias.

Outras *idades* européias?

- Certo. E... quanto tempo você acha que isso vai demorar? Mais ou menos?

- Deixe que eu me apresente – interrompe Eric, que finalmente nos alcançou. Eric

Wilmot. Chefe de marketing aqui na The Look. Bem-vindo á Inglaterra. – Ele aperta a mão

de Danny com um sorriso sério. – É um prazer enorme ter a colaboração de um estilista

jovem e talentoso num projeto de moda tão empolgante.

Essa frase saiu, palavra por palavra, do release para a imprensa. Sei disso porque fui eu

que escrevi.

- Danny estava dizendo que está bem perto de chegar ao projeto final! – digo a Eric,

rezando para Danny ficar de boca fechada. – Não é empolgante? Se bem que ainda não há

uma escala de tempo exata...

- Sr. Kovitz? – Uma garota de uns 20 anos, usando botas verdes e um casaco muito

estranho feito do que parece filme de PVC, aproxima-se timidamente. – Sou da *Fashion*

Student Gazette. Só queria dizer que sou uma *enorme* fã sua. Todos somos, na minha turma na Central Saint Martin's. Será que eu poderia fazer algumas perguntas sobre sua

inspiração?

Rá. Está vendo? Lanço um olhar triunfante para Eric, que simplesmente responde com

um muxoxo.

É bem empolgante fazer parte de um grande lançamento de moda numa grande loja de

departamentos! Mesmo que seja uma loja de departamentos meio falida e vazia.

Todo mundo discurso, até eu. Brianna anuncia a iniciativa e agradece a presença de todos

os jornalistas. Eric diz outra vez como estamos empolgados em trabalhar com Danny. Eu

explico que conheço Danny desde que ele teve sua primeira coleção na Barneys (não

menciono que todas as camisetas se desfizeram e eu quase fui demitida). Danny mostra

como está empolgado em ser estilista residente da The Look, e que tem certeza de que, em

seis meses, este será o único local para se comprar em Londres.

No fim, todo mundo está num clima animadíssimo. Todo mundo menos Eric.

- Estilista residente? – pergunta ele, assim que me pega sozinha. – O que isso significa?

Ele acha que vamos agüentá-lo durante uma porcaria de ano inteiro?

- Não! – respondo. – Claro que não.

Acho que terei que bater um papinho com Danny.

Por fim, depois de engolir todo o champanhe, os jornalistas de moda vão embora.

Brianna e Eric desaparecem em suas salas, e sou deixada sozinha com Danny. Ou, pelo

menos, com Danny e seu pessoal.

- E então, vamos almoçar? – sugiro.

- Claro! – responde Danny, e olha para Carla, que imediatamente fala ao microfone com

fone de ouvido. – Travis? Travis, é Carla. Poderia trazer o carro, por favor?

Maneiro! Vamos de limusine!

- Há um lugar muito legal aqui na esquina... – começo, mas Carla interrompe.

- Buffy fez reservas em três restaurantes recomendados pelo Zagat. Japonês, francês,

acho que o terceiro é italiano...

- Que tal marroquino? – pergunta Danny, enquanto o motorista abre a porta.

- Vou ligar para Buffy – diz Carla, sem bater sequer uma pálpebra. Ela digita um número

na memória do celular enquanto todos entramos na limusine. – Buffy, Carla. Poderia, por

favor, cancelar as reservas que você fez e pesquisar um restaurante marroquino para o

almoço? *Marroquino* – repete ela, enunciando com clareza. – No oeste de Londres.

Obrigada, querida.

- Estou a fim de um café com leite – diz Danny, de repente. – Um mocha com leite.

Sem perder o pique, Carla fala de novo ao telefone.

- Alô, Travis, aqui é Carla. Por favor, será que poderíamos parar numa Starbucks? É

Starbucks.

Trinta segundos depois, a limusine para diante de uma Starbucks. Carla abre a porta.

- Só um mocha com leite? – pergunta ela.

- Ahã – responde Danny, esticando-se, preguiçoso.

- Alguma coisa para você, Stan? – Carla olha para o guarda-costas, que está afundado no

banco, plugado em seu iPod.

- Hein? – Ele abre os olhos. – Ah, certo, Starbucks. Pegue um cappuccino. Bem

espumante.

A porta do carro se fecha, e eu me viro para Danny, incrédula. Ele tem pessoas correndo

atrás dele assim o dia inteiro?

- Danny...

- Hein? – Danny levanta os olhos da *Cosmo Girl*. – Ei, você está com frio aqui dentro?

Eu estou. – Ele pega o telefone e digita um número automático. – Carla, o carro está meio

frio. Certo, obrigado.

É isso.

- Danny, isto é ridículo! – exclamo. – Você não pode falar com o motorista? Não pode

pegar seu próprio café?

Danny parece genuinamente perplexo.

- Bem... poderia. – diz ele. – Acho. – Seu telefone toca e ele atende. – É, com canela. Ah,

que pena. – Ele põe a mão sobre o fone. – Buffy não está conseguindo encontrar um

restaurante marroquino para nós. Que tal um *fusion* libanês?

- Danny... – Estou me sentindo em outro planeta. – Tem um restaurante bem legal aqui

mesmo. – Mostro do lado de fora do carro. – Não poderíamos simplesmente entrar ali? Só

nós dois, sem mais ninguém?

- Ah. – Danny parece estar aliviando a idéia. – Bem... claro. Vamos.

Saímos do carro no momento em que Carla se aproxima com uma bandeja da Starbucks.

- Alguma coisa errada? – Ela nos examina, cheia de preocupação.

- Vamos almoçar – respondo. – Só Danny e eu. Ali.

- Certo. – Carla assente vigorosamente, como se avaliasse a situação. – Fantastico. Vou

fazer uma reserva para vocês... – Para minha perplexidade absoluta, ele liga o telefone de

novo. – Ei, Buffy, poderia, por favor, reservar uma mesa num restaurante chamado

Annie's, deixe-me soletrar pra você...

Buffy está em *Nova York*. Nós estamos a três metros do restaurante. Como isso faz

sentido?

- Honestamente, nós estamos bem, obrigada! – digo a Carla. – Vejo você mais tarde! –

Em seguida, arrasto Danny pela calçada e entramos no restaurante.

Temos que esperar um pouco por uma mesa. Mas eu projeto a barriga o máximo que

consigo e suspiro desejosa para o maître – e alguns minutos depois estamos abrigados

numa banquetta de canto, mergulhando pão num azeite delicioso. O que é um alívio. Eu

teria de admitir a derrota e ligar para Buffy.

- É fantástico estar aqui – diz Danny, enquanto um garçom lhe serve uma taça de vinho.

– A você, Becky!

- A você! – bato de volta com a minha taça. – E ao seu projeto fabuloso para a The Look!

– Obrigó-me a deixar uma pausa bem natural. – Então, você ia me dizer quando poderia ter

alguma coisa para nos mostrar?

- Ia? – Danny parece surpreso. – Ei, quer ir a Paris comigo na semana que vem? O agito

gay por lá é fantástico...

- Fabuloso! – confirmo com a cabeça. – O negócio, Danny, é que nós meio... mais ou

menos... precisamos ter alguma coisa bem... rápido.

- *Rápido?* – Danny arregala os olhos, parecendo traído. – Como assim rápido?

- Bem, você sabe! Assim que você conseguir, realmente. Estamos tentando salvar a loja,

de modo que, quanto mais cedo tivermos alguma coisa, melhor... – Deixo no ar enquanto

Danny fixa um olhar reprovador em mim.

- Eu poderia ser “rápido” – diz ele, pronunciando a palavra com desdém. – Poderia juntar

algumas idéias de merda em cinco minutos. Ou poderia fazer alguma coisa *significativa*. O

que pode levar *tempo*. Isso é o processo criativo. Desculpe se sou artista. – Ele toma um

gole e pousa a taça.

Não posso dizer que algumas idéias de merda em cinco minutos parece fantástico.

Posso?

- Há algum meio-termo? – sugiro finalmente. – tipo... algumas idéias *razoavelmente* boas

em mais ou menos... uma semana?

- Uma *semana*? – Danny parece quase mais ofendido que antes.

- Ou... sei lá. – Recuo. – Você é a pessoa criativa, sabe como trabalhar melhor. E então!

O que quer comer?

Pedimos *penne* (eu), lagosta (Danny), a salada especial de ovos de codorna (Danny) e um

coquetel de champanhe (Danny).

- Então, como você está? – pergunta Danny, quando o garçom finalmente se retira. –

Andei tendo um pesadelo *total* com o meu namorado, Nathan. Achei que ele estava se

encontrando com outra pessoa.

- Eu também – confesso.

- O quê? – Danny larga seu pãozinho, atônito. – Você achou que *Luke* estava...

- Tendo um caso – assinto.

- Tá brincando. – Ele parece genuinamente chocado. – Mas vocês dois são tão perfeitos!

- Agora está tudo bem – tranqüilizo-o. – Sei que não há nada acontecendo. Mas quase

mandei que ele fosse seguido por um detetive particular.

- Não *brinca!* – Danny está inclinado para a frente, os olhos iluminados. – E o que

aconteceu?

- Cancelei.

- Meu Deus. – Danny mastiga o pãozinho, absorvendo tudo isso. – Então, por que você

achou que ele estava te traindo?

- Tem uma *mulher*. É a nossa obstetra. É a ex-namorada do Luke.

- Uuuh! – Danny se encolhe. – A ex-namorada. Pegou pesado. E como ela é?

Tenho um súbito flashback de Venetia me obrigando a vestir aquelas revoltantes meias

cirúrgicas, os olhos reluzindo de triunfo.

- É um vaca ruiva, e eu a odeio – respondo com mais veemência do que pretendia. – Eu a

chamo de Dra. Cruela Cruel.

- E ela vai fazer o parto? – Danny começa a rir. – É verdade?

- Não é engraçado! – Não consigo evitar um riso, também.

- Eu *tenho* de assistir a esse parto. – Danny derrama azeite num palito de tira-gosto. –

“empurra!” “não empurro, sua vaca!” Você deveria vender ingresso.

- Pára com isso! – minha barriga está doendo, de tanto rir. Na mesa, meu telefone toca

com uma mensagem de texto, e eu pego para olhar. – Ei, é o Luke! Ele vai passar para dar

um olá! – Eu mandei um recado para o Luke enquanto estávamos fazendo os pedidos, para

avisar que íamos almoçar.

- Fantástico. – Danny toma um grande gole de seu coquetel de champanhe. – Então,

agora vocês estão numa boa?

- Estamos ótimos. Na verdade, as coisas andam maravilhosas.
Amanhã vamos ver

carrinhos de bebê juntos. – Dou um sorriso de êxtase ao Danny.

- Ele nem sabe que você achava que ele estava traindo?

- Puxei o assunto algumas vezes – digo lentamente, passando a manteiga em outro

pãozinho. – Mas ele sempre negou que houvesse alguma coisa acontecendo. Não vou

mencionar isso de novo.

- Nem o detetive particular. – Os olhos de Danny reluzem.

- *Obviamente* nem o detetive particular. – Estreito meus olhos. – E não diga uma

palavra, Danny.

- Eu não diria! – exclama Danny, inocentemente, e toma um gole do coquetel de

champanhe.

- Ei, pessoal! – Viro-me e vejo Luke vindo pelo restaurante apinhado. Está usando seu

novo terno Paul Smith, com o BlackBerry na mão. Dá uma piscadela minúscula para mim,

e eu me obrigo a ficar composta, mesmo querendo dar um sorriso malicioso ao me lembrar

desta manhã. E não, não vou explicar. Só digamos que, se estou tão “pouco atraente” e

“pouco sensual” como disse Venetia, então por que Luke...

Pois é. Indo em frente.

- Danny! Quanto tempo.

- Luke! – Danny salta de pé e lhe dá um tapa nas costas. –
Fantástico ver você!

- Parabéns pelo sucesso! – Luke puxa uma cadeira de uma mesa
vizinha. – Não posso

ficar muito tempo, mas queria lhe dar as boas-vindas a Londres.

- Saúde, meu chapa. – Danny faz o pior sotaque *cockney* que jamais
ouvi. Termina de

tomar o coquetel de champanhe e sinaliza para que um garçom
traga outro. – É parabéns a

vocês dois! – Ele passa a mão de leve na minha barriga, depois se
encolhe quando o bebê

chuta. – Meu Deus. O que foi isso?

- É empolgante! – assente Luke, com um sorriso. – Só faltam
algumas semanas.

- Meu Deus. – Danny ainda está olhando para minha barriga. – E se
for uma menina, aí

dentro? Outra pequenina Becky Bloom? É melhor voltar ao escritório
e ganhar um pouco

mais de dinheiro, Luke. Você vai precisar.

- Cala a boca! – Bato no braço dele. Mas Luke já está se levantando
da cadeira. – De

qualquer modo, eu só dei uma passadinha. Iain está me esperando no carro. Vejo você de

novo, Danny. Tchau, querida. – ele me dá um beijo na testa, depois espia pela janela do

restaurante com se procurasse alguma coisa.

- O que foi? – pergunto, acompanhando seu olhar.

- É... – Luke franze a testa. – Eu não ia dizer nada. Mas nos últimos dias estou me

sentindo como se estivesse sendo seguido.

- *Seguido?*

- Fico vendo o mesmo cara o tempo todo. – Luke dá de ombros. – Estava na frente do

meu escritório ontem, e eu o vi agora mesmo.

- Mas quem, afinal... – E paro.

Merda. Não. *Não pode ser.*

Eu cancelei. Sei que cancelei. Telefonei e deixei recado na secretária eletrônica de Dave

Sharpness. E mandei um e-mail.

Levanto os olhos e vejo o olhar deliciado de Danny virado para mim.

- Acha que há alguém seguindo você, Luke? – pergunta ele, erguendo as sobrancelhas. –

tipo... um detetive particular, talvez?

Vou matá-lo.

- Provavelmente não é nada! – Minha voz sai meio estrangulada. – É só coincidência!

- Provavelmente – confirma Luke. – Mas é estranho. Vejo vocês mais tarde. – Ele toca

minha mão, e nós dois o olhamos abrir caminho por entre as mesas.

- A confiança é uma coisa linda num casal – comenta Danny. – Vocês dois têm muita

sorte.

- Cala a boca! – Estou pegando o telefone. – Tenho de mandar eles cancelarem!

- Achei que você já havia feito isso.

- E fiz! Há dias! É tudo um equívoco! – Encontro o cartão de Dave Sharpness e digito o

número, com os dedos agitados.

- Como acha que o Luke vai reagir quando descobrir que você mandou segui-lo? –

pergunta Danny, em tom casual. – Eu ficaria bem puto, se fosse comigo.

- Você realmente *não* está ajudando. – Olho para ele, furiosa. – E obrigada por ter

mencionado detetives particulares!

- Ah, desculpe! – Danny aperta a boca com as mãos, fingindo desculpas. – Porque ele

nunca teria deduzido sozinho.

Sou atendida pela secretária eletrônica, e respiro fundo.

- Sr. Sharpness, aqui é Becky Brandon. Parece ter havido alguma confusão. Gostaria que

o senhor parasse de seguir o meu marido, Luke. Não quero nenhuma investigação. Por

favor, chame de volta seus agentes imediatamente. Obrigada. – Desligo o telefone e tomo

um gole do coquetel de champanhe de Danny, respirando ofegante. – Pronto. Está feito.

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

20 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigada por sua carta,

Vi uma nova compra de ações da London Cappuccino Company.

Eu recomendaria que não fizesse mais compras de ações simplesmente por causa de

“fabulosas vantagens para o acionista” como café de graça. A senhora deveria procurar

perspectivas sólidas, de longo prazo.

Em resposta à sua outra pergunta, não sei se nenhuma empresa de jóias que dê diamantes

grátis para seus acionistas.

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

QUATO

T R

O ZE

Só espero que tenham recebido o recado. Ou o que deixei naquele fim de tarde. Ou o que

deixei hoje cedo. Devo ter atulhado completamente a secretária eletrônica de Dave

Sharpness, mandando que ele pare a investigação. Mas, até falar pessoalmente com ele, não

posso ter certeza que a mensagem foi recebida.

O que significa que a vigilância ainda pode estar acontecendo.

Quando saímos juntos do apartamento na manhã seguinte para ir ao centro dos carrinhos

de bebê, todos os meus sentidos estão em alerta máximo. Tenho certeza que há alguém nos

seguindo. Mas onde? Escondido nas árvores? Sentado num carro estacionado com uma

teleobjetiva apontada para nós? Saio da escadaria do prédio com os olhos dardejando de um

lado para o outro. Há um estalo eletrônico á minha esquerda e instintivamente cubro o rosto

com a mão – até que percebo que não é uma maquina fotográfica: é alguém abrindo um

carro.

- Você está bem, querida? – Luke está me olhando, perplexo.

O carteiro aparece, e eu lanço um olhar de suspeita para ele. Será que é *realmente* o

carteiro?

Ah, sim. É.

Vou rapidamente até o Luke.

- Certo, vamos entrar no carro. Agora.

Devíamos ter comprado um carro com janelas de vidro fumê. Eu *disse* ao Luke. E um

frigobar.

Meu celular toca no momento em que chegamos ao portão do nosso bloco, e pulo um

quilometro de altura. É coincidência demais. Deve ser o detetive particular, dizendo que

está no porta-malas do carro. Ou que está no prédio do outro lado, com um fuzil de atirador

de elite apontado para Luke...

Pára com isso. Não contratei um assassino. Está tudo bem.

Mesmo assim, quando pego o telefone, minhas mãos estão tremendo.

- Ah... alô? – digo, nervosa.

- Oi, sou eu! – vem a voz lépida de Suze, como clamor de vozes de crianças ao fundo. –

Escute, se eles tiverem um Bebê Urbano dedinhos-aconchegados, duplo, com acabamento

vermelho, pega para mim? Eu pago.

- Ah. É... claro. – Pego uma caneta e anoto. – Mais alguma coisa?

- Não, só isso. Preciso desligar. A gente se fala depois!

Guardo o telefone, ainda me sentindo nervosa. Estamos sendo seguidos, sei que estamos.

- Então, onde fica esse lugar? – Luke consulta o folheto e começa a apertar botões em

seu navegador por satélite. O mapa surge, e ele faz uma careta. – Fica a quilômetro de

distância. A gente tem de ir lá?

- É o melhor lugar de Londres! Olha! – Leio no panfleto. – Você pode testar todos os

carrinhos de alta qualidade numa variedade de terrenos, e um consultor irá ajudá-lo a passar

pelo labirinto.

- O labirinto da compra de um carrinho ou um labirinto de verdade? – pergunta Luke.

- Não sei – admito, depois de procurar no folheto. – Mas, de qualquer modo, tem o maior

número de opções, e Suze disse que a gente deveria ir lá.

- É justo. – Luke ergue a sobrancelha e faz um retorno. Então franze a testa para o

retrovisor. – Aquele carro parece familiar.

Merda.

Tentando parecer casual, giro a cabeça para ver. É um Ford marrom, e há uma cara

dirigindo. Um sujeito com tipo de detetive particular, cabelos escuros, rosto cheio de

marcas.

Merda merda merda.

- Vamos ouvir rádio! – digo. Começo a sintonizar diferentes estações, aumentando o

volume, tentando distraí-lo. – De qualquer modo, e daí se é familiar? Há um monte de

Fords marrons no mundo. Quem sabe quantos? Provavelmente... cinco milhões. Não, dez...

- Ford marrom? – Luke me dá um olhar estranho. – O quê?

Viro a cabeça de novo. O Ford marrom desapareceu. Para onde foi?

- Eu falei daquele BMW conversível pelo qual passamos – diz Luke, baixando o volume

do rádio. – Parecia o carro do marido da Mel.

- Ah, certo – digo, depois de uma pausa, e deixo para lá. Talvez seja melhor ficar de boca

fechada por um tempo.

Eu não havia percebido que iria demorar uma hora para chegar ao Pram City. É um,

armazém no norte de Londres, e há um esquema especial em que você estaciona o carro e

pega um ônibus. Também não havia percebido isso. Mas mesmo assim. Vai valer a pena

quando tivermos o *über*-carrinho mais chique do mundo!

Quando descemos do ônibus, dou uma olhada disfarçadamente ao redor – mas não vejo

ninguém que pareça investigador particular. Na maioria, são casais grávidos como nós. A

não ser... talvez Dave Sharpness tenha contratado *outro casal grávido* para nos seguir.

Não. Estou ficando paranóica. Tenho de parar de me obcecar com isso. De qualquer

modo, seria a pior coisa do mundo se Luke descobrisse? Pelo menos eu me importo com o

nosso casamento. De certo modo, ele deveria se sentir *lisonjeado* porque mandei segui-lo.

Exatamente.

Andamos até as portas enormes junto com todos os outros casais – e quando entramos

não consigo evitar um pequeno brilho de prazer. Cá estamos, escolhendo o carrinho juntos.

Como sempre imaginei!

- Então! – Sorrio para Luke. – O que acha? Por onde vamos começar?

- Meu Deus – diz Luke, olhando ao redor. É um enorme prédio com teto curvo, ar-

condicionado defeituoso e cantigas de ninar tocando na aparelhagem de som. Estandartes

coloridos de três metros de comprimento, pendurados no caibros, anunciam “Dobráveis”,

“Para todo terreno”, “Sistema de viagem”, “Gêmeos e mais”. – Do que nós precisamos? –

Luke coça a testa. – Um sistema de viagem? Um dobrável?

- Depende. – Tento parecer que sei das coisas. Mas a verdade é que ainda estou

emolada com esse negócio de carrinhos. Suze tentou me explicar o sistema, mas era como

ir às entrevistas coletivas quando eu era jornalista de finanças. Passei por cima dos prós e

contras de rodas com controle de direção na frente, e quando ela terminou fiquei muito sem

graça de admitir que não havia captado nenhuma palavra.

- Fiz algumas pesquisas – acrescento, e enfio a mão na bolsa para pegar a Lista de

Carrinhos, que entrego a Luke com orgulho. Nas últimas semanas, toda vez que via um

carrinho de bebê maneiro, anotei o nome; não foi fácil. Tive de perseguir um por toda a

High Street Kensington.

Luke está folheando as páginas incrédulo.

- Becky, tem uns trinta carrinhos aqui.

- Bem, está é a lista longa! Só precisamos reduzir um pouquinho...

- Posso ajudá-los? – Nós dois levantamos os olhos e vemos um cara de cabeça redonda e

cabelo curtinho se aproximando. Está usando camisa de mangas curtas e um distintivo da

Pram City que diz “Meu nome é Stuart”, e habilmente empurrando um carrinho roxo com

apenas uma das mãos.

- Precisamos de um carrinho – diz Luke.

- Ah. – O olhar de Stuart baixa para a minha barriga. – Parabéns! É a primeira vez que

vêm aqui?

- Primeira e única – diz Luke, com firmeza. – Não quero ser grosseiro, mas gostaríamos

de resolver tudo numa única visita, não é, Becky?

- Sem dúvida! – assinto.

- Claro. Glenda? Cuide disto, por favor. De volta á seção D. – Stuart empurra o carrinho

roxo pelo piso brilhante até uma garota que está a uns dez metros de distância, depois volta

para perto de nós. – Bom, que tipo de carrinho vocês estão procurando?

- Não temos muita certeza – respondo, olhando para Luke. – Acho que precisamos de

ajuda.

- Claro! – Stuart assente. – Venham aqui.

Ele nos leva para o centro da área de sistema de viagem, depois para, como um guia de

museu.

- Cada casal é diferente – diz ele, em voz cantarolada. – Cada bebê é único. Assim, antes

de irmos adiante, gostaria de fazer algumas perguntas sobre o estilo de vida de vocês, para

guiar melhor sua escolha. – Ele pega um pequeno bloco de papel preso ao cinto por uma

mola. – Vamos avaliar o terreno. O que vocês vão exigir de seu veículo? Passeios na

calçada e compras? Caminhadas rústicas? Escaladas radicais?

- Tudo isso – digo, ligeiramente hipnotizada por sua voz.

- *Tudo* isso? – exclama Luke. – Becky, desde quando você faz escaladas radicais?

- Eu posso fazer! – retruco. – Posso começar, como um hobby! – Tenho a imagem de

mim mesma empurrando um carrinho com o pé do Everest, enquanto o bebê arrulha todo

feliz para mim. – Acho que, neste estágio, não deveríamos descartar nada.

- Ahã. – Stuart está rabiscando algumas anotações. – Bom, vocês vão querer que o

carrinho se dobre rápida e facilmente para ser posto no carro? Vão querer que ele se

converta numa cadeirinha para carro? Estão procurando algo leve e manobrável ou forte e

seguro?

Olho para Luke. Ele parece tão atônito quanto eu.

- Vamos olhar alguns modelos. – Stuart se compadece de nós. – Assim vocês vão poder

começar.

Meia hora depois, minha cabeça está girando. Olhamos carrinhos que se transformam em

cadeirinhas para carro, carrinhos que se dobram com ação hidráulica, carrinhos com rodas

de bicicletas, carrinhos com colchões especiais de molas alemãs e um negócio incrível que

mantém o bebê longe da poluição e é "ideal pra fazer compras e tomar um café com leite".

(Adorei esse.) olhamos suporte para pés, capas para chuva, bolsas de fraldas e cúpulas.

Para ser honesta, neste ponto, estou pronta para um café com leite, mas Luke continua

totalmente fascinado. Está examinando a estrutura de um carrinho com as rodas maiores e

mais fortes que eu já vi. É acolchoado com tecido de camuflagem cáqui e parece um

enorme brinquedo Action Man.

- Então ele tem chassis articulado – está dizendo, com interesse. – Como isso afeta o

ângulo do giro?

Pelo amor de Deus. Não é um carro.

- Não se poder superar o ângulo de giro deste modelo. – Os olhos de Stuart estão

brilhando enquanto ele demonstra. – O Guerreiro é o Humvee dos carrinhos fora-de-

estrada. Está vendo o eixo de molas?

- Guerreiro? – ecôo, pasma. – Não vamos comprar um carrinho chamado Guerreiro!

Os dois homens me ignoram.

- É uma fantástica peça de engenharia. – Luke aperta a borracha da alça. – A sensação

é boa.

- Isso é um carrinho para *homem*. Não é um carrinho da moda. – Stuart olha com ligeiro

desdém para o carrinho com estampas Lulu Guinness que estou segurando. – Outro dia

recebemos um sujeito que já foi das forças especiais SAS, Sr. Brandon. – Ele baixa a voz. –

Este foi o carrinho que ele escolheu.

- Gosto um bocado. – Luke está empurrando-o para trás e para frente. – Becky, acho que

devemos comprar este.

- Certo. – Reviro os olhos. – Este pode ser o seu.

- Como assim, o meu? – Luke me encara.

- Eu quero comprar *este*! – digo, em desafio. – Tem um estampa Lulu Guinness em edição

limitada e suporte para iPod embutido. E olha a cúpula para sol. É fabuloso!

- Você não pode estar falando sério. – Luke passa um olhar de desdém pelo carrinho. –

Parece um brinquedo.

- Bem, o seu parece um tanque! Não vou empurrar isso pela rua!

- Eu *só* gostaria de ressaltar – intervém Stuart delicadamente - , ao mesmo tempo que eu

aplaudo a escolha dos dois, que nenhum destes modelos tem a cadeirinha para carro e a

facilidade de dobrar completamente, que vocês estavam procurando no início.

- Ah. – Olho para o carrinho Lulu Guinness. – Ah, certo.

- Será que eu poderia sugerir que vocês dois voltassem atrás, tomassem um café e

pensassem em suas necessidades? Pode ser que precisem de mais de um veículo. Um para

fora-de-estrada, um para andar pelas lojas.

É uma idéia.

Stuart vai correndo até o outro casal, e Luke e eu nos dirigimos ao café.

- Certo – digo, quando chegamos às mesas. – Você pega os cafés. Vou ficar aqui sentada

descobrimo exatamente do que precisamos.

Puxo uma cadeira, sento e pego uma caneta e minha Lista de Carrinhos. No verso,

escrevo “Prioridades de Carrinho” e desenho uma tabela. O único modo de fazer isso é ser

totalmente rigorosa e científica.

Alguns minutos depois, Luke se aproxima com uma bandeja de bebidas.

- Avançou alguma coisa? – pergunta ele, sentando-se á minha frente.

- Avancei! – Levanto os olhos, o rosto ruborizado com o esforço. – Certo. Estive

pensando logicamente... e precisamos de cinco carrinhos.

- *Cinco?* – Luke quase deixa cair seu café. – Becky. Só um bebezinho não pode precisar

de cinco carros.

- Precisa! Olha. – Mostro a ele minha tabela. – Precisamos de um sistema de viagem com

moisés e cadeirinha de carro para quando ele estiver pequenino. – Conto nos dedos. –

Precisamos de um de cooper fora-de-estrada para fazermos caminhadas. Precisamos

daqueles de compras e cafés com leite para a cidade. Precisamos do que se dobra todo, para

o carro. E precisamos do Lulu Guinness com iPod.

- Por quê?

- Porque... é chique – digo, na defensiva. – E todas as outras mães deliciosas também

vão ter um.

- As outras mamães deliciosas? – Luke me lança um olhar vazio. Francamente. Será que

ele não se lembra de nada.

- Na *Vogue*! Eu tenho de ser a mais deliciosa de todas.

Stuart está passando pela área do café, e Luke o chama.

- Com licença. Minha mulher está falando agora em comprar *cinco* carrinhos. Por favor,

poderia lhe explicar que isso é totalmente irracional?

- O senhor ficaria surpreso – diz Stuart, me dando uma piscadela confidencial. – Nós

recebemos clientes que repetem a visita. E se o senhor quer resolver toda a compra de

carrinho numa viagem só, isso *pode* fazer sentindo... – Ele pára diante da expressão pétrea

de Luke e pigarreja. – Por que não experimentar alguns modelos em nossa pista com todos

os terrenos? Isso vai lhes dar uma idéia real.

A pista com todos os carrinhos fica nos fundos da loja, e Stuart nos ajuda a levar todos os

nossos “possíveis” até lá.

- Nós, da Pram City, temos muito orgulho e nossa pista de carrinhos – diz ele,

empurrando sem esforço seis carrinhos em linha reta. – Enquanto vocês circularem por ela,

vão encontrar todo tipo de superfície que o mármore brilhante de um shopping até a praia

de cascalho numas férias de verão e a escadaria de uma catedral... cá estamos!

Uau. Fico bem impressionada. A pista de carrinhos tem uns trinta metros de

comprimento, parece uma pisca de corridas, e por todo o caminho há pessoas empurrando

carrinhos e gritando umas para as outras. Na seção de cascalho, uma garota ficou

totalmente travada com seu carrinho com sombrinha cor-de-rosa, e, na seção da praia, há

duas criancinhas jogando areia uma na outra.

- Maneiro! – Pego o carrinho “café com leite e compras” e vou para o começo. –

Apostando corrida, Sr. Guerreiro.

- Vamos nessa. – Luke segura a enorme alça cáqui, depois franze a testa. – Como solto o

freio?

- Rá! Bobão! – Começo a rodar pela seção da “calçada” com meu carrinho chique. Um

instante depois, vejo Luke começando a empurrar seu monstro; e logo está se aproximando

de mim.

- Não *ouse!* – digo, por cima do ombro, e acelero o passo.

- O Guerreiro é invencível – diz Luke, numa voz de trailer de cinema.

– O Guerreiro não

admite derrota.

- O Guerreiro pode fazer uma *pirueta?* – retruco. Agora estamos na superfície de

mármore, e meu carrinho é incrível! Empurro-o com um dedo, e ele praticamente faz um

oitto. – Está vendo? É absolutamente... – Levanto os olhos e vejo Luke já está no cascalho. –

Você deixou de fazer os giros obrigatórios! Grito, ultrajada. – Penalidade de vinte

segundos!

Devo dizer que o Guerreiro é bem legal no cascalho. Simplesmente esmaga as pedras,

obrigando-as á submissão. Ao passo que meu carrinho é meio... de merda.

- Precisa de ajuda aí? – pergunta Luke, enquanto me olha tentando prosseguir. – Algum

problema com seu carrinho inferior?

- Não planejo levar o neném a nenhum poço de cascalho – retruco, com gentileza. Chego

á grama e, acidentalmente-de-propósito, bato meu carrinho no de Luke.

- Problema de direção? – Ele ergue as sobrancelhas;

- Só estou testando seus airbags – digo, lépida. – Pare que não estão funcionando.

- Muita gentileza a sua. Posso testar o seu? – Ele bate seu carrinho no meu com um riso,

e eu o empurro de volta. Junto á cerca lateral, posso ver Stuart nos olhando com ligeira

preocupação.

- Já tomaram alguma decisão? – grita ele.

- Ah, sim – grita Luke de volta, assentindo. – Queremos três Guerreiros.

- Cala a boca! – Acerto Luke com as costas da mão, e ele começa a gargalhar.

- Ou melhor, quatro... – Ele pára quando o celular toca. – Espere um segundo. – Pega o

aparelho e leva ao ouvido. – Luke Brandon. Ah, oi.

Ele larga o carrinho e se vira. Talvez eu devesse experimentar o Guerreiro agora. Seguro

a alça enorme e empurro, hesitando.

- Está brincando – ouço Luke dizer incisivamente. Giro o Guerreiro até ficar de frente

para ele. Seu rosto está tenso e pálido, e ele está ouvindo com a testa franzida. *Está tudo*

bem? Murmuro para ele, mas Luke gira imediatamente e dá vários passos para longe de

mim.

- Certo – posso ouvi-lo dizendo. – temos de... pensar nisso. – Ele está desgrenhando o

cabelo enquanto caminha pela pista de carrinhos, nem mesmo notando o casal com o

carrinho de três rodas que tem de se desviar dele.

Ligeiramente ansiosa, começo a ir atrás dele com o Guerreiro. O que aconteceu? Quem

está ao telefone? Bato as rodas descendo os degraus e finalmente o alcanço na seção de

areia de praia. Quando me aproximo, sinto um choque de nervosismo. Ele está se

levantando, segurando o telefone com força, o rosto marcado de tensão.

- Essa opção não existe – diz Luke na mesma voz baixa. – Não existe. – De repente, ele

me nota, e todo o seu rosto se retesa.

- Luke...

- Estou falando, Becky. – Ele parece irritado. – Será que posso ter um pouco de

privacidade, por favor? – Ele se levanta de vez e vai andando pela areia, e eu o olho,

sentindo-me como se tivesse levado um soco na cara.

Privacidade? Em relação a mim?

Minhas pernas estão tremendo enquanto o vejo se afastar. O que deu errado? Num

minuto estávamos empurrando carrinhos, rindo e provocando um ao outro, e agora...

De repente, percebo que meu celular começou a tocar dentro da bolsa. Tenho uma

convicção súbita e louca de que é o Luke, pedindo desculpas – mas posso vê-lo do outro

lado da pista de carrinhos, ainda falando.

Pego o telefone e atendo.

- Alô?

- Sra. Brandon? – diz uma voz estalada. – Aqui é Dave Sharpness.

Ah, pelo amor de Deus. Logo agora!

- Até que enfim! – respondo, com rispidez, jogando minha preocupação em cima dele. –

Escute, eu cancelei o senhor! O que está fazendo, ainda seguindo meu marido?

- Sra. Brandon. – Dave Sharpness dá um risinho. – Se eu ganhasse um centavo para cada

mulher que telefona para cancelar no dia seguinte e depois se arrepende...

- Mas eu *queria* que o senhor cancelasse! – Sinto vontade de jogar o telefone longe,

frustrada. – Meu marido sabe que está sendo seguido por alguém! Ele viu um dos seus

homens!

- Ah. – Dave Sharpness parece abalado. – Bom, isso *não* devia ter acontecido. Vou falar

com o agente em questão...

- Cancele todos eles! Cancele todo mundo neste minuto, antes que meu casamento seja

arruinado! E não me telefone de novo!

O telefone está ficando com um ruído cada vez mais alto.

- Não estou ouvindo direito, Sra. Brandon. – Ouço francamente a voz de Dave

Sharpness. – Desculpe. Estou indo para Liverpool.

- Eu disse para parar com a investigação! – digo o mais alto e claro que eu posso.

- E quanto às nossas descobertas? Foi por isso que liguei. Sra. Brandon, temos um

relatório completo disponível... – Sua voz desaparece num mar de estática.

- Descobertas? – Olho o telefone, com o coração martelando subitamente. – O que o

senhor... Sr. Sharpness? Ainda está aí?

- ... realmente acho que a senhora deveria ver as fotos.

De repente, os estalos se transformam num tom contínuo. A linha caiu.

Estou paralisada, de pé na areia, uma das mãos segurando o Guerreiro. Fotografias? Ele

certamente não quer dizer...

- Becky. – A voz de Luke me dá um susto tão grande que eu pulo, jogando o telefone no

ar. Ele se abaixa para pega-lo na areia e me entrega. Não consigo olhá-lo enquanto pego o

aparelho com as mãos tremulas e o enfio no bolso.

Fotografias de quê?

- Becky, preciso ir. – Luke parece tão tenso quanto eu. – Era a... Mel. Uma pequena

emergência no escritório.

- Ótimo. – Assinto e começo a empurrar o Guerreiro de volta ao início da pista. Meus

olhos estão fixos adiante. Sinto-me entorpecida. Fotografias de quê?

- Vamos comprar o carrinho Lulu Guinness diz Luke quando chegamos ao início. –

Realmente não me incomodo.

- Não. Leve o Guerreiro. – Engulo em seco, tentando empurrar para dentro o nó que sobe

pela garganta. – Não importa.

Toda a diversão e tranqüilidade sumiram. Sinto-me fria de apreensão. Dave Sharpness

tem provas de Luke fazendo... alguma coisa. E não tenho idéia do que seja.

QUINZ

N E

Desta vez, não me preocupo em pôr óculos escuros. Nem me preocupo em sorrir para a

repcionista. Sento-me empertigada na mesma poltrona de espuma marrom, rasgando um

lenço de papel em pedacinhos, pensando: *eu não acredito.*

Não consegui fazer nada durante o fim de semana. Tive de esperar Luke sair para o

trabalho hoje cedo. Certifiquei-me que ele realmente havia saído (olhando pela janela e

depois ligando duas vezes para ele no carro, para garantir que não havia retornado) e depois

juntei coragem para ligar para o escritório de Dave Sharpness. Mesmo assim, praticamente

fiz isso num sussurro. Falei com a recepcionista, que se recusou a me dar qualquer detalhe

das descobertas pelo telefone. De modo que aqui estou, às onze da manhã, de novo em

West Ruislip.

O negócio todo parece surreal. Deveria ter sido cancelado. Eles não deveriam *descobrir*

nada.

- Sra. Brandon. – Levanto os olhos, sentindo-me uma paciente num consultório médico.

Ali está Dave Sharpness, parecendo mais sepulcral do que nunca. – Poderia entrar?

Enquanto ele me leva para dentro da sala, parece ter tanta pena que eu não suporto.

Decido instantaneamente fazer cara de coragem. Vou fingir que não estou incomodada se

Luke está tendo um caso. Só queria saber por curiosidade. Na verdade, fico *feliz* por ele ter

um caso, porque eu queria o divórcio o tempo todo. É.

- Então o senhor descobriu alguma coisa – digo, em tom casual, enquanto me sento. –

Interessante. – Tenho um sorrisinho despreocupado.

- Este é um momento difícil para a senhora. – Dave Sharpness se inclina pesado para a

frente, apoiando-se nos cotovelos.

- Não é, não! – digo, animada demais. – Realmente não me importo. Na verdade, tenho

um namorado e vamos fugir juntos para Mônaco, de modo que estou absolutamente bem

com relação a tudo isso.

Dave Sharpness não parece engolir.

- Acho que a senhora se importa. – Sua voz fica ainda mais grave. –
Acho que se importa

muito. – Seus olhos injetados lamentam tanto que não consigo suportar mais.

- Certo, eu me importo! – fungo. – Então conte logo, certo? Ele anda se encontrando com

ela?

Dave Sharpness abre um envelope pardo e examina o conteúdo, balançando a cabeça.

- Esta parte do trabalho nunca é fácil. – Ele suspira, folheia os papéis e depois levanta os

olhos. – Senhora Brandon, seu marido vem levando uma vida dupla.

- Vida dupla? – Encaro-o, boquiaberta.

- Devo dizer que ele não é o homem que a senhora imaginava.

Como Luke pode não ser o homem que eu imaginava? O que esse cara está falando?

- Como assim? – digo, um tanto agressivamente.

- Na quarta-feira passada, um dos meus agentes seguiu seu marido saindo do local de

trabalho. Ele se hospedou num hotel usando um nome falso. Pediu coquetéis para várias...

mulheres. De... um certo tipo. Se é que a senhora sabe o que quero dizer, Sra. Brandon.

Estou tão assombrada que não consigo falar. Luke? Mulheres de um certo tipo?

- Meu agente altamente hábil investigou a identidade falsa dele. – Dave Sharpness me dá

um olhar impressionante. – Descobriu que houve problemas nesse hotel específico, no

passado. Houve... incidentes lamentáveis com mulheres. – Dave Sharpness olha suas

anotações com expressão de nojo. – Todos foram abafados e pagos. Seu marido é

claramente um homem poderoso. Meu agente também descobriu várias acusações de

assédio sexual que jamais se transformaram em processos... uma alegação de intimidação

contra ele e um colega, de novo abafada...

- Pára com isso! Grito, incapaz de ouvir mais. – O senhor deve ter recebidos informações

erradas! O senhor ou seu agente. Meu marido não toma coquetéis com mulheres de certo

tipo! Ele jamais *intimidaria* alguém! Eu o conheço!

Dave Sharpness suspira. Recosta-se na cadeira e pousa as mãos na barriga enorme.

- Sinto pena da senhora, de verdade. Nenhuma mulher quer saber que o marido é menos

do que perfeito.

- Não estou dizendo que ele seja *perfeito*, mas...

- Se a senhora soubesse a quantidade de homens falsos por aí. – Ele me olha com ar

lúgubre. – E a mulher é sempre a última a saber.

- O senhor não entende! – Sinto uma vontade de lhe dar um tapa. – Não pode ser o Luke.

Simplesmente *não pode* ser!

- É difícil aceitar a verdade. – Dave Sharpness é inexorável. – Requer grande coragem.

- Pare de ser condescendente comigo! – digo, furiosa. – Eu tenho coragem. Mas também

sei que meu marido não intimida os outros. Me dê essas anotações! – Arranco a pasta que

está com ele, e uma pilha de fotos brilhantes, em preto-e-branco, caem sobre a mesa.

Olho para elas, confusa. São todas fotos de Iain Wheeler. Iain do lado de fora da

Brandon Communications. Iain subindo a escada de um hotel.

- Este não é o meu marido. – Levanto os olhos. – Este *não* é meu marido.

- Agora estamos chegando a algum lugar. – Dave Sharpness assente, satisfeito. – Seu

marido tem dois lados na personalidade, como se fosse...

- Cala a boca, seu idiota! – grito, exasperada. – É o Iain! Vocês seguiram a pessoa

errada!

- O quê? – Dave Sharpness se empertiga. – Literalmente a pessoa errada?

- Este é um dos clientes dele. Iain Wheeler.

Dave Sharpness pega uma das fotos e a encara por alguns segundos.

- Este não é seu marido?

- Não! – De repente, vejo uma foto de Iain entrando em sua limusine. Pego-a a aponto

para Luke, que está ao fundo, do outro lado do carro, meio fora de foco. - *Este é Luke! Este é o meu marido.*

A respiração de Dave Sharpness está ficando mais pesado enquanto ele olha a cabeça

turva de Luke para as fotos de Iain, para as suas anotações, e de volta para o Luke.

- Lee! Venha cá! – grita ele, subitamente parecendo muito menos um profissional

tranquilo e atencioso, e mais um velhote puto do sul de Londres.

Alguns instantes depois, a porta se abre e um sujeito magricelo, de cerca de 17 anos,

enfia a cabeça na porta, segurando um Gameboy.

- Ah... sim? – diz ele.

Este é o agente altamente capaz?

- Lee, já estou cheio de você. – Dave Sharpness bate a mão furiosamente na mesa. – É a

segunda vez que você estraga tudo. Você seguiu a porcaria do homem errado. Este não é

Luke Brandon. – Ele bate nas fotos. – *Este* é Luke Brandon!

- Ah. – Lee coça o nariz, parecendo despreocupado. – Merda.

- É, merda! É, estou bem decidido a lhe dar um chute no rabo. – O pescoço de Dave

Sharpness ficou muito vermelho. – Como seguiu o homem errado?

- Não sei! – diz Lee defensivamente. – Peguei a foto dele no jornal. – Ele enfia a mão na

pasta e tira um recorte do *Times*.

Conheço a foto. É uma imagem simples de Luke e Iain, batendo papo numa coletiva do

Arcodas.

- Aí, está vendo? – diz Lee. – Aí diz “Luke Brandon, á direita, conversa com Iain

Wheeler, á esquerda.”

- Eles erraram a legenda! – Praticamente cuspo nele. – No dia seguinte saiu um pedido

de desculpas! Você não *verificou*?

Os olhos de Lee já voltaram para o seu Gameboy.

- Responda à senhora! – berra David Sharpness. – Lee, você é um inútil.

- Olha, papai, foi um erro, certo? – geme Lee.

Papai?

Esta é a última vez que contrato um detetive particular pelas páginas amarelas.

- Senhora Brandon... – Dave Sharpness está obviamente tentando se acalmar. – Só posso

pedir desculpas. Claro que reiniciaremos nossa investigação sem qualquer custo adicional

para a senhora, desta vez focando o personagem correto...

- Não! – interrompo. – Só pare com isso, certo? Já estou cheia!

De repente me sinto trêmula. *Como* posso ter contratado alguém para espionar Luke? O

que estou fazendo nesse lugar de merda? Levanto-me abruptamente.

- Estou indo. Por favor, nunca mais me contate.

- Claro. – Dave Sharpness empurra rapidamente a cadeira para trás.
– Lee, saia do

caminho! Será que posso lhe entregar as outras descobertas, Sra. Brandon...

- *Outras* descobertas? – viro-me para ele, incrédula. – Realmente acha que eu quero

ouvir mais alguma coisa que o senhor tem a dizer?

- Havia a questão das sobrancelhas, não é? – Dave Sharpness tosse delicadamente.

- Ah. Ah, certo. – Paro. Havia esquecido isso.

- Está tudo aqui. – Dave Sharpness aproveita a oportunidade para colocar o envelope

pardo nas minhas mãos. – Detalhes da esteticista e do tratamento, fotos, anotações de

vigilância...

Quero jogar o envelope de volta na cara dele e sair batendo os pés.

Só que... Jasmine tem as sobrancelhas realmente boas.

- Talvez eu dê uma olhada nesta parte – digo finalmente, do modo mais pétreo que

consigo.

- A senhora também vai encontrar algumas informações aí – diz Dave Sharpness,

correndo atrás de mim até a porta – que foram descobertas em relação ao caso do seu

marido. Sua amiga Suze Cleath-Stuart, por exemplo. Bom, ela é uma jovem *muito* rica.

Sinto um enjôo. Ele andou investigando *Suze*?

- Parece que a fortuna dela foi estimada em...

- Cala a *boca!* – Giro com selvageria. – Nunca mais quero vê-lo nem saber do senhor! E

se alguém de seu escritório seguir Luke ou algum amigo meu, vou ligar para a polícia.

- Sem dúvida – diz Dave Sharpness, assentindo como se estivesse uma idéia brilhante

que eu tivesse apresentado. – Entendi.

Vou até o fim da rua e pego um táxi. Ele parte e fico sentada, segurando a alça acima da

porta, incapaz de relaxar até estarmos bem longe de West Ruislip. Mal suporto olhar o

envelope pardo pousado no meu colo como um segredo horrível e culpado. Se bem que,

agora que penso nisso, provavelmente foi *melhor* eu tê-lo trazido. Vou pegar todas as

informações e jogar direto na picotadora de papel. E depois rasgar os picotes. Jamais quero

que Luke saiba o que fiz.

Não acredito como pude entrar nessa. Luke e eu somos casados. Não deveríamos

espionar um ao outro. Isso praticamente está nos votos de casamento: "Amar, respeitar e

jamais contratar um detetive particular em West Ruislip."

Deveríamos confiar um no outro. Deveríamos *acreditar* um no outro. Num impulso,

pego meu celular e digito o número de Luke.

- Oi, querido! – digo, assim que a ligação se completa. – Sou eu.

- Oi! Está tudo...

- Está tudo ótimo. Eu só fiquei imaginando. – Respiro fundo. – Aquele telefonema que

você recebeu no outro dia, na loja de carrinhos. Você pareceu perturbado. Está tudo bem?

- Becky, sinto muito por aquilo. – Ele parece de fato com remorso. – Sinto de verdade.

Eu... perdi as estribeiras por um momento. Houve um probleminha aqui. Mas vai se

resolver sozinho tenho certeza. Não se preocupe.

- Certo. – Solto o ar. Eu nem havia percebido que estava perdendo o fôlego.

É o trabalho. Só isso. Luke sempre tem probleminhas e coisinhas que precisam ser

resolvidas, e algumas vezes fica estressado. É o que acontece quando você comanda um

empresa enorme.

- Vejo você mais tarde, querida. Tudo certo para a grande noite?

Esta noite é a reunião da faculdade. Eu quase havia me esquecido.

- Mal posso esperar! Tchau, Luke.

Guardo o telefone e respiro fundo algumas vezes. O principal é que Luke não faz a

menor idéia de que cheguei perto de um detetive particular. E nunca vai descobrir.

Quando chegamos ao terreno familiar do oeste de Londres, abro o envelope e começo a

folhear as fotos e as anotações de vigilância. É melhor descobrir sobre as sobancelhas de

Jasmine antes de picotar tudo. Chego a uma foto turva de Suze caminhando pela High

Street Kensington e fecho os olhos, sentindo outra onda de vergonha. Cometi alguns erros

terríveis na vida, mas este é o pior, zilhões de milhões de vezes. Como posso ter exposto

minha melhor amiga a um detetive particular vagabundo?

Todas as dez fotos seguintes, mais ou menos, são de Venetia, e passo por elas

rapidamente. Não quero vê-la. Depois de umas duas de Mel, a secretária de Luke, saindo do

escritório, e então... ah, meu Deus, é *Lulu*?

Olho a foto, perplexa. Então me lembro de tê-la mencionado na lista de mulheres que

Luke conhece. E disse que Luke não saia com ela, e Dave Sharpness assentiu como que

sabe das coisas, e disse:

- Esta costuma ser a cortina de fumaça.

Idiota, ele obviamente teve a idéia de que Luke e Lulu estavam tendo um caso tórrido

secretamente, ou algo do tipo.

Espera aí. Pisco e olho com mais atenção a foto. Não pode ser...

Ela não pode estar...

Aperto a mão na boca, meio chocada, meio tentando não rir. Certo, sei que contratar um

detetive particular foi uma coisa idiota. Mas isso vai animar Suze demais.

Estou enfiando todas as fotos e papéis de volta no envelope quando meu celular toca.

- Sim? – digo, com cautela.

- Becky, é Jasmine! – diz uma voz animada. – Você vem ou não?

Empertigo-me, surpresa. Em primeiro lugar, nem achei que alguém pensaria que eu

estava atrasada. E em segundo, quando foi que Jasmine já ergueu a voz além de um tom

monossilábico e entediado?

- Estou indo – respondo. – O que houve?

- É o seu colega, Danny Kovitz.

Sinto uma pontada de alarme. Por favor, não diga que ele perdeu o interesse. Por favor

não diga que ele caiu fora.

- Houve... algum problema? – Mal consigo falar.

- De jeito nenhum! Ele terminou o projeto! Está com tudo aqui agora. E é incrível!

Finalmente, *finalmente* alguma coisa vai bem! Chego à The Look e vou direto para a sala

da diretoria, no sexto andar, onde todo mundo se reuniu para ver o projeto.

Jasmine me encontra no elevador, os olhos brilhando.

- É demais! – diz ela. – Parece que ele trabalhou a noite inteira para terminar. Disse que a

vinda à Inglaterra lhe deu exatamente a inspiração final que precisava. Todo mundo está

realmente empolgado. Vai vender até esgotar! Mandei mensagens de texto para todas as

minha amigas e todas querem uma.

- Fantástico! – digo, atônita.

Não sei com que estou mais surpresa: com Danny terminar o projeto tão depressa ou

Jasmine parecer viva.

- Aqui... – Ela abre a pesada porta de madeira clara, e ouço a voz de Danny enquanto

entramos na sala da diretoria. Ele está sentado á mesa comprida, falando com Eric, Brianna

e todo o pessoal do marketing e da divulgação.

- Era simplesmente o conceito final que eu precisava resolver. – está dizendo ele. – Mas

assim que consegui...

- É tão diferente! – está dizendo Brianna. – É tão *original*.

- Becky! – De repente, Danny me nota. – Venha ver o projeto! Carla, aqui.

Ele a chama. E eu ofego.

- Você *o quê?* – minha voz dispara, horrorizada, antes que eu possa impedir.

O projeto é uma camiseta com costuras arrepanhadas e as mangas características do

Danny, rasgadas e pregueadas. O fundo é em azul claro, e na frente há um pequeno desenho

estilizado, tipo anos 1960, de uma boneca ruiva. Por baixo há uma frase impressa:

ELA É UMA VA CA RU IVA

E EU A ODEIO

Olho para Danny, olho de volta para a camiseta e de volta para Danny.

- Você não pode... – Minha boca não está funcionando direito. – Danny, você não pode...

- Não é fantástica? – pergunta Jasmine.

- As revistas vão *adorar*. – Uma garota da divulgação está assentindo entusiasmada. Já

demos uma mostrazinha para a *InStyle* e vai sair na coluna de peças imprescindíveis deles.

E com a sacola combinando... *Todo mundo* vai querer uma.

- É um slogan brilhante! – diz outra pessoa. – “Ela é uma vaca ruiva e eu a odeio!”

Toda a sala gargalha. Menos eu. Ainda estou em choque. O que Venetia vai dizer? O que

Luke vai dizer?

- Vamos colocar nas paradas de ônibus, em cartazes, em revistas...
– continua a garota da

divulgação. – Danny teve uma idéia fabulosa, que é fazer uma camiseta para grávidas

também.

Minha cabeça dispara, horrorizada. Ele o quê?

- Grande idéia, Danny! – digo, lançando adagas contra ele.

- Foi o que pensei. – Ele ri de volta, inocente. – Ei, você poderia usar uma no parto!

- Então, onde conseguiu a inspiração, Sr. Kovitz? – pergunta um ansioso jovem

assistente de marketing.

- Quem é a vaca ruiva? – entoa a garota da divulgação, com um riso fácil. – Espero que

ela não se incomode por haver mil camisetas impressas falando dela!

- O que acha, Becky? – Danny ergue a sobrancelha maliciosamente para mim.

- Becky a *conhece*? – pergunta Brianna, surpresa. – É uma pessoa de verdade?

De repente, todo mundo parece interessado.

- Não! – berro, alarmada. – Não! De jeito nenhum! Ela não é... quero dizer... eu só

estava... pensando. Por que não ampliamos o projeto? Poderíamos ter versões loiras e

morenas também.

- Boa idéia – diz Brianna. – O que acha, Danny?

Por um instante, com o coração parado, acho que ele vai dizer: “não, tem de ser ruiva

porque Venetia é ruiva.” Mas graças a Deus ele assente.

- Gosto disso. Escolha a sua vaca. – De repente, ele dá um gigantesco bocejo felino. –

Tem mais café?

Graças a Deus. Desastre evitado. Vou levar para casa a versão “loura”, e Luke nunca

saberá sobre a original.

- Precisamos disso! – diz Carla, servindo o café. – Ficamos acordados a noite toda.

Danny finalizou o projeto por volta das duas da madrugada. Depois achamos uma oficina

de silk-screen que fica aberta a noite toda em Hoxton, e eles fizeram os protótipos para nós.

- Bem, agradecemos o esforço de vocês – diz Eric, em tom pesado. – Em nome da The

Look, eu gostaria de agradecer a você, Danny, e a sua equipe.

- Agradecimento aceito – responde Danny, em tom charmoso. – E eu gostaria de

agradecer a Becky Bloom, responsável por esta colaboração. – Ele começa a aplaudir, e

relutante sorriso de volta. Nunca se pode ficar chateado com Danny por muito tempo. – A

Becky, minha musa – acrescenta ele, levantando a nova xícara de café que Carla lhe serviu.

– E a pequena *musette*.

- Obrigada! – Levanto minha xícara para ele. – A você, Danny.

- Você é a *musa* dele? – Jasmine ofega ao meu lado. – Que chique!

- Bem... – Dou de ombros, casual. Mas por dentro estou em júbilo. Sempre quis ser musa

de um estilista!

É isso aí. Sempre que a vida parece um lixo total, ela dá uma reviravolta. O dia de hoje foi

aproximadamente um milhão de vezes melhor do que eu esperava. Luke não leva a vida

dupla, afinal de contas. O projeto de Danny vai vender feito água. E eu sou uma musa!

No fim do dia. Troquei de roupa algumas vezes, porque as musas da moda gostam de

experimentar a aparência. Finalmente me decido por um vestido de chiffon cor-de-rosa,

linha império, que mal consigo espremer por cima da barriga, com um dos protótipos das

camisetas de Danny por cima, junto com um casaco de veludo verde e um chapéu de pluma

preto.

Preciso começar a usar mais chapéus, se vou ser uma musa. E broches.

Às cinco e meia, Danny aparece na entrada do departamento de compras pessoais,e

levanto os olhos, surpresa.

- Ainda está aí? Onde andou?

- Ah... só dando um tempo na seção masculina – diz ele casualmente. – Aquele cara que

trabalha lá, o Tristan. É bem bonito, hein?

- Tristan não é gay. – Lanço um olhar para Danny.

- *Ainda* – diz Danny, e pega um vestido de noite cor-de-rosa, do nosso departamento

“roupas de cruzeiro”. – Isso é *medonho*. Becky, você não deveria deixar esse vestido em

estoque.

No momento ele está no pique máximo, como sempre fica quando termina um projeto.

Lembro-me disso, de Nova York.

- Onde está todo o seu “pessoal”? – pergunto, revirando os olhos. Mas Danny não capta a

ironia.

- Redigindo contratos – responde ele vagamente. – E Stan pegou o carro para fazer

turismo. Ele nunca esteve e, Londres antes. Ei, vamos tomar alguma coisa?

- Preciso ir para casa. - Olho relutante para o relógio. - Tenho uma reunião esta noite.

- Só uma bebidinha rápida? - Danny geme. - Eu praticamente não vi você. Ei, que chapéu

é esse?

- Você gosta? - Toco nele, meio sem jeito. - É que fiquei meio a fim de plumas.

- Plumas. - Danny está me examinando com a testa franzida. - Grande idéia.

- Verdade? - Fico reluzente de orgulho. Talvez ele baseie toda a sua nova coleção em

plumas, e terá sido minha idéia. - Ei, se quiser fazer um desenhinho de mim... - digo

casualmente, mas Danny não está escutando. Está andando à minha volta, com uma

expressão atenta.

- Você deveria usar um boá de plumas - diz subitamente. - Tipo um grande. Tipo...

enorme.

Um boá de plumas enorme. É brilhante. Pode ser a próxima grande jogada da moda!

Poderia ser a nova baguette da Fendi!

- Há boás de plumas no departamento de Acessórios! - digo. - Venha! - Pego minha

bolsa e fecho-a, primeiro me certificando de que o envelope pardo está em segurança

dentro. Vou picotá-lo assim que chegar em casa. Quando Luke não estiver olhando.

Descemos as escadas rolantes até o térreo, onde fica o departamento de Acessórios.

- Estamos fechando... - começa Jane, a gerente de acessórios, até ver que somos nós.

- Desculpe - digo, ofegante, enquanto Danny vai até um mostruário de boás e echarpes. -

Não vamos demorar. Só que estamos tendo um momento *fashion...*

- *Pronto* - diz Danny, envolvendo-me em coloridos boás de plumas. - Tipo: o maior boá

de pluma que você já viu. - Ele está amarrando oito boás juntos, formando um enorme, em

forme de salsichas. - É um look fantástico.

Sinto um frisson enquanto ele enrola o boá em volta de mim. Estamos fazendo história

da moda, aqui mesmo! Estamos lançando uma nova tendência! No ano que vem, todo

mundo estará usando gigantescos boás Danny Kovitz. As celebridades vão usá-los no

Oscar, as lojas chiques vão vender...

- O Boá Gigante - diz Danny, amarrando um que estava meio solto. - O Gigante. É

fabuloso. dê uma olhada! - ele me gira para frente do espelho e eu ofego.

- É... uau!

- Fantástico, não é? Danny ri de orelha a orelha.

Para ser absolutamente sincera, ofeguei por que estou parecendo absolutamente idiota.

Mal dá para ver minha cabeça no meio das plumas. Pareço um enorme espanador grávido.

Mas não devo ter a mente estreita. Isto é moda. As pessoas provavelmente achavam os

jeans cigarette ridículos quando viram pela primeira vez.

- Incrível - ofego, tentando tirar as plumas da boca. - Você é um gênio, Danny.

- Vamos tomar aquela bebida. - Danny está cheio de animação. - Me sinto no clima para

um martíni.

- Poderia colocar esses boás na minha conta? - digo a Jane. - São oito. Obrigada!

Sáímos da loja num barato total, e guio Danny até a esquina, entrando na Portman

Square. As luzes da rua estão acesas, e algumas pessoas de black-tie saem do Hotel

Templeton. Elas me olham com estranheza enquanto passamos e ouço alguns risinhos, mas

só mantenho a cabeça mais alta. Se você quiser estar no auge da moda, vai receber alguns

olhares estranhos.

- Vamos a este bar aqui? - sugiro, parando. - É meio chato, mas está perto.

- Desde que eles consigam preparar uma bebida... - Danny abre a pesada porta de vidro e

me faz entrar. O Templeton Bar é muito *bege*; carpete bege, cadeiras fofas e garçons de

uniforme bege. Está apinhado de gente com cara de executivo, mas vejo um espaço perto

do piano.

- Vamos pegar aquela mesa ali - estou dizendo ao Danny. E paro no ato.

É Venetia. Sentada no canto a alguns metros, o cabelo brilhando sob as luzes, com um

cara de terno e outra mulher elegante. Não reconheço nenhum dos dois.

- O que é? Danny me espia. - Alguma coisa errada?

- É... - Engulo em seco e viro a cabeça discretamente na direção dela. Danny segue meu

olhar e ofega teatralmente, deliciado.

- É a Dra. Cruela Cruel?

- Cala a boca! - guincho.

Mas é tarde demais. Venetia se virou. Viu a gente. Está se levantando e se aproximando,

uma figura impossivelmente elegante com terninho preto e saltos altos, o cabelo imaculado

como sempre.

Tudo bem, digo a mim mesma. Calma. Não sei por que meu coração está martelando, e

meus dedos, suando.

Ah. Bem. Talvez porque na minha bolsa há um envelope contendo dez fotos de grande

angular de Venetia. Mas ela não *sabe* disso, não é?

- Becky! - Ela sorri e me beija nas duas bochechas. - Minha cliente predileta. Como vai?

Agora não falta muito! Quatro semanas, não é?

- Isso mesmo. E então... é... como vai Venetia? - Minha voz está trêmula, e meu rosto,

vermelho. Mas, afóra isso, acho que estou bastante natural. - Este é meu amigo, Danny

Kovitz.

- Danny Kovitz. - Os olhos dela se iluminam, reconhecendo. - É uma honra. Comprei

uma peça sua em Milão recentemente. Na Corso Como. Um casaco de contas.

- Sei qual é! - diz Danny, ansioso. - Aposto que você fica fabulosa nele.

Por que ele está sendo legal com ela? Danny deveria estar do *meu* lado.

- Comprou a calça? - está perguntando agora. - Porque nós fizemos em dois estilos: uma

capri e uma com corte para bota. Você ficaria fantástica na capri.

- Não, só comprei o casaco. - Ela sorri para ele, depois me olha. - Becky, você parece

quente com todas essas... plumas. Você está bem?

- Estou... ótima! - Sopro algumas plumas presas no batom. - Este é o novo conceito de

moda de Danny.

- Certo. - Venetia dá um olhar dubio para o meu boá de plumas gigante. - Só que, sabe,

não é saudável ficar quente demais durante a gravidez.

Típico. Dando ordens de novo. Dizendo que moda não é saudável. Mas a verdade é que

estou começando a suar com todas essas camadas - assim, relutante, tiro o boá e o casaco.

Há um silêncio estranho. Por um momento, não sei bem por que Venetia está olhando

para o meu peito. Então meu estômago afunda quando percebo.

Estou usando a camiseta de Danny. Olho para baixo - e ali está, claro como o dia.

ELA É UMA VA CA RU IVA

E EU A ODEIO

Merda.

- Na verdade, estou com frio! – Enrolo o boa no pescoço de novo, tentando

desesperadamente cobrir as palavras. – Brrr! Está gelado aqui dentro. Não está gelado para

esta época do ano?

- O que está escrito? – pergunta Venetia, em voz peculiar. – Na sua camiseta?

- Nada – respondo, agitada. – Nada! É só uma... piada! Quero dizer, obviamente não é

você. É outra vaca... é... mulher... pessoa... ruiva.

Isso não está indo bem.

- Bom trabalho, Becky – diz Danny em meu ouvido. – Cheia de tato.

Venetia respira profundamente, como se tentasse se controlar. Parece bem chateada,

começo a perceber.

- Becky – diz ela finalmente. – Podemos bater um papinho?

- Papinho? – ecôo, nervosa.

- É, papinho. Nós duas. Falar uma com a outras a sós. Se você não se importar. – Ela

olha para o Danny.

- Claro. Vou pegar umas bebidas para nós. – Ele desaparece em direção ao balcão, e eu

me sinto arrasada por dentro quando me viro para Venetia. Há uma ruga entre seus olhos, e

ela está tamborilando os dedos na haste de sua taça. Parece uma diretora jovem, glamorosa,

que vai dizer que eu prejudiquei o nome de toda a escola.

- Então! – consigo um tom animado. – Como você está?

Ela não consegue ler sua mente, estou dizendo a mim mesma em tom febril. Ela não

sabe que você mandou segui-la. Não pode provar que a camiseta é sobre nós.

Simplesmente banque a inocente.

- Olha, Becky. – Venetia engole a bebida num trago só. – Vamos acabar com essa merda.

Encaro-a, chocada. Ela acabou de falar “merda”?

- Nós estávamos tentando poupar você de qualquer coisa desagradável. – O franzido na

testa de Venetia se aprofunda. – Queríamos ser o mais... não sei... amigáveis possível. Mas

se esta é a atitude que você vai tomar... – Ela indica a camiseta.

Não estou captando alguma coisa aqui. Na verdade, não estou captando nada.

- Como assim “nós”? – pergunto.

Venetia me olha como se suspeitasse de um truque. Então, muito lentamente, sua

expressão muda. Ela expira e esfrega a testa.

- Ah, meu Deus – diz ela, quase para sim mesma.

Sinto uma pontada de premonição, bem no fundo. Uma espécie de náusea quente sobe

devagar por dentro de mim. Ela não pode estar dizendo o que eu...

Não pode.

O barulho e as conversas do bar diminuíram até um sussurro nos meus ouvidos. Engulo

em seco varias vezes, tentando me controlar. Sabia que alguma coisa poderia estar

acontecendo. Falei isso com Suze, Danny e Jess.

Mas, de repente, aqui parada, percebo que realmente não pensava que fosse real. Não na

verdade. *Não de verdade.*

- O que você está dizendo? – Não consigo controlar minha voz. – Exatamente.

Um garçom está passando com uma bandeja de bebidas, e Venetia estende a mão para

fazê-lo parar.

- Vodka-tônica com gelo, por favor – pede ela. – Rápido. Alguma coisa para você,

Becky?

- Só... diga. – Meu olhar se crava no dela. – Diga o que você estava falando.

O garçom se afasta, e Venetia passa a mão pelo cabelo. Parece meio abalada com minha

reação.

- Becky... isso tinha que ser difícil. Você deveria saber que Luke se sente terrível com o

que está acontecendo. Ele realmente gosta de você. Ficaria horrorizado só de imaginar que

falei com você.

Por alguns instantes não consigo responder. Só estou olhando para ela, todo o corpo

retesado. Sinto que vou saltar para um universo paralelo.

- O que você está dizendo? – repito, rouca.

- Ele realmente não quer magoar você. – Venetia se inclina mais para perto, e sinto um

cheiro enjoativo de Allure. – Como ele vive dizendo... Luke cometeu um erro. Pura e

simplesmente. Casou-se com a pessoa errada. Mas a culpa não é sua.

Algo começa a esfaquear meu peito. Por um momento, não sei se consigo falar, de tanto

choque.

- Luke não se casou com a pessoa errada – consigo dizer finalmente.
– Ele se casou com

a pessoa *certa*. Ele me ama, certo? Ele me *ama*.

- Vocês se conheceram logo depois de ele terminar com Sacha, não foi? – Venetia

assente, mesmo eu não tendo respondido. – Ele me contou tudo.
Você foi uma mudança

revigorante, Becky. Você o fez rir. Mas nem de longe estava No mesmo nível. Você

realmente não entende qual é a dele.

- Entendo, sim. – Minha garganta não está funcionando direito. – Entendo Luke

totalmente! Nós viajamos por todo o mundo em lua-de-mel...

- Becky, eu conheço Luke desde os 19 anos. – ela me interrompe, invencível, inexorável.

– Eu o *conheço*. O que tivemos em Cambridge foi poderoso. Foi inebriante. Ele foi meu

primeiro amor verdadeiro. Eu fui o dele. Éramos como Odisseu e Penélope. Quando nos

vimos de novo em meu consultório... – Ela pára. – Desculpe. Mas nós dois soubemos.

Instantaneamente. Era apenas uma questão de quando e onde.

Minhas pernas parecem ter virado poeira. Meu rosto está entorpecido. Estou agarrando as

plumas idiotas, tentando encontrar um pensamentozinho, uma idéia... alguma coisa. Mas

minha cabeça parece um pesado bolo de flanela. Tenho uma sensação horrível de que há

lágrimas nas minhas bochechas.

- O momento é que foi chatíssimo. – Venetia pega a sua bebida com o garçom. – Luke

não queria dizer nada até depois da chegada do bebê. Mas acho que você merece saber a

verdade.

- Nós fomos olhar carrinhos juntos, ontem. – Minha voz sai densa e apressada. – Como é

que ele foi olhar os carrinhos, então?

- Ah, ele está empolgado com o bebê! – diz Venetia, surpresa. – Ele quer ver o filho o

máximo possível, depois... – ela faz uma pausa delicadamente. – ele quer que a coisa toda

seja amigável. Mas, obviamente, isso depende de você.

Não posso ouvir mais sua voz doce e venenosa. Preciso ir embora,

- Você está errada, Venetia – digo, lutando desajeitadamente para vestir o casaco. – Você

está iludida. Luke e eu temos um casamento forte e amoroso! Nós rimos, conversamos,

fazemos sexo...

Venetia simplesmente me olha com pena infinita.

- Becky, Luke só está fazendo o jogo para manter você feliz. Você não tem um

casamento. Acabou.

*

Não espero para me despedir de Danny. Saio direto do bar, meio tropeçando, e chamo um

táxi. Durante todo o caminho para casa, as palavras de Venetia estão girando e girando no

meu cérebro, até que sinto vontade de vomitar.

Não pode ser verdade, fico dizendo a mim mesma. Não pode.

Claro que pode, responde uma voz pequenina. É disso que você suspeitava o tempo todo.

Entro no apartamento e imediatamente ouço Luke, movendo-se na cozinha.

- Oi! – grita ele.

Minha garganta está apertada demais para responder. Sinto-me paralisada. Por fim, Luke

põe a cabeça na porta. Já está com a calça do terno e uma impecável camisa Armani. Sua

gravata-borboleta está frouxa no pescoço, pronta para que eu dê o laço, como sempre.

Encaro-o sem palavras. *Você vai me deixar pela Venetia? Todo nosso casamento é uma*

farsa?

- Oi, querida. – Ele toma um gole de vinho.

Sinto-me parada á beira de um penhasco. No momento em que falar, tudo estará

acabado.

- Becky? Querida? – Luke dá alguns passos na minha direção, parecendo perplexo. –

Você está bem? – Ele olha curioso para as plumas.

Não posso fazer isso. Não posso perguntar. Estou apavorada demais com o que vou

ouvir.

- Vou me aprontar – sussurro, incapaz de encará-lo. – Temos de sair logo.

Vou até o quarto e tiro a roupa, embolando a camiseta de Danny no fundo do armário,

onde Luke nunca vai olhar. Depois tomo uma chuveirada rápida, esperando que me deixe

melhor. Mas não deixa. Quando me vejo no espelho, enrolada numa toalha, estou

apavorada e pálida.

Ande, Becky. Anime-se. Pense em brilho, pense em Catherine Zeta-Jones. Pego meu

esguio vestido azul-meia-noite e visto, pensando que isso ao menos vai me animar. Mas, de

algum modo, o vestido não parece tão bem quanto antes. Não está justo; está apertado.

Puxo o zíper, mas não sobe.

É pequeno demais.

Meu vestido perfeito é pequeno demais. Devo ter crescido demais. Devo ter crescido

mais um pouco. Minha barriga, ou minhas coxas, ou algum lugar. Todo o meu corpo ficou

subitamente enorme.

Posso sentir o queixo tremendo, mas, em desespero, aperto os lábios com força. *Não* vou

chorar. Tiro o vestido do melhor modo que posso e vou até o armário procurar outra coisa.

E então me vejo no espelho – e congelo. Estou bamboleando.

Sou uma coisa branca, gorda, bamboleante, uma... monstruosidade.

Sento-me na cama, tonta. Minha cabeça está martelando, e há manchas diante dos meus

olhos. Não é de espantar que ele tenha escolhido Venetia.

- Becky, você está bem? – Luke está junto á porta, me examinando, alarmado. Eu nem

havia notado sua presença.

- Eu... – Lágrimas bloqueiam minha garganta. – Eu...

- Você não parece bem. Por que não se deita? Vou pegar um copo d'água.

Enquanto o vejo se afastar, a voz de Venetia é como uma cobra enrolada na minha

cabeça. *Ele está fazendo o jogo para manter você feliz.*

- Pronto. – A voz de Luke me faz dar um pulo. Ele me entrega um copo d'água e dois

biscoitos de chocolate. – acho que você deveria descansar um pouco.

Pego o copo e não bebo. De repente, tudo parece teatro. Ele está atuando. Eu estou

atuando.

- E a reunião? – digo, finalmente. – Temos de sair logo.

- Podemos chegar tarde. Ou podemos não ir. Querida, tome um pouco de água, deite-se...

Relutante, tomo um copo d'água, depois pouso a cabeça no travesseiro. Luke puxa o

edredom por cima de mim e sai do quarto em silêncio.

Não sei quanto tempo fico ali deitada. Parece uns trinta segundos. Ou seis horas. Depois

deduzo que foram uns vinte minutos.

E então ouço as vozes. A voz dele. E a voz dela. Aproximando-se pelo corredor,

- ... espero que você não se importe...

- ... não, absolutamente. Luke, você fez a coisa certa em ligar. Então. Como vai a

paciente?

Abro os olhos – e é um pesadelo realizado. Ali, parada á minha frente, está Venetia.

Ela pôs um vestido de baile, comprido, de tafetá preto, sem alças, com uma saia ampla.

O cabelo está preso num coque, e há diamantes relampejando nas orelhas. Parece uma

princesa.

- Luke disse que você não está se sentindo bem, Becky. – Seu sorriso é doce como

melado. – Vamos dar uma olhada.

- O que *você* está fazendo aqui? – pergunto, ríspida.

- Luke me ligou. Estava preocupado! – Venetia põe a mão na minha testa, e eu me

encolho. – Deixe-me ver se você está com febre. – Ele se senta na cama com um farfalhar

de tafetá e abre uma maleta médica.

- Luke, eu não quero ela aqui! – Sem ávido, lágrimas jorram nos meus olhos. – Não estou

doente!

- Abra! – Venetia está avançando com um termômetro na direção da minha boca.

- Não! – Viro a cabeça para o lado, como um bebê recusando o mingau.

- Anda, Becky – diz Venetia, num tom adulator. – Só quero medir sua temperatura.

- Becky. – Luke segura minha mão. – Anda. Não podemos nos arriscar.

- Eu *não* estou doente... – Minhas palavras são interrompidas quando Venetia enfia o

termômetro na minha boca e se levanta.

- Realmente não acho que ela deveria ir esta noite – diz ela, em voz baixa, puxando Luke

de lado. – Você não pode convencê-la a ficar aqui e descansar?

- Claro. – Luke assente. – Por favor, apresente nossas desculpas.

- Você também vai ficar? – Venetia franze a testa. – Luke, eu realmente, acho... – Ela

chama Luke para fora do quarto, e posso ouvir murmúrios baixos no corredor. Alguns

instantes depois, Luke aparece de novo á porta, segurando uma jarra d'água.

Alguém deu o laço em sua gravata-borboleta, noto subitamente. Quero irromper em

lágrimas.

- Becky, queria, Venetia acha que você deveria pegar leve.

Encaro-o em silêncio, com o termômetro ainda na boca.

- Eu fico com você, claro, se você quiser. – ele hesita, sem jeito. – Mas... se você não se

incomodar que eu saia só por meia hora, há um monte de gente nesta reunião que eu

gostaria de ver.

Minha garganta está apertando. Novas lágrimas brotam nos meus olhos. Agora posso ver

tudo claramente. Ele quer ir á festa com Venetia. Provavelmente os dois tramaram tudo

isso.

O que vou fazer, implorar para que ele não vá? Tenho mais orgulho do que isso.

- Tudo bem – murmuro, virando a cabeça de lado para que ele não veja as minhas

lágrimas. – Vá.

- O quê?

- Tudo bem. – Tiro o termômetro da boca. – Vá.

Há um farfalhar quando Venetia entra de novo no quarto.

- Vamos dar uma olhada. – Ela examina o termômetro com um leve franzido na testa. –

É, você está ligeiramente febril. Vou lhe dar um pouco de paracetamol.

Ela me entrega dois comprimidos, e eu os engulo com a água que Luke trouxe.

- Tem certeza que vai ficar bem? – pergunta ele, me olhando, ansioso.

- Vou. Divirta-se. – Puxo o edredom sobre a cabeça e sinto lágrimas encharcando o

travesseiro.

- Tchau, querida. – Sinto Luke dando um tapinha no edredom. – Descanse um pouco.

Há algumas falas abafadas, e então, à distância, ouço a porta bater. É isso. Eles saíram.

Passa-se cerca de meia hora antes que eu ao menos me mova. Empurro o edredom para

longe e enxugo os olhos molhados. Saio da cama, cambaleio até o banheiro e me olho.

Estou pavorosa. Meus olhos estão vermelhos e inchados. As bochechas estão manchadas de

lágrimas. O cabelo está espalhado para todo lado.

Jogo água no rosto e me sento na borda da banheira. O que vou fazer? Não posso

simplesmente ficar aqui a noite toda, pensando, me preocupando e imaginando o pior.

Prefiro simplesmente pegá-los. Prefiro ver com meus próprios olhos.

Eu vou lá. O pensamento me acerta como uma bala.

Vou à reunião agora mesmo, neste minuto. O que vai me impedir? Não estou doente.

Estou bem.

Volto para o quarto com uma nova determinação. Abro as portas do armário e pego um

kaftan de chiffon preto, para grávida, que comprei no verão e nunca usei porque ficava me

sentindo uma barraca. Certo. Acessórios. Alguns colares compridos e cheios de brilho...

sapatos altos brilhantes... brincos de diamante... abro a caixa de maquiagem e aplico o

máximo que posso, o mais rapidamente que posso.

Dou um passo atrás e me olho da cabeça aos pés no espelho. Pareço... bem. Não é

exatamente minha roupa mais chique de todos os tempos, mas fiquei bem.

A adrenalina está jorrando através de mim quando pego uma bolsa e enfio as chaves, o

celular e a carteira dentro. Enrolo um xale nos ombros e saio pela porta da frente, o queixo

empinado de decisão. Vou mostrar a eles. Ou vou pegá-los. Ou... *alguma coisa*. Não sou

uma vítima impotente que vai ficar boazinha na cama enquanto o marido sai com outra

mulher.

Consigo pegar um táxi logo na frente do prédio, e, enquanto ele parte, eu me recosto e

ensaio frases de confronto. Preciso manter a cabeça alta e ser sarcástica, mas, ao mesmo

tempo, nobre. E não irromper em lágrimas nem bater em Venetia.

Bem, talvez eu pudesse bater em Venetia. Um tapa sonoro na cara, depois de pegar

pesado com Luke.

- Você ainda é *casado*, por sinal – ensaio, baixinho. – Esqueceu alguma coisa, Luke?

Tipo sua *mulher*?

Agora estamos chegando perto e me sinto tonta de nervosismo... mas não me importo.

Vou fazer isso de qualquer jeito. Vou ser forte. Quando o táxi se aproxima, estendo um

macio de dinheiro amarrotado para o motorista e saio. Começou a chover, e uma brisa fria

atravessa direto meu kaftan de chiffon. Preciso entrar. Atravesso a praça aberta em direção

á gransiosa entrada de pedra do Guildhall e passo pelas pesadas portas de carvalho. Lá

dentro, a área de recepção está cheia de cachos de balões de hélio azul-claros e estandartes

dizendo “Reunião de Cambridge” e um enorme quadro de avisos coberto de antigas fotos

de alunos. Á minha frente, um grupo de quatro homens dá tapinhas nas costas uns dos

outros e exclama:

- Não acredito que você ainda está vivo, seu sacana! – enquanto hesito, imaginando para

onde eu vou, uma garota com vestido de baile vermelho, sentada atrás de uma mesa coberta

de pano, sorri para mim.

- Olá! Você tem convite?

- Está com o meu marido. – Tento parecer calma, como uma convidada normal. – Ele

chegou mais cedo. Luke Brandon. – a garota passa o dedo pela lista e pára.

- Claro! – Ela sorri pra mim. – Entre Sra. Brandon.

Acompanho o grupo de sujeitos contando vantagem para dentro do Grande Salão e aceito

uma taça de champanhe no piloto automático. Nunca estive aqui antes e não sabia que o

lugar era enorme. Há vitrais gigantescos, antigas estatuas de pedra e uma orquestra tocando

na galeria, amplificada acima do ruído das conversas. Pessoas com roupas de noite se

reúnem, conversam e pagam comida num bufê, e algumas estão até mesmo dançando valsas

antiquadas, como algo saído de um filme. Olho ao redor, tentando ver Luke ou Venetia,

mas a sala está muito movimentada, com mulheres em vestidos lindos e homens de Black-

tie, e até mesmo alguns homens particularmente vistosos, de casaca.

E então os vejo. Dançando juntos.

Luke está certo: ele realmente valsa como Fred Astaire. Está fazendo Venetia deslizar

pelo salão como um especialista. A saia dela gira, a cabeça está jogada para trás enquanto

sorri para Luke. Estão num ritmo perfeito, juntos. O casal mais glamoroso do salão.

Fico enraizada no lugar enquanto os observo, meu kaftan grudado úmido nas canelas.

Todas as frases sarcásticas e irônicas que preparei se encolheram nos lábios. Não sei se

consigo respirar, quanto mais falar.

- A senhora está bem? – Um garçom está falando comigo, mas sua voz parece vir de

quilômetros de distância, e seu rosto está fora de foco. Nunca dancei uma valsa com Luke.

E agora é tarde demais.

- Ela está caindo! – Posso sentir mãos me segurando enquanto as pernas cedem embaixo

de mim. Meu braço bate em alguma coisa, há um zumbido em meus ouvidos e o som de

uma mulher gritando:

- Peguem um copo d'água! Há uma mulher grávida aqui!

E então tudo fica escuro.

DEZ

E ESSE

S IS

Eu achava que o casamento era para sempre. Achava mesmo.
Achava que Luke e eu

iríamos ficar velhos e grisalhos juntos. Ou pelo menos velhos. (Não
pretento ficar grisalha

nunca. Nem usar aqueles vestidos medonhos com faixas elásticas na
cintura.)

Mas não vamos envelhecer juntos. Não vamos nos sentar em bancos
juntos, nem olhar

nossos netos brincarem. Nem vou passar meus trinta anos com ele.
Nosso casamento

fracassou.

Toda vez que tento falar, acho que vou chorar, de modo que não
estou falando.

Felizmente não há ninguém com quem falar. Estou num quarto
particular do Hospital

Cavendish, para onde me trouxeram ontem à noite. Se você quiser
atenção num hospital,

simplismente chegue com uma médica celebridade vestida e black-tie. Nunca vi tantas

enfermeiras ao redor. Primeiro acharam que eu poderia estar em trabalho de parto, depois

acharam que eu podia estar com pré-eclampsia, mas no fim decidiram que eu estava apenas

um pouco exausta demais e desidratada. Por isso me colocaram nesta cama, com soro na

veia. Devo ir para casa hoje, depois de receber alta.

Luke ficou comigo a noite inteira. Mas não consegui me obrigar a falar com ele. Por isso

fingi que estava dormindo, até mesmo hoje cedo, quando ele disse baixinho:

- Becky? Está acordada?

Agora ele foi tomar banho, e eu abri os olhos. É um quarto bem legal, com paredes

verde-claras e até um sofazinho. Mas quem se importa, quando minha vida acabou? O que

qualquer coisa importa?

Sei que dois em cada três casamentos fracassam, ou sei lá. Mas honestamente pensava...

Pensava que nós éramos...

Afasto uma lágrima com força. Não vou chorar.

- Olá? - A porta se abre, e uma enfermeira entra empurrando um carrinho. - Café-da-

manhã?

- Obrigada - digo, com a voz rouca, e me sento enquanto ela ajeita os travesseiros ao

redor. Tomo um gole de chá e como um pedaço de torrada, só para que o neném tenha

alguma coisa. Em seguida, verifico meu reflexo no espelho do pó compacto. Meu Deus,

estou uma merda. Ainda tenho os restos da maquiagem de ontem, e meu cabelo está crespo

por causa da chuva. E o soro supostamente "hidratante" não fez nada por minha pele.

Eu *pareço* uma rejeitada.

Olho para mim mesma, sentindo-me amarga. É isso que acontece com todo mundo. Você

se casa e acha que tudo está ótimo, mas o tempo todo seu marido estava tendo um caso e

depois troca você por outra mulher com fartos cabelos ruivos. Eu deveria ter percebido.

Nunca deveria ter relaxado.

Dei ao cara os melhores anos da minha vida, e agora sou jogada fora em troca de um

modelo mais novo.

Bem, certo, eu lhe dei um ano e meio da minha vida. E ela é mais velha que eu. Mas

mesmo assim.

Há outro movimento à porta, e eu enrijeço. Um instante depois, ela se abre, e Luke entra

cautelosamente. Há sombras fracas embaixo de seus olhos, e ele se cortou ao se barbear.

Ótimo. Fico *feliz* por isso.

- Você acordou! - diz ele. - Como está se sentindo?

Assinto, apertando os lábios com força. Não vou lhe dar a satisfação de me ver

perturbada. Vou manter a dignidade, mesmo que isso signifique só falar em monossílabos.

- Você parece melhor. - Ele se senta na cama. - Fiquei preocupado.

De novo ouço a voz tranqüila e segura de Venetia: *Luke está fazendo o jogo para manter*

você feliz. Levanto a cabeça e encontro seu olhar, procurando alguma brecha na fachada.

Mas ele está fazendo melhor a representação que já vi. Um marido preocupado, amoroso,

ao lado da cama da mulher.

Eu sempre soube que Luke era bom em relações-públicas. É o trabalho dele. Isso o

tornou um milionário. Mas nunca percebi que poderia ser tão bom.
Nunca soube que ele

poderia ser tão... duas caras.

- Becky? - Agora ele está examinando meu rosto. - Está tudo bem?

- Não. Não está. - Há silêncio enquanto junto toda a força. - Luke...
eu sei.

- Você sabe? - O tom de Luke é tranquilo, mas ao mesmo tempo há
uma expressão

resguardada em seus olhos. - Sabe o quê?

- Não finja, certo? - Engulo em seco. - Venetia me contou. Ela me
contou o que está

acontecendo.

- Ela *contou* a você? - Luke se levanta, com o rosto pasmo. - Ela não
tinha o direito... -

Ele pára e se vira. E sinto uma pancada enjoativa dentro de mim. De
repente, tudo está

doendo. Minha cabeça, meus olhos, meus membros.

Não havia percebido com que força eu me agarrava a um último
fiapo de esperança. De

que, de algum modo, Luke fosse me envolver nos braços, explicar
tudo e dizer que me

amava. Mas o fiapo se dissolveu. Tudo acabou.

- Talvez ela achasse que eu deveria saber. - De algum modo, consigo
um tom de

sarcasmo cortante. - Talvez ela achasse que eu estaria interessada!

- Becky... eu estava tentando proteger você. - Luke se vira e parece genuinamente

arrasado. - O bebê. Sua pressão.

- Então, quando planejava me contar?

- Não sei. - Luke solta o ar, andando até a janela e voltando. - Depois do bebê. Eu ia ver

como as coisas... aconteceriam.

- Sei.

De repente, não consigo mais fazer isso. Não posso ser digna e adulta. Quero gritar e

berrar com ele. Quero explodir em soluços e jogar coisas.

- Luke, por favor... simplesmente vá embora. - Minha voz é pouco mais que um sussurro.

- Não quero falar disso. Estou cansada.

- Certo. - Ele não se mexe um centímetro. - Becky...

- O quê?

Luke esfrega o rosto com força, como se tentasse arrancar os problemas.

- Eu deveria ir a Genebra. Para o lançamento do fundo de investimentos De Savatier.

Isso não poderia ter acontecido numa hora pior. Posso cancelar...

- Vá. Eu vou ficar bem.

- Becky...

- Vá para Genebra. - Vira e olho para a parede verde do hospital.

- Precisamos falar disso - insiste ele. - Preciso explicar.

Não. Não, não, não. Não vou ouvi-lo contar tudo sobre como ele se sente em relação a

Venetia, que ele não pretendia me magoar, mas simplesmente não pôde evitar, e que ainda

me considera uma boa amiga.

Preferia não saber de nada, nunca.

- Luke, simplesmente me deixe *só!* - digo rispidamente, sem virar a cabeça. - Já falei que

não quero conversar sobre isso. E, de qualquer modo, eu deveria ficar calma por causa do

neném. Você não deveria me perturbar.

- Certo. Ótimo. Bem, então eu vou.

Luke parece bem perturbado agora. Bom, dane-se.

Percebo-o caminhando pelo quarto, o passo lento e relutante.

- Minha mãe está na cidade - diz ele. - Mas não se preocupe, falei para ela deixar você

em paz.

- Ótimo - murmuro no travesseiro.

- Vejo você quando eu voltar. Deve ser na sexta, por volta da hora do almoço. Certo?

Não respondo. O que ele quer dizer com me vê? Quando voltar para levar todas as coisas

ao apartamento de Venetia? Quando marcar uma reunião com seus advogados para o

divórcio?

Há um longo silêncio, e eu sei que Luke ainda está ali, esperando. Mas então, finalmente,

ouço a porta se abrir e se fechar, e o som fraco de seus passos desaparecendo pelo corredor.

Espero dez minutos antes de levantar a cabeça. Sinto-me surreal e meio turva, como se

estivesse no meio de um sonho. Não consigo acreditar direito que tudo isso esteja mesmo

acontecendo. Estou com oito meses de gravidez, Luke está tendo um caso com nossa

obstetra, e nosso casamento acabou.

Nosso casamento acabou. Repito as palavras, mas elas não parecem verdadeiras. Não

consigo fazer com que se fixem. Parece que há apenas cinco minutos estávamos na lua-de-

mel, numa preguiça abençoada na praia. Que estávamos dançando em nosso casamento no

quintal dos fundos de mamãe e papai, eu com o velho vestido de casamento de mamãe,

cheio de babados, e com uma grinalda torta. Que uma entrevista coletiva estava sendo

interrompida para ele me dar uma nota de vinte pratas para eu comprar uma encharpe

Denny and George. Nos dias em que eu mal o conhecia, quando ele era o sensual e

misterioso Luke Brandon e eu nem tinha certeza se ele sabia meu nome.

Sinto uma dor lancinante por dentro e, de repente, lágrimas estão escorrendo pelas

bochechas, e enterro a cabeça soluçante nos travesseiros. Como ele pode me deixar? Não

gostou de estar casado comigo? Nós não os divertimos juntos?

Antes que eu posso impedir, a voz de Venetia penetra na minha cabeça. *Você foi uma*

mudança revigorante, Becky. Você o fez rir. Mas nem de longe estava no mesmo nível.

Vaca idiota... idiota. Piranha. Vaca magricela... horrível... pretensiosa...

Enxugo os olhos, sento e respiro fundo três vezes. Não vou pensar nela. Nem em nada

disso.

- Sra. Brandon? - Há uma batida à porta. Parece uma das enfermeiras.

- É... espere um pouco. - Rapidamente jogo um pouco de água da jarra no rosto e exugo

com o lençol. - Sim?

A porta se abre, e a enfermeira bonita que trouxe o café-da-manhã sorri.

- A senhora tem uma visita.

Minha mente salta jubilosa para Luke. Ele voltou, ele se arrependeu, foi tudo um erro.

- Quem é? - Pego o pó compacto no armário, faço uma careta no reflexo e repuxo o

cabelo encrespado.

- Uma tal de Sra. Sherman.

Quase largo o pó compacto, consternada. Elinor? Elinor está aqui? Achei que Luke havia

dito para ele me deixar em paz.

Não vejo Elinor desde nosso casamento em Nova York. Ou pelo menos... nosso

"casamento" em Nova York. (Foi meio complicado no final.) Nunca nos demos muito bem,

principalmente por ela ser uma vaca esnobe e gélida, que abandonou Luke quando ele era

pequenino e ferrou totalmente com ele. E pelo modo como foi grosseira com mamãe. E

pelo modo como não me deixou entrar na minha própria festa de noivado! E...

- Você está bem, Rebecca? - A enfermeira me olha com ligeira preocupação, e percebo

que estou respirando cada vez com mais força. - Posso dizer que você está dormindo, se

quiser.

- Sim, por favor. Diga para ela ir embora.

Não estou em condições de ver ninguém agora. Não com o rosto vermelho e os olhos

ainda lacrimosos. E por que eu deveria fazer um esforço para ver Elinor?

Sem dúvida a única vantagem de se romper com o marido é não precisar mais ver a sogra.

Não vou sentir falta dela, e ela não vai sentir a minha.

- Ótimo. – A enfermeira se aproxima e olha para o soro. – Um médico virá logo, para dar

uma olhada. Depois acho que você vai para casa. Devo dizer à Sra. Sherman que você vai

embora?

- Na verdade...

Um novo pensamento me veio. Há uma vantagem ainda maior em se romper com o

marido. *A gente não precisa mais ser educada com a sogra.*

- Mudei de idéia. Vou recebê-la, afina de contas. Só deixe eu me preparar... – Pego a

bolsa de maquiagem e, desajeitadamente, deixo-a cair no chão. A enfermeira pega e me dá

um olhar ansioso.

- Você está bem? Parece muito tensa.

- Estou. Só fiquei meio... perturbada antes. Tudo bem.

A enfermeira desaparece, e eu abro a bolsa de maquiagem. Passo um pouco de gel e um

blush bronzeador. Não vou parecer uma vitima. Não vou parecer uma esposa patética e

enganada. Não faço idéia do que Elinor sabe, mas se ela ao menos *mencionar* a separação

minha e de Luke, ou se ousar parecer satisfeita com isso, eu... eu vou dizer que o neném

não é de Luke, que o pai é meu colega de prisão, Wayne, e que todo o escândalo vai sair

nos jornais de amanhã. Ela vai pirar de vez.

Borrifo perfume e rapidamente passo um pouco de brilho labial enquanto ouço passos se

aproximando. Há uma batida á porta, e eu grito:

- Entre.

Um instante depois, a porta de abre. E ali está ela.

Está usando um conjunto verde-menta e os mesmos sapatos Ferragamo que ela compra

toda estação, e segurando uma bolsa de crocodilo Kelly. Está mais magra do que nunca, o

cabelo é um capacete de laquê, o rosto pálido e esticado. Imagina só. Quando trabalhei na

Barneys, em Nova York, via mulheres como Elinor todo dia. Mas aqui ela parece... bem,

não há outra palavra para isso. Esquisita.

A boca se move um milímetro, e percebo que é seu cumprimento.

- Oi, Elinor. – Não me preocupo em tentar sorrir. Ela vai presumir que também apliquei

Botox. – Bem-vinda a Londres.

- Londres está muito cafona ultimamente – diz ela, com desaprovação. – Tão sem gosto!

Qual é a *dela*? Londres inteira é cafona?

- É, especialmente a rainha – digo. – Ela *não* faz idéia.

Ignorando-me, Elinor vai até a cadeira e se senta na beira. Examina-me com rosto de

pedra por alguns instantes.

- Soube que abandonou o médico que eu recomendei, Rebecca. Com quem você está se

consultando agora?

- O nome dela é... Venetia Carter.

Sinto uma facada de dor ao dizer o nome. Mas Elinor não reage nem infimamente. Ela

não pode saber.

- Você viu Luke? – faço um teste.

- Ainda não. – Ela calça um par de luvas de pelica e passa os olhos pela minha figura

vestida com a camisola do hospital. – Você ganhou um bocado de peso, Rebecca. Essa

nova médica aprova isso?

- Estou grávida – respondo rispidamente. – E vou ter um bebê grande.

A expressão de Elinor não se suaviza.

- Não grandes demais, espero. Os bebês muito grandes são vulgares.

Vulgares? Como ela ousa chamar meu neném lindo de vulgar?

- É, bem, fico feliz por que ele vai ser grande – digo, em desafio. – Assim haverá mais

lugar para... as tatuagens.

Quase posso ver o choque passar por seu rosto praticamente imóvel. Isso vai estourar as

costuras dela. Ou os grampos. O que quer que a mantenha inteira.

- Luke não contou sobre nossos planos de tatuagens? – Adoto um tom surpreso. –

Encomendamos um tatuador especialista em recém-nascidos, que vem direto á sala de

parto. Pensamos em fazer uma águia nas costas, com nossos nomes em sânscrito.

- Vocês não vão tatuar o meu neto. – Sua voz é como um tipo de canhão.

- Ah, vamos sim. Luke *realmente* tomou gosto pelas tatuagens quando estávamos na lua-

de-mel. Ele fez quinze! – Dou um sorriso afável para ela. – E, assim que o neném nascer,

Luke vai tatuar o nome dele no braço. Não é uma doçura?

Elinor está segurando sua bolsa Kelly com tanta força que as veias se destacam. Dá para

ver que ela não sabe se deve acreditar ou não.

- Vocês decidiram quanto ao nome? – pergunta finalmente.

- Ahã. – assinto. – Armagedom, se for menino, e Pomodora, se for menina.

Por um momento, ela parece incapaz de responder. Dá para ver que está desesperada

para levantar as sobrancelhas, ou franzir a testa, ou *alguma coisa*.
Quase sinto pena de seu

rosto de verdade, preso embaixo do Botox como um animal
enjaulado.

- Armagedom? – consegue dizer finalmente.

- Não é ótimo? Macho mas meio elegante. E incomum!

Elinor parece em vias de explodir. Ou implodir.

- Não vou admitir isso! – irrompe ela subitamente, levantando-se. –
Tatuagens! Esses

nomes! Vocês são... irresponsáveis além de qualquer...

- Irresponsáveis? – interrompo, incrédula. – Fala sério! Bom, pelo
menos nós não

estamos planejando *abandonar*... – Paro abruptamente, sentindo
que as palavras são

quentes demais para a minha boca. Não posso fazer isso. Não tenho
energia, para começar.

E, de qualquer modo... estou me sentindo distraída. De repente,
minha cabeça está

zumbindo, cheia de pensamentos.

- Rebecca. – Elinor se aproxima da cama, os olhos saltando rápidos.
– Não faço idéia se

você está sendo franca comigo.

- Cala a boca! – Levanto a mão, não me importando se sou
grosseira. Tenho de me

concentrar. Tenho de pensar nisso direito. De repente, estou começando a ver as coisas com

clareza, como uma música se encaixando.

Elinor abandonou Luke. Agora Luke está abandonando nosso filho. É a história se

repetindo. Será que Luke *percebe* isso. Se ele ao menos visse... se ao menos entendesse o

que está fazendo...

- Rebecca!

Levanto os olhos, com se saísse de um atordoamento. Elinor parece que quer estourar de

exasperação.

- Ah, Elinor... sinto muito – digo, com todo o rancor desaparecido. – Foi muita gentileza

sua ter vindo, mas agora estou meio cansada. Por favor, apareça uma hora dessas para

tomar um chá.

Parece que o vento apagou as velas de Elinor. Acho que ela provavelmente também

estava se preparando para uma briga.

- Muito bem – diz gelidamente. – Estou hospedada no Claridge's. aqui estão os detalhes

da minha exposição.

Ela me entrega o convite para Visita Particular, junto com uma brochura brilhante

intitulada "Coleção Elinor Sherman". É ilustrada com a foto de um elegante pedestal

branco, sobre o qual há outro pedestal branco, menor.

Meu Deus, não entendo a arte moderna.

- Obrigada – digo, olhando aquilo em dúvida. – Com certeza vamos comparecer.

Obrigada por ter vindo. Tenha um bom dia!

Elinor me dá um último olhar apertado, depois pega as luvas e a bolsa Kelly e sai do

quarto.

Assim que ela some, enterro a cabeça nas mãos, tentando pensar. Preciso falar com o

Luke de algum modo. Ele não quer fazer isso. No fundo do coração, sei que ele não quer.

Sinto que foi atraído para longe pelas fadas malignas, e eu só preciso quebrar o feitiço.

Mas como? Como vou fazer? Se eu ligar, ele vai me dispensar, dizer que telefona de

volta de nunca fará isso. Seus e-mails são lidos pela secretárias... esse não é exatamente

assunto para uma mensagem de texto...

Preciso escrever uma carta.

A coisa me acerta como um raio. Tenho de escrever uma carta, como nos velhos tempos

antes dos telefones e e-mails. Meu Deus, é isso. Vou escrever a melhor carta da minha vida.

Vou explicar todos os meus sentimentos e os dele (algumas vezes ele precisa que seus

sentimentos sejam explicados). Vou apresentar o caso para ele com clareza.

Vou salvar nosso casamento. Ele não quer uma família partida, sei que não quer. *Sei* que

não quer.

Uma enfermeira está passando pela porta, e eu chamo:

- Ei, com licença!

- Sim? – Ela olha para dentro com um sorriso.

- Seria possível arranjar papel de carta?

- Tem na loja do hospital, ou... – Ela franze a testa, pensando. – Uma das minhas colegas

tem, acho. Espere um momento.

Um instante depois ela volta com um bloco de Basildon Bond.

- Basta uma folha?

- Talvez eu precise de mais do que isso – digo, num ímpeto. – Posso pegar... três?

*

Não acredito no quanto escrevi para Luke. Depois que comecei, simplesmente não consegui

parar. Não fazia idéia de que havia tanta coisa presa por dentro.

Comecei falando do nosso casamento e de como éramos felizes. Depois falei de todas as

coisas que adoramos fazer juntos, e como nos divertimos, e como ficamos empolgados ao

saber que íamos ter um neném. Depois passei para Venetia. Não a chamei pelo nome,

chamei de "A ameaça ao nosso casamento". Ele saberá do que estou falando.

E agora estou chegando na página 17 (uma enfermeira desceu correndo e me comprou

um bloco de Basildon Bond) e estou chegando a parte principal. O pedido para ele dar outra

chance ao nosso casamento. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e tenho de parar varias

vezes para assoar o nariz num lenço de papel

Nos nossos votos matrimoniais, você prometeu me amar para sempre. Sei que acha que

não me ama mais. Sei que há outras mulheres neste mundo, que talvez sejam mais

inteligentes e saibam falar latim.

Sei que você tem um...

Não consigo me fazer escrever a palavra "caso": simplesmente não consigo. Vou colocar

um traço, como se fazia nos livros antigos.

Sei que você teve um —. Mas isso não precisa arruinar tudo. Estou preparada para

deixar o passado para trás, Luke, porque acredito, acima de tudo, que devemos ficar

juntos. Você, eu e o neném.

Podemos ser uma família feliz, sei que podemos. Por favor, não desista de nós. Talvez

você tenha um medo secreto de ser pai, mas podemos fazer isso juntos! Como você disse,

é a maior aventura que jamais teremos.

Paro de escrever para enxugar os olhos. Preciso terminar isso agora. Preciso descobrir

algum modo de ele me mostrar... de responder... de fazer com que eu saiba...

De repente percebo. Precisamos de uma torre grande e alta, como nos filmes românticos.

E vamos nos encontrar no topo à meia-noite...

Não. À meia-noite estarei cansada demais. Vamos nos encontrar no topo às... seis horas.

O vento estará soprando, Gershwin tocará, e eu verei em seus olhos que ele deixou Venetia

para sempre. E direi simplesmente: "Você vem para casa?" E ele dirá...

- Você está bem, Becky? - A enfermeira enfia a cabeça pela porta. - Como vai a carta?

- Quase acabei. - Assôo o nariz. - Onde há uma torre alta em Londres? Se eu quisesse

encontrar alguém.

- Não sei. - A enfermeira franze o nariz. - A Oxo Tower é bem alta. Fui lá outro dia. Eles

têm uma plataforma de observação e um restaurante...

- Obrigada!

Luke, se você me ama e quer salvar nosso casamento, encontre-se comigo no topo da

Oxo Tower às seis horas da sexta-feira. Estarei esperando na plataforma de observação.

Sua esposa amorosa,

Becky

Pouso a caneta, sentindo-me totalmente exaurida, como se tivesse acabado de compor

uma sinfonia de Beethoven. Agora só preciso mandar esta carta pela FedEx até o escritório

dele em Genebra... e esperar até a noite de sexta-feira.

Dobro as dezessete páginas ao meio e estou tentando sem sucesso enfiá-las no envelope

Basildon Bond quando meu celular toca no armário.

Luke! Ah, meu Deus. Mas ele ainda não leu a carta!

Com as mãos tremulas, pego o telefone – mas não é o Luke. É um número que não

reconheço. Não é Elinor ligando para me dar um sermão, é?

- Alô? – digo, com cautela.

- Alô. Becky? Aqui é Martha.

- Ah. – Puxo o cabelo para longe do rosto, tentando situar o nome. – É... oi.

- Só estou verificando se está tudo de pé para as fotos na sexta – diz ela, em tom de bate-

papo. – Mal posso esperar para ver sua casa!

A *Vogue*. Merda. Tinha esquecido totalmente.

Como pude me esquecer de um sessão de fotos para a *Vogue*? Meu Deus, minha vida

deve estar mesmo aos pedaços.

- Então, está tudo bem? – A voz de Martha trina feliz pelo telefone. – Você ainda não

teve o bebê, não é?

- Bem, não... – Hesito. – Mas estou no hospital. – Quando digo as palavras, percebo que

não deveria realmente estar com o celular no hospital. Mas é a *Vogue* que está ligando.

Deve haver uma exceção para a *Vogue*, sem dúvida.

- Ah, não! – A voz dela cai, consternada. – Sabe, estamos tendo um tremendo azar com

esta matéria! Uma das mães deliciosas teve os gêmeos antes do tempo, o que foi

realmente chato, e a outra teve pré-eclampsia ou sei lá o que, e está de repouso! Não

podemos fazer a entrevista sem nada! E você, está de repouso?

- Eu... espera um minuto...

Pouso o telefone na cama, tentando fortalecer o ânimo. Nunca senti menos vontade de

tirar uma foto na vida. Estou gorda, manchada por lágrimas, meu cabelo está terrível, meu

casamento está desmoronando... Dou um suspiro fundo, trêmulo, e então vejo meu reflexo

borrado num armário com porta de vidro. Encurvada, a cabeça baixa. Pareço derrotada.

Estou *medonha*.

Numa ação reflexa imediata, me empertigo um pouco. O que estou dizendo? Minha vida

também acabou? Só porque meu marido teve um caso?

De jeito nenhum. Não vou sentir pena de mim. Não vou desistir. Talvez minha vida

esteja em frangalhos. Mas ainda posso ser deliciosa. Seria a porcaria da mãe mais deliciosa

que eles já viram.

Levo o telefone no ouvido de novo.

- Oi, Martha? – digo, tentando parecer lépida. – Desculpe. Está tudo bem para a sessão

de fotos na sexta. Vou sair do hospital hoje, de modo que estarei lá!

- Fantástico! – Posso ouvir o alívio na voz de Martha. – Mal posso esperar! Só vai

demorar duas ou três horas, e prometo que não vamos cansar você! Tenho certeza que você

tem montes de roupas lindas, mas nossas estilistas vai levar algumas peças, também... agora

deixe-me confirmar seu endereço. Você mora na Delamain Road, 33?

De repente, me ocorre que não consegui aquelas coisas para Fabia. Mas ainda tenho

tempo. Vai dar certo.

- É, isso mesmo.

- Que sorte, aquelas casas são incríveis! Vemos você lá, às onze horas.

- Até lá!

Desligo o telefone e respiro fundo. Vou sair na *Vogue*. Vou ser deliciosa. E vou salvar

meu casamento.

De:

Becky Brandon

Para:

Fabia Paschali

Assunto:

Amanhã

Olá, Fabia!

Só para confirmar, vou aí amanhã com uma equipe da Vogue, e a sessão de fotos vai durar

mais ou menos das 11 da manhã até as 3 da tarde.

Consegui a blusa roxa e a bolsa Chloe, mas, infelizmente, mesmo tendo tentado em todo

lugar, não consigo localizar os sapatos Olly Bricknell que você quer. Há alguma outra coisa

que você gostaria?

De novo, muito obrigada – e estou ansiosa para ver você amanhã.

Becky

De:

Fabia Paschali

Para:

Becky Brandon

Assunto:

Re: Amanhã

Becky

Sem sapatos, sem casa.

Fabia.

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

26 de novembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigado pela carta.

Notei suas novas compras de ações da Sweet Confectionery, Inc, da Estelle Rodin

Cosmetics e da The Urban Spa plc. Mas não concordo que sejam os "melhores

investimentos do mundo".

Por favor, permita-me reiterar. Chocolates grátis, amostras de perfume e tratamentos com

descontos em spas – ainda que agradáveis – não são uma base sólida para investimentos.

Insisto que a senhora reconsidere sua estratégia atual de investimentos, e ficaria satisfeito

em prestar mais assistência.

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

DEZ

E ESSE

S TE

Porcaria, porcaria de sapatos. Não resta único par deles em Londres. Especialmente em

verde. Não é de espantar que Fabia os queria: são como o Santo Graal ou algo assim, só que

não há nenhuma pista em pintura. Passei o dia de ontem tentando todos os meus cantatos,

cada fornecedor que conheço, cada loja, *tudo*. Até que liguei para a minha velha colega

Erin, da Barneys de Nova York, ele simplesmente deu um riso de pena.

No fim, Danny entrou para ajudar. Deu alguns telefonemas e acabou descobrindo um par

com uma modelo que ele conhece e que está fotografando em Paris. Em troca de um casaco

de amostra, ela deu o sapato a um amigo que estava vindo para Londres ontem á noite. Ele

se encontrou com Danny, que agora vai trazê-lo para mim.

Esse é o plano. Mas Danny ainda não chegou. É já são dez e cinco e estou começando a

entrar em pânico. Estou na esquina da Delamain Road, vestida com minha roupa mais

deliciosa, um vestido envelope com estampa em vermelho, sapatos altos Prada e uma estola

de pele falsa, estilo vintage, e todos os carros ficam diminuindo a velocidade para olhar.

Pensando bem, esse não era o melhor lugar para marcar encontro. Para as pessoas

perversas, devo parecer uma prostituta grávida de oito meses.

Levanto o telefone e digito de novo o número de Danny.

- *Danny?*

- Já estamos indo! Estamos chegando. Acabamos de passar numa ponte... uau!

Danny deveria ter entregado os sapatos ontem á noite – só que, em vez disso, foi para a

balada com um fotografo que conheceu nas férias. Não pergunte.(Ele começou a me contar

sobre a noite que os dois passaram juntos em Marrakesh e, honestamente, tive que pôr as

mãos sobre os ouvidos do neném.) ele está morrendo de gargalhar, e posso ouvir o rugido

da Harley Davidson de seu amigo. Como ele consegue se divertir? Não sabe como estou

estressada?

Mal dormi desde que Luke foi embora. E quando *consegui* dormir, ontem á noite, tive o

sonho mais pavoroso. Sonhei que estava no topo da Oxo Tower, mas Luke não aparecia.

Fiquei parada durante quatro horas num vendaval, com a chuva jorrando em cima de mim,

e finalmente Luke apareceu – mas, de algum modo, havia se transformado em Elinor, e ela

começou a gritar comigo. E então todo o meu cabelo caiu...

- Com licença!

Uma mulher segurando duas crianças pela mão está se aproximando, dando-me um olhar

estranho.

- Ah. Desculpe. – Volto a mim e saio do caminho.

Na vida real, não falei com o Luke desde que ele viajou. Ele tentou ligar várias vezes,

mas simplesmente mandei de volta textos curtos dizendo que sentia muito não ter podido

atender, e que tudo está bem. Não queria falar com ele até que ele lesse minha carta – o que

só aconteceu ontem á noite, segundo o sistema de rastreamento. Alguém do escritório de

Genebra assinou um recebimento as 18h11, de modo que ele já deve ter lido.

Os dados estão lançados. Ás seis horas de hoje saberei, de um modo ou de outro. Ou ele

estará lá, me esperando, ou...

A náusea me sobe por dentro, e balanço a cabeça rapidamente. Não vou pensar nisso.

Primeiro vou resolver esta sessão de fotos. Mordo um KitKat para ganhar energia e olho de

novo para a página impressa que Martha mandou por e-mail. É uma entrevista com uma das

futuras mães deliciosas da matéria, que, segundo Martha, me “daria uma idéia”. A outra

deliciosa se chama Amelia Gordon-Barraclough. Está posando num vasto quarto de bebê

em Kensington, usando kaftan com contas e umas 59 pulseiras, e todas as suas citações

parecem absurdamente presunçosas.

Encomendamos todos os nossos móveis de quarto de bebê com artesãos de Provença.

Bem. É. Direi que conseguimos todos os nossos artesanatos no... interior da Mongólia. Não,

nós *desencavamos*. As pessoas nas revistas chiques jamais compram simplesmente alguma

coisa numa loja, elas desencavam ou descobrem num ferro-velho, ou herdaram de sua famosa

avó decoradora.

Meu marido e eu fazemos ioga para casais duas vezes por dia em nossa "sala de

refúgio". Achamos que isso cria harmonia no nosso relacionamento.

Com uma pontada, tenho a lembrança súbita de Luke e eu fazendo ioga de casais na

nossa lua-de-mel.

Pelo menos estávamos fazendo ioga e éramos um casal.

Um nó sobe na minha garganta. Não. Pára com isso. Pense confiança. Pense delícia.

Direi que Luke e eu fazemos algo muito mais *chique* do que ioga. Tipo aquela coisa que li

um dia desses. Qi-não-sei-das-quantas.

Meus pensamentos são interrompidos pelo ronco de uma motocicleta. Levanto os olhos e

vejo um Harley acelerando pela discreta rua residencial.

- Oi! – Balanço os braços. – Aqui!

- Ei, Becky! – A moto pára latejando ao meu lado. Danny tira um capacete e salta da

garupa, com uma caixa de sapatos na mão. – Aí está!

- Ah, Danny, obrigada. – Dou-lhe um abraço enorme. – Você salvou minha vida.

- Sem problema! – responde Danny, montando de novo na moto. – Diga como foi! Por

sinal, este é o Zane.

- Oi! – Aceno para Zane, que está vestido de couro na cabeça aos pés e levanta a mão,

cumprimentando. – Obrigada pela entrega!

A moto parte de novo. Seguro a alça da minha mala, que está cheia de roupas e

acessórios, e pego a braçada de flores que comprei hoje cedo para fazer com que a casa

fique legal. Vou na direção do número 33, de algum modo consigo levar a mala escada

acima e toca a campainha. Não há resposta.

Depois de uma pausa, toco de novo e chamo "Fabia!" Mas não há resposta.

Ela não pode ter esquecido que é hoje.

- Fabia! Está ouvindo? – Bato à porta. – "FA-BI-A!"

Há um silêncio mortal. Não há ninguém ali. Sinto uma pontada de pânico. O que vou

fazer? A *Vogue* vai chegar a qualquer...

- Uhuuu! Olá! – Uma voz na rua me chama, eu me viro e vejo uma garota se inclinando

para fora da janela de um Mini Cooper. É magra, tem cabelos brilhantes, uma pulseira

Kabbala e um anel de noivado com uma pedra gigantesca. Tem de ser da *Vogue*.

- Você é Becky? – grita ela.

- Sou! – Forço um sorriso luminoso. – Oi! Você é Martha?

- Isso mesmo! – Seu olhar está subindo e descendo pelos andares da casa. – Você tem

uma casa *fantástica*! Mal posso esperar para ver por dentro!

- Ah. É... obrigada.

Há uma pausa cheia de expectativas e eu me encosto casualmente numa das colunas.

Como se estivesse dando um tempo na escada da frente. Como as pessoas fazem.

- Está tudo bem? – pergunta Martha, meio perplexa.

- Ótimo! – Tento um gesto tranqüilo. – Só...bem...curtindo o ar puro...

Estou pensando freneticamente. Talvez pudéssemos fazer toda a sessão de fotos aqui na

escada. É. Eu poderia dizer que a porta da frente é a melhor coisa da casa e que não vale a

pena se preocupar com o resto...

- Becky, você perdeu sua chave? – pergunta Martha, parecendo perplexa.

Gênio. Claro. Por que não pensei nisso?

- É! Que idiota que eu sou! – Bato na cabeça. – E nenhum dos vizinhos tem uma cópia, e

não há ninguém em...

- Ah, não! – O rosto de Martha fica consternado.

- Eu sei. – Dou de ombros, lamentando. – Sinto muitíssimo. Mas se não pudermos

entrar...

Enquanto digo as palavras, a porta da frente se abre e quase caio dentro da casa. Fábria

apareceu, esfregando os olhos e usando um vestido Marni laranja.

- Oi, Becky. – Ela parece muito *aérea*. Como se tivesse tomado tranqüilizantes ou algo

assim.

- Uau! – O rosto de Martha se ilumina. – *Havia* alguém em casa! Que sorte! Quem é ela?

- Esta é Fabia. Nossa... caseira.

- *Caseira?* – Fabia franze o nariz.

- Caseira e muito boa amiga – emendo depressa, passando o braço ao redor dela. –

Somos muito intimas...

Graças a Deus, do outro lado da rua, um carro parou atrás do Mini e está começando a

buzinar.

- Ah, cala a boca! – diz Martha. – Becky, nós vamos tomar um café, você quer alguma

coisa?

- Não, estou ótima, obrigada! Vou esperar aqui em casa. Na minha casa. – Ponho a mão

na maçaneta. – Vejo vocês logo!

Olho o carro desaparecer, depois giro para Fabia.

- Achei que você não estava! Certo, precisamos agitar, consegui o material pra você.

Aqui está a bolsa, e a blusa... – Entrego-lhe as sacolas...

- Fantástico. – Seus olhos focalizam nos objetos, gananciosos. – Conseguiu os sapatos?

- Claro! – digo. – Meu amigo Danny conseguiu que uma modelo trouxesse de Paris.

Danny Kovitz, o estilista, sabe?

Quando pego a caixa, sinto um dardo de triunfo. Ninguém mais no mundo pode

conseguir esses sapatos. Sou *tão* conectada! Espero que Fabia fique sem ar ou diga "Você é

incrível!” Em vez disso, ela abre a caixa de sapato, olha para dentro um instante e depois

franze a testa.

- É da cor errada. – Ela fecha a tampa e empurra a caixa de volta para mim. – Eu queria

verde.

Será que ela é daltônica? Os sapatos são de cor verde-claro mais estupendo, além disso

está impresso “Verde”, em letras grandes na tampa.

- Fabia, eles são verdes.

- Eu queria mais um... – Ela balança o braço. – Verde-azulado.

Estou me esforçando tremendamente para manter a paciência.

- Quer dizer... turquesa?

- É! – Seu rosto se ilumina. – Turquesa. É isso que eu queria dizer. Este é claro demais.

Não acredito. Esses sapatos viajaram desde Paris, através de uma modelo e um estilista

mundialmente famoso, e ela não quer?

Bem, eu fico com eles.

- Ótimo – digo e pego a caixa de volta. – Vou conseguir o turquesa para você. Mas

realmente preciso entrar na casa...

- Não sei. – Fabia se encosta no portal e examina um fio solto na manga. – Para ser

honesto, não é muito conveniente.

Não é conveniente? Tem de ser conveniente!

- Mas nós concordamos quanto ao dia de hoje, lembra? O pessoal da *Vogue* já chegou!

- Você não pode dispensá-los?

- Ninguém dispensa a *Vogue*! – Minha voz sobe, agitada. – É a *Vogue*!

Ela dá de ombros, despreocupada, e de repente estou lívida. Ela sabia que eu vinha. Foi

tudo planejado. Ela não pode fazer isso comigo.

- Fabia. – Inclino-me para perto, ofegando. – Você não vai destruir minha única chance

de sair na *Vogue*. Eu lhe consegui a blusa. Consegui a bolsa. Consegui os sapatos! Você

tem de me deixar entrar nesta casa, ou... ou...

- Ou *o quê?* – pergunta Fabia.

- Ou... eu telefono para a Barneys e faço com que coloquem você na lista negra! – sibilo,

numa inspiração súbita. – Não vai ser muito divertido, com você morando em Nova York,

não é?

Fabia fica pálida. Rá. Peguei você.

- Bem, e para onde é que eu vou? – pergunta ela, carrancuda, tirando o braço do portal.

- Não sei! Vá fazer uma massagem com pedras quentes ou sei lá o quê! Só saia! – Jogo a

mala dentro de casa e passo por ela, entrando no corredor.

Certo. Tenho de ser rápida. Abro a bolsa, tiro uma foto emoldurada em prata, de mim e

Luke no casamento, e coloco com destaque na mesa do corredor. Pronto. Já parece minha

casa!

- Onde está seu marido, aliás? – pergunta Fabia, me olhando de braços cruzados. – Não

deveria estar fazendo essa coisa também? Você parece uma espécie de mãe solteira.

Suas palavras me pegam desprevenida. Por alguns segundos, não confio em minha

capacidade de responder.

- Luke está... fora do país. – digo finalmente. – Mas vou encontrá-lo mais tarde. Às seis

horas. Na plataforma de observação da Oxo Tower. Ele vai estar lá. – Respiro fundo. – Sei

que vai.

Há um calor em meus olhos, e pisco ferozmente. Não vou me desintegrar.

- Você está bem? – Fabia me encara.

- É só... um dia importante para mim. – Pego um lenço de papel e enxugo os olhos. –

Será que posso tomar um copo d'água?

- Meus Deus – posso ouvir Fabia murmurando enquanto vai até a cozinha – , é só a

porcaria da *Vogue*.

Tudo bem. Estou quase lá. Passaram-se vinte minutos, Fabia finalmente saiu, e a casa

realmente parece minha. Tirei todas as fotos de Fabia e substitui por outras minhas e de

minha família. Coloquei almofadas com iniciais “B” e “L” no sofá da sala de estar.

Arrumei as flores em vasos em toda parte. Memorizei o conteúdo dos armários da cozinha e

até grudei Post-it na geladeira, dizendo coisas como “Precisamos de mais quinoa orgânica,

querido” e “Luke – não esqueça o Qi-gong para casais no sábado!”

Agora estou rapidamente colocando alguns sapatos meus no closet se sapatos de Fabia,

porque eles podem perguntar sobre meus acessórios. Estou contando quantos pares de

sapatos Jimmy Choo existem quando a campainha toca subitamente, e dou um pulo, num

jorro de pânico. Enfio o resto dos sapatos no armário, verifico meu reflexo e desço a escada

com as pernas trêmulas.

É isso! Durante toda a *vida* quis listar minhas roupas numa revista!

Quando chego ao corredor, faço uma rápida recapitulação na cabeça. Vestido: Diane Von

Furtenburg. Sapatos: Prada. Meias: Topshop. Brincos: Presente de mamãe.

Não, não é suficiente chique. Vou chamá-los de... modelo próprio. Não, vintage. Direi

que os encontrei costurados num espartilho dos anos 1930 que comprei num velho ateliê

numa ruazinha em Paris. Perfeito.

Abro a porta da frente, grudando um sorriso luminoso no rosto – e congelo.

Não é a *Vogue*. É Luke.

Está usando sobretudo e segurando uma maleta de viagem, e parece que não se barbeou

hoje.

- Que diabos é isto? – pergunta ele, sem preâmbulo, levantando a minha carta.

Encaro-o de volta, admirada. Isso não está certo. Ele deveria estar na Oxo Tower, todo

romântico e amoroso. Não aqui á porta, desganhado e mal-humorado.

- Eu... – Engulo em seco. – O que está fazendo aqui?

- O que *estou fazendo* aqui? – ecoa ele, incrédulo. – Estou reagindo a isto! Você não

respondeu a nenhum dos meus telefonemas, eu não fazia a mínima idéia do que estava

acontecendo... “Encontre-me comigo no topo da Oxo Tower.” – Ele sacode a carta para

mim. – Que merda é essa?

Merda?

- Não é merda! – grito, ferida. – Eu estava tentando salvar o nosso casamento, paro o

caso de você não ter percebido...

- Salvar nosso casamento? – Ele me encara. – Na Oxo Tower?

- Funciona nos filmes! Você deveria aparecer, e tudo deveria ser lindo. Como em

Sintonia de amor...

Minha voz está ficando embargada de desapontamento. Achei tanto que ia dar certo!

Pensei em tudo que ele estaria lá, e cairíamos nos braços um do outro, e seríamos uma

família feliz de novo!

- Certo. Obviamente não estou entendendo alguma coisa. – Luke franze a testa para a

carta de novo. – Esta carta nem faz sentido. – “Sei que você teve um _.” E nada. O que eu

tive? Um infarto?

Ele esta zombando de mim. Eu não suporto.

- Um caso! – grito. – Um caso! Seu caso com Venetia! Eu sei sobre ele, lembra? E só

pensei que talvez você quisesse dar outra chance ao nosso casamento, mas obviamente não,

de modo que, por favor, simplesmente vá embora. Tenho uma sessão de fotos para a *Vogue*.

– E passo a mão com raiva nos olhos lacrimosos.

- Meu *o quê?* – Ele parece genuinamente chocado. – Becky, você está brincando.

- É, certo. – Faço menção de fechar a porta, mas ele segura meu punho com força.

- Pára. – A voz de Luke é como um trovão. – Não sei que porra está acontecendo. Está

carta caiu de pára-quedas... você está me acusando de ter um caso... não pode sair dessa

sem explicação.

Será que ele se mudou para um universo paralelo? Será que alguém acertou a cabeça dele

com alguma coisa?

- Você mesmo admitiu, Luke! – praticamente berro, frustrada. – Disse que estava

tentando me “proteger”, por causa da minha pressão ou sei lá o quê. Lembra?

Os olhos de Luke estão examinando meu rosto, para um lado e para o outro, como se

procurasse resposta.

- A conversa que tivemos no hospital – diz ele subitamente. – Antes de eu viajar.

- *É!* Agora tudo voltou de repente? – Não consigo evitar o sarcasmo. – Você estava

planejando me contar depois da chegada do neném. Ia ver como as coisas “aconteceriam”.

Você basicamente admitiu...

- Eu não estava falando de uma porra de um caso! – explode Luke. – Estava falando da

crise com Arcodas!

Subitamente, o vento some das minhas velas.

- O... o quê?

De repente, noto duas crianças na calçada, olhando para nós. Acho que estamos muito

visíveis, com o barrigão e tudo o mais.

- Vamos entrar – digo, em tom digno. Luke acompanha meu olhar.

- Certo. É. Vamos... fazer isso.

Ele entra na casa, e eu fecho a porta. Por um momento, há silêncio no corredor. Não sei o

que dizer. Sinto-me totalmente abalada.

- Becky... não sei que confusão você fez. – Luke solta o ar longamente e com força; -

Houve alguns problemas no trabalho, e eu estava tentando manter você longe disso. Mas

não estou tendo um caso. Com *Venetia*?

- Mas ela me disse que vocês tinham.

Luke parece pasmo.

- Ela não pode ter feito isso.

- Mas fez! Disse que você ia me deixar para ficar com ela. Disse... – Mordo o lábio. É

doloroso demais lembrar de tudo que *Venetia* me disse.

- Isso não passa de... uma porcaria de... uma *loucura*. – Luke balança a cabeça,

exasperado. – Não sei que tipo de conversa você teve com *Venetia*, que tipo de... linha

cruzada ou desinformação...

- Então você está me dizendo que não há nada acontecendo entre vocês? Absolutamente

nada:

Luke agarra o próprio cabelo, fechando os olhos brevemente.

- Por que você acharia que há alguma coisa acontecendo?

- *Por quê?* – Encaro-o. – Luke, você está falando *sério*? Por onde vou começar? Todas as

vezes que você saia com ela, só os dois. Todos aqueles recados em latim, dos quais você

não queria falar comigo. E todo mundo ficou muito esquisito comigo no escritório... eu vi

vocês sentados juntos na mesa dela... e você mentiu na noite do Finance Awards... – Minha

voz está começando a falhar. – Eu sabia que você não estava lá...

- Menti porque não queria *preocupar* você! – Luke parece mais abalado e com raiva do

que eu jamais vi. – Meus funcionários estavam esquisitos com você porque eu mandei um

e-mail para todos dizendo que ninguém, absolutamente *ninguém*, deveria falar de problema

da empresa com você. Sob pena de ser demitido. Becky... eu estava tentando proteger você.

Tenho uma súbita lembrança dele sentado á mesa no escuro, a testa franzida. Isso foi há

semanas. Desde então, ele anda pensativo e ausente.

Mas, então, por que Venetia teria dito...

Por que ela teria...

- Ela disse que você ia me deixar para ficar com ela. – Agora minha voz está realmente

tremendo. – Disse que você ainda iria querer visitar o bebê. – Tenho um soluço súbito.

- *Deixar você?* Becky, venha cá. – Luke me envolve nos braços com força e, de repente,

estou enterrando a cabeça em seu peito, com lágrimas escorrendo em sua camisa. – Eu amo

você – diz ele, com firmeza. – Nunca vou deixar você. Nem o pequeno Birkin.

Como foi que ele...

Ah. Ele deve ter encontrado minha lista de nomes.

- Agora é Armagedon – corrijo por entre os soluços. – Ou Pomodora. Foi o que eu disse

á sua mãe.

- Excelente. Espero que ela tenha desmaiado.

- Quase. – Tento sorrir. Mas não posso. Tudo ainda está cru demais. Tive semanas e

semanas de preocupações, imaginando e temendo o pior. Não consigo simplesmente estalar

os dedos e agir com naturalidade de novo.

- Achei que eu seria mãe solteira. – Engulo em seco. – Achei que você a amava. Não

sabia por que você estava tão esquisito. Tem sido horrível. Se você tinha problemas no

trabalho, deveria ter me *contado*.

- Sei que deveria. – Ele fica em silêncio por um momento, pousando o queixo na minha

cabeça. – Honestamente, Becky... tem sido bom ter um lugar onde escapar daquilo tudo.

Levanto a cabeça e examino Luke. Ele parece sério. E cansado, percebo. Realmente,

realmente cansado.

- O que está acontecendo? – Enxugo o rosto. – Qual é o problema? Você tem de me

contar agora.

- O Arcodas.

- Mas eu achei que tudo ia muito bem! – respondo, confusa. – Achei que era por isso que

você estava abrindo os escritórios novos.

- Eu gostaria de nunca ter me candidatado a trabalhar com eles. – Luke parece tão

arrasado que sinto uma ponta de pavor.

- Luke, o que aconteceu? – pergunto, nervosa. – Vamos nos sentar.
– Vou até a sala de

estar de Fabia e afundo num fofo sofá de camurça.

- Um monte de coisas – diz Luke, me acompanhando. Ele ergue as sobrancelhas

brevemente para as almofadas com “B” e “L”, depois senta-se, pousando a cabeça nas

mãos. – Você não quer saber.

- Quero. Quero saber tudo. Desde o começo.

- Tem sido um pesadelo. – Ele vira o rosto para mim. – O maior pesadelo é uma

acusação de assédio.

- Assédio? – olho para ele, boquiaberta.

- Sally-Ann Davies. Lembra quem é?

- Claro. – Assinto. – O que aconteceu?

Sally-Ann trabalha para a empresa desde que conheço Luke. É bastante reservada, mas

realmente doce e confiável.

- Houve... incidentes com ela e o Iain. Ela diz que ele deu em cima dela de modo

agressivo e desagradável. Sally-Ann fez uma reclamação. E ele descartou, rindo.

- Meu Deus, que medonho – ofego. – Então... o que você...?

- Acredito cem por cento em Sally-Ann. – Luke parece totalmente resoluto.

Fico em silêncio. Minha mente voltou ao envelope pardo do escritório de Dave

Sharpness. O dossiê que ele coletou sobre Iain. Todos aqueles casos “abafados”.

Será que devo contar a Luke?

Não. A não ser que seja necessário. Isso provocaria muitas perguntas incomodas, e ele

poderia ficar com raiva ao saber o que eu fiz. De qualquer modo, picotei tudo que havia no

envelope, portanto nem tenho mais provas.

- É – digo lentamente. – Eu acreditaria nela, também. Então... o que Iain disse?

- Nada que eu gostaria de repetir. – O rosto de Luke está tenso. – Ele a acusou de ter

inventado a história para obter promoção. A opinião dele sobre as mulheres é um tanto

execrável.

Franzo a testa, tentando pensar nas semanas anteriores.

- Foi quando você não pode ir á minha aula de pré-natal?

- Aquilo foi o início, sim. – Ele massageia a testa. – Becky, eu não podia contar a você.

Acredite, eu queria, mas sabia como você iria ficar chateada. E Venetia havia acabado de

me dizer que você precisava ficar calma.

Ficar calma. É, esse plano realmente funcionou.

- Então o que aconteceu?

- Sally-Ann foi de um espírito incrivelmente generoso. Disse que não levaria adiante se

fosse transferida para outra conta. Coisa que, obviamente, fizemos. Mas toda a companhia

ficou chateada com isso. – Ele suspira. – Para ser honesto, tem sido difícil trabalhar com o

Arcodas, desde o início.

- Iain é bizarro, não é? – digo, na bucha.

- Não é só ele. – Luke balança a cabeça. – É toda a ética. Todos eles são agressivos. –

Uma sombra passa sobre seu rosto. – E agora... aconteceu de novo.

- Com Sally-Ann?

Luke balança a cabeça.

- Amy Hill, uma das nossas secretárias, foi reduzida às lágrimas por outro sujeito da

equipe de Arcodas. Ele ficou numa fúria violenta, e ela disse que se sentiu fisicamente

ameaçada.

- Está brincando.

- Eles andam na minha empresa como se fossem donos... – Luke solta o ar com força.

Como se tentasse manter o autocontrole. – Convoquei uma reunião e solicitei que o sujeito

do Arcodas pedisse desculpas a Amy.

- E ele pediu?

- Não. – O rosto de Luke se retorce. – Ele quer que ela seja demitida.

- *Demitida?* – Estou estarecida.

- Ele diz que ela é incompetente e que, se fizesse o trabalho direito, ele não precisaria

pegar pesado. Enquanto isso, todos os meus funcionários estão em pé de guerra. Ficam me

escrevendo e-mail de protesto, recusando-se a pôr a mão na conta do Arcodas, ameaçando

se demitir... – Luke passa as mãos pelos cabelos, parecendo totalmente arrasado. – Como

eu disse, é um pesadelo.

Afundo no sofá de Fabia, tentando absorver tudo isso. Não acredito que Luke andou por

ai com todas essas preocupações durante tanto tempo. Sem dizer nada. Tentando me

proteger.

Não tendo um caso afinal de contas.

Percorro com o olhar o rosto virado para o outro lado. Ele ainda poderia estar mentindo,

ocorre-me. Mesmo que o negócio do Arcodas seja verdade. Ele poderia ainda estar se

encontrando com Venetia. *Só está fazendo o jogo para manter você feliz* me passa pela

cabeça pela milésima vez.

- Luke, por favor – digo, num jorro. – Por favor. Diga a verdade de uma vez por todas.

Você anda se encontrando com ela?

- O quê? – Luke se vira para mim, pasmo. – Becky, achei que a gente tinha resolvido

isso...

- Ela disse que você estava representando. – Torço os dedos, arrasada. – Tudo isso

poderia ser só uma trama. Para... para me manter feliz.

Luke se vira para me encarar e segura minhas duas mãos, com força.

- Becky, nós não estamos nos encontrando. Nada está acontecendo. Não sei como posso

dizer isso de modo mais claro.

- Então, por que ela disse que vocês estavam se encontrando?

- Não *sei*. – Luke parece no fim da linha. – Honestamente, não faço idéia do que ela

estava falando. Olha, Becky, você vai ter que confiar em mim. Pode fazer isso?

Há um silêncio. A verdade é que não sei. Não sei se posso confiar mais nele.

- Quero uma xícara de chá – murmuro finalmente e me levanto.

Achei que tudo ficaria melhor depois de falarmos; quando deixássemos tudo às claras.

Mas aqui está, claro como uma exposição num pódio. E eu ainda não sei em que acreditar.

Sem encarar os olhos de Luke, vou até a cozinha e começo a abrir todos os armários de

Fabia, construídos sob medida, procurando o chá. Meu Deus, esta deveria ser minha casa. E

eu deveria *saber* onde está o chá;

- Experimente aquele – diz Luke, enquanto abro um armário cheio de panelas e bato a

porta de novo com força, só que ela não bate porque o armário é caro demais e muito bem

feito. – O do canto.

- Ah, certo. – Abro-o e acho uma caixa de saquinhos de chá. Ponho-os na bancada e me

encosto nela, absolutamente sem energia. Enquanto isso, Luke foi até a gigantesca porta de

vidro nos fundos e está olhando para o jardim, com os ombros rígidos.

Não era assim que eu havia planejado nosso encontro. Nem um pouco.

- O que você vai fazer em relação ao Arcodas? – pergunto finalmente, torcendo o

barbante de um saquinho de chá. – Você não pode demitir a Amy.

- Claro que não vou demitir Amy.

- Então, quais são suas opções?

- Primeira opção: conserto as coisas – diz Luke, sem mover a cabeça. – Agüento o

tranco, sacudo a poeira e dou a volta por cima.

- Até que a coisa aconteça de novo – digo.

- Exato. – Luke se vira, concordando sério com a cabeça. – Segunda opção: convoco uma

reunião com o Arcodas. Digo na bucha que não vou permitir que meus funcionários sejam

intimidados. Consigo um pedido de desculpas para Amy. Faço com que eles sejam

razoáveis.

- E a terceira opção? – Dá para ver que existe uma, pela expressão dele.

- Terceira opção: se eles não cooperarem... – Ele pára por longo tempo. – Nós nos

recusamos a trabalhar para eles. Rescindimos o contrato.

- Isso seria possível?

- Seria possível. – Ele aperta as palmas das mãos contra os olhos e esfrega. – Seria cara

pra caralho. Há uma multa, caso a gente desista no primeiro ano. Além disso, abrimos

escritórios em toda a Europa com base na força desse contrato. Deveria ser nosso admirável

mundo novo. Nossa passagem para as coisas maiores e melhores.

Posso ouvir o pesado desapontamento em sua voz. E, de repente, quero abraçá-lo com

força. Foi tão empolgante quando a Brandon Communications ganhou a conta do Arcodas!

Eles trabalharam duro para isso. Pareceu um tremendo prêmio.

- Então, o que você vai tentar fazer? – pergunto, hesitante.

Luke pegou o antigo quebra-nozes numa mesa lateral. Começa a girar o cabo, com o

rosto sério.

- Ou então posso dizer aos meus funcionários que eles simplesmente têm de agüentar.

Alguns podem ir embora, mas outros vão se submeter. As pessoas precisam dos empregos.

Vão aceitar a merda.

- E terão uma empresa miserável.

- Uma empresa miserável e lucrativa. – Sua voz tem uma tensão da qual não gosto. – Nós

estamos nisso para ganhar dinheiro, lembra?

De repente, o neném me chuta com força por dentro, e eu me encolho. Tudo está tão...

dolorido! Eu. Luke. Toda a situação horrível.

- Você não quer isso.

Luke não move um músculo. Seu rosto está duro como pedra. Qualquer um que olhasse

acharia que ele não havia concordado, que não tinha ouvido ou que não se importava. Mas

eu sabia o que estava em sua cabeça. Ele ama a empresa. Adora quando ela está

prosperando, bem-sucedida e feliz.

- Luke, os funcionários da Brandon Communications... – Dou um passo em direção a ela.

– São sua *família*. Foram leais com você durante todos esses anos. Pense em como você se

sentiria se Amy fosse sua filha. Você iria querer que o patrão dela se posicionasse. Quero

dizer... você é seu próprio chefe! O ponto é que você não *precisa* trabalhar para ninguém.

- Vou falar com eles. – Luke ainda está olhando para baixo. – Vou resolver isso. Talvez a

gente consiga fazer com que tudo dê certo.

De repente, Luke põe o quebra-nozes de volta e levanta os olhos.

- Becky, se eu acabar cancelando o contrato com o Arcodas... não seremos

quaquilionários. Você entende isso.

Sinto uma pontada. Foi bem empolgante quando tudo ia tão bem, e nós íamos conquistar

o mundo e viajar em jatos particulares. E eu estava planejando comprar aquelas incríveis

botas de salto agulha, de mil libras, de Vivienne Westwood.

Tanto faz. Há uma versão de cinqüenta libras na Topshop. Fico com ela.

- Talvez não agora. – Levanto o queixo, em desafio. – Mas seremos, quando você fizer

seu próximo grande contrato. E enquanto isso... – Olho a fabulosa cozinha de grife ao

redor. – Estamos indo muito bem. Podemos comprar uma ilha em outro ano. – Penso por

um momento. – Na verdade, as ilhas estão completamente fora de moda. Nós não íamos

querer uma.

Luke me encara por um momento, depois dá um riso fungado.

- Sabe de uma coisa, Becky Bloom? Você vai ser uma tremenda mãe.

- Ah! – Fico vermelha, tomada totalmente de surpresa. – Verdade? No bom sentido?

Luke atravessa a cozinha e pousa as mãos gentilmente na minha barriga.

- Esta pessoazinha tem muita sorte – murmura ele.

- Só que não sei nenhuma cantiga de ninar – digo, meio triste. – Não poderei fazer o

neném dormir.

- As cantigas de ninar são superestimadas demais – reage Luke, cheio de confiança. – Eu

lerei para ele matérias do *Financial Times*. Isso vai fazer com que ele apague.

Nós dois olhamos por um tempo para minha barriga enorme. Ainda não consigo aceitar

direito que haja um neném dentro do meu corpo. Um neném que tem de sair... de algum

modo.

Certo, então vamos entrar nisso. Ainda há tempo para inventarem alguma coisa.

Depois de um tempo, Luke levanta a cabeça. Tem uma expressão estranha, ilegível no

rosto.

- Então... diga, Becky – diz ele, em tom leve. – É Armagedon ou Pomodora?

- O quê? – Olho para ele, confusa.

- Hoje cedo, quando cheguei em casa e estava tentando descobrir para onde você havia

ido, revirei suas gavetas tentando descobrir alguma pista... – Ele hesita. – E encontrei o Kit

de Previsão de Sexo. Você descobriu, não foi?

Meu coração dá uma cambalhota gigantesca. Merda. Eu devia ter jogado o teste fora.

Sou tão *idiota!*

Luke está sorrindo, mas posso ver um traço de dor em seus olhos. E, de repente, me sinto

terrível. Não sei como pude planejar que deixaria Luke de fora de um momento tão

importante. Nem sei mais direito por que estava desesperada para descobrir o sexo. Quem

se importa?

Ponho minha mão na dele e aperto.

- Na verdade, Luke, eu não fiz o teste. Não fiz.

A expressão pensativa de Luke não muda.

- Qual é, Becky! Abre o jogo. Se só um de nós vai ficar surpreso, não parece haver muito

sentido em esperar.

- Eu não fiz o teste! – insisto. – Honestamente! Demoraria demais, e era preciso tomar

uma injeção...

Ele não acredita. Dá para ver na cara. Nós vamos estar na sala de parto, e eles vão dizer:

“É um menino!” ou sei lá o quê – e ele vai pensar: “Becky já sabia.”

Um nó sobe de repente na minha garganta. Não quero que seja assim. Quero que a gente

descubra ao mesmo tempo.

- Luke, eu *não* fiquei sabendo – digo, em desespero, com lágrimas ardendo nos olhos. –

Eu realmente, honestamente, não fiz o teste! Eu não mentiria. Você tem de acreditar. Vai

ser uma surpresa incrível... maravilhosa. Para *nós dois*.

Estou olhando para ele, todo o corpo tenso, as mãos apertando a saia. Os olhos de Luke

examinam meu rosto.

- Certo. – Sua testa relaxa finalmente. – Certo. Acredito em você.

- E eu também acredito em você. – As palavras saem da minha boca sem aviso.

Mas, agora que digo, percebo que são verdadeiras. Eu poderia exigir mais provas de que

Luke não está se encontrando com Venetia. Poderia mandar segui-lo de novo. Poderia ser

totalmente paranóica e sofredora para sempre.

No fim, a gente precisa escolher se confia ou não em alguém. E eu escolho. Escolho.

Depois de um tempo, me afasto de Luke. Respiro fundo, tentando me recompor, e tomo

umas duas xícaras de chá. Depois me viro para ele.

- Luke, por que Venetia disse que vocês estavam tendo um caso, se não estavam?

- Não faço idéia. – Luke parece confuso. – Você tem *certeza* absoluta que foi isso que ela

quis dizer? Você não pode ter interpretado mal o que ela estava dizendo?

- Não! – retruco, irritada. – Não sou tão idiota assim! Foi totalmente óbvio o que ela quis

dizer. – Rasgo um pedaço de toalha de papel de Fabia e assôo o nariz. – E, só para você

saber, *não* vou fazer o parto com ela. Nem vamos a nenhum dos chás idiotas dela.

- Ótimo. – Luke assente. – Tenho certeza que podemos voltar ao Sr. Braine. Sabe, ele me

mandou alguns e-mails, só para saber como você está.

- Verdade? Que doçura da parte dele...

A campainha toca, e eu levo um susto. São eles. Quase havia me esquecido.

- Quem é? – pergunta Luke.

- É a *Vogue*! – respondo, agitada. – Todo o motivo para eu estar aqui! Para a sessão de

fotos!

Vou rapidamente para o corredor – e, quando vejo meu reflexo no espelho, sinto uma

pontada de consternação. Meu rosto está cheio de manchas; os olhos, injetados e inchados;

o sorriso, tenso. Não me lembro dos caminhos dentro da casa. Esqueci totalmente minhas

falas deliciosas. Nem consigo lembrar de onde são minhas *calcinhas*. Não posso fazer

isso.

A campainha toca de novo. Duas vezes.

- Você não vai atender? – Luke me acompanhou até o corredor.

- Vou ter de cancelar! – Viro para ele, tristonha. – Olhe para mim. Estou um horror! Não

posso sair assim na *Vogue*!

- Você vai ficar maravilhosa – responde ele, com firmeza, e vai até a porta da frente.

- Eles acham que a casa é nossa! – sibilo para ele, em pânico. – Eu disse que a gente

morava aqui.

Luke me lança um olhar do tipo “quem você acha que eu sou?”, olha por cima do ombro

e abre a porta.

- Olá! – diz ele, em seu tom mais confiante de chefe de uma empresa enorme e

importantíssima. – Bem-vindos à nossa casa.

Os maquiadores deveriam receber o prêmio Nobel por ajudar na felicidade humana. Assim

como os cabeleireiros.

E Luke também.

Passaram-se três horas, e a sessão acontece brilhantemente. Luke encantou todo o

peçoal da *Vogue* assim que eles chegaram, e foi totalmente convincente enquanto mostrava

a casa. Eles acham que a gente realmente mora aqui.

Estou me sentindo um pessoa diferente. Certamente *pareço* uma pessoa diferente. As

manchas na cara foram cobertas, e a maquiadora foi realmente um doce quanto a isso.

Falou que tinha visto coisas muito piores e que pelo menos eu não estava entupida de

cocaína. Nem havia atrasado seis horas. E pelo menos não tinha trazido nenhum cachorro

idiota que ficava latindo o tempo todo. (Tenha a impressão de que ela não gosta muito das

modelos.)

Meu cabelo parece totalmente fabuloso e brilhante, e trouxeram as roupas mais incríveis

para eu usar, tudo num trailer que estacionaram do lado de fora. E agora estou parada na

escadaria ampla, com um vestido Missoni, sorrindo enquanto a câmera clica, sentindo-me

como Claudia Schiffer ou alguém assim.

E Luke está na base da escada, sorrindo encorajadamente para mim. Esteve ali o tempo

todo. Cancelou todo o resto das reuniões da manhã e participou da entrevista e tudo. Disse

que ter um neném colocava as coisas em perspectiva e que achava que a paternidade iria

mudá-lo como pessoa. Disse que me achava mais linda agora do que nunca (o que é uma

mentira completa, mas mesmo assim). Disse...

Pois é, disse um monte de coisas. *E* sabia quem pintou o quadro que estava sobre a

lareira da sala de estar, quando perguntaram. Ele é brilhante!

- Vamos para fora agora? – O fotógrafo olha interrogativamente para Martha.

- Boa idéia. – Ela assente, e eu desço a escada, segurando com cuidado o vestido.

- Que tal se eu usasse o vestido Oscar de la Renta?

A estilista trouxe o vestido de noite roxo mais incrível, com uma capa, aparentemente

feito para alguma estrela de cinema grávida usar numa estréia, mas ela nunca usou.

Simplesmente *preciso* experimentá-lo

- É, vai ficar espetacular com o fundo de grama. – Martha volta para os fundos do

corredor e franze os olhos através da porta de vidro. – Que jardim incrível! Vocês mesmos

fizeram o paisagismo?

- Sem dúvida! – Olho para Luke.

- Contratamos uma empresa de jardinagem, obviamente- diz ele – mas, o conceito foi

todo nosso.

- Isso mesmo – assinto. – Nossa inspiração foi meio que um casamento de Zen... com...

estrutura urbana...

- O posicionamento das árvores foi crucial para o projeto – acrescenta Luke. – Nós a

mudamos de lugar pelo menos três vezes.

- Uau. – Martha assente com inteligência e rabisca em seu caderno.
- Vocês são mesmo

perfeccionistas!

- Nós nos importamos com o design – diz Luke, sério. Em seguida, pisca rapidamente

para mim, e eu tento não rir.

- Então vocês devem estar ansiosos para ver o bebê ali no gramado.
- Ela ergue os olhos

com um sorriso. – Aprendendo a engatinhar... a andar...

- É. – Luke pega a minha mão. – Certamente.

Estou para acrescentar alguma coisa – mas de repente minha barriga se enrijece, como se

alguém a tivesse apertado com as duas mãos. Isso vem acontecendo há um tempo, agora

que penso – mas desta vez foi um bocado mais forte.

- Aaah – digo, antes que posso me conter.

- O que foi? – Luke parece alerta.

- Nada – respondo depressa. – Então, devo colocar a capa?

- Vamos retocar a maquiagem – diz Martha. – E vamos distribuir os sanduíches?

Vou pelo corredor, chego à porta da frente e paro. Minha barriga se enrijeceu de novo. É

inconfundível.

- O que é? – Luke está me olhando. – Becky, o que está acontecendo?

Tudo bem. Não entre em pânico.

- Luke – digo o mais calmamente que posso. – Acho que estou em trabalho de parto. Já

está acontecendo há um tempo.

Minha barriga se enrijece de novo, e começo a ofegar com respirações curtas,

exatamente como fizemos na aula de pré-natal. Meu Deus, é incrível como estou

enfrentando isso instintivamente.

- Há um *tempo*? – Luke vem até mim, parecendo alarmado. – Quanto tempo,

exatamente?

Penso na primeira vez em que percebi as sensações.

- Umas cinco horas? O que significa que provavelmente estou com dilatação de... cinco

centímetros, talvez?

- Dilatação de cinco centímetros? – Luke me encara. – O que isso significa?

- Significa que estou na metade do caminho. – Minha voz treme subitamente de

empolgação. – Significa que vamos ter um neném!

- Jesus Cristo. – Luke pega rapidamente o celular e digita nele. –
Alô? Serviço de

ambulância, por favor. Depressa!

Enquanto ele dá o endereço, sinto-me subitamente tremula nos joelhos. Isso só deveria

acontecer lá pelo dia 19. Achei que ainda tinha três semanas.

- O que está acontecendo? – pergunta Martha, levantando os olhos de suas anotações. –

Vamos fazer as fotos no jardim agora?

- Becky está em trabalho de parto – diz Luke, fechando o telefone. –
Acho que temos de

ir.

- Em *trabalho de parto*? – Martha larga o caderno e a caneta e se abaixa para pega-los. –

Ah, meu Deus! Mas ainda não está na hora, não é?

- Só deveria ser daqui a três semanas – diz Luke. – Deve estar adiantado.

- Você está bem, Becky? – Martha me observa. – Precisa de algum remédio?

- Estou usando métodos naturais – respiro, segurando meu colar. –
Esta é uma antiga

pedra de parto maori.

- Uau! – diz Martha, escrevendo. – Pode soletrar maori?

Minha barriga se retesa de novo, e eu seguro a pedra com mais força. Apesar da dor, não

consigo evitar uma sensação empolgada. Está certo, o parto é uma experiência incrível.

Sinto que todo o meu corpo trabalha em harmonia, como se estivesse destinado a fazer isso

desde sempre.

- Você preparou uma bolsa? – pergunta Martha, me olhando alarmada. – Você não

deveria ter uma bolsa?

- Tenho uma mala – digo, ofegante.

- Certo – diz Luke, guardando o telefone. – Vamos pegar. Depressa. Onde está? E suas

anotações para o hospital.

- Está... – paro. Está tudo em casa. Na nossa casa de verdade. – É... está no quarto. Perto

da penteadeira. – Olho para ele num ligeiro desespero. Os olhos de Luke saltam com

compreensão súbita.

- Claro – diz ele. – Bem... tenho certeza que podemos fazer uma parada, se precisarmos.

- Vou dar uma paradinha e pegar para você – diz Martha, solícita. – De que lado da

penteadeira?

- Não! quero dizer... é... na verdade, está ali! – Aponto para uma bolsa Mulberry que vi

subitamente no armário do corredor. – Esqueci, deixei ali para estar pronta.

- Certo. – Luke pega a sacola no armário, com algum esforço, e uma bola de tênis cai de

dentro.

- Por que você vai levar bolas de tênis para o hospital? – pergunta Martha, perplexa.

- Para... é... massagem. Ah, meu Deus... – Aperto mais a pedra maori e respiro fundo.

- Você está bem, Becky? – pergunta Luke, ansioso. – Parece que isso está piorando. –

Ele olha o relógio. – Cadê a porcaria dessa ambulância?

- Estão ficando mais fortes – consigo assentir através da dor. – Acho que já devo estar

com uns seis ou sete centímetros de dilatação.

- Ei, a ambulância chegou. – O fotógrafo enfia a cabeça pela porta da frente. – Está

parando.

- Vamos indo. – Luke estende o braço para mim. – Consegue andar?

- Acho que sim. Só um pouco.

Sáímos pela porta e paramos no degrau de cima. A ambulância está bloqueando toda a

rua, com a luz azul piscando e girando. Posso ver algumas pessoas olhando, do outro lado

da rua.

É isso. Quando eu sair do hospital... estarei com um neném!

- Boa sorte! – grita Martha. – Espero que tudo corra bem!

- Becky, eu te amo. – Luke aperta meu braço com força. – Estou tão orgulhoso de você!

Você está se saindo incrivelmente bem. Está tão calma, tão tranqüila...

- A sensação é totalmente natural – digo, com uma espécie de espanto humilde, como

Patrick Swayze dizendo a Demi Moore como é o céu, no fim de *Ghost*. – É doloroso... mas

lindo também.

Dois paramédicos saem pelas portas de trás da ambulância e vêm na minha direção.

- Pronta? – Luke me olha.

- Ahã. – Respiro fundo e começo a descer a escada. – Vamos lá.

DEZ

E OITO

T

Ai. Não acredito. Eu não estava em trabalho de parto, afinal. Não tenho um neném nem

nada.

Não faz nenhum sentido; na verdade, ainda acho que eles podem ter errado. Tive todos

os sintomas! As contrações regulares e a dor nas costas (bem, uma sensação ligeiramente

dolorosa), como diz no livro. Mas eles só me mandaram para casa e disseram que eu não

estava em trabalho de parto, em pré-trabalho de parto nem nada que ao menos se

aproximasse do parto. Disseram que não eram as verdadeiras dores do parto.

Foi tudo meio embaraçoso. Em especial quando pedia a epidural, e eles gargalharam.

Não precisavam ter gargalhado. Nem telefonar para os amigos e contar. Eu *ouvi* aquela

enfermeira obstetra, mesmo que ela estivesse sussurrando.

Isso também me fez repensar toda a história de dar á luz. Quer dizer, se não foi o negócio

de verdade... como, diabos, é o negócio de verdade? De modo que, depois de voltarmos do

hospital, tive uma conversa longa e franca com Luke. Disse que havia pensado bem e

chegado á conclusão de que eu não poderia fazer o parto, e que teríamos de arranjar outra

solução.

Ele foi realmente um doce e *não disse* simplesmente: “Querida, você vai ficar ótima”

(como aquele serviço de aconselhamento idiota). Disse que eu deveria me candidatar a

todas as formas de alívio da dor que pudesse, independentemente do custo. Por isso

contratarei um reflexologista, uma massagista que trabalha com pedras quentes, uma

aromaterapeuta, um acupunturista, um homeopata e uma doula. Além disso, passei a

telefonar para o hospital todo dia, só para garantir que os anestesistas não ficaram todos

doentes, não estão presos num armário nem nada parecido.

E joguei fora aquela pedra idiota de parto. Sempre achei que era besteira.

Passou-se uma semana – e nada aconteceu desde então, a não ser que estou maior e mais

bamboleante que nunca. Fomos nos consultar com o Sr. Braine ontem, ele disse que tudo

parecia bem e que o bebê estava na posição correta, o que era uma boa notícia. É. Boa

notícia para o neném, talvez. Não para mim. Praticamente não consigo mais andar nem

dormir. Ontem à noite acordei às três da madrugada e me sentia tão desconfortável que nem

consegui ficar deitada na cama, por isso fui assistir a um programa na TV a cabo chamado

Partos na vida real: quando o trauma acontece.

O que talvez tenha sido um erro, pensando bem. Mas, felizmente, Luke também estava

acordado e fez uma xícara de chocolate quente para me acalmar, e disse que era improvável

que a gente ficasse preso numa tempestade de neve com gêmeos quase nascendo e sem

nenhum médico num raio de quilômetros. E que, pelo menos, saberíamos o que fazer, se isso

acontecesse.

Luke também não está dormindo bem, e é tudo por causa da situação do Arcodas. Ele

tem falado com os advogados todos os dias e consultando seus funcionários, e vem

tentando interminavelmente marcar uma reunião com a diretoria do Arcodas para decidir

tudo. Mas Iain cancelou duas vezes sem avisar – e depois viajou e desapareceu. De modo

que nada está resolvido e, quanto mais isso demora, mais tenso o Luke fica. É como se nós

dois estivéssemos com uma bomba-relógio, só... *esperando*.

Nunca fui boa em esperar. Bebês, telefonemas, liquidações ou... qualquer coisa.

A única coisa positiva agora é que Luke e eu estamos cerca de um milhão de vezes mais

próximos do que estávamos há meses. Falamos de tudo na semana que passou. Sua

empresa, planos para o futuro... numa noite, até pegamos todas as fotos da lua-de-mel e

olhamos de novo.

Falamos de tudo... menos de Venetia.

Eu tentei. Durante o jantar, depois de termos voltado do hospital naquele dia, tentei dizer

como ela realmente foi. Mas Luke simplesmente ficou incrédulo. Disse que ainda não

acreditava que Venetia havia dito que os dois tinham um caso. Disse que eram apenas

velhos amigos – e que talvez eu tivesse cometido um erro ou interpretado mal o que ela

quis dizer.

O que me deu vontade de jogar meu prato na parede e gritar: “Até que ponto você acha

que sou idiota?” Mas... não fiz isso. A coisa teria virado uma briga enorme, e eu realmente

não queria arruinar a noite.

E desde então não puxei o assunto. Luke está tão atormentado que não consigo fazer

isso. Como ele disse, nunca mais precisamos ver Venetia, se não quisermos. Ele cancelou o

trabalho de RP com ela, o Sr. Braine me aceitou como cliente de novo e Luke prometeu que

não fará nenhum plano de se encontrar com ela. Para ele, é um breve capítulo de nossa vida

que se encerrou.

Só que... eu não consigo encerrar. Lá no fundo, continuo obcecada. Eu *não* me

equivoquei. Ela *disse* que estava tendo um caso com o Luke. Quase arruinou nosso

casamento – e agora simplesmente está numa boa.

Se eu pudesse simplesmente vê-la... se eu pudesse lhe dizer o que acho dela...

- Bex, você está trincando os dentes de novo – diz Suze, com paciência. – Pára com isso.

– Ela chegou há meia hora, carregada de presentes de Natal feitos em casa, da feira escolar

de Ernie. Agora traz um xícara de chá de framboesa e um biscoito de Papai Noel com

cobertura de açúcar e coloca sobre a bancada. – Você tem de parar de se estressar com

Venetia. Não é bom para o neném.

- Para você está tudo certo! Você não sabe como ela é. Ninguém obrigou você a usar

meias horrendas e disse que você não tem mais um casamento e que seu marido a estava

abandonando...

- Olha, Bex. – Suze suspira. – Independentemente do que Venetia disse... quer ela tenha

dito ou não...

- Ela disse! – Levanto os olhos indignada. – Foi isso que ela disse, palavra por palavra!

Você também não acredita?

- Claro que acredito! – diz Suze, recuando. – Claro. Mas, sabe, quando a gente está

grávida, as coisas podem parecer piores do que são na realidade. A gente pode exagerar na

reação...

- Não estou exagerando na reação! Ela tentou roubar meu marido! O que é, você acha

que estou delirando? Acha que inventei tudo?

- Não! – diz Suze rapidamente. – Olha, desculpa. Talvez ela tenha dado em cima dele.

Mas não conseguiu, não é?

- Bem... não.

- Então dixei para lá. Você vai ter um neném, Bex. *Isso* é que é importante, não é?

Suze parece tão ansiosa que não consigo lhe contar minha fantasia secreta de invadir o

Centro Holístico de Maternidade sem me anunciar e contar a todo mundo exatamente a

destruidora de lares, a falsa, que Venetia Carter é na realidade.

Então quero ver como ela ia parecer holística.

- Certo – digo finalmente. – Vou deixar para lá.

- Bom. – Suze dá um tapinha no meu braço. – Então, a que horas temos que sair?

Vou voltar à The Look hoje, mesmo que agora esteja oficialmente de licença-

maternidade – porque vão abrir a lista de espera para a nova linha Danny Kovitz. Danny vai

estar lá a partir do meio-dia, assinando camisetas para as pessoas que se inscreverem, e a

loja já recebeu centenas de pedidos de informações.

A coisa toda subitamente virou uma novidade gigantesca – ajudada pelo fato de que um

dia desses Danny foi fotografado num amasso com o novo ator de *Coronation Street*. De

repente, todos os jornais publicaram a história, e recebemos um monte de publicidade.

Danny apareceu até no *Morning Coffee* hoje cedo, para avaliar a moda de primavera (disse

que todas as roupas eram medonhas, o que eles adoraram), e mandou todo mundo ir à The

Look.

Rá! E a idéia de trazê-lo foi minha.

- Vamos daqui a uns minutinhos – digo, olhando para o relógio. – Não há pressa. Eles

não podem me demitir pelo atraso, podem?

- Acho que não. – Suze volta á pia, passa por nosso carrinho Guerreiro novo em folha,

que está no canto, ainda na embalagem. Não havia espaço para ele no quarto do neném, e o

corredor está atulhado com um Bugaboo (estava em oferta especial), além de um de três

rodas, maneiro, que tem cadeirinha para carro integrada. – Bex, quantos carrinhos você

encomendou?

- Alguns – digo vagamente.

- Mas onde você vai deixar todos eles?

- Tudo bem – garanto. – Vou arrumar um quarto especial para eles na casa nova. Vou

chamá-lo de Quarto dos Carrinhos.

- Um Quarto de Carrinhos? – Suze me encara. – Você vai ter um Quarto de Sapatos e

um Quarto de Carrinhos?

- Por que não? As pessoas não têm quartos suficientes. Talvez eu tenha um Quarto de

Bolsas, também. Um pequenino... – Tomo um gole de chá de folhas de framboesa, que,

segundo Suze, ajuda a acelerar o trabalho de parto, e me encolho por causa do gosto

repulsivo.

- Epa, o que foi isso? – pergunta Suze, alerta. – Sentiu uma pontada?

Honestamente. É a terceira vez que ela pergunta sobre pontadas desde que chegou hoje

cedo.

- Suze, ainda faltam duas semanas – lembro.

- Isso não quer dizer nada! Essas datas são uma conspiração dos médicos. – Ela me

examina atentamente. – Você sente vontade de varrer o chão ou limpar a geladeira?

- A geladeira está limpa! – respondo, meio ofendida.

- Não, idiota! É o instinto do ninho. Quando os gêmeos estavam para nascer, eu peguei

subitamente a mania de passar as camisas do Tarkie. E Lulu sempre começa a passar

aspirador de pó na casa inteira.

- Aspirador? – Olho para ela, em dúvida. Não me imagino com uma ânsia de passar

aspirador.

- Sério! Um monte de mulheres lava o chão... – Suze pára quando a campainha toca e

pega o interfone. – Alô, residência dos Brandon! – Ela ouve por um momento, depois

aperta o botão de entrada. – É uma entrega. Você está esperando alguma coisa?

- Aaah, estou! – pouso minha xícara. – Devem ser minhas coisas do Natal.

- Presentes? – Suze se ilumina. – Tem um para mim?

- Não são presentes. Decorações lindas. Foi esquisito demais. Ontem eu tive um ânsia

repentina, tipo *precisava* resolver todo o Natal antes do nascimento do neném. Por isso

encomendei anjos novos para a árvore, uma vela do advento e um presépio lindíssimo... –

Mordo um pedaço de biscoito e mastigo. – Planejei tudo para a casa nova. Teremos uma

árvore de Natal gigantesca no hall, e guirlandas em toda parte, e biscoitos de gengibre em

forma de homenzinhos que podemos pendurar em fitas vermelhas...

A campainha toca, e vou até a porta. Abro-a e vejo dois homens segurando enormes

caixas de papelão, além de um pacote gigantesco que devem ser as estatuas em tamanho

real de Maria e José.

- Minha nossa! – diz Suze, olhando aquilo. – Você vai precisar de um Quarto de Enfeites

de Natal, também.

Ei, não é uma má idéia.

- Oi! – Sorrio para os homens. – Deixem isso em qualquer lugar. Muito obrigada... –

Rabisco a assinatura e me viro para Suze enquanto os caras saem de novo. – Preciso lhe

mostrar as meias de Natal do neném...

Paro. Suze está olhando de mim para as caixas, e de novo para mim, com uma expressão

estranha e animada.

- O que é?

- Bex, é isso – diz ela. – Você está arrumando o ninho!

Encaro-a.

- Mas eu não limpei nada.

- Cada mulher é diferente! Talvez você não limpe, e sim encomende coisas de catálogos!

Foi tipo... um desejo súbito e realmente forte, contra o qual você não consegue lutar?

- Foi! – Não posso evitar um som ofegante, de reconhecimento. –
Exato! O catalogo

passou pela porta... e eu simplesmente *precisava* encomendar as
coisas. Não pude evitar!

- Aí está! – diz Suze, satisfeita. – Tudo faz parte do grande plano da
natureza.

- Uau! – grito. Faço parte do grande plano da natureza.

- E você realmente não sente vontade de limpar nada? – acrescenta
Suze curiosamente. –

Nem de ajeitar?

- Não – respondo definitivamente. – Absolutamente nenhuma.

- É isso aí. – Suze balança a cabeça, maravilhada. – Cada gravidez é
diferente.

Um novo pensamento me vem de súbito.

- Ei, Suze, se estou arrumando o ninho, talvez tenha o neném logo!
Tipo esta tarde!

- Não pode! – diz Suze, consternada. – Não antes do chá! – Ela
aperta a boca com a mão

imediatamente.

Chá? Ela quer dizer... um chá-de-bebê?

- Você vai me dar um chá-de-bebê? – Não consigo evitar um sorriso
de empolgação.

- Não! – responde Suze imediatamente. – Eu... não é... não era... eu
não vou...

Seu rosto ficou vermelho vivo, e ela está enrolando um perna a outra. Suze é uma

péssima mentirosa.

- Vai, sim!

- Bem, está certo – diz ela num jorro. – Mas é *surpresa*. Não vou lhe contar quando é.

- É hoje? – pergunto imediatamente. – Aposto que é hoje!

- Não vou contar! – responde ela, toda agitada. – Pára de falar nisso. Finja que eu não

disse nada. Anda, vamos.

Pegamos um táxi até a The Look - , e quando nos aproximamos, não acredito nos meus

olhos. Isso é melhor do que eu poderia ter esperado, mesmo em um milhão de anos.

Há filas de pessoas virando o quarteirão, pelo que dá para ver. Devem ser centenas de

pessoas, na maioria garotas de roupas coloridas, batendo papo em grupos ou em celulares.

Todo mundo está segurando um balão de gás onde está escrito “The Look – Danny

Kovitz”, e há música tocando nos alto-falantes, e uma das garotas do RP está distribuindo

garrafas de Diet Coke e pirulitos “Danny Kovitz”.

Toda a atmosfera é de festa. Uma equipe de TV do *London Tonight* está filmando a cena,

e um apresentador de rádio entrevista a primeira garota da fila, e quando saio, vejo uma

mulher se apresentando a uma garota jovem e alta como caçadora de talentos da Models

One.

- Isso é *incrível!* – ofega Suze ao meu lado.

- Eu sei! – Estou tentando parecer tranqüila, mas um riso gigantesco se espalha no meu

rosto. – Anda, vamos entrar!

Lutamos para chegar ao começo da fila, e mostro meu passe de segurança. Quando ele

abre a porta para nos deixar entrar, posso sentir a pressão das garotas empurrando.

- Você viu aquela mulher? – Ouço vozes furiosas atrás, reclamando.
– Ela simplesmente

entrou! Por que ela acha que pode furar fila, só por que está grávida?

Epa, talvez a gente devesse ter entrado por uma porta lateral.

Lá dentro, há um outra fila de garotas empolgadas, batendo papo. Ela serpenteia pelo

departamento de Acessórios, passa por telas enormes mostrando a coleção de Danny e vai

até uma mesa espelhada, *art déco*, atrás da qual Danny está sentado numa gigantesca

cadeira tipo trono. Acima dele um estandarte diz EXCLUSIVO – CONHEÇA DANNY

KOVITZ! E, na frente dele, três adolescentes com casacos militares idênticos e rabos-de-

cavalo estão olhando para ele boquiabertas, num espanto completo, enquanto ele assina

camisetas brancas e lisas para elas. Danny me vê e pisca.

- Obrigada – murmuro de volta, e lhe mando um beijo. Ele é um astro total, cem por

cento.

Além disso, eu sabia que ele iria *adorar* tudo isso.

A uma pequena distancia da mesa, Eric está sendo entrevistado por outra equipe de TV,

e, quando me aproximo, ouço-o falando.

- Eu sempre senti com muita força que a The Look deveria pensar em iniciativas de

design em conjunto... – está dizendo em tom importante. De repente me nota olhando. Ele

pára, ruborizado ligeiramente, e pigarreja. –Deixe-me apresentar Rebecca Brandon, nossa

chefe de Compras Pessoais, que deu origem á idéia.

- Oi! – Vou até a câmera com um grande sorriso de confiança. – Eric e eu trabalhamos

em equipe neste projeto, que acho que anuncia um novo dia para a The Look. E todas

aquelas pessoas que riam de nós podem *engolir suas palavras*.

Dou mais algumas declarações para o entrevistador, peço licença e deixo Eric com ele.

Para mim perplexidade, acabo de ver Jess parada sem graça perto dos óculos escuros,

sozinha, vestindo jeans e uma parca. Eu lhe falei sobre o lançamento de hoje – mas não

sabia que ela viria.

- Jess! – chamo quando chego perto. – Você veio!

- Isso é incrível, Becky. – Jess está olhando a multidão ao redor. – Parabéns.

- Obrigada! – Sorrio. – Não é fantástico? Você viu todas as equipes de TV?

- Havia um cara do *Times* lá fora – diz Jess, assentindo. – E o *Standard*. A cobertura de mídia vai ser enorme. – Ela dá um sorrisinho. – Becky Brandon ataca novamente.

- E aí, como vão as coisas? Como estão os preparativos para o Chile?

- Ah, bem. – Jess dá um suspiro.

O negócio com Jess é que pode ser meio difícil dizer qual é o humor dela. (Esse é só o

seu jeito, não estou sendo má nem nada.) Mas, quando olho, agora, acho que ela está

genuinamente arrasada.

- Jess, o que há? – Ponho a mão em seu braço. – As coisas não vão bem.

- Não. Não vão. – Ela levanta os olhos e, para meu horror vejo que seus olhos estão

brilhando, trêmulos. – Tom desapareceu.

- *Desapareceu?* – Pergunto, pasma.

- Eu não ia dizer nada. Não queria preocupar você. Mas ninguém o vê a dias. Acho que

está de baixo astral.

- Por causa de sua ida?

Ela confirma com a cabeça, e sinto um pontada de raiva de Tom. Por que ele tem de ser

um chato tão obcecado consigo mesmo?

- Ele mandou uma mensagem de texto para os pais, dizendo que está em segurança. Pode

estar em qualquer lugar e Janice me culpa, claro.

- Não é sua culpa! Ele não passa de um... – E paro.

- *Você* tem alguma idéia de onde ele pode estar, Becky? – Sua testa está toda franzida. –

Você o conhece a vida inteira.

Dou de ombros, sem saber. Conhecendo Tom, ele pode ter feito qualquer coisa. Pode ter

ido ao ateliê de tatuagem e pedido uma tatuagem “Jess, não vá embora” nos órgãos

genitais.

- Olha, ele vai aparecer – digo finalmente. – Ele não é completamente idiota.

Provavelmente foi encher a cara em algum lugar.

- Ei, Becky. – Levanto a cabeça e vejo Jasmine vindo até nós, segurando uma braçada de

echarpes e chapéus, as bochechas vermelhas do esforço.

- Ei, Jasmine! Não é incrível? Como estão as coisas lá em cima?

- Um tumulto só. – Ela revira os olhos. – Clientes em toda parte. Graças a Deus temos o

peçoal extra.

- Não é chique? – Sorrio, mas Jasmine dá um muxoso sem entusiasmo.

- Eu preferia como estava. Todas vamos ter de ficar até tarde hoje, sabe? Não tive um

momento de sossego.

- Desse jeito, talvez a loja não vá á falência – ressaltou, mas Jasmine não parece

impressionada.

- Pois é. – De repente, seu rosto salta em choque. Por um instante, ela fica sem fala. –

Becky... você fez a sobrancelhas?

Eu já estava imaginando quando ela ia notar.

- Ah – respondo casualmente. – É, fiz. Ficou bom, não foi? – Aliso uma com um dedo.

- Onde você fez? Pergunta ela.

- Infelizmente não posso dizer – respondo, em tom lamentoso. – É meio segredo.

Desculpe.

O queixo de Jasmine está estendido, em fúria.

- Diga onde você fez?

- Não!

- Jasmine! – Há uma garota chamando da escada rolante. – Você pegou aquelas echarpes

para a cliente?

- Você descobriu onde eu faço, não foi? – pergunta ela, com ódio. – Deve ter me

espionado.

- Como eu poderia ter feito isso? – respondo, inocente, olhando meu reflexo num espelho

próximo. Minha sobrancelhas estão *de fato* espetaculares, mesmo sendo eu que diga. É uma

indiana em Crouch End que faz. Você vai á casa dela, e ela ajeita, arranca, e a coisa toda

demora uma eternidade. Mas vale a pena.

- Jasmine! – a garota chama mais alto.

- Preciso ir! – Jasmine me lança um último olhar maligno.

- Então tchau – digo, animada. – Vou trazer o neném para vocês verem.

Jess esteve acompanhando toda a conversa, parecendo absolutamente perplexa.

- Que negócio é esse se sobrancelhas? – pergunta enquanto Jasmine se afasta, irritada.

Examino as sobrancelhas de Jess. São castanhas, peludas, e é óbvio que nenhuma pinça,

escova ou pincel de sobrancelhas jamais esteve perto delas.

- Um dia eu lhe mostro – digo enquanto meu telefone começa a tocar. Pego-o e abro. –

Alô?

- Oi – diz a voz de Luke em meu ouvido. – Sou eu. Soube que o lançamento é um

sucesso gigantesco. Saiu no noticiário. Parabéns, querida!

- Obrigada! É bem incrível... – Dou alguns passos para longe de Jess e me viro atrás de

um mostruário de lenços de chiffon com contas. – E então, quais são as últimas? –

acrescento, em Voz baixa.

- Tivemos a reunião. Acabo de sair dela.

- Ah, meu Deus. – Aperto o telefone com mais força. – E como foi?

- Não poderia ter sido pior.

- Tão bom assim, é? – tento brincar. Mas meu coração se encolheu. Eu esperava tanto

que Luke pudesse salvar a situação!

- Não creio que alguém jamais tenha enfrentado o Iain antes. Ele não gostou. Meu Deus,

eles são um punhado de bandidos desagradáveis. – Posso escutar a raiva na voz do Luke. –

Acham que são donos do mundo.

- Eles são praticamente donos do mundo – desabafo.

- Não são donos de mim. – Luke parece decidido. – Nem da minha empresa.

- Então, o que vai fazer?

- Vou falar com todos os funcionários esta tarde. – Ele pára, e eu o visualizo á sua mesa,

em mangas de camisa, puxando a gravata para afrouxá-la. – Mas parece que vamos ter de

rescindir o contrato. Não há como trabalhar com esse pessoal.

Então é isso. Todo o sonho do contrato com o Arcodas para conquistar o mundo

terminou. Todas as esperanças e os planos de Luke foram arruinados. Sinto uma fúria

crescente, avassaladora, contra Iain Wheeler. Como ele ousa tratar tão mal as pessoas e

simplesmente se dar bem? Ele precisa de alguém que o denuncie.

- Luke, preciso desligar – digo, com uma decisão súbita. – Vejo você mais tarde. À noite

conversamos sobre isso.

Desligo. Em seguida, procuro rapidamente nos números de telefone e digito. Depois de

quatro toques, há uma resposta.

- Dave Sharpness.

- Ah, oi, Sr. Sharpness – digo. – Aqui é Becky Brandon.

- Sra. Brandon! – Sua voz rouca de eleva. – Que prazer falar com a senhora de novo!

Espero que esteja bem!

- É... bem, obrigada. – Duas garotas passam, e eu me esgueiro até um lugar vazio atrás de

um mostruário de perucas.

- Há outro assunto em que podemos ajudá-la? – está perguntando Dave Sharpness. – A

senhora gostará de saber que nossos agentes de vigilância passaram por um treinamento de

reciclagem completo. E posso lhe oferecer vinte por cento de desconto em todas as

investigações...

- Não! – interrompo-o. – Obrigada. – O que preciso é daquele dossiê que o senhor fez

para mim. Eu o picotei. Mas agora... preciso dele. O senhor tem uma cópia que possa me

arranjar?

Dave Sharpness dá um risinho gutural.

- Sra. Brandon, se eu pudesse contar o número de senhoras que eu conheço que destroem

provas vitais num acesso de mal-estar. Então, quando o divórcio se aproxima, elas vão ao

telefone perguntar se mantemos cópias...

- Eu não vou me divorciar! – digo, tentando manter a paciência. – Preciso dele por outro

motivo. O senhor tem uma cópia?

- Bom. Normalmente, Sra. Brandon, eu teria uma cópia para lhe dar em uma hora. Mas...

– ele pára.

- O que há de errado? – pergunto, ansiosa.

- Infelizmente houve um pequeno problema com a instalação de segurança para clientes .

– Dave Sharpness solta o ar. – Nossa gerente de escritório Wendy e um bule de café. Não

entrarei em detalhes, mas alguns dos nossos arquivos estão... Bem, para ser direto, numa

bagunça só. Tivemos que jogar boa parte fora.

- Mas eu preciso dele! Preciso de tudo que o senhor descobriu sobre Iain Wheeler. Sabe,

o cara que o senhor pensou que era meu marido? Qualquer foto ou prova daqueles casos

abafados... qualquer sujeira.

- Sra. Brandon, farei o máximo possível. Farei uma busca detalhada e verei o que

consigo.

- E pode mandar por um motoboy o mais rápido possível?

- Farei isso.

- Obrigada. Agradeço realmente.

Desligo o telefone com o coração batendo rápido. Vou conseguir aquelas provas. E se

estiver tudo arruinado... simplesmente encomendo outra investigação. Vamos derrubar Iain

Wheeler.

Jess aparece de novo em meio a multidão, segurando um balão Danny Kovitz. Parece

meio surpresa ao me ver escondida atrás das perucas.

- Oi, Becky – diz ela, quando apareço na multidão. – Acabo de ver Suze, e ela está

experimentando umas cem coisas. Quer um chá?

- Na verdade, estou um pouco cansada – digo, quando uma cliente quase me dá uma

cotovelada na barriga. – Acho que vou para casa logo e descansar. Só vou me despedir do

pessoal.

- Boa idéia. – Jess assente vigorosamente. – Guarde as energias para aman... – Ela pára.

- Amanhã? – pergunto, perplexa. – O que vai acontecer amanhã?

- Quero dizer... para o neném. – Os olhos de Jess se desviam, evasivamente. – Para o

parto. O que quer que seja.

O que, diabos, ela está...

E então percebo. Ela também sabe do segredo. Foi isso que deixou escapar!

Meu chá-de-bebê surpresa é amanhã!

CHÁ-DE-BEBÊ SURPRESA – ROUPAS POSSÍVEIS

1. Camiseta brilhante “Festa” cor-de-rosa, jeans de grávida, sapatos prateados.

Prós: Vou ficar linda

Contras: Não vou parecer surpresa

2. Camisola e roupão, sem maquiagem, cabelo desgrenhado

Prós: Vou parecer surpresa

Contras: Vou parecer um horror

3. Roupa de ginástica Juicy Couture

Prós: Vou parecer informal e, ao mesmo tempo magra. Tipo uma celebridade de Hollywood descansando em casa

Contras: Não consigo entrar numa roupa de ginástica Juicy Couture

4. Vestido com a bandeira inglesa "Ginger Spice" e peruca combinando, comprada em liquidação de verão, 90% de desconto.

Prós: Ainda não tive chance de usar

Contras: Ninguém mais vai estar com uma roupa chique

KENNETH PRENDERGAST

Prendergast de Witt Connell

Conselheiros de Finanças

Forward House

High Holborn, 394. Londres WC1V 7EX

Sra. R. Brandon

Maida Vale Mansions, 37

Maida Vale

Londres NW6 0YF

5 de Dezembro de 2003

Cara Sra. Brandon,

Obrigado por sua carta.

Não posso concordar com nenhum de seus pontos de vistas e só vou responder dizendo que

os investimentos não devem ser "divertidos".

Garanto que não mudaria de idéia se pudesse ver sua coleção de imãs de geladeira de

Audrey Hepburn. E duvido muito que eles – ou que qualquer parte de sua carteira de

investimentos – irá "lhe render um milhão".

Atenciosamente,

Kenneth Prendergast

Especialista em Investimentos de Família

DEZ

E ENO

N VE

V

Se eu ao menos soubesse a que *horas* iria ter a surpresa!

São oito da manhã, e estou toda vestida, maquiada e pronta. No fim, escolhi um vestido

trespassado cor-de-rosa e botas de camurça. Além disso, fiz as unhas ontem á noite,

comprei algumas flores e arrumei o apartamento um pouquinho.

O melhor de tudo é que remexi em todas as minhas caixas e coisas até encontrar um

cartão lindo que comprei uma vez em Nova York. Tem um bercinho nele, com minúsculos

presentes arrumados em volta – e letras brilhantes dizendo “Obrigada por me darem um

chá-de-bebê de surpresa, amigas!” Eu *sabia* que um dia iria precisar dele.

Também encontrei um cinza sombrio dizendo “Lamento saber de seus problemas

profissionais”, mas este eu rasguei. Cartão idiota.

Ainda não tive nenhuma notícia de Dave Sharpness. E não falei disso ao Luke, mesmo

estando louca de vontade. Não quero lhe dar esperanças até saber que tenho provas.

Luke está na cozinha, tomando um café puro e forte antes de ir para o trabalho. Entro e

olho para ele por um momento. Seu queixo está tenso, e ele está mexendo açúcar na xícara

de expresso. Só faz isso quando precisa de um choque de cinco mil volts.

Ele me nota e indica o bando do bar do outro lado. Empoleiro-me e apóio os cotovelos

no granito.

- Becky, precisamos conversar.

- Você está fazendo a coisa certa – respondo imediatamente. – E sabe que está.

Luke assente.

- Quer saber? Já me sinto livre. Eles estavam me oprimindo. Estavam oprimindo toda a

empresa.

- Exato! Você não precisa deles, Luke! Não precisa andar atrás de uma empresa

arrogante que acha que é dona do mundo...

Luke levanta a mão.

- Não é tão simples assim. Há uma coisa que preciso dizer. – Ele pára, mexendo o café

sem parar, o rosto concentrado. – O Arcodas não nos pagou.

- O quê? – Encaro-o, sem compreender. – Quer dizer... não pagou *nada*?

- Só um adiantamento, bem no início. Mas, desde então, nada. Eles nos devem... Bem,

um bocado.

- Mas eles não podem deixar de pagar! As pessoas têm de pagar as contas! Quero dizer, é

contra a...

Paro, ficando vermelha. Acabo de me lembrar de algumas contas de cartão de crédito

enfiadas na gaveta da minha penteadeira, que talvez eu ainda não tenha pago *totalmente*.

Mas isso é diferente. Não sou uma gigantesca empresa multinacional, sou?

- Eles são conhecidos por isso. Estivemos caçando-os, ameaçando...
– Luke coça a testa.

– Enquanto ainda estávamos fazendo negócios, confiávamos em receber o dinheiro. Agora

talvez tenhamos de processar.

- Bem, então processem! – digo, em desafio. – Eles não vão se livrar disso!

- Mas, nesse meio-tempo... – Luke levanta a xícara, em seguida
pousa de novo. – Becky,

para ser honesto, as coisas não estão fantásticas. Nós expandimos
rápido. Pensando bem,

rápido demais. Tenho empréstimos a pagar, salários... estamos
sofrendo uma hemorragia de

dinheiro. Até conseguirmos ficar de pé outra vez, o fluxo de caixa vai
ser problemático.

- Certo. – Engulo em seco. *Hemorragia de dinheiro*. Deve ser a pior
expressão que eu já

ouvi. Tenho uma visão súbita e horrível de dinheiro jorrando de um
buraco enorme, dia

após dia.

- Teremos de pagar um empréstimo maior do que eu pensava para
comprar a casa. –

Luke se encolhe e toma um gole de café. – Isso talvez atrase as
coisas por algumas

semanas. Vou ligar hoje para o corretor. Devo ser capaz de resolver
as coisas com todo

mundo.

Ele termina de tomar o café, noto uma funda ruga de tensão
descendo por entre as

sobrancelhas, que não estava ali antes. Sacanas. Eles lhe deram
isso.

- Mesmo assim, você fez a coisa certa, Luke. – Seguro sua mão e aperto com força. – E

se isso significa perder um bocado de dinheiro, bem... e daí?

Espere só. Espere só, Iain Wheeler desgraçado.

Num impulso, desço do meu banco, vou para perto de Luke do outro lado do balcão e o

abraço do melhor modo que posso. O neném é tão gigantesco que não tem mais espaço para

ficar pulando, mas de vez em quando ele se espreme.

Ei, neném – telegrafo em silêncio. – Não saia até que eu tenha meu chá-de-bebê, certo?

Outro dia li que um monte de mães tem uma comunicação genuína com os bebês em

gestação, por isso estou tentando lhe mandar uma mensagenzinha de encorajamento.

Amanhã estará ótimo. Que tal na hora do almoço?

Se não sair em menos de seis horas, eu lhe dou um prêmio!

- Eu deveria ter ouvido você, Becky. – A voz cansada de Luke me pega de surpresa. –

Foi você que protestou contra o Arcodas. E jamais gostou do Iain.

- Eu o desprezo.

Não vou dizer qual é o prêmio. Espere para ver.

Há um toque na campainha, e Luke pega o interfone.

- Oi, pode trazer. É uma encomenda – diz ele.

Fico rígida.

- Um motoboy trouxe?

- É. – Ele veste o paletó. – Está esperando alguma coisa?

- Mais ou menos. – Engulo em seco. – Luke... talvez você queira ver este pacote. Pode

ser importante.

- Não é mais roupa de cama, é? – Luke não parece entusiasmado.

- Não! Não é roupa de cama. É... – Paro quando a campainha toca.
– Você vai ver. – Vou

rapidamente até o corredor.

- Encomenda para a senhora; por favor, assine aqui. – murmura o motoboy, quando abro

a porta. Rabisco em sua prancheta eletrônica, pego a sacola e me viro, vendo Luke entrar

no corredor.

- Luke, eu tenho uma coisa bem importante aqui. – Pigarreio. – Uma coisa que poderia...

mudar a situação. E você precisa ter a mente aberta em relação a onde eu consegui...

- Você não deveria entregar isso a Jess? – Luke está franzindo a testa para a sacola.

- *Jess?* – Sigo o olhar dele e vejo, pela primeira vez, “Srta. Jessica Bertram” escrito na

etiqueta.

Sinto um choque de frustração. Não é de Dave Sharpness, afinal de contas; é alguma

coisa idiota para Jess.

- Por que Jess está recebendo encomendas aqui? – digo, incapaz de esconder a frustração.

– Ela não mora aqui!

- Quem sabe? – Luke dá de ombros. – Querida, preciso ir. – Ele passa o olhar pela minha

barriga enorme. – Mas vou estar com o celular e com o bip ligados. Se houver *algum*

sinal...

- Eu ligo – assinto, revirando o envelope nos dedos. – E o que devo fazer com isso?

- Pode entregar a Jess... – Luke pára. – Qualquer hora dessas. Quando se encontrar com

ela.

Espera um minuto. O modo exageradamente casual com que Luke disse...

- Luke, você sabe, não sabe? – exclamo.

- Sei o quê? – Sua boca se retorce, cheia de suspeita, enquanto ele pega a pasta.

- Você *sabe*. Do... você sabe!

- Não faço idéia do que você está falando. – Luke parece com vontade de rir. – Por sinal,

Becky, uma coisa que não tem nada a ver com isso... será que você poderia estar em casa

por volta das onze da manhã? O sujeito do gás vai dar uma passada.

- Não vai, não! – Aponto para ele, meio acusando, meio rindo. – Você está armando para

cima de mim!

- Divirta-se. – Luke me dá um beijo, em seguida sai pela porta e eu fico sozinha.

Demoro um tempo no corredor, só olhando para a porta. Quase gostaria de ir com Luke

hoje, para dar apoio moral. Ele parece tão estressado! E agora tem de encarar todos os

funcionários. E o pessoal das finanças.

Hemorragia de dinheiro. Meu estomago dá uma cambalhota desagradável. Não. pára

com isso. Não pense nisso.

Ainda faltam duas horas para as onze, então ponho do DVD do Harry Potter, para me

distrair, e abro uma lata de Quality Street, só porque estamos na época das festas. Chego á

parte em que Harry vê os pais mortos no espelho, e estou pegando um lenço de papel,

quando por acaso olho pela janela – e vejo Suze. Ela está parada á frente do prédio, no

pequeno estacionamento perto do jardim, e está olhando direto para a janela.

Imediatamente me abaixo. Espero que ela não tenha me visto.

Depois de alguns instantes, levanto cautelosamente a cabeça de novo, e ela ainda está ali

parada. Só que Jess também apareceu! Numa ligeira empolgação, olho o relógio. Dez e

quarenta. Agora não falta muito!

A única coisa é que as duas parecem bastante perturbadas. Suze está gesticulando com a

testa franzida, e Jess está assentindo. Devem ter algum problema. O que será. E nem posso

ajudar.

Enquanto estou olhando, Jess pega o telefone. Ela digita, e, quando o telefone do

apartamento toca, dou um pulo, culpada, e me afasto da janela.

Tudo bem. Aja de modo casual. Respiro fundo e pego o fone.

- Ah, oi, Suze! – digo, do meu modo mais natural. – Como vai? Provavelmente está em

Hampshire, andando a cavalo, ou algum lugar assim.

- Como você sabia que era eu? – Pergunta Suze, cheia de suspeitas.

Merda.

- Nós temos... identificador de chamadas – minto. – Então, como vai?

- Ótima! – diz Suze, parecendo totalmente abalada. – Na verdade, Bex, acabo de ler um

matéria sobre grávidas, e diz que você deveria fazer uma caminhada de vinte minutos todo

dia, para a saúde. De modo que eu estava pensando que você deveria caminhar um pouco.

Tipo... agora. Só uma volta no quarteirão.

Ela quer me tirar do caminho! Certo. O que vou fazer é concordar, mas não de modo tão

óbvio.

- Uma caminhada de vinte minutos – digo, pensativa. – Parece uma boa idéia. Talvez eu

faça isso.

- Não *mais* que vinte minutos – acrescenta Suze, com pressa. – Só vinte minutos

exatamente.

- Certo! – digo. – Vou agora mesmo.

- Ótimo! – Suze parece aliviada. – É... vejo você... qualquer hora dessas!

- Tchau!

Vou rapidamente ao corredor, ponho o casaco e desço de elevador.
Quando saio, Suze e

Jess desaparecem. Devem estar escondidas!

Tentando parecer uma grávida normal dando uma caminhada de
vinte minutos, vou até o

portão, os olhos saltando para a direita e a esquerda.

Ah, meu Deus, acabo de ver Suze atrás daquele carro! E ali está
Jess, agachada atrás do

muro!

Não posso deixar que elas saibam que eu vi. Não posso rir.
Mantenho a compostura,

chego ao portão – quando vejo um cabelo castanho encaracolado,
familiar, atrás de um

arbusto de rododendro.

Não. não acredito. Aquela é *mamãe*?

Saio pelo portão e estouro numa gargalhada, abafando o som com
as mãos. Ando

rapidamente pela calçada, encontro um banco na rua seguinte e
folheio a revista *Heat*, que

escondi no casaco para Suze não ver. Então, na marca de vinte
minutos exatos, levanto-me

e vou para casa.

Enquanto passo pelo portão, de novo não há sinal de ninguém.
Entro e subo pelo

elevador até a último andar, sentindo bolhas de antecipação. Chego
ao nosso apartamento,

ponho a chave na fechadura e giro.

- Surpresa! – Um soro de vozes me recebe quando escancaro a
porta. E o estranho é que,

mesmo esperando aquilo, sinto um choque genuíno ao ver tantos
rostos amigos juntos.

Suze, Jess, mamãe, Danny... e aquela é Kelly?

- Uau? – Largo a *Heat*, mesmo sem querer. – Que negócio...

- É o seu chá-de-bebê! – Suze está vermelha de prazer. – Surpresa!
Enganamos você!

Entre, tome um copo de Buck's Fizz...

Ela me leva a sala de jantar – e não acredito na transformação. Há
balões de gás cor-de-

rosa e azuis em toda parte, um bolo enorme num suporte de prata,
e uma pilha de presentes,

garrafas de champanhe no gelo...

- Isso é simplesmente... – Minha voz vacila de súbito. – É
simplesmente...

- Não chore, Bex! – diz Suze.

- Tome alguma coisa, querida! – Mamãe põe um copo na minha
mão.

- Eu sabia que não deveríamos fazer uma surpresa! – Janice parece alarmada. – Disse que

seria um choque grande demais para o organismo dela!

- Surpresa em me ver? – Kelly veio até mim, o rosto brilhando de empolgação e

maquiagem luminosa Stila.

- Kelly! – Envolve-a com o braço que não está com a bebida. Conheci Kelly na Cúmbria,

quando estava procurando Jess. Na época, eu estava ficando grávida e ainda nem sabia.

Parece que foi há *anos*.

- Você ficou realmente surpresa, Bex? – Suze me olha, o rosto cheio de alegria contida.

- Totalmente!

E é verdade. Certo. Eu sabia que ia acontecer. Mas não tinha idéia de que alguém faria

um esforço tão grande! Toda vez que olho ao redor noto mais alguma coisa, como os

enfeites prateados com “é um menino” e “é uma menina” espalhados na mesa, ou

sapatinhos pendurados em todos os quadros.

- Você ainda não viu nada – diz Danny, tomando um gole de champanhe. – Vamos lá,

todo mundo, em fila. Desabotoando os casacos. No três...

Fico olhando, espantada, enquanto ela se arrumam como uma espécie de fila de coristas

mal-ajambrada.

- Um... dois... três!

Todo mundo, desde mamãe até Jess e Kelly, abre os casacos. E por baixo todas estão

usando camisetas Danny Kovitz, exatamente a que foi desenhada para a The Look. Só que

a imagem é de uma mulherzinha grávida, como uma boneca. E embaixo está escrito:

ELA É UMA MAMÃE DELICIOSA

E NÓS A AMAMOS

Não consigo falar.

- Ela está emocionada! – Mamãe vem cheia de agitação. – Sente-se, querida. Como

alguma coisinha. – ela estende um prato de minúsculas panquecas de pato chinesa. – São da

Waitrose. Muito boas!

- Abra os presentes – instrui Suze, batendo palmas. – Depois vamos fazer jogos. Ei, todo

mundo, sentem-se, Bex vai abrir os presentes... – Ela põe todos os embrulhos numa pilha à

minha frente, depois bate um garfo em seu copo. – Bom, eu tenho um pequeno discurso a

fazer sobre os presentes. Atenção!

Todo mundo se vira cheio de expectativas para Suze, e ela faz uma pequena reverência.

- Obrigada! Bom, quando eu estava planejando este chá-de-bebê, perguntei a Jess o que

ela achava que deveríamos comprar para Becky. E Jess disse: "Não resta mais nada, ela já

comprou Londres inteira."

Há uma gargalhada gigantesca, e eu sinto as bochechas ficando cor de beterraba. Certo,

talvez eu tenha passado um pouco do limite. Mas o fato é que eu precisava. Quero dizer,

vou estar ocupada demais para fazer comprar depois do nascimento do neném.

Provavelmente vou passar um ano sem chegar perto de uma loja.

- Então! – retoma Suze, os olhos brilhando. – Jess sugeriu que a gente fizesse coisas. E

foi o que fizemos.

Elas *fizeram* coisas?

Ah, meu Deus, elas não fizeram paninhos de limpar neném, fizeram?

- Vamos começar com o meu. – Suze põe um embrulho retangular á minha frente e

começo a rasgar o papel prateado em ligeira apreensão.

- Ah, uau – ofego ao ver o que é. – *Uau.*

Não são paninhos de limpar. É uma moldura exótica, feita de madeira pintada de creme,

com espelinhos minúsculos e madrepérola. Dentro, em vez de uma foto, há um desenho

tosco de uma mulher segurando um bebê na frente de uma casa.

- Você pode colocar uma foto do neném – explica Suze. – Mas, por enquanto, desenhei

vocês na frente da casa nova.

Olho o desenho com mais atenção e não consigo evitar uma gargalhada. A casa foi

divididas em quartos, e cada um tem um rótulo: Quarto dos Carrinhos, Quarto das Fradas,

Quarto dos Batons, Quarto das contas do Visa (no porão), Quarto das Antiquidades do

Futuro.

Um Quarto das Antiquidades do Futuro! Na verdade, é uma idéia *brilhante*.

Quando abro os outros presentes, vou ficando totalmente abalada. O da Kelly é um

pequenina colcha de retalhos, com panos dados por todos os adoráveis amigos que fiz em

Scully. O de Janice é um minúsculo macacão vermelho, de tricô, com “Primeiro Natal do

Neném.” Bordado na frente. O da mamãe é o gorro e as botinhas do Papai Noel. O de

Danny é o macacão esgarçado, de estilista, mas chique do mundo.

- Agora o meu – diz Jess, pondo o maior presente de todos á minha frente. Está

embrulhado com uma colcha de retalhos de papéis de presentes velhos e amarrotados um

deles impresso com as palavras “Feliz 2000!” – Tenha cuidado ao tirar o papel! – diz Jess,

quando começo a desembulhar. – Posso usar de novo.

- É... tudo bem! – Gentilmente tiro o papel e dobro. Há uma camada de papel de seda por

baixo. Tiro-o e vejo uma caixa com cerca de sessenta centímetros de altura, feita de

madeira clara e lisa. Perplexa, viro-a para mim. E não é uma caixa, afinal de contas. É um

pequeno armário com duas portas e minúsculos puxadores de louça. E na frente está

esculpido “Sapatos do Neném”.

- O que... – Levanto os olhos.

- Abra. – O rosto de Jess está reluzindo. – Anda!

Puxo a porta. E há prateleiras minúsculas, inclinadas e forradas de camurça. Numa delas

há o menor par de botas de beisebol vermelhas que já vi.

É um Quarto dos Sapatos Minúsculos.

- Jess... – Sinto lágrimas descendo. – Você *fez* isso?

- Tom ajudou. – Ela dá de ombros, como se não desse importância a si mesma. – Nós

fizemos juntos.

- Mas a idéia foi de Jess – intervém Suze. – Não é brilhante? Eu *gostaria* de ter pensado

nisso.

- É perfeito. – Estou totalmente zozza. – Olhem como as portas se encaixam... e como as

prateleiras são esculpidas...

- Tom sempre foi bom com as mãos. – Janice encosta um lenço nos olhos. – Este pode

ser o memorial dele. Provavelmente jamais teremos uma lápide.

- Janice, tenho *certeza* que ele não está morto... – começa Jess.

- Podemos gravar as datas de nascimento e morte dele na parte de trás – continua Janice.

– Se você não se importar, Becky querida.

- É... bem, não – digo, incerta. – Claro que não.

- Ele não está morto, Janice! – Jess quase grita. – Sei que não está!

- Bom, então onde ele está? – Janice afasta o lenço dos olhos que ficaram manchados de

sombra malva. – Você partiu o coração daquele garoto!

- Esperem! – Lembro subitamente. – Jess, eu recebi uma encomenda para você hoje.

Talvez seja dele.

Vou rapidamente até o corredor e trago o pacote. Jess o abre e um cd cai. Nele está

escrito simplesmente “Do Tom”.

Todos ficamos olhando por um momento.

- É um DVD – diz Danny, pegando-o. – Ponha.

- É o testamento dele! – grita Janice, histérica. – É uma mensagem do além-túmulo!

- Não é do além-túmulo – reage Jess bruscamente, mas, enquanto ela vai até o aparelho

de DVD, vejo que ficou pálida.

Ela aperta o play e se agacha no chão. Todos esperamos em silêncio enquanto a tela

treme. Então, subitamente, ali está Tom, diante da câmera, contra um céu azul. Está usando

uma velha camisa pólo cinza e parece bem desgrenhado.

- Oi, Jess – diz ele, com ar importante. – Quando você vir isto, estarei no Chile. Porque...

é onde estou agora.

Jess enrijece.

- No *Chile*?

- No Chile? – berra Janice. – O que ele está fazendo no Chile?

- Eu te amo – está dizendo Tom – e vou para o outro lado do mundo, se for necessário.

Ou mais além.

- Ah, isso é tão romântico! – suspira Kelly.

- Ele é um *panaca* idiota – diz Jess, batendo o punho na testa. – Eu só vou pra lá daqui a

três meses!

Mas noto que seus olhos estão brilhando.

- Olhe o que encontrei pra você. – Tom está segurando um pedaço de uma rocha preta

brilhante diante da câmera. – Você vai adorar este país, Jess.

- Ele vai pegar cólera! – está dizendo Janice, agitada. – Ou malária! Tom sempre teve um

organismo fraco.

- Posso trabalhar como carpinteiro – está dizendo Tom. – Posso escrever meu livro.

Seremos felizes aqui. E se mamãe pegar no seu pé, simplesmente lembre do que eu falei a

você sobre ela.

- Falou a você? – Janice levanta a cabeça rapidamente. – O que ele falou?

- É... nada. – Jess aperta o pause rapidamente e tira o DVD do aparelho. – Mais tarde

assisto o resto.

- E então! – diz mamãe, alegre. – Ele está vivo, Janice querida. É boa notícia!

- Vivo? – Janice continua em histeria. – De que adianta estar vivo no Chile?

- Pelo menos está fora de casa, no mundo! – diz Jess, com paixão súbita. – Pelo menos

está fazendo alguma coisa da vida! Sabe, ele andou deprimido, Janice. É exatamente disso

que ele precisa.

- Eu sei do que meu filho precisa! – retruca Janice, indignada, enquanto a campainha

toca. Levanto-me com dificuldade, feliz por ter uma desculpa para sair da linha de tiro.

- Só vou ver o que é... – Saio ao corredor e pego o interfone. – Alô?

- Tenho uma encomenda para a senhora – diz uma voz estalada.

Meu coração falha por um segundo. Uma encomenda. Tem de ser. Tem de ser. Quando

aperto o interfone, mal consigo respirar. Estou dizendo a mim mesma para não ter

esperanças, deve ser outro pacote para Jess, ou um catálogo, ou um peça de computador

para o Luke.

Mas, quando abro a porta, há um motoboy parado, vestido de couro, segurando um

grande envelope almofadado, e já reconheço a letra de Dave Sharpness escrita com

hidrocor preta e grossa.

Tranco-me na despensa de casacos e rasgo o envelope febrilmente. Há um envelope de

papel pardo dentro, com "Brandon" escrito. Na frente há um Post-it grudado, com uma

mensagem rabiscada. *Espero que ajude. Se precisar de mais alguma coisa não hesite.*

Atenciosamente, Dave S.

Abro – e está tudo ali. Cópias de todas as anotações, transcrições de conversas, fotos...

folheio com o coração martelando. Tinha esquecido quanta coisa eles haviam coletado

sobre Iain Wheeler. Para uma agência de detetives de merda em West Ruislip, eles fizeram

um trabalho fantástico.

Rapidamente guardo tudo de novo e vou até a cozinha fresca e vazia. estou prestes a

pegar o telefone quando ele toca, me fazendo dar um pulo.

- Alô?

- Alô, Sra. Brandon – diz uma voz masculina desconhecida. – Aqui é Mike Enwright, da

Press Association.

- Ah, certo. – Olho para o telefone, perplexa.

- Eu só estava imaginado se a senhora poderia comentar os boatos de que a empresa de

seu marido está afundando.

Sinto um tremor de choque.

- Ela não está afundando – respondo enfaticamente. – Não faço idéia do que o senhor

está dizendo.

- A notícia que corre é que ele perdeu a conta do Arcodas. E o último boato é que a

Foreland Investment está indo pelo mesmo caminho.

- Ele não *perdeu* o Arcodas! – exclamo, furiosa. – Eles se separaram por motivos que não

posso discutir. E, para sua informação, a empresa do meu marido continua forte como

sempre. Mas forte ainda! Luke Brandon vem sendo cortejado por clientes de alto calibre

durante toda a carreira, e sempre será. Ele é um homem de imensa integridade, talento,

inteligência, beleza e... e percepção de vestuário.

Paro, respirando ofegante.

- Certo, então! – Mike Enwright está rindo. – Captei a idéia.

- O senhor vai citar tudo isso?

- Duvido. – Ele ri de novo. – Mas gosto da sua atitude. Obrigado por seu tempo, Sra.

Brandon.

Ele desliga, e eu tomo um copo d'água, abalada. Tenho de falar com Luke. Ligo para sua

linha direta e sou atendida ao terceiro toque.

- Becky! – Luke parece alerta. – Alguma coisa...

- Não, não é isso. – Olhos para fora da porta da cozinha e baixo a voz. – Luke, a Press

Association acaba de ligar. Queriam uma declaração sobre você... – Engulo em seco – estar

afundando. Disseram que a Foreland está abandonando vocês.

- Isso é besteira! – A voz de Luke explode de raiva. – Aqueles escrotos do Arcodas estão

passando histórias para a imprensa.

- Eles não podem realmente prejudicar você, podem? – pergunto, temerosa.

- Não se eu puder fazer alguma coisa. – Luke parece decidido. – Acabaram-se as

amenidades. Se eles querem brigar, vamos brigar. Vamos levá-los ao tribunal, se for

necessário. Acusá-los de assédio. Expor todos eles.

Sinto um enorme jorro de orgulho ou ouvi-lo falar. Parece o Luke Brandon que eu

conheci. Seguro, no controle da situação. E não correndo atrás de Iain Wheeler, como um

lacaio.

- Luke, eu tenho uma coisa para você. – Minhas palavras jorram. – Tenho um... material

sobre o Iain Wheeler.

- O que você disse? – pergunta Luke, depois de uma pausa.

- Houve alguns casos antigos de assédio e intimidação que foram abafados. Tenho um

dossiê inteiro sobre ele, bem aqui na minha mão.

- Você tem *o quê*? – Luke parece estarrecido. – Becky... o que você está falando?

Talvez eu não entre na história da contratação do detetive particular agora.

- Não pergunte como – digo depressa. – Simplesmente tenho.

- Mas como...

- Eu mandei não perguntar! Mas é verdade. Vou mandar por um motoboy para o

escritório. Você deveria estar com seus advogados a postos para dar uma olhada. Há fotos,

anotações, todo tipo de provas... honestamente, Luke, se tudo isso vier á tona, ele está

acabado.

- Becky. – A voz de Luke é incrédula. – Você me deixa constantemente espantado.

- Eu te amo – digo, num impulso. – Arrase com eles. – Desligo o telefone e empurro o

cabelo para trás com as mãos suadas. Tomo alguns goles d'água, depois ligo para a

empresa de motoboy que Luke usa normalmente.

Em cerca de meia hora o envelope estará com Luke. Só *gostaria* de ver a cara dele

quando abrir.

- Oi, Bex! – Dou um pulo quando Suze chega lépida á cozinha. Sua expressão muda ao

me ver. – Bex, você está legal?

- Estou... ótima! – Arranjo um sorriso rápido. – Só dando um tempinho.

- Agora vamos fazer os jogos! – Suze abre a geladeira e pega uma caixa de suco de

laranja. – Adivinha a Comida do Neném... Caçada ao Alfinete de Fraldas... Nomes de

Bebês de Celebidades...

Não acredito no trabalho que ele teve para organizar tudo isso.

- Suze... muito obrigada – digo. – É tudo *incrível*. E minha moldura!

- Ficou legal, não foi? – Suze fica satisfeita. – Sabe, aquilo me inspirou de verdade.

Estou pensando em recomeçar o negócio de molduras.

- Você deveria! – digo, entusiasmada. Suze fazia molduras fantásticas até ter filhos.

Eram vendidas na Liberty e tudo!

- Quero dizer, se Lulu pode escrever livros de culinária, por que não posso fazer

molduras? – está perguntando Suze. – As crianças não vão morrer se eu trabalhar algumas

horas por semana, vão? Ainda serei uma boa mãe.

Posso ver a ansiedade nos seus olhos. Culpo totalmente aquela vaca da Lulu. Suze nunca

se preocupou em ser uma boa mãe até que a conheceu.

Certo. Hora da vingança.

- Suze... tenho uma coisa para você – digo, enfiando a mão na gaveta da cozinha. – Mas

você não pode mostrar a Lulu, jamais. Nem contar a ela. Nem contar a ninguém.

- Não vou contar! – Suze fica intrigada. – O que é?

- Aqui.

Entrego a Suze a foto feita com teleobjetiva. Foi a única coisa que guardei do envelope

original. É de Lulu na rua com os filhos. Ela parece meio agitada – na verdade, parece estar

gritando com um deles. Em suas mãos estão quatro barras de chocolate, que ela está

distribuindo. Está segurando duas latas de Coca, também, e embaixo dos braços há um

pacote gigante de batatas fritas.

- Não! – Suze parece quase abalada demais para falar. – *Não*. isso aí são...

- Barras de chocolate. – Confirmo com a cabeça. – E batatas sabor queijo.

- E Coca! – Suze dá uma gargalhada gorgolejante e aperta a boca com a mão. – Bex, isso

me fez ganhar o dia. Como foi que...

- Não pergunte. – Não consigo evitar um risinho também.

- Que vaca hipócrita!

- Bem... – Dou de ombros de um modo maduro, sem tripudiar. Não vou falar que eu

sempre disse que ela era uma vaca.

Ou que as raízes de seus cabelos estão aparecendo. Por que isso seria sacanagem.

- Sabe, ela realmente pegava no meu pé. – Suze continua olhando a foto, incrédula. – Eu

me sentia tão... *inferior!*

- Acho que você deveria fazer o programa de TV, afinal – digo. – Poderia levar essa foto.

- Bex! – Suze dá um risinho. – Você é maligna! Só vou guardá-la numa gaveta e olhar

quando precisar de animo.

De repente, o telefone toca na cozinha, e meu sorriso fica tenso. E se for a mídia outra

vez? E se for Luke com mais notícias?

- Suze – digo casualmente – , por que não vai ver se todo mundo está bem? Volto para lá

num minuto.

- Claro. – Suze assente e pega seu suco, os olhos ainda fixos na foto. – Vou guardar isso

em algum lugar seguro...

Espero até ela ter saído e a porta estar fechada com firmeza, depois me concentro e pego

o telefone.

- Alô?

- Oi, Becky. – A voz familiar e aérea vem pela linha. – É Fabia.

- Fabia! – Relaxo, aliviada. – Como vai? Muito obrigada por deixar a gente usar sua casa

outro dia. O pessoal da *Vogue* achou incrível! Você recebeu minhas flores?

- Ah, maravilhoso – diz Fabia vagamente. – É, recebemos as flores. Escute, Becky,

acabamos de saber que vocês não vão poder pagar a casa em dinheiro vivo.

Luke deve ter ligado para o corretor e dito a ele. As novidades viajam depressa.

- Isso mesmo. – Assinto, tentando permanecer animada. – Houve uma ligeira mudança

nas nossas circunstancias, mas isso só deve nos atrasar umas duas semanas.

- É. – Fabia parece distraída. – O negócio é que decidimos fechar negócio com os outros

compradores.

Por um momento acho que estou tendo alucinações.

- Outros compradores?

- Nós não falamos dos outros compradores? Os americanos. Eles fizeram a mesma oferta

que vocês. Na verdade, *antes* de vocês, de modo que, falando estritamente... – ela deixa no

ar.

- Mas... vocês aceitaram a oferta! Disseram que a casa era nossa.

- É, bem. Os outros compradores podem agir mais depressa, portanto...

- Vocês só estavam embromando a gente esse tempo todo? – Estou tentando manter o

controle.

- A idéia não foi minha. – Fabia parece lamentar. – Foi do meu marido. Ele gosta de ter

uma segunda opção. De qualquer modo, boa sorte na procura da casa...

Não. Ela não pode estar realmente fazendo isso. Não pode estar deixando a gente na

mão.

- Fabia, escute. – Enxugo o rosto úmido. – Por favor. Estamos prestes a ter um neném.

Não temos para onde ir. Nosso apartamento foi vendido...

- Hum... é. Espero que tudo dê certo. Tchau, Becky.

- Mas e as botas Archie Swann? – Estou quase chorando de raiva. – Nós fizemos um

trato! Você me deve uma bota! – Percebo que estou falando para o nada. Ela desligou. Ela

não se importa.

Desligo o telefone. Lentamente vou até a geladeira e encosto a mão no aço frio, sentindo-

me tonta. Não temos mais nossa casa dos sonhos. Não temos mais casa.

Levanto o telefone para ligar para Luke. E paro. Ele já tem problemas demais no momento.

Dentro de algumas semanas, teremos de nos mudar do apartamento. Para onde vamos?

- Becky? – Kelly irrompe na cozinha, rindo. – Pusemos velas no seu bolo. Sei que não é

seu aniversário, mas você tem de soprar agora!

- É! – Salto para a vida. – Estou indo.

De algum modo, consigo juntar meus pedaços enquanto sigo Kelly de volta á sala de

estar. Lá, Danny e Janice estão jogando Adivinhe a Comida do Neném e anotando as

respostas em folhas de papel. Mamãe e Jess estão olhando fotos de nenéns de celebridades.

- É Lourdes! – Está dizendo mamãe. – Jess, querida, você deveria *saber* mais coisas

sobre o mundo.

- Purê de beterraba – diz Danny, como quem sabe das coisas, enquanto prova uma

colherada de gosma roxa. – Só precisa de uma dose de vodca.

- Becky! – Mamãe levanta os olhos. – Está tudo bem, querida? Você fica saindo toda

hora para atender o telefone!

- É, Bex, o que há? – A testa de Suze se franze.

- É...

Enxugo o lábio superior, que está molhado, tentando me manter firme. Nem sei por onde

começar.

Luke está lutando para salvar a empresa. Está com uma hemorragia de dinheiro.

Perdemos a casa.

Não posso dizer. Não posso estragar a festa; todo mundo está se divertindo tanto!

Conto... mais tarde. Amanhã.

- Está tudo ótimo! – Forço meu sorriso mais luminoso e feliz. – Não poderia estar

melhor! – E vou soprar minhas velas.

Por fim, todo o chá e o champanhe foram bebidos, e os convidados saem gradualmente. Foi

um *tremendo* chá-de-bebê. E todo mundo se saiu bem demais! Janice e Jess acabaram

fazendo as pazes, e Jess prometeu cuidar do Tom no Chile e não deixar que os bandidos

guerrilheiros o peguem. Suze e Kelly tiveram uma longa conversa enquanto jogavam

Adivinhe a Comida do Neném, e terminou com Suze oferecendo a Kelly um trabalho de

governanta durante seu ano de folga dos estudos. Mas a coisa realmente incrível é que Jess

e Danny se deram bem! Danny começou a falar com ela sobre a nova coleção que quer

fazer, usando lascas de pedras – e agora ela vai levá-lo a um museu para ver alguns

espécimes.

O motoboy chegou quando todo mundo estava comendo bolo, e a pacote foi embora.

Mas não tive notícias de Luke. Acho que está falando com seus advogados, ou sei lá o quê.

Por isso ele ainda não sabe sobre a casa, também.

- Você está bem, Becky? – pergunta mamãe, me dando um abraço junto á porta da frente.

– Gostaria que eu ficasse aqui até Luke voltar para casa?

- Não, tudo bem. Não se preocupe.

- Bem, tenha um bom descanso esta tarde. Guarde a energia, querida.

- Vou guardar – assinto. – Tchau, mamãe.

O lugar fica silencioso e sem vida depois de todo mundo sair. Sou apenas eu e todas as

coisas. Entro no quarto do neném, tocando gentilmente o berço feito á mão e o bercinho

branco, de balanço. E o Moises com a cúpula de tecido, lindíssima. (Eu queria dar opções

de acomodação para o sono do neném.)

É como um cenário. Só estamos esperando o personagem principal chegar.

Cutuco a barriga, imaginando se o neném está acordado. Talvez eu toque uma musica

para ele, que poderá ser um gênio musical quando nascer! Dou corda no móbile que

encomendei do catalogo *Bebê Inteligente* e o encosto na barriga.

Neném, escute isso. É Mozart.

Acho.

Ou Beethoven, ou sei lá quem.

Meu Deus, agora confundi tudo. Estou olhando a caixa para ver se a música é de Mozart

quando há um som fraco de algo caindo no corredor.

Cartões de Natal. Isso fará com que eu me sinta melhor. Abandonando o móbile *Bebê*

Inteligente, vou até a porta de entrada, pego a enorme pilha de correspondências no

capacho e bamboleio de volta ao sofá, folheando os envelopes.

E paro. Há um pequeno pacote escrito com letras nítidas, floreadas.

De Venetia.

Está endereçado a Luke, mas não me importo. Com mãos tremulas, rasgo-o e encontro

uma minúscula caixas de couro da Duchamp. Abro-a e há um par de abotoaduras de prata e

esmalte. Por que ela está mandando abotoaduras para ele?

Um pequeno cartão creme cai, com um recado escrito na mesma letra.

L

Há quanto tempo! Nunc est bibendum?

V

Olho o bilhete, com o sangue disparando na cabeça. Todo o estresse do dia parece estar

se concentrando num laser de fúria. Já estou cheia. Vou mandar esse pacote de volta,

devolver ao remetente...

Não. vou devolver a ela. Eu mesma. Atordoada, pego-me de pé e apanhando o casaco.

Vou encontrar Venetia e vou acabar com isso. De uma vez por todas.

VINTE

Nunca tive tanta vontade de dar um espetáculo na vida.

Não demorei muito a descobrir Venetia. Telefonei para o Centro Holístico de

Maternidade, fingindo que estou realmente desesperada para falar com ela e perguntando

onde ela está. Depois de dizer que ela estava "indisponível", a recepcionista deixou escapar

que ela está no Hospital Cavendish agora, numa reunião. Ofereceu-se para passar o bip para

ela, já que ainda estou no sistema como paciente, mas falei rapidamente para não se

incomodar, que na verdade estava me sentindo melhor. O que eles engoliram totalmente.

Obviamente estão acostumados com grávidas espalhafatosas telefonando abaladas.

Portanto, agora estou diante da Ala de Maternidade Particular do Hospital Cavendish, o

coração disparado, segurando uma bolsa da The Look. Nela estão não apenas as

abotoaduras, mas as meias elásticas, a pochete, cada bilhete que ela mandou para Luke, as

brochuras e as anotações médicas de seu centro holístico idiota... até os brindes. (Foi um

certo esforço colocar dentro o Crème de la Mer; na verdade, eu tirei a maior parte e

coloquei num pote de Lancôme. Mas Venetia não precisa saber disso.)

É como uma caixa de rompimento. Vou entregar e dizer muito calmamente: “Deixe-nos

em paz, Venetia. Luke, eu e o neném não queremos nada com você.” Depois disso, ela tem

de perceber que perdeu.

Além disso, telefonei para o meu adorável professor de latim enquanto vinha para cá, e

ele me ensinou um brilhante insulto em latim, que decorei. “Utinam barbari provinciam

tuam invadant! – e significa “Que os bárbaros invadam sua província!”

Rá. *Isso* vai ensinar a ela.

- Alô? – Uma voz minúscula vem pelo sistema de interfone.

- Oi! – digo para a grade. – É Becky Brandon, uma paciente. – Não direi mais. Vou

entrar e improvisar a partir daí.

A porta se destranca, e eu empurro. Normalmente, este lugar é bem tranquilo – mas hoje

está cheio de atividade. As cadeiras estão cheias de mulheres em vários estágios de

gravidez, batendo papo com seus companheiros e segurando panfletos intitulados “Por que

escolher o Cavendish?” Duas enfermeiras estão caminhando rapidamente pelo corredor e

falando sobre “operar” e “entalado”, e eu *realmente* não gosto disso, e posso ouvir gritos de

uma mulher, emanando de um quarto distante. Meu estomago se embola com aquele som, e

luto contra a ânsia de cobrir os ouvidos com as mãos.

De qualquer modo, não era necessariamente um grito de agonia. Ela provavelmente só

estava gritando porque não podia assistir a TV ou algo assim.

Vou até a mesa da recepção, ofegando.

- Oi – digo. – Meu nome é Rebecca Brandon e preciso falar com Venetia Carter agora

mesmo, por favor.

- A senhora marcou hora? – pergunta a recepcionista. Não a vi em serviço antes. Tem

cabelos grisalhos encaracolados, óculos numa corrente prateada, e modos bastantes

abruptos para alguém que lida com grávidas o dia inteiro.

- Bem... não. Mas é realmente importante.

- Infelizmente, Venetia está ocupada.

- Não me importo em esperar. Se a senhora pudesse lhe dizer que estou aqui...

- A senhora terá que ligar marcando consulta. – A recepcionista batuca no teclado como

se eu nem estivesse ali.

Essa mulher está *realmente* passando dos limites. Venetia só está em alguma reunião

idiota. E aqui estou eu, com praticamente nove meses de gravidez...

- A senhora não pode passar um bip para ela? – Tento permanecer calma.

- Só posso passar um bip se a senhora estiver em trabalho de parto.
– A mulher dá de

ombros, como se isso não fosse problema dela.

Encaro-a através de uma fina névoa de raiva. Vim aqui resolver as coisas com Venetia e

não vou deixar que uma mulher de cardigã malva me impeça.

- Bem... eu estou em trabalho de parto! – ouço-me dizendo.

- A senhora está em trabalho de parto? – Ela me olha com ceticismo.

Ela não acredita, não é? Que desplante! Por que eu mentiria sobre uma coisa dessas?

- Estou. – Planto as mãos nos quadris. – Estou.

- Está tendo contrações regulares? – desafia ela.

- Desde ontem, a cada três minutos – contra-ataco. – E tenho dor nas costas, andei

passando o aspirador de pó sem parar... e... e mina bolsa d'água estourou ontem.

Pronto. *Agora* diga que não estou em trabalho de parto.

- Sei. – A mulher parece meio abalada. – Bem...

- E só quero ver Venetia, mais ninguém – acrescento, aproveitando a vantagem. –

Portanto, pode passar um bip imediatamente para ela, por favor?

A mulher está me espiando com os olhos apertados.

- Suas contrações estão vindo a cada três minutos?

- Ahã. – De repente, percebo que devo estar nessa área de recepção há pelo menos três

minutos.

- Estou suportando em silêncio – informo com dignidade. – Sou cientologista.

- *Cientologista?* – ecoa ela, pousando a caneta e me encarando.

- É. – Sustento o olhar dela, sem me abalar. – E preciso falar com Venetia urgentemente.

Mas se você não vai deixar uma mulher cuja a bolsa d'água estourou ontem e que está

sofrendo grade dor em silêncio... – Levanto a voz um pouco, de modo a ser ouvida por

todas as grávidas.

- Certo! – A recepcionista percebe claramente que foi derrotada. –
Pode esperar. – Ela

examina a área de recepção apinhada. – Espere naquele quarto –
diz finalmente, e indica

um quarto onde está escrito Quarto de Trabalho de Parto Três.

- Obrigada! – dou um giro e vou para o Quarto de Trabalho de Parto
Três. É um quarto

grande, com uma cama de metal com aparência apavorante, um
banheiro e até um DVD

player. Mas sem frigobar.

Sento-me na cama e pego rapidamente a caixa de maquiagem. Todo
mundo sabe que a

primeira regra dos negócios é Parecer Bonita Durante os Confrontos.
Ou, se não for,

deveria ser. Ponho um pouco de blush e aplico batom – e estou
praticando minha expressão

mais férrea no espelho quando há uma batida á porta.

É ela. Com o mais gigantesco tremor de nervosismo, pego a Sacola
do Rompimento e me

levanto.

- Entre – digo, com o máximo de calma que posso, e um instante
depois a porta se abre.

- Olá, querida! – Uma enfermeira afro-caribenha, de aparência
alegre, entra rapidamente.

– Sou Esther. Como está indo? As contrações ainda são densas e fortes?

- O quê? – Encaro-a. – É... não. quero dizer, sim... – Paro, confusa. – Escute, eu

realmente preciso falar com Venetia Carter.

- Ela está vindo – diz a enfermeira, em tom tranquilizador. – Enquanto isso, vou preparar

ocê.

Sinto uma pontada de suspeita. Eles não passaram o bip para Venetia, passaram? Estão

tentando me sondar.

- Não preciso de preparo – digo educadamente. – Mesmo assim, obrigada.

- Querida, você vai ter um neném! – A enfermeira solta uma gargalhada. – Precisa vestir

uma camisola. Ou você trouxe uma camiseta? É preciso examiná-la, ver como está indo.

Preciso me livrar dessa mulher rapidinho. Ela aperta meu abdômen, e eu me encolho.

- Na verdade, já fui examinada! – digo lepidamente. – Por outra enfermeira. De modo

que estou pronta...

- Outra enfermeira? Quem? Sarah?

- É... talvez. Não me lembro. Ela saiu de repente, disse que precisava ir ao teatro ou algo

assim – pisco com inocência.

- Vou abrir um prontuário novo. – Esther balança a cabeça, suspirando. – Terei de

examinar você outra vez.

- Não! – guincho antes que possa me conter. – Quero dizer... tenho fobia de exames.

Disseram que eu poderia ter o mínimo de exames. Venetia entende. Preciso realmente falar

com Venetia, com mais ninguém. Na verdade, será que você poderia me deixar sozinha até

ela chegar? Quero me concentrar em minha... em meu eu feminino interior.

Esther revira os olhos, depois vai até a porta e põe a cabeça para fora.

- Pam, temos outra paciente maluca da Venetia aqui. Pode passar um bip para ela?

- Certo – Ela volta para a sala. – Vamos passar um bip para Venetia. Só vou preencher

isto. Então sua bolsa d'água estourou em casa?

- Ahã.

- A outra enfermeira disse até onde você chegou?

- Ah... quatro centímetros – digo aleatoriamente.

- Você está suportando a dor?

- Até agora, tudo bem – respondo, corajosa.

Há uma batida na porta, e uma mulher enfia a cabeça;

- Esther? Você pode vir aqui?

- Estamos com muito movimento hoje. – Esther pendura o prontuário na beira da cama. –

Já volto. Desculpe.

- Tudo bem! Obrigada!

A porta se fecha atrás dela, e afundo de volta a cama. Por alguns minutos, nada acontece,

e começo a zapear os canais da TV. Só estou imaginando se eles têm DVDs para alugar

quando há outra batida na porta.

Desta vez, tem de ser Venetia. Pego a Bolsa de Rompimento, luto para ficar de pé e

respiro fundo, me preparando.

- Entre!

A porta se abre, e uma garota de cerca de 20 anos olha para dentro, usando uniforme de

enfermeira. Tem cabelos louros finos amarrados atrás e parece muito apreensiva.

- Ah, oi – diz ela. – Meu nome é Paula, e sou estudante de enfermagem. Você se

importaria se eu entrasse e a observasse nos primeiros estágios do trabalho de parto? Eu

agradeceria muito, muito mesmo.

Ah, pelo amor de Deus. Estou para dizer “Não, vá embora.” Mas ela parece tão tímida e

nervosa que não consigo fazer isso. Afinal de contas, posso me livrar dela quando Venetia

chegar.

- Claro. – Aceno. – Entre. Meu nome é Becky.

- Oi. – Ela dá um sorriso tímido enquanto vem na ponta dos pés e senta numa cadeira no

canto.

Por um ou dois minutos, nenhuma de nós diz nada. Voltei a me acomodar nos

travesseiros e estou olhando o teto, tentando esconder a frustração. Cá estou, todo pronta

para o confronto, e não há quem confrontar. Se Venetia não aparecer nos próximo cinco

minutos, simplesmente vou embora.

- Você parece muito... serena. – Paula ergue os olhos depois de rabiscar em seu caderno.

– Tem algum mecanismo particular para enfrentar a dor?

Ah, certo. Eu deveria estar em trabalho de parto. É melhor representar, caso contrário ela

não terá o que escrever.

- Sem dúvida. – Assinto. – Na verdade, vou mexer um pouquinho. Acho que isso

realmente ajuda. – Levanto-me e ando ao redor na cama, balançando os braços para trás e

para frente, de modo profissional. Depois giro os quadris algumas vezes e faço um

alongamento que aprendo no iogalates.

- Uau – diz, Paula, impressionada. – Você é muito flexível.

- Fiz ioga – digo, com um sorriso modesto. – Acho que vou comer um KitKat. Só para

manter o nível de energia elevado.

- Boa idéia – assente Paula. Enquanto pego a bolsa, posso vê-la anotando “Come

KitKat”, e embaixo “Usando ioga para o alívio da dor”. Em seguida, folheia o caderno para

trás e levanta os olhos com simpatia. – Durante as contrações, onde é que a maior parte da

dor se situa?

- E... só... em volta – digo vagamente, mastigando o KitKat. – Meio... aqui... e aqui...

Indico o corpo. – É difícil de explicar.

- Você parece incrivelmente calma, Becky. – Paula está me olhando enquanto verifico os

dentes no espelho de mão, em busca de migalhas de KitKat. –
Nunca vi uma mulher tão

controlada no trabalho de parto.

- Bem, sou cientologista – não resisto a dizer. – Por isso que estou
tentando manter o

mais quieta possível, obviamente.

- Cientologista! – Seus olhos se arregalam. – Isso é incrível. – Em
seguida, franze a testa,

alarmada. – Você não deveria estar em silêncio total?

- Sou do tipo que tem permissão pra falar – explico. – Mas não grito
em nada.

- Uau. Sabe, não sei se já tivemos uma cientologista aqui! – Ela
parece bastante animada.

– Você se importar se eu contar a umas duas colegas?

- Vá em frente! – assinto, distraída.

Enquanto ela sai depressa, embolo o papel do KitKat jogando no lixo,
frustrada. Isso é

idiota. Venetia não vem, não é? Eles nunca vão passar o bip para
ela. E eu nem estou mais

no clima para falar com ela. Acho que vou para casa.

- Ela está aqui! – A porta é escancarada, e toda uma multidão de
jovens enfermeiras entra

no quarto, lideradas por Paula. – Esta é Rebecca Brandon – diz ela
ao grupo em voz baixa.

– Está com dilatação de quatro centímetros e usando ioga para lidar com a dor. Como é

cientologista, está se mantendo bem quieta e calma. Mal dá para saber que ela está com

contrações.

Todas estão me encarando como se eu fosse um animal extinto.

Quase sinto pena de

deixá-las na mão.

- Na verdade, acho que talvez seja um alarme falso. – Pego a bolsa e visto o casaco. –

Vou para casa. Muito obrigada pela ajuda...

- Você não pode ir para casa! – diz Paula, com um risinho. Ela consulta meu prontuário e

assente. – Foi o que pensei. Rebecca, sua bolsa d'água estourou. Você se arrisca a ter uma

infecção! – Ela tira meu casaco e pega a bolsa. – Vai ter que ficar aqui até o bebê sair!

- Ah – digo, encalacrada.

O que faço agora? Será que devo dizer que inventei que a bolsa estourou?

Não. elas vão achar que sou totalmente lunática. O que vou fazer é esperar até que me

deixem a sós e sair de fininho. É. Bom plano.

- Ela pode estar em transição – está dizendo um das estudantes, com ar de conhecedora. –

Elas freqüentemente querem ir para casa nesse estagio. Ficam bastante irracionais.

- Rebecca, você realmente precisa colocar uma camisola do hospital.
– Paula está me

examinando, ansiosa. – O neném pode estar a caminho. Como estão as contrações? Mais

rápidas? Posso examinar você?

- Ela exigiu um mínimo de monitoramento e exames – controla outra estudante, olhando

meu prontuário. – Quer tudo natural. Acho que deveríamos trazer uma enfermeira-chefe,

Paula.

- Não, não! – digo rapidamente. – Quero dizer... eu gostaria de ser deixada a sós um

pouco. Se não houver problema.

- Você é muito estóica, Rebecca – diz Paula, pousando a mão com simpatia no meu

ombro. – Mas não podemos deixá-la sozinha! Você nem tem um acompanhante para o

parto!

- Vou ficar bem, honestamente. – Tento parecer casual. – Só uns minutos. É... parte das

minhas crenças. A mulher em trabalho de parto precisa ficar sozinha a cada hora, para fazer

um cântico especial.

Andem. Desejo, em silêncio. Só me deixem sozinha...

- Bem, acho que devemos respeitar suas crenças – diz Paula, em dúvida. – Tudo bem,

vamos sair por um tempo, mas, se você sentir *qualquer coisa* se mexendo, aperte a

campainha.

- Farei isso! Obrigada!

A porta se fecha, e eu afundo, aliviada. Graças a Deus. Vou sair deste lugar assim que a

barra ficar limpa. Pego a bolsa e o casaco e abro a fresta na porta. Fecho-a rapidamente

outra vez, tentando não fazer barulho. Terei de esperar mais uns instantes. Elas devem se

afastar logo, e eu vou sair correndo.

Não acredito que estou nessa situação. Nunca deveria ter dito que estou em trabalho de

parto. Nunca deveria ter fingido que minha bolsa estourou. Meu Deus, é uma lição. Nunca

mais vou fazer isso, nunca.

Depois de um pouco mais de tempo, olho o relógio. Três minutos se passaram. Acho que

vou verificar o corredor de novo. Pego o casaco... mas antes que posso me esgueirar para

fora, a porta se abre de novo.

- Ah, meu Deus, Bex! – Suze irrompe num jorro de cabelos louros e casaco Miu Miu

bordado. – Você está bem? Vim assim que soube!

- *Suze?* – Encaro-a, atônita. – O que...

- Sua mãe está vindo – diz ela, ofegante, jogando o casaco longe e revelando a camiseta

da Mamão Deliciosa de Danny. – Estávamos todas juntas num táxi quando recebemos a

notícia. Janice está pegando umas revistas e bebidas, e Kelly disse que vai esperar na

recepção...

- Mas como...

Não entendo. Será que Suze é paranormal ou algo assim?

- Liguei para o seu celular, e a mulher que atendeu disse que era da Maternidade do

Cavendish. – Suze está falando sem parar, agitada. – Disse que você tinha deixado o

telefone na recepção e que estava em trabalho de parto! Todo mundo pirou! Dissemos ao

motorista para dar a volta, e eu cancelei o jantar que íamos ter... – Ela pára abruptamente ao

notar minha aparência. – Ei, Becky, por que você está segurando o casaco? Está tudo bem?

- Rebecca está se saindo fantasticamente! – diz Paula. Ela entra no quarto e tira o casaco

gentilmente das minhas mãos. – Quatro centímetros de dilatação e não precisou de nada

para a dor!

- Não precisou de nada para a dor? – Suze fica abalada. – Bex, achei que você ia pedir

uma epidural!

- Ah... – engulo em seco.

- Mas não quis vestir a camisola hospitalar – acrescenta Paula, reprovando.

- Claro que não quis! – diz Suze, indignada. – Elas são medonhas. Bex, você trouxe sua

bolsa? Não se preocupe, vou comprar uma camiseta para você. E precisamos de música

aqui, e talvez algumas velas... – Ela olha ao redor, criticamente.

- Ah... Suze... – Minha barriga está um feixe de nervos. – Na verdade...

- Toc Toc! – Há uma voz nova á porta. – Aqui é Louisa! Podemos entrar?

Louisa? Isso não pode estar acontecendo. É a aromaterapeuta que contratei para o parto.

Como, diabos, ela...

- Sua mãe não perdeu tempo: ligou para todo mundo da sua lista, só para garantir que

todos soubessem! – Suze ri de orelha a orelha. – ela é tão eficiente! Todos estão vindo.

Não agüento. Tudo está andando depressa demais. Louisa já pegou alguns frascos de

óleo e está esfregando algo com cheiro de laranja na minha nuca.

- Pronto! – diz ela. – A sensação é boa?

- Ótima – consigo dizer.

- Becky! – A voz aguda de mamãe soa do lado de fora do quarto. – Querida! – Ela entra

num rompante, segurando um buque de flores e um saco de papel cheio de croissants. –

Sente-se! Vá com calma! Onde está sua epidural?

- Ela está se virando sem! – diz Suze. – Não é incrível?

- *Sem?* – mamãe fica pasma.

- Rebecca está usando ioga e técnicas de respiração para enfrentar a dor – diz Paula, com

orgulho. – Não é, Rebecca? Ela já está com quatro centímetros!

- Querida, não passe por isso. – Mamão agarra meu braço, parecendo á beira de lágrimas.

– Aceite o alívio da dor! Tome os remédios.

Sinto a língua grudada no fundo da boca.

- Bom, isto é óleo de jasmim – diz a voz suave de Louisa junto ao meu ouvido. – Vou

esfregar em suas têmporas...

- Becky! – diz mamãe, ansiosa. – Está ouvindo?

- Talvez ela esteja tendo uma contração! – exclama Suze, pegando minha mão. – Becky,

respire...

- Você consegue, querida! – O rosto de mamãe está se franzindo cada vez mais, como se

ela é que estivesse em trabalho de parto.

- Concentre-se no neném. – Os olhos de Paula se fixam nos meus. – Concentre-se nesse

seu bebê lindo que vem para o mundo.

- Olhem. – Finalmente encontro minha voz. – Eu... o negócio é que eu não estou em

trabalho de parto...

- Becky, você *está*. – Paula põe as mãos nos meus ombros.

- Bex, conserve sua energia! – Suze enfia um canudinho na minha boca. – Tome um

pouco de Lucozade. Vai se sentir melhor! – Desamparada, sugo a bebida enjoativa e paro

quando ouço passos rápidos se aproximando. Conheço aqueles passos. A porta se abre, e

desta vez é Luke, pálido, os olhos escuros e tensos enquanto examina a sala.

- Graças a Deus. Graças a *Deus* não cheguei tarde demais... – Ele parece quase sem fala

quando vem até mim, junto á cama. – Becky, eu te amo tanto... tenho tanto orgulho de

você...

- Oi, Luke – digo debilmente.

Agora, que eu faço?

O negócio é que, em vários sentidos, este é o parto perfeito.

Passaram-se vinte minutos, e o quarto está cheio de gente. Felicity, a reflexologista,

chegou e está manipulando meus dedos dos pés. Maria, a homeopata, está separando

algumas pílulas para eu tomar. Louisa está arrumando queimadores de óleos essenciais em

todo canto.

Tenho mamãe e Suze sentadas de um dos lados, e Luke do outro. Estou com uma flanela

na testa, um spray de água na mão e estou usando uma camiseta comprida e larga que Suze

mamãe me enfiaram praticamente á força. Estou relaxada, há musica tocando, estou me

virando sem epidural...

Só há um probleminha. Ainda não consegui a coragem para contar a ninguém.

- Becky, você gostaria de um pouco de gás e ar? Paula está se aproximando com uma

mascara presa a um tubo. – Só para tirar um pouquinho da dor.

- É... – Hesito. Vou parecer grosseira se recusar. – Bom, tudo certo. Obrigada!

- Respire no momento que sentir a contração começando – instrui Paula, me entregando

a máscara. – Não deixe para muito tarde.

- Certo! – Ponho a máscara sobre o nariz e inspiro fundo. Uau. Isso é *fantástico*! Parece

que acabei de tomar uma taça de champanhe!

- Ei. – Tiro a mascara e dou um sorriso beatifico para Luke. – Isso é bem legal. Você

deveria experimentar.

- Becky, você está se saindo incrivelmente. – Ele aperta minha mão com força, sem

afastar os olhos de mim. – Está tudo bem? Tudo vai segundo seu plano de parto?

- É... a maioria das coisas! – digo, evitando o olhar dele e sugando um pouco de gás com

ar. Ah, meu Deus. Tenho que dizer a ele. Tenho. – Luke... – Inclino-me para a frente, um

pouco de pilequinho por causa do gás com ar. – Escute – sussurro no ouvido dele. – Eu não

vou ter o neném.

- Querida, não se preocupe. – Luke acaricia minha testa. – Ninguém está com pressa.

Demore o quanto for necessário.

Na verdade... esse é um pensamento. Quero dizer, o bebê vai sair *em algum momento*,

não é? Eu poderia ficar aqui, não dizer nada, beber Lucozade e assistir á TV. E, com o

tempo, alguma coisa vai acontecer, e eles vão dizer: “Becky ficou em trabalho de parto

durante duas semanas, coitadinha!”

- Por sinal, falei com o Sr. Braine – acrescenta Luke. – Ele está vindo de Portland.

- Ah! – Tento não esconder a consternação. – Ótimo!

Em desespero, respiro de novo o gás com ar, tentando bolar um plano. Talvez o banheiro

tenha uma janela e dê para eu fugir por ela. Ou eu poderia dizer que eu quero andar no

corredor e talvez encontre um bebê recém-nascido e possa pegá-lo emprestado rapidinho...

- Achei que você ia fazer o parto com Venetia Carter. – Paula pára de anotar. – Ela não

está vindo? – Paula olha para o relógio. – Se não, uma das enfermeiras terá que examinar

você logo. Está sentindo alguma pressão. Becky?

- Ah... um pouco, sim!

Ela *não faz* idéia.

- Pegue. – Louisa me dá um pote de óleo para cheirar. – Sálvia, para o estresse.

- Então, Paula, algumas vez o trabalho de parto anda... para trás? – pergunto

casualmente, tentando esconder a súbita fagulha de esperança;

- Não. – Paula ri. – Mas algumas vezes parece que vai acontecer isso!

- Rá, rá! – Junto-me a ela no riso e afundo de novo nos travesseiros, inalando a sálvia

para o estresse. O que preciso é de um óleo essencial para dizer às pessoas que não estou

em trabalho de parto e que todos têm de ir para casa.

Há uma batida á porta, e Suze levanta os olhos.

- Ah. Deve ser Jess. Ela disse que estava a caminho.

- Entre! – diz Paula. A porta se abre. E congelo.

É Venetia. Está usando jaleco cirúrgico com o cabelo enfiado num gorro verde, e parece

totalmente glamourosa e importante, como se salvasse vidas todo dia.

Vaca.

Por um instante, Venetia parece bem chocada, também, mas quase imediatamente vem

até a cama, com um sorriso profissional nos lábios.

- Becky! Não fazia idéia de que a paciente para quem haviam me chamado era você.

Deixe-me dar uma olhada e ver como você está...

Ela tira o gorro verde, o cabelo cai radiante pelas costas.

- Luke, há quanto tempo ela chegou? Ponha-me a par do que está acontecendo.

Ela está fazendo tudo de novo. Está me excluindo. E tentando enfeitiçar Luke.

- Deixe-me em paz! – exclamo, furiosa. – Não sou mais sua paciente, e você não vai

olhar coisíssima alguma, muito obrigada.

De repente, não me importo se estou em trabalho de parto. Ou se estou fingindo o

trabalho de parto. Ou sei lá o quê. Não é tarde demais, ainda posso ter meu grande

confronto. Enquanto todo mundo fica boquiaberto, joga fora a máscara de gás e ar e me

levanto na cama.

- Suze, pode me dar aquela bolsa, por favor? – peço, com voz tremula. – A sacola

embaixo da cama.

- Pronto! Aqui. – Suze me entrega a sacola. – É ela? – acrescenta no meu ouvido.

- Ahã – assinto.

- Vaca.

- Boa idéia, Becky! – está dizendo Paula num tom animado e seguro. – Manter-se

levantada vai ajudar a neném a descer...

- Venetia, tenho uma coisa para devolver.

Minha voz está ligeiramente engrolada, culpa daquele gás idiota. E fico sorrindo o tempo

todo, o que é meio irritante. Mas, de qualquer modo, ela vai captar a mensagem.

- Luke não quer isso.

Enfio a mão na bolsa e joga as meias elásticas. Elas caem no chão, e todo mundo olha.

Ah. Estou meio confusa.

- Quero dizer... isso. – Jogo com força a caixa das abotoaduras, que acerta Venetia na

testa.

- Ai! Merda! – Ela segura a cabeça.

- Becky! – censura Luke.

- Ela ainda está dando em cima de você, Luke! Ela lhe mandou um presente de Natal! –

De repente, me lembro do latim. – Uti... barberi... – Minha língua fica tropeçando. – Nam...

quero dizer, tui...

Porra.

Latim é uma língua idiota.

- Querida, você está delirando? – Mamãe parece ansiosa.

- Becky, não faço idéia do que você está falando. – Venetia parece com vontade de rir.

- Só nos deixe em paz. – Estou tremendo de raiva. – Deixe a mim e ao Luke *em paz*.

- Você me mandou o bip – lembra Venetia, e pega o prontuário com Paula, que está

nervosa. – Bom, em que pé estamos com este bebê?

- Não mude de assunto! – berro. – Você disse que estava tendo um caso com Luke.

Tentou me deixar louca.

- Um *caso*? – Venetia arregala os olhos. – Becky, Luke e eu somos apenas amigos! – Ela

dá seu riso prateado. – Desculpe, Luke. Percebo que Becky tem um problema comigo. Mas

eu não fazia idéia de que ela era *tão* possessiva...

Venetia parece totalmente razoável, ali parada com seu uniforme de autoridade de

medicina. E eu sou a grávida transtornada e bêbada com uma camiseta enorme.

- Ven, está tudo certo – diz Luke, parecendo desconfortável. – Escute, Charles Braine

vem supervisionar. Talvez você devesse... sair.

- Isso mesmo. – Venetia assente com ar de conspiração para Luke, e eu sinto uma

pontada de fúria incandescente.

- Luke, não deixa ela se livrar numa boa! Ela disse que vocês eram amantes! Disse que

você ia me abandonar para ficar com ela!

- Becky...

- É *verdade*. – Lágrimas de raiva escorrem pelo meu rosto. – Ninguém acredita em mim,

mas é verdade! Ela disse que, no minuto em que vocês dois se viram de novo, era apenas

uma questão de quando e onde. Disse que os dois ficaram inebriados um com o outro, e que

foi como Penélope e... alguém. Otelo.

- Penélope e Odisseu? Luke me encara.

- É! Isso aí. E que vocês eram feitos para ficar juntos. E que eu não tinha mais

casamento... – Enxugo o nariz com a manga da camiseta. – E agora está fingindo que eu

sou uma psicótica totalmente alucinada...

Algo mudou nos olhos de Luke.

- Penélope e Odisseu? – pergunta ele, com uma tensão na voz. – Ven?

Há um silêncio incomodo.

- Não sei do que ela está falando – diz Venetia, em tom afável.

- Quem são Penélope e Odisseu? – sussurra Suze no meu ouvido, e dou de ombro

desamparada.

- Venetia. – Luke olha diretamente para ela. – Nós nunca fomos Penélope e Odisseu.

Pela primeira vez, vejo Venetia hesitar. Não diz nada, apenas olha para Luke com uma

espécie de desafio. Como se quisesse dizer: fomos sim.

Certo, eu *preciso* saber.

- Luke, quem são Penélope e Odisseu?

Estou realmente esperando que não seja um cara de RP e um obstetra que se juntaram

depois que a esposa foi retirada de cena.

- Odisseu deixou Penélope para fazer uma longa viagem – responde Luke, os olhos ainda

grudados nos de Venetia. – A Odisséia. E Penélope esperou fielmente por ele. Durante

vinte anos.

- Bem, ela não esperou você fielmente! – diz, Suze, apontando o dedo indignado para

Venetia. – Ela teve casos em tudo que é canto!

- Venetia, você disse a Becky que estávamos tendo um caso? – A voz de estrondeante de

Luke faz todo mundo pular. – Você disse que eu ia deixá-la para ficar com você? Você

tentou destruir a confiança dela?

- Claro que não – responde Venetia friamente. Seus olhos estão duros, mas noto que o

queixo treme ligeiramente.

- Ótimo. – O tom de Luke ainda é de desprezo. – Bem, vamos deixar tudo claríssimo de

uma vez por todas. Eu nunca teria um caso com você, Venetia. Eu não teria um caso com

ninguém. – ele se vira para mim e segura minhas mãos. – Becky, não há absolutamente

nada entre mim e Venetia, independentemente do que ela posso ter dito. Nós namoramos

durante um ano. Na adolescência. Só isso. Certo?

- Certo. – sussurro.

- Como vocês romperam? – pergunta Suze, com interesse, depois fica vermelha quando

todo mundo olha para ela. – É relevante! – diz, na defensiva. – As pessoas devem ser

abertas em relação aos relacionamentos passados! Tarkie e eu sabemos *tudo* sobre os casos

antigos um do outro. Se você *contasse* a Bex, em vez de... – Ela pára.

- Talvez você esteja certa – assente Luke. – Becky, talvez eu devesse ter explicado o que

aconteceu entre nós. Como terminou. – Seu rosto se retorce rapidamente. – Venetia teve um

pânico de gravidez.

- Ela estava *grávida*? – Sinto-me enjoada com o pensamento.

- Não! Não. – Luke balança a cabeça vigorosamente. – Ela achou que poderia estar, por

pouco tempo. Mas, de qualquer modo, isso... clareou as coisas. E nós terminamos.

- Você entrou em pânico. – Subitamente a voz de Venetia está latejando, como se não

pudesse controlar uma raiva enterrada há muito. – Você entrou em pânico Luke, e nós

perdemos o melhor relacionamento que eu já tive. Todo mundo tinha inveja de nós em

Cambridge. Todo mundo. Nós éramos perfeitos juntos.

- Nós não éramos perfeitos! – Ele a encara, incrédulo. – E eu não entrei em *pânico*...

- Entrou! Você não pôde suportar o compromisso! Ficou apavorado.

- Não fiquei apavorado! – grita Luke, exasperado. – Eu percebi que você não era a

pessoa com quem eu queria ter filhos. Nem com quem passar o resto da vida. E foi por isso

que terminei!

Venetia parece ter levado um soco. Por alguns segundos, fica sem fala – então seus olhos

se concentram em mim com tamanha agressividade que eu me encolho.

- E ela é? – pergunta, com um gesto selvagem – Essa *coisinha* desmiolada, consumista...

é com ela que você vai passar o resto dos dias? Luke, ela não tem profundidade! Não tem

cérebro! Só se importa com as compras, as roupas... e as amigas...

O sangue sumiu do meu rosto, e fico meio trêmula. Nunca ouvi tanto veneno.

Olho para Luke. Suas narinas estão abertas, e uma veia lateja na cabeça.

- Não ouse falar assim de Becky. – A voz é tão metálica que até eu fico meia apavorada.

– Não ouse.

- Qual é, Luke! – Venetia dá um risinho de zombaria. – Admito que ela é bonita...

- Venetia, você não sabe do que está falando – diz Luke, cortando-a.

- Ela é mais do que frívola! – grita Venetia. – Ela não é nada! Por que, *diabos*, você se

casou com ela?

Há um ofegar generalizado no quarto. Ninguém se move durante uns trinta segundos.

Luke parece meio atordoado por lhe fazerem um pergunta tão explícita.

Meu Deus, o que será que ele vai dizer? Talvez diga que foi por causa da minha

maravilhosa capacidade culinária e das minhas respostas espirituosas.

Não. É improvável.

Talvez diga...

Para ser honesta, estou meio travada. E se *eu* estou travada, Luke também deve estar.

- Por que eu me casei com Becky? – ecoa ele finalmente, numa voz tão estranha que

subitamente acho que ele também deve estar se perguntando, e percebendo que cometeu um

erro terrível.

De repente, me sinto meio fria e meio apavorada.

E Luke ainda não falou.

Ele vai até a pia e se serve de um copo d'água, enquanto todo mundo olha, nervoso. Por

fim se vira.

- Você já passou algum tempo com Becky?

- Eu já! – diz Suze, como se fosse ganhar um prêmio. Todo mundo se vira para ela, que

fica vermelha. – Desculpe – murmura.

- Na primeira vez que vi Becky Bloom... – Ele pára, com um sorriso minúsculo nos

lábios. – Ela estava perguntando ao responsável pelo marketing de um banco por que eles

não produziram talões de cheques com capas de cores diferentes.

- Está vendo? – Venetia balança a mão, impaciente, mas Luke nem se abala.

- No ano seguinte, eles *produziram* talões de cheques com capas de diferentes cores. Os

instintos de Becky não se comparam aos de ninguém. Becky tem idéias que ninguém tem.

Sua mente vai a lugares onde a de ninguém vai. E algumas vezes tenho sorte de

acompanhá-la – Os olhos de Luke encontram os meus, suaves e calorosos. – É, ela faz

compras. É, ela faz coisas malucas. Mas me faz rir. Faz com que eu *desfrute* a vida. E eu a

amo mais do que qualquer coisa no mundo.

- Eu te amo também – murmuro, com um nó na garganta.

- Ótimo – diz Venetia, com o rosto pálido. – Ótimo, Luke! Se você quer uma desmiolada,

superficial...

- Você não faz idéia, porra, então cala a porra dessa boca! – Subitamente, a voz de Luke

é como uma metralhadora. Mamãe abre a boca para protestar contra aquela linguagem, mas

ele está tão lívido que ela fecha de novo, nervosa. – Becky tem muito mais princípios do

que você jamais teve. – Ele está olhando para Venetia com desprezo. – Ela é corajosa. Ela

coloca as outras pessoas á frente de si própria. Eu não poderia passar por estes últimos dias

sem ela. Vocês provavelmente sabem do problema que minha empresa está passando no

momento... – Ele olha para a Suze e mamãe.

- Problema? – Mamãe fica alarmada. – Que tipo de problema? Becky não contou!

- Eu sabia que havia alguma coisa. – Suze ofega. – Eu sabia. Todos aqueles telefonemas.

Mas ela não queria dizer o que era...

- Eu não queria estragar a festa. – Fico vermelha quando todos se viram para mim. –

Todo mundo estava se divertindo tanto... – Paro, percebendo que ainda não contei a ele. –

Luke... tem outra coisa. Nós perdemos a casa.

Quando digo as palavras, sinto uma onda de frustração esmagadora de novo. A linda casa

da nossa família se foi.

- Está brincando. – O rosto de Luke fica sombrio, em choque.

- Eles vão vender para outra pessoa. Mas... tudo bem! – De algum modo, forço um

sorriso luminoso. – Podemos alugar um apartamento. Estive olhando na internet, vamos

encontrar um fácil, fácil...

- Becky. – Posso ver nos olhos dele também. Nossos sonhos destruídos.

- Eu sei. – Pisco para conter as lágrimas. – Vai ficar tudo bem, Luke.

- Ah, Becky. – Olho e vejo que Suze está praticamente em lágrimas.

– Fique com nosso

castelo na Escócia. A gente nunca usa!

- Suze – não consigo evitar um risinho – , não seja boba.

- Vocês vêm morar com a gente, querida! – Entoa mamãe. – Não vão alugar um

apartamento horroroso! E quanto a você, mocinha... – Como ousa perturbar minha filha

quando ela está em trabalho de parto?

Merda.

Eu havia esquecido que estava em trabalho de parto.

- Meu Deus, claro! – Suze aperta a boca com a mão. – Bex, você não deu um pio. Você é

incrível!

- Querida, você é uma tremenda estrela. – Luke está absolutamente impressionado. –

Tudo isso, e você está em trabalho de parto!

- Ah... é... não é nada! – Tento parecer modesta. – É que...

- Não é nada? É incrível. Não é? – Luke apela às estudantes de enfermagem.

- Ela é bem especial. – concorda Paula, que esteve acompanhando boquiaberta a

discussão com Venetia. – Por isso nós a estávamos observando.

- Especial, é? – pergunta Venetia subitamente. Ela se aproxima e me olha de cima a

baixo, com os olhos estreitos. – Becky, quando, exatamente, foi sua última contração?

- É... – pigarreio. – É... foi... agora mesmo.

- Ela é cientologista – intervém Paula, ansiosa. – Está administrando a dor em silêncio. É

maravilhoso de se ver.

- *Cientologista?* – ecoa Luke.

- É meu novo hobby! – digo, animada. – Não contei?

- Eu nunca soube que você era cientologista, Bex! – diz Suze, surpresa.

- É o pessoal do Reverendo Moon? – Pergunta mamãe a Luke, alarmada. – Becky entrou

para o pessoal do Reverendo Moon?

- Ora, ora. – Os olhos de Venetia brilham. – Vamos dar uma olhada em você, Becky.

Talvez este bebe esteja pronto para nascer.

Afasto-me levemente. Se ela me examinar, estou basicamente morta.

- Não seja tímida! – Venetia está avançando para mim, e em pânico corro para o outro

lado da cama.

- Olhem essa mobilidade! – está dizendo, admirada, uma das estudantes.

- Anda, Becky...

- Vá embora! Me deixe em paz! – Pego a máscara de gás e começo a respirar fundo

dentro dela. Assim está melhor. Meu Deus, deveríamos ter um tanque deste negócio em

casa.

- Chegamos! – A porta se abre e todo mundo vê Danny irromper, seguido de Jess. – Nós

perdemos?

Jess está usando sua camiseta do “Ela é uma mamãe deliciosa e nós a amamos”,

combinando com a de Suze. Danny está usando uma blusa curta, de cashmere azul, com

“Ela é uma vaca ruiva e eu a odeio” impresso em cáqui na frente.

- Cadê o neném? – Danny olha ao redor com olhos brilhantes, absorvendo a cena tensa.

Seus olhos se acendem ao ver Venetia. – Eu, que convidou a Dra. Cruela?

Luke está olhando o slogan na blusa de Danny. Subitamente dá uma risada de

compreensão.

- Vocês são tão *infantis* – diz rispidamente Venetia, que também viu a blusa. – Todos

vocês. E se a pequena senhorita Becky está realmente em trabalho de parto, então eu...

- Ah! – berro. – Ah! Estou vazando!

Meu Deus, e a sensação mais esquisita. Alguma coisa, em algum lugar, simplesmente

arrebentou – e uma poça d'água está se formando aos meus pés. Não consigo parar.

- Meu Deus! – diz Danny, cobrindo os olhos. – Certo... informação *demais*. – Ele segura

o cotovelo de Jess. – Venha, Jess, vamos beber alguma coisa.

- Sua bolsa estourou – diz Paula, perplexa. – Achei que isso havia acontecido ontem.

- Pode ter sido a pré-bolsa – anuncia outra estudante, parecendo toda menininha e

satisfeita consigo mesma. – E esta pode ser a pós-bolsa.

Estou em choque. Minha bolsa estourou.

Isso significa... que estou em trabalho de parto.

Estou genuinamente, realmente, em trabalho de parto.

Ai. Ah, meu Deus. Vamos ter um neném!

- Luke. – Agarro-o em pânico total. – Está acontecendo!

- Eu sei, querida. – Luke alisa minha testa. – E você está se saindo incrivelmente...

- Não! – gemo. – Você não entende! – Paro, subitamente sem fôlego.

O que foi isso?

Sinto como se alguém tivesse apertado minha barriga, e depois apertado mais, e em

seguida apertado com mais força ainda, mesmo que eu estivesse implorando para parar.

Isso é que é uma contração?

- Luke... – Minha respiração está subitamente entrecortada. – Não sei se consigo fazer...

Agora está mais apertado ainda, e estou quase ofegando, as mãos segurando o antebraço

de Luke.

- Você vai ficar bem. Vai ser maravilhosa. – ele está acariciando minhas costas

ritmicamente. – O Sr. Braine já vem. A vaca ruiva está indo embora. Não está, Venetia? –

Ele não afasta os olhos dos meus.

A contração parece ter acabado. A sensação de aperto sumiu. Mas sei que vai voltar,

como aquele cara apavorante da Hora do Pesadelo.

- Acho que, afinal de contas, vou querer uma epidural – engulo em seco. – E logo.

- Claro! – diz Paula, aproximando-se depressa. – Vou passar um bip para o anestesista.

Você fez muito bem em suportar durante tanto tempo, Becky.

- ... *ridículo*... – ouço a última palavra de algum xingamento baixinho de Venetia antes

de ela fechar a porta com um estrondo.

- Que vaca! – diz Suze. – Vou contar a *todas* as minhas amigas grávidas a vaca que ela é.

- Ela foi embora. – Luke me beija na testa. – Acabou. Sinto muito, Becky. Sinto muito

mesmo.

- Tudo bem – digo automaticamente.

E, na verdade... é sincero.

Já sinto que Venetia é irrelevante, e vai se afastando de nós como fumaça. O que importa

é Luke e eu. E o neném.

Ah, meu Deus, outra contração já está começando. Toda essa baboseira de trabalho de

parto não passa de dor. Pego a máscara de gás, e todas as estudantes de enfermagem se

reúnem em volta, me encorajando enquanto começo a inalar.

- Você consegue, Becky... fique relaxada... respire...

Anda, neném. Quero conhecer você.

- Você está se saindo muitíssimo bem... continue respirando, Becky.

Claro que você consegue. Venha. Nós dois conseguimos.

VINTE

T

E E

E UM

É uma menina.

É uma menininha, com lábios de pétala amarrotada, e um tufo de cabelos escuros,

mãozinhas minúsculas encostadas na orelhas. Durante todo aquele tempo, era ela que

estava ali. E é esquisito, meãs, no minuto em que a vi, simplesmente pensei: *é você*. Claro

que é.

Agora está deitada num berço de plástico ao lado da minha cama, usando um estupendo

macacão Baby Dior branco. (Eu queria experimentar algumas roupas diferentes só para ver

o que caía melhor nela, mas a enfermeira ficou meio séria comigo e disse que nós duas

precisávamos dormir.) e estou aqui só olhando para ela, meio tonta por causa da noite turva,

observando cada movimento de sua respiração, cada aperto dos dedos.

O parto foi...

Bem, foi o que eles chamam de "direto e fácil". O que *realmente* me faz pensar. Para

mim, pareceu um trabalho bem complicado, duro e sangrento. Mas tudo bem. Certas coisas

é melhor deixar num borrão. Partos e contas do Visa.

- Oi. Você está acordada. – Luke levanta a cabeça na poltrona em que esteve cochilando

e coça os olhos. Está barbado, o cabelo desgrenhado e a camisa toda amarrotada.

- Ahã.

- Como ela está?

- Bem. – Não consigo evitar um sorriso lambendo meu rosto quando a olho de novo. –

Perfeita.

- Ela *é mesmo* perfeita. Você é perfeita. – O rosto dele tem uma espécie de euforia

distante enquanto me olha, e sei que Luke está revivendo a noite passada.

No fim, só Luke ficou no quarto, e todo mundo saiu para esperar. E então foram para

casa, porque o Sr. Braine disse que iria demorar um bocadinho até que alguma coisa

acontecesse. Mas não demorou! Era uma e meia da madrugada quando ela nasceu, com os

olhos brilhantes e alertas, de cara. Vai ser uma garota festeira, eu sei.

Ainda não tem nome. A lista que fiz está descartada no chão ao lado da cama. Fiz ontem

à noite quando a enfermeira perguntou como iríamos chamá-la – mas todos os nomes em

que pensei são errados. São... simplesmente errados. Até mesmo Dolce. Até Tallulah-

Phoebe.

Há uma batida suave à porta. Ela se abre muito devagar, e Suze enfia a cabeça. Está

segurando um gigantesco buquê de lírios e um balão de gás cor-de-rosa.

- Oi – sussurra ela, e, quando seu olhar pousa no berço, ela aperta a boca com a mão. –

Ah, meu Deus, Bex, olha isso! Ela é linda.

- Eu sei. – Sem aviso, lágrimas brotam nos meus olhos. – Eu sei que é.

- Bex? – Parecendo ansiosa, Suze vem correndo até a cama com um farfalhar de flores. –

Você está bem?

- Estou ótima. Só... – Engulo em seco, enxugando o nariz. – Eu não fazia idéia.

- O quê? – Suze senta-se na beira da cama, o rosto cheio de pavor.
– Bex... foi realmente

medonho?

- Não, não é isso. – Balanço a cabeça, lutando para encontrar as palavras. – Eu não fazia

idéia de que iria me sentir tão... feliz.

- Ah, é, isso. – O rosto de Suze se iluminam como se lembrasse. – É mesmo. Veja bem,

isso não dura para sempre... – Ela parece pensar de novo e me dá u abraço apertado. – É

incrível. Parabéns. Parabéns, Luke.

- Obrigado. – Ele sorri. Mesmo parecendo em pandarecos, Luke está reluzindo. Olha

para mim, e sinto um aperto no coração. É como se tivéssemos um segredo juntos, que

ninguém mais pode realmente entender.

- Olha os *dedinhos* dela! – Suze está se curvando sobre o berço. – Olá, querida! – E

levanta os olhos. – Ela já tem nome?

- Ainda não. – Ajeito-me nos travesseiros, encolhendo-me um pouco. Estou me sentindo

bem amassada depois da noite passada. Mas o bom é que o efeito da epidural ainda não

passou totalmente, e já me deram uma dose de analgésicos.

A porta se abre de novo, e mamãe aparece. Ela já conheceu o neném, às oito da manhã,

quando chegou com brioques e café quente numa garrafa térmica. Agora está cheia de

bolsas de presentes, e papai vem atrás.

- Papai... conheça sua neta! – digo.

- Ah, Becky querida, parabéns. – Papai me dá o abraço mais gigantesco e mais apertado

do mundo. Depois olha no berço, piscando um pouco mais do que o normal. – Bom. Olá,

velhinha.

- Aqui estão algumas roupas para você, Becky querida. – Mamãe levanta uma enorme

bolsa de viagem, cheia de roupas, e põe numa cadeira. – Eu não sabia o que você ia querer,

de modo que saí catando...

- Obrigada, mamãe. – Abro o zíper e tiro um grosso cardigã que não usa há uns cinco

anos. Depois vejo outra coisa. Um brilho familiar, azul-claro, com contas, uma maciez de

veludo.

Minha echarpe. Minha preciosa echarpe Danny and George. Ainda me lembro do

instante em que pus os olhos nela.

- Ei, olha! – Tiro-a, tendo cuidado para não arrancar nenhuma conta. Não uso há anos,

também. – Lembra disso, Luke?

- Claro que lembro! – O rosto de Luke se suaviza ao ver. Depois acrescenta, totalmente

cara-de-pau: - Você comprou para sua tia Ermintrude, pelo que me lembro.

- Isso mesmo – assinto.

- Uma tragédia ela ter morrido antes de poder usar. O braço dela caiu, não foi?

- A perna – corrijo.

Mamãe esteve ouvindo essa conversa, perplexa.

- Tia o quê? Pergunta ela, e não consigo evitar um risinho.

- Uma velha amiga – responde Luke, enrolando a echarpe no meu pescoço. Ele a olha

por um momento, numa espécie de espanto, depois olha o neném. – Quem imaginaria...

- Eu sei. – Manuseio a ponta da echarpe. – Quem imaginaria?

Papai ainda está totalmente fixado na neném. Pôs um dedo no berço. E ela enrolou a mão

minúscula nele.

- Então, velhinha – está dizendo ele. – Como vamos chamar você?

- Ainda não decidimos – respondo. – É tão difícil!

- Eu trouxe um livro para você! – diz mamãe, procurando em sua bolsa. – Que tal

Grisabella?

- *Grisabella?* – ecoa papai.

- É um nome lindo! – diz mamãe na defensiva, pegando o *1.000 nomes de meninas* e

colocando na cama. – Incomum.

- Ela vai ser chamada de Grisa no play! – retruca papai.

- Não necessariamente! Podem chamar de Bella... ou Grizzy...

- *Grizzy?* Jane, você ficou *louca?*

- Bom, de que nome você gosta? – pergunta mamãe, afrontada.

- Eu estava pensando em... quem sabe... papai pigarreia. – Rapsódia.

Olho para Luke, que murmura *Rapsódia* com tamanha expressão de dúvida e horror, que

sinto vontade de rir.

- Ei, tive uma idéia – entoa Suze. – Os nomes de frutas já estão batidos demais, mas não

os de ervas. Vocês podiam chamá-la de Rosmaninha!

- Rosmaninha! – Mamãe fica pasma. – Era melhor chamar de Pimenta em Pó! Bom, eu

trouxe um pouco de champanhe para molhar a cabecinha dela... Não é cedo demais, é? –

Ela pega uma garrafa, junto com um pedaço de papel. – Ah, sim, peguei um recado do

corretor de imóveis de vocês. Ele telefonou enquanto eu estava no apartamento, e eu lhe

disse poucas e boas. Falei: “Há um bebê recém-nascido sem-teto no Natal por sua causa,

rapaz.” Isso o fez parar! Ele disse que queria pedir desculpas. Depois começou a falar

bobagem sobre vilas em Barbados! Imagine só. – Ela balança a cabeça. – Bom, quem quer

champanhe? – Ela pousa a garrafa e começa a procurar nos armários embaixo da televisão.

- Não sei se eles têm champanhe – digo.

- Ora, pelo amor de Deus! – Mamãe estala a língua e se levanta de novo. – Vou falar com

a camareira.

- Mamãe, não *tem* camareira aqui.

Só por que temos menus choques e televisores, mamãe acha que este lugar é alguma

espécie de Ritz-Carlton.

- Vou arranjar alguma coisa – diz mamãe com firmeza, e vai até a porta.

- Quer ajuda? – Suze fica de pé. – Eu tenho mesmo de ligar para o Tarkie.

- Obrigada, Suzie! – Mamãe sorri para ela. – E, Graham, pegue a máquina fotográfica no

carro. Eu esqueci de trazer.

A porta se fecha atrás de papai – e Luke e eu ficamos sozinho de novo. Com nossa filha.

Meu Deus, que pensamento estranho! Ainda não acredito direito que temos uma filha.

Conheça nossa filha, Rosmaninha Salsa Cebolinha e Alho.

Não.

- E então. – Luke passa a mão pelos cabelos desgrenhados. – Dentro de duas semanas

seremos sem-teto.

- Vamos morar na rua! – digo, em tom leve. – Não faz mal.

- Acho que você esperava se casar com alguém que pudesse colocar um teto sobre sua

cabeça, não é?

Ele está brincando – mas há um sarcasmo em sua voz.

- Ah, bem – dou de ombros, olhando a mão da neném se abrir como uma pequena

estrela-do-mar. – Terei mais sorte da próxima.

Há silêncio, e eu levanto os olhos. Luke parece genuinamente abalado.

- Luke, estou brincando! – Seguro a mão dele. – Luke, vamos ficar bem. Vamos fazer um

lar onde quer que estejamos.

- Vou arranjar uma casa para nós – diz ele, quase com ferocidade. – Becky, vamos ter

uma casa maravilhosa, prometo...

- Sei que vamos. – Aperto sua mão com força. – Mas, honestamente, não importa.

Não estou dizendo isso só para dar apoio. (Mesmo eu sendo uma esposa que dá *muito*

apoio.) Realmente não parece importar. Neste momento, estou me sentindo numa espécie

de bolha. A vida real está do outro lado, a quilômetros de distância. Só importa a neném.

- Olha! – digo, quando ela boceja de repente. – Só tem oito horas de vida e já sabe

bocejar! Que inteligência!

Durante um tempo, ficamos olhando para o berço, abestalhados, esperando que ela faça

outra coisa.

- Ei, talvez um dia ela seja primeira-ministra! – digo baixinho. – Não seria chique?

Podíamos fazer com que ela fizesse tudo que a gente quisesse!

- Mas ela não fará. – Luke balança a cabeça. – Se a gente disser uma coisa, ela vai fazer

exatamente o contrário.

- Ela é tão rebelde! – Passo o dedo pela testa minúscula.

- Ela tem vontade própria – corrige Luke. – Olhe o modo com está nos ignorando agora.

– Ele senta na cama. – Então, *como* vamos chamá-la? Grisbella não.

- Nem Rapsódia.

- Nem salsa. – Ele pega o *1.000 nomes de meninas* e folheia.

Enquanto isso, estou apenas olhando o rosto adormecido da neném. Um nome fica

saltando na minha cabeça toda vez que a olho. É quase como se ela estivesse me dizendo.

- Minnie – digo em voz alta.

- Minnie – ecoa Luke, experimentando. - Minnie Brandon. Sabe, eu gosto. – Ele ergue os

olhos com um sorriso. – Gosto mesmo.

- Minnie Brandon. – Não consigo deixar de sorrir de volta. – Parece bom, não é?

Senhorita Minnie Brandon.

- Que recebeu este nome por causa de sua tia Ermintrude, obviamente, não é? – Luke

ergue as sobrancelhas.

Ah, meu Deus! Isso nem havia me ocorrido.

- Claro! – Não consigo deixar de rir. – Só que ninguém vai saber, além de nós.

A honorável Minnie Brandon, ministra do Reino.

A Srta. Minnie Brandon estava radiante dançando com o príncipe, usando um vestido de

baile Valentino...

Minnie Brandon virou o mundo de cabeça para baixo...

- É – assinto – esse é o nome dela. – Inclino-me sobre o berço e vejo seu peito subindo e

descendo a cada respiração. Então aliso seu tufo de cabelos e beijo a bochecha minúscula. –

Bem-vinda ao mundo, Minnie Brandon.

VINTE E DOIS

E aconteceu. Os Karlsson se mudaram para nosso apartamento. Toda a nossa mobília foi

empacotada e retirada. Somos oficialmente sem-teto.

Mas não de verdade, porque mamãe e papai vão nos hospedar por um tempo. Como

mamãe disse, eles têm muito espaço, e Luke pode pegar o trem na estação de Oxshott, e ele

pode ajudar a cuidar de Minnie, e podemos jogar bridge toda noite depois do jantar. E tudo é

verdade, menos a parte de jogar bridge. De jeito nenhum. Nunca. Nem com as cartas de

bridge da Tiffany que mamãe me comprou de suborno. Ela fica dizendo que é

“divertidíssimo” e que “hoje em dia todo mundo joga bridge”. Tá bom.

De qualquer modo, estou ocupada demais cuidando de Minnie para ficar sentada jogando

bridge. Estou ocupada demais sendo *mãe*.

Minnie já tem quatro semanas e é a própria festeira. Eu sabia que seria. Sua hora

predileta é um da madrugada, quando começa a falar “Ra Ra Ra”, e eu luto para me

levantar da cama, sentindo que tinha caído no sono há três segundos.

Além disso, ela gosta bastante das três da madrugada. E das cinco. E de alguns horários

no meio. Para se honesta, toda manhã me sinto completamente de ressaca e atrasada.

Mas o lado positivo é que a TV a cabo funciona a noite toda. E Luke costuma acordar

para me fazer companhia. Ele escreve e-mails, e eu assisto a *Friends* com o volume baixo,

e Minnie mama como se fosse um bebê esfomeado, carente, que não se alimentou há

apenas uma hora.

O negócio com os bebês é que eles realmente sabem o que querem. O que eu respeito

tremendamente. Tipo: Minnie simplesmente não gosta do berço feio á mão, afinal de

contas. Fica toda chateada e se retorcendo, o que é uma pena, considerando que custou

quinhentas pratas. Nem ficou impressionada com o berço de balanço. Nem com o Moisés,

nem mesmo com os lençóis Hollis Franklin de quatrocentos fios. O que mais gosta é de

ficar aninhada no colo de alguém dia e noite. E, em segundo lugar, vem meu velho berço

portátil que mamãe pegou no sótão. É todo macio e com aparência de usado, mas bem

confortável. Por isso devolvi todos os outros e consegui que me devolvessem parte do

dinheiro.

Devolvi o Posto de Troca de Fraldas Tenda de Circo, também. E o Bugaboo e o

Guerreiro. Na verdade, um monte de coisas. Não precisamos mais delas. Nem temos uma

casa para colocar tudo aquilo. E dei todo o dinheiro a Luke, porque... bem, queria ajudar.

Nem que fosse só um pouquinho.

A boa notícia é que as coisas estão melhorando um pouco para Luke. E a melhor parte de

tudo é que Iain Wheeler perdeu o emprego! Luke não perdeu tempo – um dia depois de

termos Minnie, ele fez uma visita aos chefes de Iain, junto com seu advogado, e eles

tiveram uma “conversa rápida”, como disse Luke. A próxima coisa que soubemos foi que

Iain Wheeler estava anunciando sua decisão de sair do Arcodas. Passou-se quase um mês, e

Gary, que sabe dessas coisas, disse que ele ainda não recebeu uma oferta de trabalho.

Aparentemente porque todo mundo ouviu os boatos sobre algum dossiê incriminador contra

ele. *Rá!*

Mas Luke não quer trabalhar com o Arcodas, mesmo sem o Iain. Diz que a atitude deles é

detestável como sempre. E ainda não recebeu nenhum dinheiro.
Acabou de fechar mais de

três escritórios no resto da Europa, e as coisas andam bem tensas.
Mas, ele está bem. Está

pensando positivo, planejando novas propostas, novas estratégias.
Algumas vezes falamos

sobre a elas á noite, e eu digo tudo que penso. E, de algum modo, a
conversa sempre passa

para Minnie e como ela é incrível, linda e maravilhosa.

E agora estou na entrada de veículos da casa de mamãe,
balançando Minnie no colo

olhando os homens da entrega descarregarem as nossas coisas. A
maior parte foi para um

depósito, mas obviamente havia alguns objetos essenciais que
precisávamos trazer.

- Becky! – Mamãe se aproxima segurando uma pilha enorme de
revistas. – Onde vou por

isso, querida? No lixo?

- Não é lixo! – protesto. – Talvez eu queira ler! Não podem ficar no
nosso quarto?

- Ele está meio cheio... – Mamãe olha as revistas e parece tomar
uma decisão súbita. –

Acho que vamos ter de passar o quarto azul para vocês, também.

- Certo – assinto. – Obrigada, mamãe.

Não desistimos da casa sem luta. Luke telefonou para Fabia, para implorar, e eu também,

e o corretor. Mas eles assinaram o contrato com o outro casal dois dias depois do

nascimento de Minnie. O único ponto positivo, minúsculo, foi que peguei de volta minha

botas Archie Swann, depois de mandar uns cinco e-mails ameaçadores a Fabia. Caso

contrário, realmente o tempo iria fechar.

- Mais sapatos. – Um cara de entrega passa carregando uma enorme caixa de papelão. –

Aquele armário já está cheio, a senhora sabe.

- Tudo bem! – diz mamãe rapidamente. – Comecem a encher o quarto azul. Vou

mostrar...

- Como está indo? – Luke aparece em mangas de camisa, carregando minha bola de

pilates e duas caixas de chapéu.

- Ótimo – assinto, vendo outro entregador trazer minha maleta de produtos de beleza. –

Isso é esquisito, não é?

- É bem esquisito. – Ele me envolve com o braço, e eu me aninho em seu ombro. A noite

passada foi mais esquisita ainda, com toda a mobília atulhada no furgão e só um grande

apartamento vazio cheio de caixas. Mais ou menos às quatro da madrugada, Minnie não

queria dormir, por isso dei corda em seu móbile com o "Acalanto" de Brahms e a coloquei

no *baby-bag*. Luke envolveu nós duas com os braços e meio que dançamos na sala, ao luar.

Eu nunca havia percebido que aquela musica era uma balsa.

- Luke! – Papai se aproxima de nós, segurando uma pilha de correspondências. – Você

recebeu uma carta.

- Alguém é muito eficiente – diz Luke, surpreso. – Não dei este endereço a muita gente.

– Ele olha o logotipo na parte de trás. – Ah. É de Kenneth Prendergast.

- Fantástico! – finjo entusiasmo e faço uma careta para Minnie.

Luke rasga o envelope e examina o texto. Depois de um segundo, lê com mais atenção.

- Não acredito – diz lentamente. Por fim, levanta a cabeça e me olha incrédulo. – É sobre

você.

- Eu?

- Há uma carta em duplicata, na correspondência, para você também. Como diz Kenneth,

é um assunto muito importante, por isso queria contatar nós dois.

Ah, é exatamente disso que eu preciso. Cartas de reclamação do Kenneth.

- Ele me odeia! – digo defensivamente. – A culpa não é minha. Eu só disse que ele tinha

a mente estreita...

- Não é isso. – A boca de Luke se retorce num sorriso. – Becky... parece que você me

venceu.

- *O quê?* – pergunto, atônita.

- Um dos seus investimentos rendeu excepcionalmente bem. Para ser honesto, não sei se

Kenneth pode enfrentar essa notícia.

Eu sabia. *Eu sabia* que ia vencer.

- O que é? – pergunto, empolgada. – O que rendeu bem? São as Barbies, não são? Não: o

casaco Dior.

- O site Chicbolsasonline.com vai ser vendido. Você vai ganhar uma grana preta.

Pego a carta e passo os olhos por ela, absorvendo palavras aqui e ali. *Lucro de três mil*

por cento... extraordinário... impossível de ser previsto...

Uh-uh! Eu venci o Luke!

- Então: eu sou a pessoa financeira mais astuta dessa família? –
Levanto os olhos, em

triunfo.

- Suas Antiguidades do Futuro ainda são um pilha de merda sem
valor – diz Luke, mas

ele está rindo.

- E daí? Mesmo assim venci! Você tem um monte de dinheiro lindo,
querida! – Beijo a

testa de Minnie.

Quando ela tiver 21 anos – intervém Luke.

Honestamente, Luke é muito chato! Quem quer esperar até os 21
anos?

- Bom, veremos isso – murmuro no ouvido dela, puxando a manta
sobre sua cabeça para

que Luke não ouça.

- Certo! – Mamãe aparece a porta da frente, segurando uma xícara
de chá. – Seu quarto

está praticamente cheio, mas acho que será necessário um bocado
de arrumação. Está uma

bagunça;

- Sem problema – grita Luke. – Obrigado, Jane! – Mamãe desaparece dentro de casa

outra vez, e ele pega a bola de Pilates. – Então, vamos começar?

Odeio separar coisas. E arrumar. Como posso me livrar disso?

- Na verdade, sabe, pensei em levar Minnie para passear – digo casualmente. – Acho que

ela precisa de um pouco de ar puro. Ela ficou dentro de casa o dia inteiro...

- Boa idéia – assente Luke. – Vejo você depois.

- Vejo você depois! Tchau, papai! – aceno com a mãozinha de Minnie enquanto Luke

desaparece dentro de casa.

Nunca havia percebido, mas ter um neném é simplesmente a *melhor* desculpa. Para

qualquer coisa!

Ponho Minnie em seu carrinho, toda enrolada aconchegante, e enfio o Nonó ao lado, para

lhe fazer companhia. Acho que Minnie gosta um bocado de Nonó. E do Nonó Duplo, que

Jess deu.

Estamos usando o carrinho cinza, antiquado, que comprei na feira de bebês. Em primeiro

lugar porque me apressei um pouco demais ao devolver todos os outros, e em segundo

porque mamãe acha que é melhor para sustentar as costas de Minnie, “não como esses

modernos”. Estou planejando mandar pintar de cor-de-rosa assim que puder – só que não é

fácil encontrar um pintos de carrinhos de bebê na temporada de festas de fim de ano.

Enrolo-a na linda manta rosa e branca que os pais de Luke deram quando nos visitaram

no Natal. Foram tão doces! Trouxeram um cesto de bolinhos e nos convidou para ficar na

casa deles (só que Devon é meio longe) e disseram que Minnie era a neném mais linda que

já tinham visto. O que mostra o bom gosto que tem. Diferentemente de Elinor, que nem

visitou ainda e só mandou para Minnie uma horrenda boneca antiga, de porcelana, com

cachos e olhos assustadores, como algo saído de um filme de terror. Vou leiloar no e-Bay e

colocar o dinheiro na conta de Minnie.

Visto meu novo casaco Marc Jacobs, que Luke me deu de Natal, e amarro a echarpe

Denny and George no pescoço. Tenho usado-a desde que saí do hospital. De algum modo,

não sinto vontade de usar nenhuma outra echarpe no momento.

Eu sempre *soube* que ela seria um bom investimento.

Há uma pequena fileira de lojas perto da casa de mamar e papai, e sem intenção vou até

lá. Não porque esteja planejando fazer compras nem nada. Só porque é um bom passeio.

Quando chego ao jornaleiro, tudo está quente, luminoso e acolhedor, e me pego entrando

com o carrinho. Minnie caiu no sono, e vou até a parte das revistas. Poderia comprar uma

para mamãe, ela vai gostar. Já estou pegando o *Boa dona do lar* quando minha mão

congela. Ali está a *Vogu* e.

Um exemplar novo em folha da *Vogue*. Com uma chamada azul berrando AS MAIS

DELICIOSAS FUTURAS MAMÃES DE LONDRES.

Com as mãos agitadas, pego-a, arranco o suplemento de viagem grátis e folheio as

páginas.

Ah, meu Deus! É uma foto minha, enorme! Estou na escadaria, com o vestido Missoni, e

a legenda diz: "Rebecca Brandon, guru de compras e esposa do empresário de RP Luke

Brandon, está esperando seu primeiro bebê."

Moradora de Maida Vale, o estilo da ex-apresentadora de TV Becky Brandon é óbvio em

todo o seu palacete de seis quartos. Ela própria projetou os estonteantes quartos de bebê

"dele" e "dela", sem poupar despesas.

"Só o melhor, para o meu neném", diz ela. "Nós encomendamos os moveis com uma

tribo de artesãos da Mongólia."

Viro a página – e há outra foto minha, sorrindo no quarto de fada-princesa, as mãos

pousadas na barriga, um grande Box diz: "Tenho cinco carrinhos de bebê. Acho que não é

demais."

Becky está planejando um parto natural na água, com flores de lótus, e está sob os

cuidados da famosa obstetra Venetia Carter. "Venetia e eu somos boas amigas", diz

Becky entusiasmada. – Temos uma grande ligação. Talvez eu a convide para ser

madrinha."

Tudo isso parece ter acontecido há séculos. Num mundo diferente.

Enquanto olho para o lindo quarto de bebê, não consigo deixar de sentir uma pontada.

Minnie teria adorado, sei que teria.

Pois é. Um dia ela terá um quarto lindo. *Melhor* até do que aquele.

Levo a *Vogue*, ponho-a no balcão, e a vendedora levanta os olhos de sua revista.

- Oi! – digo. – Gostaria de levar esta, por favor.

Há um novo mostruário no canto com uma placa dizendo “Presentes” – e enquanto a

vendedora destranca a caixa registradora, vou dar uma olhada. São principalmente

molduras, pequenos vasos e broches estilos anos 1930.

- Você já esteve aqui antes, não? – diz a vendedora, enquanto examina minha revista. –

No Natal, você vinha o tempo todo.

O tempo todo. Honestamente. As pessoas exageram.

- É que acabo de me mudar de novo para aqui perto. – Dou-lhe um sorriso amigável. –

Meu nome é Becky.

- Nós notamos você. – Ela põe a *Vogue* num saco plástico. – Chamamos você de A

Garota d... – Ela pára, e eu me enrijeço. O que ela ia dizer?

- Ssh! – diz a outra vendedora, ficando vermelha e cutucando a primeira.

- Não se preocupem, eu não me importo! – E joga o cabelo para trás, casual. – Vocês me

chamam de... A Garota da Echarpe Denny and George?

- Não. – A vendedora fica inexpressiva. – Chamamos de A garota Do Carrinho

Horroroso.

Ah.

Bem. Não é *tão* horroroso. E espere só até estar pintado de cor-de-rosa. Vai ficar

totalmente fabuloso.

- São três libras, por favor – diz ela, e estende a mão. Já estou para pegar a bolsa quando

vejo um mostruário de colares de quartzo rosa aninhados em meio aos outros presentes.

Aah. Adoro quartzos rosa.

- Estão em liquidação – diz a vendedora, seguindo meu olhar. – São lindos.

- Certo. É – assinto, pensativamente.

O negócio é que a gente deveria estar apertando o cinto neste momento. Tivemos uma

grande conversa quando voltamos do hospital, falando de fluxo de caixa, dividas e coisas

assim. E concordamos que, até que o negócio do Luke esteja mais estável, não iríamos

comprar nada desnecessário.

Mas eu queria um colar de quartzo rosa há séculos. E este custa só quinze pratas, o que é

uma pechincha. E mereço uma pequena recompensa por ter ganhado a competição de

investimentos, não é?

Além disso, posso usar meu novo cheque especial on-line da Indonésia, do qual Luke

não sabe.

- Vou levar um – digo, num impulso, e pego o cordão de contas rosas iridescentes.

Se Luke encontrar, vou dizer que é um brinquedo educativo. Que a mãe tem de usar no

pescoço.

Entrego o cartão Visa, digito meu número pin e ponho a sacola com a *Vogue* na bandeja

do carrinho. Depois enfio meu lindo colar embaixo da manta de Minnie, onde ninguém

possa ver.

- Não conte ao papai! – murmuro no ouvido dela.

Ela não dirá uma palavra.

Quero dizer, obviamente, ela não sabe falar. Mas, mesmo que soubesse, sei que ficaria

quieta. Minnie e eu já temos uma ligação especial.

Empurro o carrinho para fora da loja e olho meu relógio. Não há pressa em voltar, em

especial se ainda estiverem arrumando as coisas. De qualquer modo, Minnie vai querer

mamar logo. Vou àquele café italiano onde eles não se incomodam com isso.

- Vamos tomar uma bela xícara de café? – viro o carrinho para lá. – Só você e eu, Min.

Quando passamos pelo antiquário, vislumbro meu reflexo e não consigo evitar um

pequeno tremor. Sou uma mãe empurrando um carrinho. Eu. Becky Brandon (née Bloom),

sou mãe.

Entro no café, sento-me a uma mesa e peço um cappuccino descafeinado. Então,

gentilmente, tiro Minnie do carrinho, aninhando sua cabeça macia. Desenrolo a manta rosa

e branca e sinto um jorro de orgulho quando duas senhoras idosas olham da mesa ao lado e

começam a falar uma com a outra.

- Que coisinha linda! – e – Que roupa chique! – e – Você acha que é um cardigã

cashmere de verdade?

Minnie começa a fazer ruídos fungados que dizem “Cadê a comida?”, e eu dou um beijo

em sua bochechinha. Sou a Mãe do Neném mais fabuloso do Mundo. E vamos curtir de

montão. Eu sei.

Bam

a bino

n

King's Road, 975

Londres SW3

... para crianças de todas as idades...

Srta. Minnie Brandon

5 de janeiro de 2004

The pines

Elton Road, 43

Oxshott

Surrey

Cara Srta. Brandon,

Parabéns por ter nascido!

Nós, da Bambino, estamos felicíssimos em comemorar sua chegada ao mundo – e gostaríamos de

marcar isso com uma oferta especial. Portanto, convidamos você a participar do Clube Bambino com

um Cartão de Crédito Ouro.

Como sócia com Cartão de Crédito Ouro, você terá direito a:

- tardes de estréia para experimentar nossos brinquedos (com uma atendente para tomar conta!)
- um suco grátis a cada visita

- 25 por cento de desconto na primeira farra de compras com seu Cartão Ouro

- festa de Natal anual para todos os portadores de Cartão Ouro

... e muito mais!

A participação não poderia ser mais simples. A mamãe ou o papai só precisa preencher o formulário

anexo – e a princesinha Minnie terá seu primeiro cartão ouro!

Estamos ansiosos por notícias suas.

Atenciosamente,

Al y Edwards

Gerente de Marketing

FIM

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>